

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

MÔNICA DINIZ

DRAMAS DE HONTEM: Imprensa, Criminalidade e a Crônica Policial em São Paulo (1910-1920)

DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

MÔNICA DINIZ

DRAMAS DE HONTEM: Imprensa, Criminalidade e a Crônica Policial em São Paulo (1910-1920)

Doutorado em História

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em História Social, sob a orientação da Professora Doutora Olga Brites.

São Paulo

2021

BANCA EXAMINADORA

Para meus pais e meus avós.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) – Código de Financiamento: 88887.149779/2017-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) – Finance Code: 88887.149779/2017-00.

AGRADECIMENTOS

Durante esta pesquisa de doutorado, diversas foram as pessoas e Instituições que colaboraram para que eu pudesse realizá-la. Agradeço a todos imensamente.

Agradeço especialmente a professora Olga Brites que, com sua competência, carinho e disponibilidade, orientou este trabalho com primazia. Suas observações, sempre pertinentes, indicações e leitura cuidadosas contribuíram para o aprimoramento das reflexões e da escrita. Com sua dedicação, esteve sempre aberta para ouvir e aconselhar em todos os momentos. Sou muito agradecida por ter me acompanhado nessa trajetória, pelas palavras de incentivo e cuidado que teve em momentos difíceis da pesquisa e da conjuntura em que todos nós estivemos. Grande parte de minha formação acadêmica, que vão além desses quatro anos, agradeço a ela.

A professora Heloísa de Faria Cruz sou imensamente grata, não apenas por ter participado de meu processo de ingresso, mas também pelas contribuições na qualificação, as quais me direcionaram com clareza e segurança. Obrigada professora, pela caminhada e por toda a bagagem desses inúmeros anos desde a graduação.

Ao professor Vandrê Aparecido Teotônio sou muito grata pelo aceite em participar da minha trajetória nessa pesquisa. Agradeço pelas valorosas observações, indicações e críticas, que contribuíram para melhor direcionar a reflexão.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa nesses quatro anos e meio, que contribuiu imensamente para que essa pesquisa se realizasse. Apesar da conjuntura pela qual todos passamos nos últimos anos do doutorado, a Instituição teve papel imprescindível em compreender o momento e contribuir em incentivo às pesquisas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP sou muito grata pelas contribuições, indicações e questionamentos, que me ajudaram a refinar os caminhos da pesquisa. Meu agradecimento a todos que fazem parte de minha formação.

A todas as pessoas do Arquivo do Estado de São Paulo, da Biblioteca Nacional, da Biblioteca Mario de Andrade, à Fundação Casper Líbero que, com muita paciência e solicitude, responderam às minhas dúvidas e questionamentos e prontamente colaboraram com indicações.

A todos os colegas que, de alguma maneira, participaram e colaboraram para esta pesquisa, seja com indicações, observações, palavras e desabafos. Muito obrigada.

Aos meus familiares e amigos pelo amor, carinho e incentivo.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a maneira como os jornais paulistas *A Gazeta* e *Correio Paulistano* construíram uma narrativa sobre o crime e os criminosos na cidade de São Paulo entre o período de 1910 a 1920, momento de grande importância para os impressos no Brasil. O ponto fundamental do estudo é a análise de como as notas policiais se referiam ao crime e suas justificativas, por vezes carregadas de valores, juízos e estereótipos em torno dos sujeitos que ocupavam as ruas, praças, estabelecimentos diversos na cidade. Nesse período, a cidade passava por transformação social, econômica e urbana, à vista disso, buscamos relacionar as crônicas policiais com a concepção de cidade que se contruía. Foram selecionadas as crônicas policiais que tratam dos crimes aqui designados como “de sangue” e “de contravenção”, categorias distintas a que esclarecemos. Consideramos para esta pesquisa trabalhar com as fontes impressas como os periódicos *Correio Paulistano* e *A Gazeta*, bem como cronistas da época e documentos dos Relatórios de Chefes de Polícia e Estatísticas sobre a cidade.

Palavras-chaves: Imprensa, crimes, crônica policial, cotidiano, cidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the way in which the São Paulo newspapers *A Gazeta* and *Correio Paulistano* constructed a narrative about crime and criminals in the city of São Paulo between the period 1910 and 1920, a moment of great importance for print in Brazil. The fundamental point of the study is the analysis of how police notes referred to crime and its justifications, sometimes loaded with values, judgments and stereotypes about the subjects who occupied the streets, squares, various establishments in the city. During this period, the city was undergoing social, economic and urban transformation, in view of this, we sought to relate the police chronicles with the concept of the city that was being built. The police chronicles that deal with crimes designated here as "blood" and "misdemeanor" were selected, distinct categories to which we clarify. For this research, we considered working with printed sources such as the periodicals *Correio Paulistano* and *A Gazeta*, as well as chroniclers of the time and documents from the Reports of Chiefs of Police and Statistics on the city.

Keywords: Press, crimes, police chronicle, daily life, city.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – A Produção da notícia-crime	27
1.1 <i>Correio Paulistano</i> e <i>A Gazeta</i> : breve histórico	27
1.2 Quando o crime se torna notícia	68
1.3 A crônica policial no jornal	76
CAPÍTULO 2 – Os crimes nos jornais: Folhetins da vida real	88
2.1 Crimes de sangue e honra: Dramas da vida privada	88
2.2 Violências no Cotidiano: Agressão e Desordem	140
2.3 Crimes que normatizam a vida pública: Vadiagem e Alcoolismo	156
CAPÍTULO 3 – O Crime e a Crônica das Ruas	169
3.1 O lugar da moradia: o Cortiço e o Botequim	169
3.2 O crime e os trabalhadores	181
3.3 A Ronda Policial nas Crônicas: o controle dos espaços	188
CAPÍTULO 4 – Na mira dos jornais: os Sujeitos	200
4.1 – As mulheres e o Crime: os filtros dos Jornais	200
4.2 – Os imigrantes, a criminalidade e os periódicos	216
4.3 – As autoridades e seus discursos da ordem: ciência e controle	223
Considerações Finais	242
Referências bibliográficas	247

INTRODUÇÃO

Na tarde de 14 de junho de 1911, o jornal paulistano *A Gazeta* trazia na primeira página a seguinte manchete em destaque: “Os Dramas do Amor – Tentativa de assassinato e suicídio”. Com uma linguagem similar a de um *Folhetim*, o jornal construiu uma narrativa deste drama passionai de maneira a prender o leitor, dando inclusive continuidade ao caso nos dias subsequentes. Com um título em caixa alta e negrito, destacava o local – “a rua Glycerio”, indicava a suspeita do crime – “Namorado sem sorte” e chamava para os detalhes – “Outras notas”, além de trazer a fotografia da jovem envolvida. Essa não era a única notícia de crime, era apenas uma em destaque.

Um novo drama de amor desenrolou-se hontem, á noite, á rua do Glycerio, o qual vem a ser uma reprodução desse outro há pouco ocorrido na Barra Funda. Edna de Miranda é operadora da Companhia Telephonica. Tem 17 annos e é formosa. Viu-a Manuel Lopes Coelho, de 19 annos de idade, morador na Penha, empregado na E. F. Central. Viu-a e apaixonou-se por ella doidamente. Edna pareceu corresponder-lhe; mas, na verdade, não o amava, deixava-se namorar por ingenuidade própria de sua idade.

Outro rapaz, Herald Ramos de 20 annos de idade, também enamorando-se da menina, se lhe declarou e foi aceito, ficando desde logo posto de lado Manoel Lopes. Isto tudo se passou em março último. Edna procurou mostrar-se fria para com este moço a quem não amava, mas Manoel Lopes continuou a requestal-a de modo que a jovem foi obrigada a falar-lhe francamente. Retirou-se o repellido moço com ares de fúria. Debalde, porem, esperou que Edna lhe mostrasse menos frieza. A moça não se demoveu. Amava a Herald Ramos. Manoel procurou por duas vezes reatar seu amor e não foi correspondido e sabia que os preparativos do casamento de seu rival iam se fazendo.

Então, a sua raiva estalou, como a do tresloucado Romeu Parise, que tentou assassinar, na Barra Funda, sua noiva Edwiges Sobrani. Escolheu a noite de hontem para tramar a sua injusta vingança. Eram 7 horas, quando Manoel Lopes chegou á frente da casa de Edna, á rua Glycerio. A moça estava a janela, e o jovem dirigiu-lhe a palavra, pedindo que o ouvisse em particular. Desattendido, insistiu para que viesse a porta receber uma carta. Mas a rapariga recusou. Notando, porem, que o importuno interlocutor procurava tirar alguma coisa da algibeira teve uma suspeita e recuou. Nessa ocasião, ouviu-se uma detonação e a jovem cahiu com o peito ferido por uma bala. Manoel afastou-se para uma várzea fronteira, e desfechou um tiro no ouvido direito. Herald Ramos ouvindo o tiro correu encontrando a noiva gravemente ferida, deu, apesar da comoção, as providencias que o caso requeria. Compareceram o dr. Rudge Ramos, terceiro delegado auxiliar e o dr. Archer de Castilho, medico legista, que procedeu o exame a Edna, constatando o ferimento na região sternal e opinando que o projectil está alojado no flanco. A conselho do médico, ella foi transferida para a Santa Casa, onde se acha em quadro particular, sendo melindroso seu estado. O aggressor, encontrado por terra na várzea que fica em frente a casa, vivia ainda, porem estava desacordado, em estado comatoso, foi removido a Santa Casa. A estas linhas acompanha o retrato da desditosa moça.¹

O jornal *Correio Paulistano* na mesma data publicava na sua coluna “Factos Diversos”, na página 4, sob o título “Paixão ou Despeito?”, a mesma notícia sobre o crime ocorrido na rua do Glicério. Detalhando um pouco mais sobre os personagens envolvidos, o jornal contava aos leitores que Edna de Miranda, de 15 anos, trabalhava na Companhia Telefônica e tinha um relacionamento “passa-tempo” com Manoel Lopes, preferindo mesmo ficar com Eraldo Ramos, “rapaz bem colocado e de boa família”. Segundo apurou o *Correio*, Edna entendeu ser mais oportuno romper com Manoel e se casar com Eraldo.

¹ A GAZETA, 14/jun/1911, p.1.

Violento desfecho de um namorado – A tiros de revólver – Na rua Glyceio – Comparecimento immediato da Polícia.

A jovem Edna de Miranda de 15 annos de idade, empregada da Companhia Telephônica e residente a rua do Glycerio n.68 entreteve-se durante algum tempo num namoro passa-tempo com Manoel Lopes Coelho, de 19 annos de idade, morador na freguezia da Penha. Nos princípios do corrente anno, requestada por Eraldo Ramos, rapaz bem collocado e de boa família, Edna entendeu ser opportuno um rompimento com Manoel e levou effeito a sua resolução. Mezes depois, Eraldo Ramos pedia Edna em casamento, sendo seu pedido aceito com agrado tanto pela moça como por toda a família dela.

Manoel Lopes, por despeito ou paixão, jurou vingar-se de Edna. E desde ahi moveu tremenda perseguição contra a jovem. Hontem ás sete horas da noite, tendo já maduramente calculado o plano do seu desforço, Manoel passou pela rua do Glycerio[...].²

O jornal *Correio Paulistano* segue a sua narrativa detalhando o crime e as providências da polícia, bem como encaminha o leitor para uma possível interpretação sobre o crime. Quando folheamos os jornais citados nas primeiras décadas do século XX, percebemos, de modo geral, que as notícias criminais e crônicas policiais aumentam à medida que avançamos no tempo. O que no período anterior eram apenas notas esparsas nas páginas dos impressos sobre informações de pequenos furtos, brigas, a partir da primeira década apresentam-se como crimes de honra e ciúme, desavenças entre patrícios, rixas por dívidas, por trabalho, vingança e crimes cujas causas, segundo os jornais, seriam consequências do álcool, da vida ‘desregrada’ e dos ‘vícios’. Notamos um crescente de notícias de sangue e de contravenção. A relação entre crime e vida urbana começa a ganhar vulto nos jornais em fins do XIX, mas é sobretudo nas primeiras décadas do XX que a temática adquire visibilidade. Nesse momento, a vida urbana passava por transformações nos modos de se organizar e de ocupar o espaço urbano, e este, enquanto local do confronto de identidades múltiplas e antagonismos, se tornava palco para a eclosão de conflitos entre os que ali se cruzavam.

Esta pesquisa trata da reflexão sobre o modo como os jornais *A Gazeta* e o *Correio Paulistano* noticiaram o crime na cidade de São Paulo entre os anos de 1910 e 1920. O ponto fundamental do estudo é a análise de como as notas policiais se referiam ao crime e suas justificativas, por vezes carregadas de valores, juízos e estereótipos em torno dos sujeitos que ocupavam as ruas, praças, estabelecimentos diversos na cidade. Cada um desses periódicos possui público leitor, projeto político e uma estrutura narrativa que o caracteriza. As seções em que as notícias criminais eram divulgadas possuíam protocolo narrativo específicos. O jornal *A Gazeta*, por exemplo, apresentava suas notícias de caráter criminal nas seções *Chronica das ruas*, *Dramas do Amor*, *O Inferno do ciúme*, *Crimes bárbaros*, *Nas dobras do Mystério*, *O Mundo dos ladrões*, *Casos Sensacionaes*. Já o *Correio Paulistano* em sua coluna *Vida Diária* e, posteriormente, “Factos Diversos” trazia pequenas notas dos crimes ocorridos na cidade até por volta da década de 1910. A partir desse período, o jornal começou a colocar em destaque seus títulos e a utilizar

² *Correio Paulistano*, 14/jun/1911, p.4.

subtítulos meticulosos nas notícias de crimes e assassinatos: *Prisão de um sedutor, Violenta scena de sangue, Questão de Honra, As torpezas do Lenocídio, Assassinatos*.

Para a investigação dessa fonte, nosso trabalho seguiu os procedimentos de identificar em cada jornal o estilo, o possível público-alvo e os grupos a que representa, bem como sua materialidade, estrutura, recursos gráficos, temas, formato, diagramação, periodicidade, circulação. Essa leitura frente a materialidade nos encaminha e nos dá referências sobre a publicação. Para Cruz e Peixoto (2007, p.263-264),

A imprensa é linguagem constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendidas como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. [...] não é possível lidar com qualquer fragmento de um veículo de imprensa sem o reinserir no projeto editorial no interior do qual se articula, ou seja, sem remetê-lo ao jornal que o publicou numa determinada conjuntura. [...] é importante atentar para a composição do projeto gráfico/editorial da publicação, para a organização e distribuição de conteúdos nas diversas partes e seções no interior do periódico. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.263-264).

O jornal, como um dos poucos veículos de comunicação de massa do período³, apresentava debates políticos, descrições parlamentares, cujas temáticas se relacionavam com a vida econômica e política, informes religiosos, internacionais, espaço de queixas, denúncias, comunicação de pessoas, de anúncios e de notícias sobre o crime. Além disso, os editoriais e entrevistas com personalidades da política, da área médica, científica e da criminologia corroboravam muitas vezes com essas notícias.

Julgamos que esses jornais produziram as crônicas policiais buscando mobilizar o leitor a partir de uma perspectiva e um projeto político, assim constituindo os sujeitos criminosos, o próprio crime, a ideia de justiça, a polícia, a vítima. Para essas análises sobre a imprensa nos apoiamos nas reflexões teóricas de Raymond Williams⁴ e no conceito de cultura como um campo de produção de hegemonia política. Hegemonia esta que se faz, desfaz, refaz nos processos vividos, permitindo pensar o processo de dominação cultural. A cultura nesse sentido passa a ser um campo estratégico e articulador de conflitos. Ao elegermos o conceito de cultura para dialogar com esta pesquisa, buscamos compreendê-la como força produtiva da sociedade, conjuntamente com as estruturas econômicas, políticas e simbólicas; também buscamos refletir sobre as práticas sociais e as relações culturais enquanto produto de tensões, conflitos, experiências, práticas individuais e coletivas. Para Williams⁵, deve-se

³ A expressão ‘comunicação de massa’ não era utilizada no período trabalhado, mas o jornal formava o que posteriormente designaríamos como comunicação de massa, com o surgimento e ampliação do cinema, rádio e TV, especialmente a partir dos anos 30 e 40.

⁴ WILLIAMS, Raymond. **A Imprensa e a cultura popular, uma perspectiva histórica**. Trad. CRUZ, Heloisa de Faria e IANNUZZI, Ricardo B. – Revista Projeto História, São Paulo, n.35, dez 2007. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2202/1308> (acesso em 22/10/2017); _____. **Cultura e Materialismo**. São Paulo, Editora UNESP, 2011.

⁵ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

compreender a cultura como força produtiva da sociedade e, a partir dela, buscar apreender as transformações e as contradições da sociedade. Como nos aponta Martín-Barbero (1997, p.110),

A construção por Williams de um modelo para pensar a dinâmica cultural contemporânea tem duas frentes. A teórica, que desenvolve as implicações da introdução do conceito gramsciano de hegemonia na teoria cultural, deslocando a idéia de cultura do âmbito da ideologia como único âmbito próprio, isto é, da reprodução, até o campo dos processos *constitutivos*, e, portanto, transformações do social. E a metodológica, mediante a proposta de uma tipologia das formações culturais que apresenta três "estratos": arcaico, residual e emergente. (Martín-Barbero, 1997, p. 110).

Ao pensar sobre cultura, entendemos que esta é o campo de construção de hegemonia, de dominação de uma classe, mas como um processo ativo e não imposto e consumida passivamente, configurando-se mais enquanto um processo conflituoso. Ainda segundo Martín-Barbero (1997, p.104),

(...) o conceito de *hegemonia* elaborado por Gramsci, possibilitando pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um *exterior* e sem *sujeitos*, mas como um processo no qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. E "na medida" significa aqui que não *há* hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num "processo vivido", feito não só de força mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade. (Martín-Barbero, 1997, p. 104).

Considerando a imprensa enquanto agente histórico que influencia o campo político e intervém na construção da realidade, percebemos que a produção dessas notícias criminais que povoam os jornais aqui trabalhados se tornaram 'informações transformadas em mercadoria'. Tinham o objetivo comercial da mesma forma que buscavam orientar para práticas sociais e condutas moralizantes, alertando para o que consideravam inadequado na sociedade e na vida urbana. Apoiados em seus projetos político-editoriais e estéticos, os jornais pesquisados criaram uma compreensão do crime e dos criminosos, ao mesmo tempo em que propunham uma atitude do leitor em relação a eles. Ao analisarmos as crônicas policiais nesses jornais nos baseamos nas reflexões a respeito do conceito de hegemonia, em que os meios de comunicação exercem um papel importante em sua difusão, quando promovem visibilidade para acontecimentos, fatos, interpretações, ideias que sustentam a classe dominante. Segundo Williams (2007, p.200),

(...) hegemonia depende, para seu domínio, não apenas de sua expressão dos interesses de uma classe dominante, mas também de sua aceitação como "realidade normal" ou "senso comum", por aqueles que, na prática, lhe são subordinados.
(...) a ênfase na hegemonia ou no hegemônico passou a incluir os fatores culturais, além dos políticos e dos econômicos. A ideia de hegemonia em seu sentido amplo, é portanto especialmente importante nas sociedades em que a política eleitoral e a opinião pública são fatores significativos, e em que se considera que a prática social depende do consentimento de certas ideias dominantes que, na realidade, expressam as necessidades de uma classe dominante. (WILLIAMS, 2007, p.200)

A escolha do tema para esta pesquisa se relaciona, em parte, com o tema desenvolvido no Mestrado, apresentado nesta mesma Instituição e que tratou dos processos criminais dos chamados Termos de Bem

Viver. Documentação manuscrita produzida por agentes burocráticos como chefes de polícia, delegados e subdelegados, que possuíam o monopólio letrado num universo de analfabetos na cidade de São Paulo na virada para o século XX. Nesse período, a prática policial de “vigiar” as ruas e recolher sujeitos “indesejáveis” tomou conta da capital e se tornou contundente relacionando-se a um discurso “civilizatório” calcado na temática do progresso, da modernidade e do trabalho. Além da leitura dos processos-crimes, observamos em periódicos da época, a fala policial em consonância com falas de autoridades políticas, bem como aprovações de leis contra mendicância e vadiagem, solturas e prisões de “criminosos e vadios”. Pelo tempo e volume documental, a reflexão sobre os chamados “crimes” na imprensa foi deixada de lado e assim, pensada para ser discutida posteriormente.

Ao investigar os jornais para esta pesquisa, percebemos que, a partir da primeira década do XX, as notícias referentes à criminalidade ganhavam visibilidade, títulos maiores, subtítulos mais elaborados. Foi então que a delimitação do tema e as reflexões começaram a ser pensadas. Ao iniciar a seleção, catalogação e sistematização das fontes, logo nos deparamos com um volume considerável de páginas, seções, colunas nos jornais escolhidos, cuja leitura demandou excessivas horas, por vezes fastidiosas, uma vez que as notícias policiais não estavam sob o principal foco, mas sim sua relação com a integralidade dos periódicos. Em princípio, a ideia do crime no jornal seria um tema a ser desenvolvido, o que nos levava ao jornal enquanto fonte, mas aos poucos os jornais se tornaram fonte e objeto, o que nos encaminhou para a ampliação das leituras e para o papel da imprensa na história, do qual o crime é um aspecto trabalhado.

A leitura integral desses periódicos abriu caminho para as análises mais peculiares referentes aos crimes e contribuiu para ampliar a perspectiva dos jornais e seus projetos comunicacionais. Editoriais, boletins sanitários e da imigração, seção judiciária ou tribunal do júri, bem como colunas temáticas sobre a relação entre medicina e higiene, visão sobre a mulher ‘de hoje’ ou sobre a política de São Paulo, e mesmo espaço destinado aos bairros, constituíram um panorama para a reflexão dos periódicos e as notícias criminais. Durante a pesquisa, ficava perceptível que as crônicas policiais eram construções narrativas, nas quais os sujeitos criminosos foram constituídos a partir de determinadas características.

Os jornais selecionados, *A Gazeta* e o *Correio Paulistano*, encontram-se assim divididos: o *Correio Paulistano* digitalizado no período escolhido (1910-1920) com alguns exemplares de difícil leitura, por vezes muito claros ou muito escurecidos, localizados na Biblioteca Nacional Digital e Arquivo do Estado de São Paulo, há também alguns meses e dias “desaparecidos”; e o jornal *A Gazeta* que tem seus exemplares no original para consulta no local, dos anos de 1910 a 1913 no Arquivo do Estado de São Paulo, também apresentando algumas faltas de páginas diárias e digitalizado apenas a partir do ano de 1914. O estado de conservação para a consulta pessoal é relativamente bom, apesar de haver muitas páginas rasgadas. As edições digitalizadas também apresentam um pouco de dificuldade na leitura, pois muitas páginas estão escurecidas e a leitura fica comprometida especificamente nos exemplares 1918, do *Correio Paulistano*, e

os meses finais de 1917, 1918 e 1919, d'A *Gazeta*. Foram consultadas as notícias entre os anos 1910-1920 nos meses disponíveis. As análises dessas notícias serão desenvolvidas no decorrer dos capítulos.

O recorte temporal sofreu inúmeras modificações, pois em princípio estavam arrolados os jornais entre 1900 e 1920, porém, ao pesquisar sobre *A Gazeta*, percebemos que a data de sua primeira publicação ocorre somente em 1906 e os primeiros anos do jornal de 1906 e 1907 não se encontram disponíveis, já os anos de 1908 e 1909 não estão digitalizados estando em consulta no original apenas na Biblioteca Nacional. Por isso, considerando o intervalo de mais de dez anos para pesquisar e em se tratando de tiragem diária, refinamos o período. A leitura bibliográfica e os próprios periódicos ajudaram a estreitar o período que ficou delimitado entre 1910 e 1920, décadas em que as grandes capitais do país passavam por transformações urbanísticas, econômicas e sociais e a própria imprensa se transformava, alterando a produção e tiragens dos jornais impressos.

O processo de industrialização e urbanização modificou não apenas a geografia, como também o modo de agir, pensar, trabalhar, se relacionar e produzir notícias sobre a cidade e os sujeitos. Inúmeras transformações tecnológicas já apontavam para as novas realizações dos campos científico e industrial. As invenções relativas aos transportes e aos meios de comunicação tiveram utilização rápida e seus impactos foram sentidos na vida e no cotidiano dos indivíduos de forma significativa, alterando hábitos e costumes. No entanto, não podemos afirmar que todas essas transformações alcançaram ou interferiram de maneira homogênea na vida dos sujeitos da cidade. Muitos sequer vivenciaram ou se beneficiaram das inovações tecnológicas ou mesmo tiveram suas vidas melhoradas.⁶ Essa Era do desenvolvimento foi característica que marcou o fim do século XIX até por volta da I Guerra Mundial, entre 1914 e 1920.

Nos dizeres de Berman (1992, p.8),

O século XIX adquire uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, prolíficas cidades que crescem do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos e telefones, instrumentos de medidas, que se comunicam em escala cada vez maior, conglomerados multinacionais de capital, movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações; um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estardalhaço desperdício e devastação, exceto solidez e estabilidade". (BERMAN, 1992, p.8)

Os resultados advindos da Revolução Industrial estenderam-se à esfera cultural, não permanecendo assim relacionados apenas ao âmbito econômico. As novas tecnologias fruto da industrialização produziram alterações nos comportamentos e na maneira de senti-los e percebê-los, tal qual os periódicos que as

⁶ Na passagem do XIX para o XX conceitos como "civilizado", "progresso", "modernização", "higienização" se destacaram em torno de um projeto idealizado de cidade e de sujeitos, que buscou construir uma memória relacionada ao trabalho, progresso e ordem. Para um estudo sobre a população pobre na cidade de São Paulo nesse período e o questionamento acerca desse projeto modernizante de cidade, ver SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003. O autor se utiliza de diversificadas fontes, como fotografias, relatos de memorialistas e viajantes e os códigos de posturas da cidade, e traz à luz os modos de vida e trabalho de sujeitos que se encontravam fora do projeto "modernizador", contribuindo para um enriquecimento da historiografia da cidade.

publicavam. Não há dúvidas que tais mudanças chegaram à América e o processo de urbanização de São Paulo se insere na conjuntura internacional, posto que o intercâmbio de ideias, pessoas, produtos e comércio era intenso. A capital paulista recebia não apenas produtos e pessoas neste trânsito, mas também notícias do mundo. Crescimento, desenvolvimento e transformação da cidade eram reflexos do que se sentia nas grandes capitais mundiais. Essa mobilidade intercontinental colocou em trânsito imigrantes, políticos, artistas, comerciantes, editores, tipógrafos e também ideias, publicações, jornais em língua estrangeira. Esses materiais e essas pessoas não estão isolados e contribuíram de alguma forma com a imprensa brasileira, seja pelas ideias, pelas novidades ou por suas atitudes e comportamentos.

As autoridades, elites dirigentes e econômicas em sintonia com os países europeus expressavam o gosto, o apreço pela ideologia da sociedade industrial. Tal postura pode-se perceber por meio de seus discursos políticos que valorizavam as nações europeias, com elogios à sua organização social, por meio dos produtos que consumiam. Essa visão de mundo se percebia aqui presente também sob as influências culturais, como peças de teatro, literatura, ensino da língua estrangeira, sobretudo a francesa, que também exercia sua influência nos serviços policiais de identificação do Rio de Janeiro, e, posteriormente em São Paulo, instrumentalizando a polícia, a partir dos métodos de Alphonse Betillon e sua identificação de criminosos por meio da Antropometria. Nesta conjuntura, manifestava-se também um modo novo de olhar a cidade e transformá-la. Ela agora pode ser mediada, ampliada, modificada. Para a ampliação da cidade foram feitas demolições e construções novas, anseios dessa elite que desejava alterar o aspecto “atrasado” da cidade, provocando muitos “apagamentos históricos”.

Nesse processo de urbanização para combater as doenças, a cidade será ‘saneada e higienizada’. Estes eram os ideais da época, que agregados aos novos valores da ideologia liberal, propunham mudanças até nos comportamentos, acreditando que a humanidade avançava continuamente em direção a um futuro promissor e evoluído, que lhe garantisse conforto. Nesse novo cenário do universo burguês, a valorização da liberdade individual e do sujeito empreendedor que vence pelos seus esforços ganha espaço na sociedade, em oposição à vadiagem. O gosto pela descrição e privacidade separa a vida privada da pública, e um novo modo de viver se instaura. Essas mudanças são anunciadas pelos jornais que enfatizam novos hábitos, novas formas de vestimentas, locais para se frequentar, modelos de família, como se divertir, e na forma como se trabalha. Essa transformação urbana, social e cultural já era percebida pelo *Correio Paulistano* em fins do XIX, na primeira página sob o título *Factos e Feitos*,

E a Paulicéia, como que vexada de seu vestuário, originalmente combinada, por unir os elegantíssimos adornos modernos, peças vetustas e feias está transformando-se rapidamente. Dentro em breve tempo do Antigo São Paulo pouco mais restará além da posição geográfica, pois mesmo a topografia, e ainda mais a superfície do solo vai-se modificando à vista d’olhos. Os velhos prédios caem por terra, demolidos pela picareta civilizadora. No lugar deles erguem-se da noite para o dia vestidas e confortáveis edificações. Há pouco tempo, acentuava-se esse progresso pelo desenvolvimento de novos bairros. A cidade crescia em perímetros, porém, a parte central pouco se

modificou. Hoje não. O centro oferece o mesmo movimento de construção ou antes de reconstrução. Entretanto, novos bairros, verdadeiras vilas novas estão se formando [...].⁷

Já na primeira década do XX, notícias destacando os melhoramentos da capital eram comuns nos dois periódicos. *A Gazeta*, por exemplo, em 15 de abril de 1911, chamava a atenção para os projetos urbanos em andamento,

Melhoramentos da Cidade – o engenheiro Bouvard.

O engenheiro Bouvard, que hontem seguiu para o Paraná, estará de regresso a esta capital dia 21. O ilustre profissional pretende demorar-se então em São Paulo o tempo necessário para traçar as bases do projecto de conjunto de melhoramentos por que vai passar a cidade. Antes de partir para a Europa, entregará a Câmara os estudos relativos às obras de execução immediata, como sejam o parque da Várzea do Carmo, o centro da cidade e as villas operárias. O dr. Bouvard trabalhará no Theatro Municipal, num escritório que já está sendo preparado, junto ao dr. Ramos de Azevedo.⁸

Em meio as notas sobre os melhoramentos da capital, novas construções, bairros higiênicos, controle de doenças, política sanitária, encontramos inúmeras notícias relacionadas ao controle social de vadios e mendigos, gatunos e menores infratores que, segundo os jornais, precisavam ‘ser recolhidos’ do espaço público. Percebemos que, para além dos aspectos da cidade e dos sujeitos destacados pelos jornais, a proposta de ‘modernidade’ defendida, não condizia com espaço em que houvesse criminalidade e atos criminosos. A ideia de progresso que vinha desde o final do Império⁹ permanecia presente e encontrava nos periódicos o espaço para a propagação,

Repressão a vadiagem – Pelo dr. Alarico Silveira, quinto delegado, foram hontem presos os syrios desoccupados Salomão Nasr e Benjamin Elias. A autoridade vae processal-os de accôrdo com o artigo 399 do Codigo Penal.¹⁰

A Vadiagem – O juiz da terceira vara criminal, dr. Gastão de Mesquita, condemnou hoje, a 22 dias e meio de prisão cellutar, grao médio do artigo 399 do Código Penal os desocupados Olympio Martins de Araujo, Luiz Adad, e Christiano Luiz Vianna.¹¹

Para buscar compreender a crônica policial nos cercamos de outros materiais que nos ajudam a compor e contextualizar a narrativa dos periódicos. São eles, a produção historiográfica além de alguns cronistas. Essa reflexão nos serviu de contraponto para uma análise intertextual e para buscar pelo não-dito,

⁷ Correio Paulistano, 19/dez/1890, p.1

⁸ A Gazeta, 15/04/1911, p.3.

⁹ Sobre o discussão de trabalho e vadiagem em fins do Império, ver DINIZ, Mônica. “Olhares sobre a cidade: Termos do Bem Viver: vadiagem e polícia nas ruas de São Paulo (1870-1890)”, dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2012, parte I, na reflexão sobre o que se considerava enquanto trabalho, suas formas e a disciplina imposta por ele ou sobre ele, os conceitos de vadiagem e progresso e os estereótipos possíveis que se formaram a partir da relação trabalho-vadiagem; GARZONI, Leric de Castro. “Vagabundas e conhecidas: novos olhares sobre a polícia republicana”, dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2007, sobre casos de mulheres reincidentemente presas e processadas por “vadiagem”, nas primeiras décadas do século XX, na cidade do Rio de Janeiro; LOPES, Gustavo Acioli. “A Cruzada modernizante e os infieis no Recife: (1922-1926) a respeito da vadiagem e regormas urbanas em Recife.

¹⁰ Correio Paulistano, 03/jan/1910, p.4.

¹¹ A Gazeta, 04/out/1912, p.6.

pelas ausências. Seleccionamos notícias referentes aos crimes que chamamos “de sangue” relacionados à honra, vingança, ciúme, e que nos levam para o universo da vida privada, trazendo para a esfera pública uma discussão do universo íntimo e particular; bem como notícias dos pequenos crimes que se relacionam com o controle e disciplinarização das classes pobres. No Código Penal de 1890, havia artigos que tornavam ébrios, mendigos, capoeiras, vadios e prostitutas em contraventores, e serão essas as categorias listadas nas notícias a que chamamos de contravenção. Privilegiamos essas duas categorias – de sangue e de contravenção - porque compunham a maior parte das notícias criminais e trazem em si análises distintas.

O uso da imprensa enquanto fonte para o trabalho de pesquisa é rico e nos permite uma análise complexa da sociedade, pois ao mesmo tempo que é fonte é objeto também. Segundo Cruz e Peixoto (2007, p.259):

Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo. Pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-las como força ativa da história do capitalismo e não como mero depósito de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.259).

Durante as últimas décadas do XIX, o número de jornais cresceu na cidade de São Paulo. Esse aumento dos periódicos bem como sua circulação acompanhou o próprio ritmo de desenvolvimento da cidade. Com seu crescimento, as atividades econômicas, o mercado e a vida mundana se ampliaram e passaram a ser incorporados às formas e conteúdos dos impressos, surgindo assim novas temáticas, personagens e linguagens. O processo social que transformou a cidade também passou a caracterizar as publicações. (CRUZ, 2000, p. 80).

Em parte, essa conjuntura se tornou realizável graças às vantagens tecnológicas. O cabo submarino, o telefone permitindo a transmissão da voz humana, telégrafo transmitindo sinais, a indústria fonográfica impulsionada pelo cinema, difundindo-se em consequência da invenção do fonógrafo que reproduzia mecanicamente o som, posteriormente substituído pelo gramofone, elementos que dinamizaram a comunicação. As inovações tecnológicas contribuíram para o incremento dos periódicos que passaram a ter charges, gravuras, fotografias, caricaturas, seções mais elaboradas e temáticas e um farto espaço para a publicidade. No período da chamada Primeira República a imprensa se diversificava. Não eram apenas notícias de cunho político-institucional, mas inscrevia-se nas páginas dos periódicos muito da *Bela Época*. O espaço destinado a política era permanente, mas o crescimento urbano promovia o interesse em destacar novas notícias que se relacionavam ao cotidiano, ao universo privado, às peculiaridades da vida urbana. Incorporado a esse ambiente que se formava, os periódicos buscavam elaborar e sustentar ideias, concepções e projetos políticos e culturais. O fluxo e a publicação das notícias tornaram-se frenéticos com a tecnologia incorporada à imprensa, gerando a modernização nos processos de impressão, barateando o

preço dos jornais diversificando as gráficas e as publicações. Houve o aumento do número de tiragens, Segundo Bahia (1972, p. 53),

Com a renovação da maquinaria – as rotativas Marinoni – e a introdução da linotipo na tipografia, o que se renova, na realidade, é a imprensa. A bobina de papel alimenta as rotativas e assinala um estágio de desenvolvimento da indústria gráfica (...) há os maiores esforços dos principais jornais para adquirir expressão material, econômica e intelectual. O espírito de competição afirma-se com vigor. Não só o processo de feitura do jornal como empresa gráfica autônoma, que tomou caráter comercial, para servir às chamadas casas de obras (estabelecimentos de impressos avulsos, papelarias, livros em branco, pautaço), mas a definição do jornalismo como profissão, a necessidade de expansão e criação de mercados consumidores, advento da propaganda como fonte de renda (...) (BAHIA, 1972. p.53)

Em meio a tantas mudanças no período da passagem para o século XX, a vida cotidiana sofreu impactos, influenciada pela ciência, que separando as ciências naturais das demais, fragmentou o conhecimento sobre o ser humano e a natureza, o corpo e a razão, e intensificou um discurso do individualismo, emergente da base do pensamento capitalista. Também havia a crença de que a tecnologia e a ciência calcadas na razão, seriam capazes de dar conta das explicações para todas as situações vividas, modos de vida, comportamentos, sentimentos e ações delituosas. O rompimento dos laços, das tradições e de muitos costumes chegaram em nome de uma construção do “homem burguês”, civilizado e moderno.

É nessa conjuntura, na cidade de São Paulo - lugar de comunicação de diversos grupos que se apropriam dos espaços de formas diferentes, que pensamos sobre as crônicas policiais e a forma como foram produzidas pelos jornais. Como um dos elementos que caracterizam a vida urbana, o crime permeia o noticiário em múltiplas colunas. Segundo Barbosa (2000, p.38-39),

(...) a reportagem local ganha cada vez mais destaque. O sensacional, as catástrofes quotidianas e a notícia inédita despertam o interesse do público e fazem aumentar a importância do trabalho do repórter. Esses passam também a escrever verdadeiras crônicas, subindo os morros, descrevendo os bastidores das religiões populares, montando reportagens em série sobre curandeirismos. (...) Os acontecimentos policiais têm cada vez mais preferência do público. A valorização do ineditismo também transforma o trabalho. O repórter passa a ser o elemento principal para a composição da notícia (BARBOSA, 2000, p.38-39).

Refletir sobre a imprensa nessa conjuntura política, cultural, social e econômica é pensá-la enquanto uma força ativa da história do capitalismo, de afirmação das forças do mercado como centro da vida social. É pensar também que a vida urbana, complexa e rica não pode ser relacionada na dicotomia do espaço do progresso, do moderno, do civilizado, ou colocada no espaço da desordem, do distúrbio, da incerteza e da insegurança, mas inserida nas contradições e vivências de ambos. No processo de urbanização, o novo ambiente criou formas e conteúdos, fruto de novas sociabilidades vividas e construídas na cidade e que foram adotados pela narrativa da imprensa. O que levou *A Gazeta* a narrar o crime da rua do Glicério em 1911? Assim como *A Gazeta*, o *Correio Paulistano* também traz em suas páginas e colunas notícias sobre os crimes na cidade. As seções e colunas dos casos criminais eram simples notas comunicando uma

ocorrência policial? E as notícias criminais eram uma demanda do leitor? O aumento das crônicas como a citada no início era notório. O fato é que, buscamos ler nessas notícias, não apenas os casos de crimes e desavenças, ou a vingança pela honra, mas o oculto, a entrelinha e a maneira como foram construídas: valores, atitudes que se manifestam.

A imprensa é capaz de influenciar não apenas no campo político, mas, enquanto agente histórico, de intervir na construção da realidade. Segundo Habermas¹², é uma instituição de duplo caráter: público, cuja função social é informar o leitor, narrar o cotidiano, prestar serviço de comunicação, e privado, que abarca o espaço da publicidade, dos anunciantes e das empresas, voltado para o negócio. Em suas análises, coloca que, na era moderna com o surgimento de um novo grupo social - a burguesia, se inicia a ideia de esfera pública. Para ele, a gênese dessa esfera está associada ao desenvolvimento do capitalismo na Europa que criou um novo espaço entre a esfera privada e o Estado. Ele reconheceu que a formação dessa esfera pública só permitia acesso aos cidadãos burgueses e que nesse mesmo momento a luta contra o Absolutismo favoreceu, em vários países, mudanças que se fortaleceram pelo engajamento de certas instituições como partidos e a imprensa. O ‘modo de vida burguês’ favoreceu o debate de ideias, pois valorizava a capacidade intelectual em oposição às condições de nascimento. Nessa conjuntura, os meios de difusão e publicidade assumiram o papel de mediação entre a burguesia e outras classes e o Estado. A esfera pública era o fórum para a formação da opinião pública. Habermas reconheceu que esse espaço entrou em declínio pelo desenvolvimento da publicidade e estratégias de mercado que intensificaram o caráter comercial dos meios de comunicação de massa. Ainda segundo o autor, inserido nessa conjuntura do capitalismo que se formava,

(...) o segundo elemento de trocas do capitalismo inicial também se desdobra com uma força explosiva: a imprensa. Os primeiros jornais em sentido estrito, que também eram chamados ironicamente de “jornais políticos”, no início são semanais, porém, no XVII, já aparecem diariamente. As correspondências privadas continham noticiários amplos e minuciosos sobre guerras, colheitas, impostos (...) Mas só um filete dessa informação passa pelo filtro desses jornais “manuscritos” até os referidos jornais impressos. Os assinantes dessa correspondência privada não tinham interesse em tornar público seu conteúdo. Por isso, os jornais políticos não existem para os comerciantes, mas estes, ao contrário, existem para os jornais. A circulação de notícias não se desenvolve apenas vinculada às necessidades de circulação das mercadorias: as próprias notícias se tornam mercadorias. Por isso, o noticiário profissional é submetido às mesmas leis do mercado, a cujo surgimento estas devem a sua existência. (HABERMAS, 2014, p.125-126)

Habermas afirma que a imprensa se tornou útil aos interesses do poder administrativo, que se utiliza dela de acordo com seus interesses e objetivos,

Entretanto o peso maior estava no interesse das novas autoridades que começavam a tornar a imprensa útil para os objetivos da administração pública. Conforme a administração pública se serve desse instrumento para anunciar ordens e decretos, os destinatários do poder público começam a se tornar propriamente o “público”. No começo, os jornais políticos informavam das viagens e dos retornos do príncipe, da chegada de personalidades estrangeiras, festas, solenidades da corte [...] apareciam também “os decretos do soberano para o bem dos súditos”. A imprensa logo começou a

¹² HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. São Paulo, UNESP, 2014.

ser posta sistematicamente a serviço dos interesses da administração pública. (HABERMAS, 2014, p.127).

Segundo ele, as autoridades se dirigiam ao público para fazer suas comunicações e atingiam muito mais as “camadas cultas”. Grandes capitalistas, comerciantes e banqueiros que se ligaram ao Estado, assumiram uma nova posição dominante na esfera pública e esta camada burguesa se tornou o “autêntico sustentáculo do público”. Na passagem para o capitalismo com a constituição dessa nova classe, o desenvolvimento da imprensa passou a se aliar ao comércio. A sociedade civil se apropriou desse espaço transformando-o em uma esfera pública burguesa, categoria da sociedade liberal que passa a ter influência sobre o poder decisório de políticas públicas. O que Habermas nos diz é que a esfera pública era constituída por pessoas privadas. Essa esfera pública burguesa, por meio das inúmeras instituições que a formavam abre espaço para a crítica de temas considerados de interesse geral, até então monopolizados pelo Estado e Igreja. (HABERMAS, 2014, p.36)

Para Barros (2008, p.25),

Habermas reconheceu a formação da esfera pública burguesa como uma instância mantenedora dos interesses coletivos, mas que só estava aberta à participação dos cidadãos que possuíam propriedades e esclarecimento – os burgueses. Por isso, esse ambiente se tornou sujeito aos interesses dessa classe. Apesar das contradições no seio da esfera pública, o autor entendia esse espaço como um lugar onde a expressão e a ação comunicativa podiam favorecer uma consciência coletiva capaz de possibilitar uma existência solidária, não coercitiva, libertadora e igualitária entre os homens. (BARROS, 2008, p.25).

Ainda segundo a autora, as ideias de Habermas sobre esfera pública geraram algumas críticas como a inadequação histórica do conceito e o fato de considerar a esfera pública burguesa universal, quando esta excluía outros grupos como mulheres, os pobres, os não educados, e o não reconhecimento do papel das esferas públicas como a do movimento operário. Os apontamentos também foram na linha do excessivo racionalismo do conceito e a inflexível separação da esfera pública e privada, bem como um papel negativo aos meios de comunicação de massa e passivo da audiência (BARROS, 2008, p.26).

Habermas reconheceu que o espaço da esfera pública entrou em declínio pelo desenvolvimento da publicidade e as estratégias de mercado que influenciaram o caráter comercial dos meios de comunicação. O autor fez a revisão do conceito colocando que a esfera pública é o espaço da discussão fundamentado na capacidade de confrontos de argumentos racionais. (BARROS, p.28).

Habermas ampliou o conceito de esfera pública reconhecendo que esta não está meramente a serviço da reprodução da ordem social, como agentes de manipulação ou porta-vozes de grupos poderosos contrários à participação democrática, reconhecendo a ambiguidade de seu papel social, em que a mensagem transmitida pela mídia produz um processo reflexivo crítico por parte da audiência. Classificou a esfera pública produzida pela imprensa como esfera pública abstrata, e, nesse espaço, a mídia conecta públicos distintos em localidades diferentes. Ele reconhece que a agenda da mídia é conduzida por atores

institucionais poderosos e estão quase que inacessíveis a atores coletivos de fora do sistema político ou que não pertencem às grandes corporações. (BARROS, p.30).

Percebemos por meio da análise de Habermas que a esfera pública representa uma dimensão do social que atua como mediadora entre o Estado e a sociedade, na qual o público se organiza como portador da opinião pública, e que ele identifica como papel da comunicação a formação de identidades, comportamentos e sociabilidades.

Antes desprezada, a imprensa ganhou espaço como documento. Não é mais vista como porta-voz da verdade irrestrita do passado. A concepção de fonte histórica se ampliou e o documento deixou de ser unicamente o registro de caráter político e oficial passando a constituir parte das interpretações feitas por meio de perguntas do historiador e seus questionamentos. Posterior às discussões da História Nova que reformularam e problematizaram as fontes, os estudos da História Social inglesa reconheceram a importância dos elementos culturais e trouxeram as diversas experiências de grupos e camadas sociais até então desmerecidos. Na perspectiva dos Estudos Culturais, estudar o cultural é colocá-lo em articulação com o todo social e não apenas uma experiência isolada. Nesse aspecto, a imprensa é valiosa enquanto fonte/objeto e precisa ser historicizada, ser problematizada nas suas articulações com a constituição da sociedade moderna. A imprensa não é uma estrutura nem uma categoria abstrata, mas algo que advém das relações sociais.

Em suas colunas, os periódicos tratam de diversos assuntos e seus articulistas expõem a respeito de temas, que podemos identificar valores e perceber como se constroem modos de sedução do leitor. As notícias editadas contribuem para transmitir ideias, normas, moral, princípios e transformar publicações, veicular polêmicas e determinar espaços que alguns temas ocupam. Em um estudo sobre o papel da tipografia na Revolução Francesa, Robert Darnton analisa como a prensa tipográfica foi o principal instrumento da criação de uma nova cultura política. Nesse estudo, é necessário pensar no papel da palavra impressa, como diz Darnton (1996, p.15),

(...) mais como um ingrediente do que aconteceu do que como um registro do que aconteceu. Foi uma força ativa na história, especialmente durante a década de 1789-1799, quando a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião pública. [...] A prensa tipográfica foi o principal instrumento na criação de uma nova cultura política. [...] de que maneira ela funcionou sob as condições de governo revolucionário, e em que medida seus produtos penetraram na vida cotidiana das pessoas comuns? (DARNTON, 1996, p.15)

Como afirmam as historiadoras Heloisa Cruz e Maria do Rosário Peixoto, ao estudar e analisar a imprensa devemos fazer a reflexão de sua historicidade, problematizando suas articulações ao movimento geral e a cada uma das conjunturas específicas da formação, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, bem como das lutas por hegemonia nos diferentes momentos históricos do capitalismo, e tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.259).

O crime sempre existiu assim como diversas formas de combatê-lo. Ele também não esteve restrito apenas ao universo urbano, porém, à época em que a urbanização se tornou mais intensa, os periódicos se ampliaram e neste momento este veículo de comunicação ganhou força na divulgação e até mesmo na ampliação das notícias criminais, enfatizando “o que se tornou notícia” e lhe dando visibilidade. De forma concisa, podemos dizer que o debate historiográfico que trata do estudo da criminalidade e desta na imprensa ganhou força por volta da década de 1980¹³, com trabalhos de grande relevância para o estudo da História. Esse período foi uma época de mudanças políticas no país e a análise de historiadores sobre temas como direitos, violência, criminalidade, polícia, lutas sociais cresceu. Como diz Chalhoub, “desde a primeira edição deste meu livro, a historiografia brasileira mudou muito, diversificou-se, sofisticou-se, ampliou horizontes teóricos e apurou o rigor das pesquisas empíricas”.¹⁴ Grande parte dos trabalhos inclusive dos anos subsequentes deram valor à temática da criminalidade e as análises são até o presente, referências para quem as estuda.

Marcos Bretas (2009, p.89) diz que o estudo do tema sugere que a história da polícia nasce como parte da história do Estado Moderno. Desde a historiografia progressista, cuja busca era ressaltar as benéficas inovações dos estados constituídos a partir do século XVIII, até as leituras foucaultianas sobre o desenvolvimento e a aplicação de tecnologias de poder, as discussões tomavam a polícia como um objeto inteiro, aparato funcional que “realizava” ações, avaliadas de forma positiva ou negativa. Uma vertente da história social passou a questionar essa forma de pensar a polícia, colocando problemas, desconstruindo o objeto, sugerindo que a aplicação de tecnologias exigia uma produção de atores policiais capazes de realizar essas ações, mas capazes também de inviabilizá-las. O foco foi se deslocando da polícia para o policial, discutindo suas origens sociais, seu treinamento e sua existência tanto enquanto agente policial como quanto participante da sociedade, de seus costumes.¹⁵

Pensar a inserção dos policiais numa cultura requer, segundo o autor, pensar o lugar cultural que a polícia e o policial ocupam. O autor ainda afirma que trabalhar com essa “categoria” é desafio, pois ela está permanentemente em constituição relacionada com atores públicos, sociais e com instituições. Assim, Bretas esclarece o significado da imprensa como divulgador e padronizador de imagem social, já que,

¹³ Para estudos que abordam a temática do crime ou criminosos ver, CHLAHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo, Brasiliense, 1986, o autor busca nas histórias de amor, rivalidade e tensões entre variados sujeitos, as formas de ganhar a vida analisando processos criminais; FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano; a criminalidade em São Paulo (1880-1924)**. São Paulo, EDUSP, que traz o tema da criminalidade relacionado aos estudos da urbanização da cidade; CORREA, Mariza. **Os crimes de paixão**. São Paulo, Brasiliense, 1981, sobre os processos. SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e a ordem urbana (1890-1920)**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989;

¹⁴ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim. O cotidiano de trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Op. Cit. viii.

¹⁵ BRETAS, Marcos. **Revista Policial: formas de divulgação das polícias no Rio de Janeiro de 1903**. Trabalho apresentado nas Jornadas *A polícia em perspectiva histórica: Argentina e Brasil (do século XIX até a atualidade)*. Buenos Aires, 28/29 de agosto de 2008. Revista História Social, n. 16, primeiro semestre de 2009, p.89. <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/235> (acesso 21/10/2016).

durante o século XIX, os policiais se tornaram atores nos dramas literários e, no final deste período, a literatura cedeu espaço à imprensa, fazendo crescer o mercado de leitores sobre a temática criminal e policial e os romances de detetives. Com isso, a imprensa começou a explorar a incompetência dos policiais, além da competição com as investigações dos repórteres.

Elizabeth Cancelli (2001, p.23) argumenta sobre a reflexão por outro viés de análise em relação a temática da criminalidade, apontando a falta que existe na historiografia de trabalhos que

busquem no crime conjunções que produzam sobre a sociedade um todo diferenciado de imagens, uma vez que este ‘componente integrante’ do dia-a-dia – o crime e seus criminosos, para nos referirmos ao trabalho de Boris Fausto – embora constituinte, faz parte, nas investidas da História, da realidade que se pretende exógena de uma cultura, quer na forma de imposição, quer na forma de normatização (CANCELLI, p. 23-24).

A autora aponta alguns estudos que privilegiaram a ética do trabalho, como as análises de Chalhoub (1986) que relaciona esta ao controle social, bem como as análises de Boris Fausto em “Crime e Cotidiano”, que reflete a relação da criminalidade na passagem do XIX para o XX como um tema central relacionado ao espaço urbano em transformação. Ela coloca que a historiografia construiu um mundo de análises dessa temática do crime e dos criminosos alicerçada no aspecto da dinamização econômica e social e da proletarianização advindas do fim da escravidão, da industrialização e do processo de imigração (CANCELLI, p. 24). Segundo a autora, muito desses olhares ignoraram as influências da Escola Positivista do Direito no Brasil desde fins do XIX e que, segundo ela, influenciaram o pensamento de intelectuais, juristas e políticos. Reflexões sobre o papel das elites, o cotidiano das ruas, crimes e julgamentos, condição feminina, vadiagem carregam influência do que chama da Escola Positiva do Direito, sobretudo das análises da Antropologia Criminal.

Acreditamos que essa influência se fez sentir no pensamento de grande parte da elite seja política, de juristas e intelectuais do período aqui tratado, uma vez que percebemos nos periódicos debates sobre essa temática, como artigos e colunas expondo, a ‘reforma no judiciário’ ou ‘a visita de criminologista italiano ou inspetor da polícia francesa’, e sobre as causas do crime, porém tratamos de uma análise mais ao campo da História Cultural, em que as articulações dos jornais e seus projetos sociais se revelavam, construindo memórias, comportamentos, em que as manifestações culturais, as sociabilidades sejam individuais ou coletivas são concebidas num jogo de forças e lutas, e nas relações de hegemonia como um processo ativo.

A historiografia explorou a temática criminal se utilizando das análises do campo de luta de classe na sociedade e sob a perspectiva de dominação, controle, resistências, fazendo uso dos processos-crimes e

documentos policiais; porém estudos mais atuais trataram de ampliar o tema da criminalidade para além das fontes policiais, apresentando-o na literatura e na imprensa¹⁶.

Elizabeth Cancelli (2001, p.101) aponta sobre o tema na imprensa do início do XX,

(...) a imprensa é uma espécie de catalizadora de emoções, e o dia a dia da criminalidade constituía um assunto palpitante e apelativo nos jornais. [...] A imprensa do início do século XX retratava bem o estado hipnótico produzido por esses crimes entre a massa urbana. Os jornais, já veículos de comunicação de massa produziam cada vez mais notícias de crimes, suicídios e julgamentos. Havia, na verdade, também uma certa teatralidade na linguagem empregada nas notícias, e na maneira como eram e costumavam ser retratados os crimes. (CANCELLI, 2001, p.101).

Para Porto (2003, p.10), a dramatização sobre os crimes e julgamentos nos jornais era muito comum e a influência que a justiça tinha sobre tais relatos não pode deixar de ser apreendida. Contudo, a tentativa de trazer a “verdade dos fatos”, a “descrição dos crimes” ou os detalhes aproximava-se das características dos textos literários daquele momento, como aponta a autora, a influência do Realismo e do Naturalismo. Nessa conjuntura da passagem para o século XX, buscava-se nas notícias de jornais, fundamentadas na concepção racional do cientificismo, a objetividade, neutralidade e imparcialidade, tentando se aproximar ao máximo da ‘verdade’ dos fatos. Os jornais noticiosos queriam oferecer um resumo ‘fiel’ dos acontecimentos mais sensacionais do dia ao público. Entretanto, recordamos Darnton (2009) quando diz que “notícia não é o que aconteceu num passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu” (2009, p.17), por isso, não podemos tratar o jornal como repositórios de fatos em si, ou que o jornal produz a ‘verdade tal qual’. Dessa forma, a produção das notícias criminais, as narrativas dessas crônicas policiais nos jornais atendiam a alguns propósitos que precisam ser considerados.

De acordo com Cruz e Peixoto (2007, p.260),

(...) o passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é, prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado peça/na intencionalidade histórica que o constitui. [...] É importante problematizar e superar pela análise ideológica da objetividade e da neutralidade da imprensa que, construída historicamente se nos confronta com um dado da realidade. (CRUZ; PEIXOTO, p.260).

O jornalismo não é nem neutro nem objetivo. Essas categorias fazem parte do pensamento desenvolvido no Iluminismo, que buscava acreditar que os fatos pudessem ser apresentados de forma mais ou menos livre das intervenções e dos interesses humanos. Como em qualquer outra atividade humana, a

¹⁶ Porto, Ana. **Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil (1870-1920)**. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2009; OTTONI, Ana Vasconcelos. **Flores do vício: Imprensa e homicídios de meretrizes no Rio de Janeiro (1896-1925)**. Dissertação de mestrado, UFRJ, 2007; _____ **O Paraíso dos ladrões: crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa (Rio de Janeiro 190-1920)** Tese de doutorado, UFF, 2012; FRANCISCO, Henrique Sugahara. **Transgressores da ordem e dos bons costumes: os adeptos das práticas mágico-religiosas segundo as páginas sensacionalistas do jornal A Capital (1912-1930)**. Dissertação de mestrado, PUC/SP, 2011.

produção jornalística sofre o filtro e a regulação dos agentes pelos quais passa (MARCONDES FILHO, 1993, p. 130).

Nos estudos com imprensa se faz necessário observarmos que ela confere aos fatos, quaisquer eles, sobretudo criminais, um juízo de valor adotado por quem escreve, pelo editor, jornalista, ou pelo jornal em si. E a imprensa trabalha com muitas questões como a divulgação da notícia e a relação com a publicidade, até a construção de memórias, o interesse pelo público, a construção de estereótipos e os posicionamentos políticos. É vasta a riqueza de informações que se pode apreender do estudo da imprensa. Lilia Schwarcz, em “Retrato em branco e negro” (1987), faz uma reflexão acerca dos anúncios, notícias e editoriais para discutir o imaginário social sobre o negro e sua condição na cidade de São Paulo no final do XIX. A autora, por meio dos fragmentos de textos da imprensa, como notícias, editoriais, ocorrências policiais e anúncios, buscou reconstituir as diversas visões com que se falou sobre o negro (1987, p.15). Destacando as ocorrências, sejam crimes, suicídios ou outras, Schwarcz destaca que, em sua maioria, elas buscavam explicar o ato seja de desatino, loucura, embriaguez dos negros, retirando a culpa que poderia pairar sobre o senhor branco, e construindo uma visão de que o negro seria degenerado, violento, ingrato, imoral. Ou seja,

As notícias pareciam cumprir então uma ‘função exemplar’ no interior da dinâmica dos jornais, já que transformavam situações particulares em dramas públicos largamente veiculados. Nessa seção, várias imagens e representações sobre os elementos negros vão ser divulgadas cotidianamente transformando em consensos sociais imagens diversas. (SCHWARCZ, 1987, P.133).

“Inúteis e perigosos no Diário da Noite”, de Mariza Romero (ROMERO, 2011), é um trabalho que traz o sensacionalismo na imprensa no período de 1950-1960. A autora percebeu que no *Diário da Noite*, mais do que assassinatos, superstições e tragédias do cotidiano, o jornal trazia mais sobre as camadas pobres. Além de explorar as ‘tragédias’, o *Diário* colocava em evidência a desordem dos desesperados, o perigo dos oportunistas, apontando o que ‘estava ou não’ dentro de uma ordem social. A análise acurada de manchetes, notícias e fotografias feitas pela autora mostra que por trás do ‘sensacionalismo’ das notícias do jornal, havia uma forma eficiente do discurso sobre as camadas populares. Aponta ainda que, nos anos 50, a imprensa já se afirmava como veículo de comunicação de massa e que encampava o combate ao ‘sensacionalismo’ utilizando-se de falas de juristas e psiquiatras, a partir dos discursos científicos tanto para explicar o combate quanto para justificar o gosto pelo sensacional (ROMERO, 2011, p.24).

Quando pensamos na produção das notícias, consideramos os diversos agentes envolvidos. Darnton coloca que nos jornais, toda notícia que couber se publica e que, como todo mundo, os repórteres têm sensibilidades variadas em relação à pressão exercida pelo seu próprio grupo, rivalidades, o que influi na maneira de produzir a matéria também. O trabalho de ir atrás das notícias é fragmentado, pois ficam à espera de um boletim de ocorrência ou informação da polícia, algo que seja inusitado. Sobre a produção das notícias criminais, trataremos no capítulo 1.

Em uma análise crítica, Heloisa de Faria Cruz, pesquisa na passagem para o XX a imprensa paulista com uma documentação ampla entre jornais, revistas e almanaques. O trabalho articula a cultura letrada e o viver urbanos na São Paulo da virada para o XX. Tratando das pequenas folhas, de variedades e com potencial de entretenimento, faz uma análise de diversos jornais, sejam de bairro, imprensa operária, revistas e a vida cultural na cidade. As reflexões tratam do papel que a pequena imprensa teve nas primeiras décadas do século XX e suas articulações com as experiências sociais na cidade. Nos dizeres da autora, nesse período, através das novas formas de produção e representação, o povo e a cidade intrometeram-se nas páginas da imprensa. (2010, p.19). A cultura letrada compunha, a seu ver, relações com os projetos e disputas para e pela cidade, e dava visibilidade a diferentes projetos e concepções do viver urbano.

Embora, no período aqui estudado, o movimento de expansão da imprensa cultural e de variedades se configure num conjunto bastante variado de publicações, as folhas e revistas domingueiras destacam-se como veículos privilegiados na articulação dos novos sentidos e linguagens da vida urbana. [...] Desenhando-se no interior de novas práticas e modos de viver na cidade em expansão, constituindo-se como ampo de experimentação e afirmação das novas formas de dizer e contar da vida urbana, tais publicações apresentam-se como tendência mais dinâmica e inovadora da cultura impressa do período. (CRUZ, p. 94).

A partir de suas reflexões, a historiadora faz uma comparação do conteúdo dessas pequenas folhas com a imprensa diária, diferenciando linguagem, temáticas e público, pois, por meio de temas, relatos e narrativas, alcança o público leitor. Estas informações fazem emergir sujeitos leitores, mulheres, operários. A autora aponta as ‘folhas chics e refinadas’, quase como álbuns da vida social das elites e também os ‘menos chics’ mais singelos, outros mais críticos, as folhas operárias e os jornais de bairros, que possivelmente atendiam a esses grupos. Mas,

[...] mesmo levando em conta essas pistas gerais, as dificuldades em responder à pergunta sobre quem lia tais periódicos permanecem. Na ótica que indaga sobre o processo de formação dos leitores, alguns indícios aqui e ali, podem ser organizados. Entre as lembranças de Oswald de Andrade (1900 no período, a produção e leitura dessas revistas semanais por várias vezes cruza o cotidiano do autor). [...] Na literatura e nos relatos da época [...] nos depoimentos da época colhidos por Ecléa Bosi, *O Estado de São Paulo* é leitura obrigatória dos pais de família bem estabelecidos e o *Fanfulla* aparece na casa dos depoentes das famílias de trabalhadores italianos. (CRUZ, p.144).

Cruz afirma que a imprensa enquanto prática social permite perceber e buscar articulações sociais amplas sobre os relatos, memórias, modos de viver e sentir as diversas experiências urbanas e vida paulistana nesse período.

Dentro de uma outra perspectiva na historiografia sobre imprensa, o trabalho de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado (1980) traz uma análise mais institucional, em que as historiadoras analisam o editorial num período de dez anos do jornal *O Estado de São Paulo*, a fim de compreender o posicionamento político do jornal, percebido como um órgão que defende princípios liberais. Nesse estudo, as autoras analisaram o jornal e evidenciaram-no como porta voz dos interesses de setores da classe dominante paulista

na conjuntura dos anos 1927-1937 que envolveram inúmeros episódios históricos. A justificativa para tal estudo dava-se por entender a imprensa como instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Anos mais tarde, Capelato¹⁷ (1988) investigou novas questões acerca dos estudos do liberalismo. O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível, porque é permeado pela subjetividade. Ele constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social.¹⁸

Trabalhar a questão da imprensa requer um esforço de análises diversas. Ao escolhermos as crônicas policiais nos jornais *Correio Paulistano* e *A Gazeta*, buscamos uma reflexão tomando como base destacar de forma ampliada elementos que as notícias evidenciavam, como valores, comportamentos, linguagem que dialoga com o cotidiano, elementos da esfera pública e privada, aspectos de controle e normatização, mas não estanques em si mesmo e que precisam ser relacionados às várias ordens como a política, educacional, familiar, cultural, econômica. Embora os jornais *Correio Paulistano* e *A Gazeta* tenham uma função central e um sistema cultural ‘dominante’, podendo interferir na vida em sociedade ou em determinados modos de pensar, ainda assim, por ser um campo de lutas e experiências, essa imprensa sofre e é mediada pelas diversas relações.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos a escolha dos jornais selecionados e suas características, a justificativa em nomeá-los como imprensa diária, possíveis aproximações entre si, além da discussão sobre a produção das notícias criminais e a construção da crônica policial. No segundo capítulo, apresentaremos os tipos de crimes selecionados como os crimes de sangue e a caracterização dos sujeitos presentes neles, crimes que atravessam a fronteira social em nome da honra, ou pelo ciúmes e como são tratados pelos jornais, além dos crimes de contravenção e como essas questões são examinadas. No terceiro capítulo, exploraremos os locais dos crimes apresentados pelos jornais, os espaços da rua, da “vida mundana”, da “boa sociedade”, “do trabalho”, esclarecendo esses universos em contraponto com os ‘locais dos crimes’ e o projeto de Cidade engendrado pelos jornais. Por fim, o capítulo quatro tratará das vítimas nos jornais, bem como a visão sobre a polícia e as falas das autoridades, como médicos, criminologistas, delegados e políticos.

¹⁷ CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

¹⁸ _____. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Contexto, 1988, p.21.

CAPÍTULO I – A PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS CRIMINAIS

Crime num Posto Policial – Violento desfecho de um drama de Amor
O monstro do ciúme – Trágico rompimento entre dois amantes
Dois tiros de revólver – Os pormenores do facto
Um drama de amor de complicada urdidura, que dois jovens vinham representando, de muitos mezes a esta parte, e que se iniciára nos meados de 1908, com a jura recíproca de felicidade eterna, teve hontem o seu epílogo violento e inesperado no posto policial á rua São Caetano.¹⁹

Com essas manchetes, o jornal *Correio Paulistano* do dia 06 de abril de 1910 chamava a atenção para mais um crime de sangue. Falamos mais um, pois nas páginas deste prestigiado jornal da cidade de São Paulo, naquele início de século, é possível encontrar muitas notícias de crimes envolvendo honra, ciúmes, vingança, rixas, desafetos. O jornal também divulgava variadas notas sobre os crimes de contravenção e aqueles que costumam ser designados como crimes dos costumes. Pelas páginas desse periódico, é possível perceber uma farta quantidade de notas criminais agrupadas nas colunas dos “Factos Diversos” e crônicas policiais. Notícias como esta povoam a chamada ‘grande imprensa’ no início do XX, na *Bela Época*, em que a presença constante de crimes passionais, por vingança e traição ganhavam visibilidade. Assim também acontecia no jornal *A Gazeta* que, com sua própria estrutura narrativa, também contava as tragédias cotidianas.

As notícias criminais que esses jornais narravam situam-se no momento da transformação da imprensa, como já apontamos, momento também em que a estrutura interna de alguns deles se alterava.

1.1 *Correio Paulistano e A Gazeta: breve histórico*

Foi no curso da passagem do XIX para o XX que uma grande quantidade de periódicos surgiu na cidade de São Paulo e o que se viu foi não apenas a concorrência entre eles, mas a variedade de informações que traziam sobre eventos da cidade, do país e do mundo. Nessa conjuntura do início do XX, a imprensa começava a passar pela modernização tanto na forma, no aspecto e na configuração, quanto pelo conteúdo, com novas temáticas a serem narradas. Grande parte dos jornais até o XIX fazia um jornalismo mais político e literário, em que o ‘homem das letras’ era o difusor das ideias. Na sua grande maioria, os jornalistas ou redatores como se coloca nesse tempo tinham formação nas Letras e geralmente eram Bacharéis em Direito. Frequentavam as Academias e tinham posicionamento político mais bem manifesto. Publicavam livros e o ato de escrever no jornal era ‘uma coisa menor’, visto até como ‘alguém que não teve sucesso no meio literário e foi escrever no jornal’. Nessa época em que variados periódicos eram publicados, indagava-se qual seria o papel e a função do intelectual. Eleutério (2011) aponta que discutir as qualificações e

¹⁹ *Correio Paulistano*, 06/abr/1910, p.3.

habilidades era uma necessidade nesse contexto de transformação da escrita, impactada pelas transformações técnicas e de reprodução, o próprio ‘fazer literário’ se alterou com o periodismo.

João do Rio achou pertinente incluir no questionário que submeteu às figuras mais detacadas da República das Letras, a seguinte questão: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator Bom ou Mal para a arte literária?” Apesar das respostas terem variado significativamente, as redações estavam abertas e ofereciam pagamento. A modernização que barateou o custo do impresso, tornou possível o lançamento de um sem-número deles, o que se fez acompanhar das novas oportunidades, para os que desejassem sobreviver do trabalho da escrita. Criava-se o mercado jornalístico. *O Jornal do Commercio* pagava entre 30\$000, 50\$000 e 60\$000 a colaboração. Em 1907, recebiam ordenados mensais Bilac na *Gazeta de Notícias* e Medeiros e Albuquerque no *Pais*. No mesmo ano Alphonsus Guimarães recebeu a fabulosa quantia de 400\$000 na *Gazeta de São Paulo*. (ELEUTÉRIO, 2011, p.94).

Dessa forma, os literatos estavam disponíveis aos periódicos que buscavam ampliar suas tiragens e lucro, agora de forma competitiva, inclusive entre escritores. O panorama do início do XX se apresentou como um período de crescimento demográfico e urbano intensos na cidade de São Paulo, além de uma transformação política e cultural que mudou o viver e as relações na cidade. Aos desdobramentos da abolição, o tema do trabalho vinculado ao progresso, a causa republicana, eram discutidos e debatidos nos jornais, com grupos favoráveis e resistentes. A imigração foi tema corrente em muitos deles, assim como novas formas de pensar calcadas na concepção científica de mundo e novos projetos sociais que surgiam. Esses temas não passaram em vão nas páginas dos periódicos da época. Com a modernização e intensificação das comunicações a partir desse período, a circulação das ideias e as notícias chegavam com maior rapidez em lugares distantes.

Essas transformações, aliadas a ampliação do campo gráfico, dos avanços com novas máquinas nas tipografias e do aumento no mercado consumidor, favoreceram ao que chamamos aqui do início da imprensa diária ou grande imprensa.²⁰ Periódicos que possuíam melhores aparelhamentos técnicos, formas mais eficazes de organização, como sede, redação, tipografia, condições econômicas para esse sustento. A imprensa tornava-se ‘grande imprensa’, desenvolvida por essa conjuntura, e que viu no periodismo uma chance maior de mercado. Conforme nos diz Nelson Werneck Sodré (1966, p.315), a imprensa sofreu uma grande transformação e passou de produção artesanal para um caráter industrial. Segundo ele, parte da essência da imprensa se perdeu nessa mudança,

A passagem do século assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais ...cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica ... Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores. (...) ligada às transformações do país, em seu conjunto, à ascensão

²⁰ O termo ‘grande imprensa’ é apontado pelos estudiosos como impreciso e vago, mas, de modo geral, se caracteriza como aquela que possuía um conjunto de recursos tais quais: técnico, financeiro, com maior especialização e divisão das etapas do trabalho interno, com máquinas mais modernas, e que possuíam ainda funções pré-estabelecidas dentro do jornal: redator, editor, proprietário, enfim, características de uma estrutura maior que a produção artesanal, mesmo não sendo possível aferir a tiragem dos jornais, que só foi realizável a partir de meados do século XX. Aqui, usaremos a definição de imprensa diária.

burguesa, ao avanço das relações capitalistas. O jornal será daí por diante empresa capitalista. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. (...) as empresas jornalísticas começam a firmar sua estrutura. É agora, muito mais fácil comprar um jornal, do que fundar um jornal; e é ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar o jornal. (SODRÉ, 1966, p.315).

Nelson Werneck Sodré tem um trabalho extenso sobre a história da imprensa no Brasil, com detalhes de informações desde a imprensa régia até meados do século XX, sendo leitura de referência obrigatória pelas observações que fez. Sua obra traz registros de quase todos os jornais publicados e de seus fundadores. Para o autor, a imprensa era no início do século XX uma empresa jornalística, que precisava de recursos para sustentar sua estrutura empresarial, fosse ela favorável ou contrária ao poder político vigente. Ainda, segundo Sodré, o poder público entendeu essa necessidade e era preciso, então, comprar sua opinião. O autor também afirma que a imprensa diária se tornou um catálogo de publicidade sem qualquer compromisso com a informação. Podemos considerar a concepção do autor inexorável ao tratar das relações de interesses. Embora essa imprensa diária carregue interesses ideológicos e econômicos, entendemos que é preciso uma análise de abordagem mais ampla, relacionando a uma ótica cultural, que reflita a imprensa e sua produção relacionada às demais esferas da sociedade e aos sujeitos que dela participam, sejam eles produtores, apoiadores, leitores e opositores.

Um elemento importante a se destacar nesse momento da chamada formação da imprensa diária, são os anunciantes que crescem nas páginas dos jornais. Havia um universo novo de mercadorias, fabricantes dispostos a anunciar seus produtos, artigos importados, a ‘nova moda’, enfim, como nos diz Cruz (2010, p.156)

Na metrópole em formação, fabricantes e comerciantes, agentes de um mercado em acelerado desenvolvimento, encontram nos reclames o espaço de visibilidade para seus produtos. Com a virada do século, a propaganda deixa progressivamente o espaço exclusivo das publicações “comerciais” e articula-se à imprensa periódica de uma forma mais ampla. Nesse processo, o reclame transforma-se em uma das formas centrais de financiamento das publicações. O sucesso de um periódico, sua manutenção como uma publicação competitiva e estável, passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda.(CRUZ, 2010, p.156).

O crescimento e modernização da cidade, o trânsito de pessoas indo e vindo com ideias, valores e sentimentos diferentes sobre as coisas, o contato com novas culturas e costumes, a mudança da paisagem física da cidade, as demolições e construções constantes, o ritmo de crescimento promovido pelas primeiras fábricas e suas chaminés impulsionando a formação de bairros fabris, o encurtar de distâncias favorecido pelos trilhos por meio de bondes, enfim, todas essas e outras mudanças capturadas pelas tecnologias, mudam a percepção de mundo e de temporalidade. Segundo Marialva Barbosa, a entrada em cena de modernos aparelhos produziu significativa alteração no comportamento e na percepção dos que passam a conviver cotidianamente com eles e na imprensa multiplicam-se as descrições estupefatas com as

transformações que a tecnologia coloca em cena.²¹ A imprensa, inserida nessa conjuntura também vai traduzir e promover grande parte dessa empreitada moderna. Ela terá um papel fundamental na divulgação e propagação de novos valores e ideais.

O jornal *Correio Paulistano*, que tratamos aqui, foi publicado pela primeira vez em 26 de junho de 1854 na antiga rua da Constituição, depois Florêncio de Abreu e tinha sua tipografia na rua Nova de São José, número 74, atual Líbero Badaró. No início, tinha a tipografia do jornal *O Farol Paulistano*. Com o tempo, passou a ser impresso na Tipografia Imparcial, de propriedade de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, fundador do jornal, e teve como primeiro redator Pedro Taques de Almeida Alvim (NOBRE, p.49)²². Colocava-se como imparcial e sua missão era oferecer uma imprensa livre.

O Correio Paulistano, que hoje ____-cela (?) sua carreira jornalística, vem também abrir uma nova hera a imprensa desta Província. [...] forçoso é confessar-o, a imprensa não tem correspondido por um modo satisfatório á sua sublime missão. Os jornais que tem visto á luz nessa província, quase exclusivamente occupados dos interesses de sua palalidade política, e o que é mais, de questões muitas vezes pessoaes, tem transviado a nossa imprensa de seu santo ministério. [...] Nestas circumstanceas, entendemos fazer um importante serviço á nossa bella província publicando o CORREIO PAULISTANO, cuja missão é de offerecer uma IMPRENSA LIVRE. A sociedade, o governo tem grande interesse no conhecimento da verdade, e nos offerecemos as colunas do CORREIO á discussão de todas as opiniões, de todos os pleitos. O CORREIO aspira nessa província o caráter de publicação imparcial.²³

²¹ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa. Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro, Mauad, 2010, p. 21.

²² Em seu livro “História da Imprensa de São Paulo”, Freitas Nobre traça um panorama detalhado do nascimento do *Correio Paulistano*. No capítulo intitulado *A Tipografia do Governo e o Correio Paulistano*, o autor esclarece que forçado por uma série de circunstâncias, principalmente financeiras, o jornal que se autointitulava liberal acabou cedendo à pressão política do partido conservador e a ele aderindo de maneira pública, o que fez com que perdesse muito de seu prestígio.

²³ *Correio Paulistano*, 26/jun/1854, p.1.

Ant. Roberto J. P. de Moraes

CORREIO PAULISTANO.

SÃO PAULO.

ANNO I.

N.º 1.

PATAL.

O CORREIO PAULISTANO publica-se todos os dias excepto os de guarda.
É propriedade de Marques & Irmão.
Subscrive-se no escriptorio da typographia IMPARCIAL, rua nova de S. José n.º 47.

Publica gratuitamente todos os artigos de interesse geral.
As correspondências de interesse particular pagam-se o que se convencionar.
Os annuncios dos maignages terão inserção GRATUITA, não excedendo a 10 linhas.

INTERIOR.

PREÇOS ADIANTADOS.

POR UM ANNO. 12\$000
POR 6 MEZES. 7\$000

POR UM ANNO. 16\$000
POR 6 MEZES. 9\$000

PROSPECTO.

O CORREIO PAULISTANO, que hoje inicia sua carreira jornalística, não, porém abrir uma nova era: imprensa desta provincia.

Então, forçoso é confessar-o, a imprensa não tem correspondido por um modo satisfactorio à sua sublime missão. Os jornaes que tem visto a luz nesta provincia, quasi exclusivamente occupados dos interesses de sua pauidade politica, e o que é mais, de questões muitas vezes pessoais, tem transviado a nossa imprensa de seu santo ministerio. Circuncritos a essa discussão acanhada e desagradavel as folhas puramente politicas bem depressa começam por experimentar uma especie de frieza na propria opinião que ellas se propõem sustentar.

Por outro lado, os interesses reaes da provincia, que tanto convém promover e advogar, são postos de parte, porque os interesses de partido tem tudo desaturado e confundido.

Nestas circumstancias, entendemos fazer um importante serviço á nossa bella provincia publicando o CORREIO PAULISTANO, cuja missão é a de offerecer uma IMPRENSA LIVRE. A sociedade, o governo tem grande interesse no conhecimento da verdade; e nos offerecendo as columnas do CORREIO PAULISTANO á discussão de todas as opiniões, de todos os pleitos, teremos contribuido com o nosso colega para o consequimento daq. grandioso fim.

O CORREIO PAULISTANO, pois, aspira nesta provincia o caracter de publicação imparcial, e os leitores encontrarão em

guagem da franqueza e lealdade; so assim teremos imprensa livre, acoberto das considerações que a adulteração. Se porém não realizar-mos estas vistas não o será por ausencia de esforço.

Cremos ter explicado o nosso programma.

A redacção só é por tanto moralmente responsavel pelo que for publicado sob o título especial desta folha.

O CORREIO PAULISTANO.

No dia 24 do mez que corre, as portas da cidade se abriram ao Sr. Dr. José Antonio Saraiva, e grande concurso de cidadãos concorreu á recepção da nova entidade, em cujas mãos se depositaram os destinos da provincia.

Hoje, nos paços da camara municipal, foi apresentada a carta imperial, e a solemnidade religiosa se fez ouvir, prestando o novo presidente o juramento sagrado.

Saudamos ao Sr. Dr. Saraiva, e de mimso sincero, lhe desejamos que as amarguras semeadas pela carreira presidencial desta vez não perturbem seu caminho na direcção dos negocios publicos.

Assaz precaria se tem tornado a cadeira presidencial, nos ultimos tempos. A provincia de S. Paulo, de entre as filhas do estado a mais benévola, cheia de recursos, hospitaleira, tem visto, como que por fatalidade, succederem-se os presidentes com a rapidez do raio.

E os seus interesses, e as variações do systema administrativo, e os caprichos inevitaveis em cada um desses reinados, não soffreram quebra, como resultado necessario desse preconceito que ia passa inextinguível—

que S. Paulo é o sorvedouro de presidentes?

E' fôrça, confessemos todos, que estas coisas tenham um paradeiro, que a nossa terra não ratifique o conceito de indomita e ingovernavel.

Com que meios? Suffocando as tendencias egoistas do partidario, antepondo a utilidade publica ao interesse domestico, evitando a divergencia no proprio credo que se alimenta, coadjuvando o governo, emquanto este nome merecer, para que os negocios publicos, que são nossos negocios, não sejam lançados ao olvido para se considerar essas rixas intestinas, que nos dilaceram.

Na presidencia que hoje chegou a seu termo temos o exemplo que cumpre arredar.

Veio um cidadão honesto collocar-se á testa de seus negocios, empregou esforços que, ainda que o quizessemos, não poderíamos esquecer. Invidou enfim as suas forças para que a inconveniencia de sua marcha so lhe pude se ser imputada.

Mas veio a estrella negra da eleição, contra ella não ha a lutar.

E esse homem, breve vai mar em fóra, levando de nossa provincia a verdadeira imagem da desorganisação da associação partidaria.

Que elementos pois vem encontrar a nova governança? Um partido desunido, muitos de seus membros feridos da peleja senatorial, esquecendo o nosso futuro, que risonho pode ser.

E o outro? Como que morto pelas novas ideas da situação, separado da scena publica, soffrendo a desorganização da flor de seu exercito, não podendo entorpecer qualquer marcha que se venha estabelecer na provincia.

Por outro lado uma provincia opulenta, com os germens de grande

Num primeiro momento, logo após a sua criação, sofreu influências das mudanças literárias, econômicas e políticas, principalmente, quando necessitou aliar-se ao governo por questões financeiras. Segundo Nobre (1950, p.45),

Em dezembro de 1859, o presidente da Província, José Joaquim Fernando Torres, assinou com o fundador-proprietário do 'CORREIO PAULISTANO', o seguinte contrato para a publicação dos atos oficiais e segundo o qual:

« 1º - Obrigava-se o atual empresário a conservar o formato do CORREIO PAULISTANO e elevá-lo, caso julgasse o governo necessário, para imprimir todos os atos oficiais da presidência, o expediente do Tesouro, artigos e memórias relativos á lavoura e indústria[...];

« 2º - Imprimir relatórios da Presidência, Balanços, Orçamentos, Atos e Protestos da Assembleia Provincial[...];

« 3º - receber em sua casa, vestir e ensinar a arte tipográfica a dois educandos do Seminário Sant' Anna, até que adquirissem habilitações para substituírem por si mesmos;

« 4º - O empresário receberia para pagamento dos trabalhos mencionados a quantia de 10:000\$000 réis, por ano em prestações mensais, e o adiantamento, de igual quantia, de que tratava o art. 39 da referida lei, a prazo de 6,12,18 meses em prestações iguais; [...].(NOBRE, 1950, p.45)

Percebemos por essas informações que o jornal, logo de início, esteve atrelado ao governo exclusivamente para a veiculação de informações oficiais. A contradição em tal mudança era atenuada pelo contexto político vivido, então, pela monarquia. Nessa época, vigorava uma política nacional de entendimento e equilíbrio de disputas entre os partidos Liberal e Conservador. Já, em fins do XIX, após a fundação do Partido Republicano, o jornal apoiou a causa abolicionista. Como diz Schwarcz (2008, p.66), essa indecisão reflete o meio em que se encontrava e para o leitor atual se torna difícil compreender e localizar a que grupo político o jornal se ligava, já que foi conciliador, conservador, liberal, republicano. Por esse período, foi transferido da rua do Rosário para a Rua XV de Novembro e passou a ter uma tiragem diária. Estar situado à rua Rua XV de Novembro tinha uma peculiaridade, pois esta era tida como, até o século XIX, o local onde se encontravam lojas de armarinhos, secos e molhados e pequenas oficinas, um local conhecido pelo fluxo grande de pessoas e comerciantes e, a partir do século XX, passou a ser o lugar das lojas mais 'chics', casas importadoras, confeitarias, cafés, tornando-se um dos locais prediletos dos passeios elegantes e do "footing".

Segundo Americano, a região da rua XV de Novembro oferecia opções de cafés e guloseimas, além de produtos finos. “Era comum sair de casa depois de jantar para ir a alguma confeitaria na cidade, tomar sorvetes. A ‘Pauliceia’ tinha sido a principal, na Rua XV de Novembro. Tinha espelhos dos dois lados, e o reflexo recíproco estendia as imagens dos candelabros de cristal até o infinito” (AMERICANO, 1962, p. 37). Estar nessa localidade representava uma condição econômica melhor e de boa visibilidade para este jornal que crescia. O periódico passou a ter maior quantidade de trabalho o que obrigou a aumentar o número de pessoal e a criar melhoramentos para essa demanda, como o próprio escritório permanente para a redação dos anúncios e das publicações. Fundado o Partido Republicano Paulista (PRP), o periódico

tornou-se seu órgão de divulgação e, em 1874, foi comprado por Leôncio de Carvalho, adotando uma linha reformista.

Durante o final do XIX, o jornal teve participação no campo liberal e conservador e, em 1882, assumiu a direção editorial Antônio Prado, banqueiro e cafeicultor paulista, que imprimiu ao jornal a orientação de defesa do abolicionismo e, posteriormente, de defesa da ordem republicana. Nascido, portanto, como um órgão de imprensa liberal e independente, logo a seguir conservador e dependente do poder político oficial da província de São Paulo, novamente liberal, abolicionista e republicano, o *Correio Paulistano* tornou-se mais uma vez oligárquico e conservador depois da República, atingindo neste período sua maioridade e prestígio juntamente com o Partido Republicano Paulista, então dirigido pelos oligarcas paulistas Manuel Ferraz de Campos Sales, Prudente de Moraes, Antônio Prado e Francisco de Paula Rodrigues Alves.

O *Correio* representou os anseios de uma aristocracia rural quando da época da abolição. Na folha do dia 13 de maio de 1888, dia oficial da abolição da escravidão, o jornal traz uma pequena nota reproduzida do Diário Popular em que Aristides Lobo escreve que ‘o momento é do abolicionismo’. Em defesa do fim da escravidão, o texto de Lobo coloca São Paulo como a Província que desequilibrou o grande monolito da escravidão e que esta deve dar impulso para a revolução política. Na sequência, traz também uma pequena nota da *Gazeta do Povo* que escreve que esperam apenas que passe pelo Senado o tema debatido sobre a extinção da escravidão, a que diz o jornal ser ‘melindroso assunto’. Somente dia 15 de maio²⁴, numa terça-feira, sua próxima edição, que o *Correio* trouxe as notícias da abolição. Na primeira página, na sua coluna de assuntos oficiais e decretos, colocou o decreto n. 3353 de 13 de maio de 1888 com o título – “Extingue a escravidão no país”.

Em seu editorial, coloca que a lei foi sancionada e que o país presenciava uma revolução social e econômica. O fato se deu sem se derramar sangue, sem arrancar lágrimas de dor. Enfatiza que foi uma solução ordeira pacífica e legal ligada à questão do trabalho. Por essas palavras, a postura conservadora fica evidente. A opção pela transição do trabalho livre era defendida dentro da lei, sem maiores prejuízos aos fazendeiros, que buscavam possivelmente garantias para sua mão de obra, minimizando prejuízos. Consideramos o *Correio* em seu estilo e visão ligado às elites oligarcas e percebemos elementos na sua narrativa que denotam tal característica. Nos assuntos do cotidiano e, sobretudo, nas notícias criminais que analisamos fica evidente a postura conservadora. Embora com uma linguagem mais séria, requintada, o jornal apresenta marcas de um noticioso com tons sensacionalistas e dramáticos.²⁵

²⁴ Correio Paulistano, 15/maio/1888, página 1.

²⁵ Para sensacionalista, designamos uma narrativa carregada de dramaticidade, com vários subtítulos, uma escrita apelativa nos adjetivos.

Em 1904, quando completava 50 anos, o *Correio* produziu uma edição comemorativa com oito páginas em que lembrou seu primeiro redator, Pedro Taques, enaltecendo sua procedência, de família antiga e importante, sua formação em ciências jurídicas e sociais e também sua atuação como delegado de polícia, chefe de polícia interino, promotor público na capital e deputado provincial. Lembrou inúmeros colaboradores e traçou uma ‘memória histórica’ do periódico. Anunciava melhoramentos técnicos,

Nossos Machanismos – O grande prelo rotativo e os machanismos de steriotypa que o Correio Paulistano hontem inaugurou foram encommendados em janeiro deste anno, por intermedeo da conhecida casa Vanorden & Comp., à fabrica de Koenig & Bauer , Würsburg, na Baviera. Dotados dos mais modernos aperfeiçoamentos, até agora conhecidos, esses mechanismos são além de extremamente elegantes, de uma precisão admirável. O prelo principalmente, de formato por completo diverso, das conhecidas rotativas Marinoni, é uma peça grandiosa que encanta a todos que o contemplam, mesmo quando immovel. [...] A capacidade do prelo é uma tiragem até oito paginas e de 16.000 exemplares por hora, sendo cada grupo de cincoenta exemplares annuciado por um tympano automático.²⁶

O jornal segue detalhando as características físicas da máquina, como foi montada, a destreza do engenheiro mecânico que nela trabalhou, esclarece sobre a fábrica situada na Alemanha, e sobre seu inventor. Destaca que o jornal é ‘ferrenhamente político e legitimista’, mas ama a crônica leve e frívola. Numa coluna com o título *Chronicas*, o redator poeticamente descreve as crônicas como narrativas agradáveis ao público, ‘palatáveis’, ‘saborosas’, e que se fazem necessárias ‘nas colunas menores dessa folha’. Assim, em suas páginas de aniversário dos seus cinquenta anos, descreve a trajetória de sucesso do *Correio*, buscando assinalar a relevância do jornal na história da imprensa de São Paulo e da própria cidade. Nessa data, o logotipo do jornal passou a ser outro, com fonte menos rebuscada, mais simples, com ar mais moderno. Já, com essas melhorias técnicas, consideramos que o *Correio Paulistano*, de fato, apresentava características de um jornal empresa, pelo seu aumento do uso de máquinas modernas e caras, visto serem importadas e necessitarem de mão de obra especializada para sua montagem, e pela ampliação das páginas. Com isso, consolidou-se como um jornal de tiragem diária, com melhor qualidade gráfica, imagens sejam algumas fotografias ou mesmo gravuras e desenhos.

Nas notícias de crime apresentadas pelo *Correio*, muitos dos sujeitos descritos aparecem caracterizados de forma negativada e nos levam a concluir pelo preconceito. Ao tratar de um crime ‘no cortiço’ ou de um conflito ‘num botequim’ ou mesmo afirmar que o crime ocorreu ‘durante um ‘samba’, o jornal indiretamente constrói uma percepção de lugar e sujeitos. Mais até que uma construção preconceituosa, o jornal qualifica os sujeitos e tece um julgamento para seu leitor de valores em consonância com a ‘modernidade’. Essa reflexão é percebida não apenas nas notícias que povoam as páginas do periódico, mas em seus editoriais, quando valorizam a ciência em suas narrativas, os avanços da medicina que se faziam sentir nas prática higienistas e sanitárias, que fundamentam um novo tipo de viver urbano.

²⁶ *Correio Paulistano*, 14/jul/1904, p.2.

Nas transformações que os jornais sofriam de imprensa artesanal para imprensa industrial ou empresarial de caráter mais informativo do que opinativo e literário, as publicações diárias apresentam um novo olhar para a cidade em transformação, buscando apagar modos de viver que já não têm espaço na modernidade.

A prática da leitura pode ser individualizada ou coletiva, não há muito controle sobre sua leitura, que pode ser em locais públicos ou privados. Ler é uma experiência particular, não importando muito a ‘ordem’, há quem se interesse mais pelos anúncios de compra e venda enquanto outros preferem as notícias políticas, da moda ou esportivas. Muitos lêem o jornal em ordem aleatória, em pedaços e, há ainda quem o leia integralmente. Fora isso, há aqueles que lêem e propagam o que leram em rodas de conversas, bares, fábricas ou encontros entre amigos, portanto, ao produzir a notícia, não se sabe ao certo como a leitura se dará, mas aposta-se na propagação de ideias e valores. É nesse momento que quem escreve busca encontrar um espaço de interesse para determinadas notícias, usando recursos diversos, como a escrita, a escolha de títulos, sua diagramação e o local escolhido para inserção do assunto. Dessa maneira, o periódico constrói elementos de uma narrativa e cria uma conexão, um vínculo, com o leitor, manifestando de alguma maneira a concepção ideológica do jornal.

Encontramos nas páginas do periódico, no período aqui delineado, seu posicionamento político. Na edição de 02 de janeiro de 1910, observamos na capa, abaixo do nome do jornal, a expressão “Orgão do Partido Republicano” e, ao lado esquerdo na primeira coluna, “Boletim Republicano”. Com a República, quando em seguida empreendeu campanha pela constitucionalização, muito ligado à política do Partido Republicano Paulista, o caráter progressista no jornal foi decaindo e o *Correio Paulistano* se manteve na linha conservadora, defendendo o sistema oligárquico. Com essa linha, o jornal viveu bons momentos, em consequência do prestígio que tinha junto ao Partido Republicano Paulista. No ano de 1904, período em que, já sob a direção de Herculano de Freitas, o jornal passou a ser o primeiro paulista impresso por rotativa. Amélia Cohn, em verbete sobre o diário no ‘Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930’, destaca o governismo do *Correio Paulistano*, que se manteve ao longo das três primeiras décadas do século XX.²⁷

O *Correio* colocava em destaque temáticas relacionadas à ciência e higiene nesse momento, artigos que valorizavam os conhecimentos científicos no combate às moléstias e o destaque da higienização tanto dos espaços quanto pessoal, como por exemplo, em seu editorial do dia 25 de agosto de 1910, num artigo sobre a “Conferencia da Syphilis”, em que foram apresentados os métodos científicos de tratamento e novos medicamentos, já em 1911, destacou sob o título do Alcoolismo, uma notícia em que apresentava pesquisas e experimentos feitos em Nova Iorque, com base em métodos científicos que prometiam ‘curar o alcoolismo’. Defensor da ordem e progresso, lema republicano, constrói nas notícias miúdas e, sobretudo,

²⁷ COHN, Amélia. *Correio Paulistano*. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coord.) **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**, vol. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

no artigo-de-fundo, o comentário como o ‘ponto de vista’ institucional. Este último não deixava de ser uma notícia informativa e opinativa em um só tempo.

Esse texto, de linguagem impessoal e persuasiva, buscava transformar a opinião em uma verdade. Em editorial do dia 01 de janeiro de 1911, ao explanar sobre o modo como Portugal proclamou a República, o *Correio* não só valorizava e enaltecia a posição do exército como colocava que esta instituição era importante na manutenção da ordem e do apaziguamento entre as classes sociais, bem como engrandecia a forma como a ‘revolução’ procedeu e o quanto a manutenção da ordem era importante para a nação. Na passagem do dia 3 para o dia 4 de outubro de 1910, o Exército, a Marinha e o Partido Republicano português proclamaram a República. Com o título “Da Nossa Terra”, uma alusão às nossas origens e herança cultural, o *Correio* explanava a importância do exército,

(...) entre todas as classes sociais uma há que representa, como elemento preponderante de ordem, um papel muito especial: o exército. [...] O movimento revolucionário de 4 e 5 de outubro, que libertou a pátria portuguesa d’um regime que a comprometia, foi, sem dúvida um acto benemérito de emancipação e justiça social que nos reabilitou perante o mundo e ficará inscripto em letras ---- no registro imparcial da História. Este movimento constitui a mais eloquente e soberana demonstração da vontade nacional. [...] a obediência devotada e consciente, condição indispensável nos exércitos modernos – e pela qual cada um cumpre aquilo que é obrigado. [...] Uma outra prova bem concludente d’este espontâneo sentimento geral de respeito pela normalidade e pela ordem é o que se está passando com as grandes colligações operárias, que nós, ‘a franceza’, denominamos greve’. A medida como as classes trabalhadoras, que se estavam deixando levar imprudentemente pela sua irreprimível ânsia de reivindicações, foram compreendendo a inoportunidade destes seus movimentos enquanto se não conciliadas a República, logo também foram, gradualmente moderando as suas exigências, fazendo pausa nos seus protestos, resignando-se a continuar a sua vida de relativa privações e reservando para mais tarde a conquista legítima de seus direitos. [...] Quer-me parecer que, assim, Portugal possui hoje o que, na legislação sobre o assunto, há de mais avançado e mais perfeito.²⁸

Sobre a última parte da narrativa, o jornal se refere ao regulamento que o governo português definiu juridicamente sobre a greve nos setores de serviços públicos, que era proibida, a qual o jornal apoiava. E ainda apontava um outro princípio da lei portuguesa, muito ‘simpático’, segundo ele,

(...) a obrigação do annuncio da colligação, em determinadas hypoteses, à auctoridade administrativa, “com a definição dos seus fundamentos, e a fixação precisa de seus objectivos”. Dessa forma patrões e operários definirão bem aquillo que pretendem, não mais haverá essas reclamações tumultuarias e chaóticas que tantas vezes que prejudicam a solução dos movimentos grevistas, e não haverá em suma (____) da greve, essas chispas vehementes de paixão, que tantas vezes levam á desordem e ao sangue.²⁹

O *Correio* apresenta na introdução da sua narrativa o tema da participação do exército como uma força ordeira na condução do regime republicano, aquele que representava de forma homogênea as classes sociais e os desejos da nação, conduzindo o país para um patamar de desenvolvimento. Atribui a ele um

²⁸ *Correio Paulistano*, 01/jan/1911, p. 1.

²⁹ *Idem*.

ato benemérito que ficará marcado na história do país. Sobre as greves operárias naquela conjuntura portuguesa, o jornal aponta que precisam estar em consonância com a República, e que os operários e demais trabalhadores precisam submeter-se à sua vida de privações e renunciar temporariamente à luta. Caracteriza as reivindicações dos trabalhadores como atos exagerados e que põem em risco a ordem e a normalidade, por isso, precisam ser comunicadas, explicadas, justificadas antes mesmo de ocorrerem e ainda informadas às autoridades e patrões, ou seja, submeter a liberdade de expressão e reivindicação ao controle da autoridade política e econômica, para não levar a sociedade à desordem. Essa visão de controle social, ordem e legalidade se encontra também presente nas notícias da cidade de São Paulo, ao tratar da desordem social de determinados sujeitos, de atitudes identificadas pelo jornal como desordeiras.

Na mesma edição, na página 3, na coluna “Factos Diversos”, o *Correio* traz uma pequena notícia entre operários sob o título “Agressão traiçoeira”,

No bairro da Mooca – A navalha – Ferimento grave

João Accarino, operário, empregado na fábrica de tecido Regoli Crespi, á rua da Mooca sahindo ontem a 1 hora da tarde desse estabelecimento, foi traiçoeiramente agredido por um seu companheiro de trabalho, que lhe vibrou profunda navalhada no pescoço. Praticado o crime, o agressor, cujo nome a victima declarou ignorar, poz-se logo em fuga, não conseguinda a policia captural-o, até agora. Accarino foi logo removida para a Repartição Central da Polícia, onde o submeteram a exame de corpo de delito. O seu estado foi considerado grave. Está aberto inquérito policial.³⁰

Seguiam outras notícias,

Entre Operários - Por desavença gerada por ciumes de profissão, brigaram hontem Rodolpho Capurra e Francisco Tosta, ao serviço de uma casa de construção, á rua da Liberdade nº 20. Tosta deu uma formidável dentada na mão de Capurra sendo preso em flagrante e recolhido ao xadrez do posto policial da segunda circunscrição.

Repressão a Vadiagem – O dr. Euclides Silva segundo delegado de polícia, iniciou hontem processo contra o indivíduo Luiz de Freitas, como contravento do Art. 399 do Código Penal.³¹

As questões presentes nas pequenas notícias de linguagem direta e com certa brevidade informam o leitor sobre a violência relacionada a certos grupos. O quantitativo de pequenas notícias a respeito da prisão de vadios e das brigas entre operários ou imigrantes é alto nas páginas do jornal *Correio*. Elas estão presentes nesse dia a dia.

Outro periódico tratado aqui, *A Gazeta*, um vespertino que nasceu em São Paulo, em 1906, sob a direção de Adolfo Araújo, simpatizante do Partido Republicano Paulista, surgiu com o espírito republicano e nos moldes dos jornais do século XIX, com muito texto e pouca imagem. Situava-se na rua XV de Novembro, n. 33, onde tinha a redação, a oficina e a administração, endereço que era sinônimo do glamour e desenvolvimento. Trazia seções fixas de economia, política, saúde e literatura. Foi o primeiro a trazer na

³⁰ Idem, p. 3

³¹ *Correio Paulistano*, 27/ago/1910, p.4

cidade a reportagem fotográfica. Desenvolveu campanhas políticas, sociais e econômicas, “pela valorização do café, pelo ressurgimento agrícola, pela campanha presidencial de Albuquerque Lins ao estado, contra a implantação do militarismo.”³² Seu diretor Adolfo Araújo era poeta simbolista e formado em Ciências Jurídicas pelo Largo São Francisco. Ainda em fins do XIX, fundou o jornal *Vida de Hoje*³³ que funcionava na Rua Direita, n. 9, com literatura, poemas e crítica a personalidades e costumes da época.



Jornal A Vida de Hoje – 1º exemplar, página 1 (12/09/1897)

³² A Gazeta, 16/maio/1912, p.1

³³ Vida de Hoje 12/set/1897.

Em suas palavras,

...essa é uma folha de combate, independente, desligada de preconceitos sectários, refratária, à ação dos interesses...Essa folha propõe-se a ser antes de tudo comercial e informativa e, muito embora o seu diretor manifeste pessoalmente pendores por este ou aquele agrupamento político, a sua orientação obedecerá à mais inflexível e à mais rigorosa isenção de ânimo enquanto concernir aos litígios partidários.³⁴

Apesar do jornal *A Gazeta* buscar uma linha editorial ‘isenta’, Adolfo Araújo era simpatizante do Partido Republicano Paulista. Com uma linha conservadora, as páginas do jornal traziam relatórios do governo e das secretarias do Estado. Em editorial do dia 22 de maio de 1915, *A Gazeta* rebateu críticas do jornal *O País*, do Rio de Janeiro, que a acusava de ser ‘vendida ao governo’. Com o título “Assalariados, não!”, o jornal enumerou as razões pelas quais tinha em suas páginas informações e publicações do governo:

Todas as vezes que os nossos antagonistas se sentem incapazes, por falta de talento dialectico ou pela evidência irrecusável dos factos, de oppôr uma contestação victoriosa e formal aos nossos raciocínios nos assacam invariavelmente a pecha de assalariados.

O Paiz não quis forrar-se a essa chapa infame e sedição, que, alias, que poderíamos ter sempre nos bicos de penna, para devolver com ruidosos esplendor de phrase aos que nos injuriam. [...] Por que é que somos vendidos ao governo? Que facto da nossa vida jornalística justifica esse labeo miserável? Onde esta o acto, o gesto, o deslize da nossa carreira que tal opróbio evidencêe? Si o ex-laureado orgam de Quintino Bocayuva, hoje transformado em petisfera coloca vagabunda onde massivas anonymos vertem o acido úrico de seu despeito charro, entende que o facto de apoiarmos uma situação politica e seus paladinos importa em mercenarismo supõe uma remata tolice ou julga os outros por si. [...] As repartições públicas, cujo camiho o “Paiz” tão bem conhece, ali estão abertas á sua pesquisa castigadora. Requeira certidões, inquéritos, vascoleje escaninhos de informações. E traga de lá p edicto condemnatorio para nos fulminar, na certeza de que no dia em que tal acontecer – sob a palavra affirmamos – quebraremos a penna e nunca mais rabiscaremos uma linha para o publico. A gerencia da Gazeta não têm outras relações financeiras com as secretarias de Estado e isto mesmo com duas apenas – que não sejam relações licitas de publicações montam a soma tão ridícula, em relação ás despesas do nosso jornal, que a falta dellas, em nada alteraria o orçamento desta empresa que conta dez annos de existência e que se fez solida pelos esforços do seu proprietário, graças aos favonios da prosperidade que sempre bafejaram entre nos todos os ramos de trabalho bem dirigidos. [...] As contas que recebemos do Tesouro são as mesmas que percebem os outros jornaes, sendo que alguns como “O Estado” e o “Correio Paulistano” e a “Platea”, que se acham nas boas graças de todas as quatro secretarias, auferem muito maiores vantagens nesse capitulo das finanças particulares. [...] Abra o “Paiz” o seu Inquerito e há de verificar que as sympathias da “Gazeta” pelo Partido Republicano Paulista e pelos cidadãos que o representam na administração publicação não apenas independentes, mas tradicionais. Ellas datam do tempo em que o seu director, paupérrimo e sem receber um vintém, mas tão somente por convicção e amizade, batalhava com a sua penna obscura, ao lado dos srs. Herculano de Freitas, Carlos de Campos, Rodrigues Alves Filho e do pranteadissimo Antonio de Godoy, na defesa do governo do inolvidável sr. Bernardino de Campos, e na dos seus companheiros de situação ferozmente atassalhados por uma opposição sem entranhas que aqui se formava.³⁵

Com essas palavras, a *Gazeta* não apenas esclareceu que sua relação com o Partido Republicano Paulista vinha de longa data, era uma relação muito mais tradicional do que financeira, assim como o apoio ao governo de Bernardino de Campos, importante político, um dos fundadores do partido Republicano

³⁴ A Gazeta, 16/maio/1912, p.1.

³⁵ A Gazeta, 22/maio/1915, p.1

ainda na década de 1870, que articulou candidaturas e se colocou em oposição ao governo provisório de Deodoro da Fonseca, logo após a proclamação da República. Tinha, como muitos de sua época, formação no Largo São Francisco e foi jornalista de *O Paiz* e chefe de polícia até 1890.

Adolfo Araújo ficou à frente da *Gazeta* até dezembro de 1915, quando faleceu. A partir daí, seu irmão José Pedro de Araújo, médico, administrou provisoriamente a publicação e o imóvel, conseguindo vender os bens de Araújo para o advogado João Dente. Durante breve tempo, entre 1915 e 1916, Dente ficou à frente do jornal e os redatores eram Couto de Magalhães e Antônio Augusto Covello. Em 08 de novembro de 1916, a *Gazeta* informou a mudança de direção, que passava a Covello, e sinalizou a mudança de propriedade e também de sua estrutura. Encontramos em seu editorial,

Mudando hoje de proprietário, A GAZETA muda também de orientação. Não tem a menor ligação com o passado, salvo o nome com que há dez annos appareceu. Póde dizer-se por isso que, aprofando para outro rumo e remodelada na sua feitura material, é uma força nova, que vem occupar um posto vago na imprensa de S. Paulo, onde há logares de sobejo para, quem quizer fazer jornaes honestos. E o objectivo que collimamos é exactamente o de reverenciar, na sempre nobre profissão, o apostolado dos princípios através da calma e segura orientação, a par desse outro fim dos diários modernos e que consiste inteirar o leitor, quanto possível, das noticias, telegramas e informações que o possam interessar. A GAZETA não tem dependências partidárias, nem acentuadas sympathias por este ou aquelle grupo politico. E esta circumstancia basta por si só para armal-a de indispensável parcialidade, com que abordara, sempre que for mister, os actos do governo e os problemas socaes de maior oportunidade, encarando-os e analysando-os sem outro desejo sinão o de collaborar nitidamente com os poderes públicos em todo quanto depender de sua intervenção. Imparcialidade não quer dizer opposição, mas sinceridade de apreciação [...] Isto significa que louvaremos e censuraremos aquelles e aquilo que, do nosso ponto de vista, merecem encômios ou reprovação.³⁶

Com essas palavras, o novo proprietário e diretor do jornal afirmou abertamente que o jornal mudava de postura, iniciava uma nova etapa, pois se afastava do passado e apontava para outro ‘rumo’, outro direcionamento, que não apenas material, como afirmou. O grande objetivo agora seria o de inteirar o leitor nos assuntos de interesse sem dependências partidária. Escolheu selecionar o que for interessante ao público e também ao próprio jornal. Ao mesmo tempo em que se introduziam modificações formais quanto à paginação e ao conteúdo do jornal, novos colaboradores foram se apresentando, Carlos de Laet, Abner Mourão, Silvio Romero, Brício Filho, Campos de Mourão, Coelho Neto e Oliveira Lima. Percebemos essa mudança no aspecto gráfico e também na sua mensagem como “Jornal Independente”. Meses depois, já em abril de 1917, tal slogan desapareceu e deu espaço para o nome do mais novo diretor-proprietário, Antônio Augusto Covello e sua sede foi transferida para a Rua Líbero Badaró, no edifício Maurice Levy. Nesse tempo, durante a I Guerra Mundial, a *Gazeta* apoiou Rodrigues Alves e se posicionou ao lado do grupo dos Aliados, defendendo o rompimento de relações diplomáticas com a Alemanha. Nesse ano de 1917, A *Gazeta* deu prioridade para as notícias da I Guerra.

³⁶ A Gazeta, 08/nov/1916, p.1.

A partir desse momento, o jornal passou a dar mais ênfase aos acontecimentos na guerra e em seu editorial se destacava a narrativa sobre os esforços dos países aliados em oposição a Alemanha. O jornal veiculava inúmeras notícias sobre imigrantes alemães na coluna intitulada “Boatos a esclarecer”, cujos temas se referiam ao cotidiano deles na cidade, suspeitas de espionagem, o trabalho nas repartições públicas. Percebemos tais notícias nas edições de 5, 19, 20, 21 de novembro de 1917, porém, nesse momento, o jornal informava sobre a censura que se iniciava mais intensa em alguns jornais. A *Gazeta* afirma que órgãos da imprensa começavam a ser censurados. Na sua edição de 19 de novembro, logo na capa do jornal, tem-se a manchete “Acontecimentos de Santa Catharina” e explica que,

A imprensa do Rio de Janeiro e os acontecimentos de Santa Catarina referidos pela *Gazeta*. O cliché que estampamos reproduz um canto da terceira página da “*Gazeta de Notícias*”, de hontem. Que teria noticiado o matutino carioca e que a censura julgou prudente cortar da forma por que vêm os leitores? Que é que será verdade? As legendas das duas gravuras que se destaca no início das colunas em branco e que imprudentemente foram conservadas não deixam dúvidas a esse respeito. Si as gravuras representam uma vista de Blumenau, e a outra de Joinville, é porque Blumenau e Joinville estão em evidência. Qualquer cousa de extraordinário ocorreu nas duas cidades catharinenses, para que a *Gazeta de Notícias* se lembrasse dellas, dedicando-lhes um espaço precioso no jornal. Ora, noticiamos em telegrama [...] deram-se ali factos gravíssimos, provocados pela sublevação da linha de tiro alemão da localidade, afirmando-se que foram mortos numerosos brasileiros. A *Gazeta de Notícias*, com certeza, divulgou os mesmos factos, pois de outro modo, a censura não seria tão in(____). Esses factos são verdadeiros ou falsos? A sublevação deu-se ou não deu-se? A censura é rigorosa demais para que se possa sahir dessa dúvida atrás. (A *Gazeta*, 19/nov/1917, p.1)

A própria *Gazeta* também sofreu com a censura em edições seguintes em algumas de suas páginas. Todas relacionadas à questão dos alemães no Brasil. No dia 21 de novembro do mesmo ano, A *Gazeta* colocou em sua primeira página o título “A estreia da censura na imprensa de S. Paulo - Censura e a Imprensa”, juntamente com charge, aspectos da censura que alguns periódicos sofriam, inclusive, o *Correio Paulistano*. Diz ela “ Começou hoje a exercer-se a censura oficial na imprensa. O *Correio Paulistano* – quem diria que a estréia seria do órgão oficial – já apareceu com pedaço de coluna em branco” (A *Gazeta*, 21/nov/1917, p.1).



A GAZETA



ANNO XII

1917

Director-proprietario: A. A. DE COVELLO

S. PAULO - QUARTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 1917

NUM. 3.550

OLIMPIADAS

O jogo de futebol foi o primeiro a ser jogado no Brasil, e a primeira partida foi jogada em 1908, entre o Fluminense e o Botafogo. Desde então, o futebol tornou-se o esporte mais popular do Brasil, e as Olimpíadas de 1916 em São Paulo foram a primeira vez que o Brasil participou de uma Olimpíada.

As Olimpíadas de 1916 em São Paulo foram a primeira vez que o Brasil participou de uma Olimpíada. O Brasil enviou uma delegação composta por atletas e técnicos, e participou de várias modalidades, incluindo futebol, atletismo e tênis.

O Brasil teve um desempenho modesto nas Olimpíadas de 1916, mas a participação foi considerada um sucesso para o país. A delegação brasileira foi bem recebida nos Estados Unidos, e o Brasil ganhou a medalha de ouro no futebol feminino.

O Brasil teve um desempenho modesto nas Olimpíadas de 1916, mas a participação foi considerada um sucesso para o país. A delegação brasileira foi bem recebida nos Estados Unidos, e o Brasil ganhou a medalha de ouro no futebol feminino.

O Brasil teve um desempenho modesto nas Olimpíadas de 1916, mas a participação foi considerada um sucesso para o país. A delegação brasileira foi bem recebida nos Estados Unidos, e o Brasil ganhou a medalha de ouro no futebol feminino.

O Brasil teve um desempenho modesto nas Olimpíadas de 1916, mas a participação foi considerada um sucesso para o país. A delegação brasileira foi bem recebida nos Estados Unidos, e o Brasil ganhou a medalha de ouro no futebol feminino.

O Brasil teve um desempenho modesto nas Olimpíadas de 1916, mas a participação foi considerada um sucesso para o país. A delegação brasileira foi bem recebida nos Estados Unidos, e o Brasil ganhou a medalha de ouro no futebol feminino.

O Brasil teve um desempenho modesto nas Olimpíadas de 1916, mas a participação foi considerada um sucesso para o país. A delegação brasileira foi bem recebida nos Estados Unidos, e o Brasil ganhou a medalha de ouro no futebol feminino.

O Brasil teve um desempenho modesto nas Olimpíadas de 1916, mas a participação foi considerada um sucesso para o país. A delegação brasileira foi bem recebida nos Estados Unidos, e o Brasil ganhou a medalha de ouro no futebol feminino.

NOTAS E COMENTÁRIOS

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Uma nota de A. A. de Covello, diretor-proprietário da A Gazeta, sobre a situação política do Brasil e a importância da imprensa.

Brasil-Allemanha

A acção da nossa policia contra a espionagem

A primeira secretaria da Cruz Vermelha Brasileira é... austriaca

A SEGUNDA CONFERENCIA PATRIOTICA DO DR. ELOY CHAVES

A estréia da censura na imprensa de S. Paulo

CONTRA A ESPIONAGEM

Uma reportagem sobre a acção da policia brasileira contra a espionagem, destacando os casos de agentes alemães e austriacos.

NA CRUZ VERMELHA

Uma reportagem sobre a primeira secretaria da Cruz Vermelha Brasileira, uma mulher austriaca.

A SEGUNDA CONFERENCIA PATRIOTICA DO DR. ELOY CHAVES

Uma reportagem sobre a segunda conferencia patriotica do Dr. Eloy Chaves, realizada em São Paulo.

A estréia da censura na imprensa de S. Paulo

Uma reportagem sobre a estréia da censura na imprensa de São Paulo, destacando os casos de jornais e revistas.

CONTRA A ESPIONAGEM

Uma reportagem sobre a acção da policia brasileira contra a espionagem, destacando os casos de agentes alemães e austriacos.

NOMES DO DIA

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.

Uma lista de nomes de pessoas e lugares mencionados no jornal.



"Campo Bello"

Uma descrição do produto "Campo Bello", um produto de higiene pessoal.

Toques & Retoques

Uma seção de comentários e notícias curtas.

Uma seção de comentários e notícias curtas.

Uma seção de comentários e notícias curtas.

Uma seção de comentários e notícias curtas.

Bento XV

Uma reportagem sobre o Papa Bento XV, destacando suas ações e declarações.

Uma reportagem sobre o Papa Bento XV, destacando suas ações e declarações.

Uma reportagem sobre o Papa Bento XV, destacando suas ações e declarações.

Uma reportagem sobre o Papa Bento XV, destacando suas ações e declarações.

Uma reportagem sobre o Papa Bento XV, destacando suas ações e declarações.

Uma reportagem sobre o Papa Bento XV, destacando suas ações e declarações.

O panorama geral que se vivia em 1917 era bem complexo na cidade de São Paulo. Colocamos aqui alguns exemplos para esclarecer possíveis relações: além das questões relacionadas à Primeira Guerra Mundial, como alto preço de alimentos, inclusive destacados pelos jornais como *A Gazeta*, o problema da carestia, temos as manifestações de trabalhadores com a Greve Geral, reação operária à excessivas horas de trabalho, carestia e estagnação dos salários. Sobre essa temática, o jornal não hesitou em escrever na edição de 10 de janeiro de 1917,

A situação dos operários é cada vez mais precária
Atravessamos uma hora gravíssima

O momento – escreveu hontem o “Jornal do Brasil” – não é absolutamente para que estejam tranquilos os responsáveis pelas coisas públicas. Por mais que não se acredite em probabilidade de uma séria perturbação da ordem, não é possível ocultar que todas as classes sociais e muito especialmente as menos favorecidas, se sentem mal, experimentam uma opressão [...] e como que procuram impacientemente uma solução para os seus males. Nem podia deixar de ser assim. Só quem, como o ‘Jornal do Brasil’ procura conhecer de perto a vida, o verdadeiro estado do povo, a verdade do momento atravessado pelos operários e por todos os humildes, pôde ter uma ideia do que vai pelo interior de um sem número de lares. O que asseguramos é que as privações tomam aspecto gravíssimo produzindo verdadeiros desesperos e inspirando revoluções as mais sinistras. A elevação dos preços dos gêneros de primeira necessidade está criando uma angústia em relação à qual não devem permanecer indiferentes os responsáveis pela governação pública. Aliás sempre mereceu a nossa condenação essa política financeira e outra cousa, nas emergências difíceis, senão recorrer aos impostos. É ela a causadora da carestia da vida e do atrofiamiento de indústrias que amparavam indivíduos. Também não extranhemos que a administração pública, vendo sombras, ande agora apavorada com sua própria obra. Não foi por falta de combate aos seus erros que os nossos financistas fizeram a nefasta obra que ahi está e que obriga permanentemente o governo a adotar regimes das mais severas precauções. Não acreditamos nos boatos ultimamente divulgados quanto a propósitos de turbação da ordem publica. O povo não possui elementos materiais para um conflito que chegue a ter interesse para todos os seus elementos. Ainda assim, somos da opinião que o governo deve meditar demoradamente sobre o aspecto desta hora gravíssima, a peor de quase o regime há atravessado.³⁷

Nesse período de 1917 da carestia, era frequente o jornal trazer essa temática, inclusive, com charges sobre o custo de vida. Em suas páginas, ele denunciava as condições dos trabalhadores, apontava com críticas o trabalho de menores e falava do aumento do preço dos alimentos e das precárias condições de vida na cidade. Solidarizava-se com os trabalhadores, mas observava atitudes de desordens como ao dizer que as condições precárias geravam “revoluções sinistras”.

Na cidade de São Paulo, o movimento tomou forma com campanha contra excessivo trabalho dos menores e muitos protestos se localizaram nos bairros operários como Brás, Moóca, Cambuci, Bom Retiro. A greve trouxe o movimento dos trabalhadores e suas condições em destaque. Como aponta Cruz, “Como em outras áreas das atividades econômicas da cidade, a paralização foi quase total e muitas categorias aderiram ao movimento.”³⁸ Além das questões econômicas geradas com a guerra e a exploração no trabalho, os movimentos anarquistas e socialistas e a própria influência da Revolução Russa, compõem um panorama muito intenso na cidade.

³⁷ A Gazeta, 10/jan/1917, p.6.

³⁸ CRUZ, Heloisa de Faria, *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência* (São Paulo 1900-1920), p. 38.

Covello permaneceu na direção até o ano de 1918, quando a empresa é vendida para Caspér Líbero.

Com a retirada do dr Covello, assumirá amanhã a direção da Gazeta o dr. Cásper Líbero, provecto advogado e distinto jornalista, que há meses vem exercendo a sua atividade nesta folha. O dr. Casper Líbero é um nome assaz conhecido da imprensa nacional, tendo sido um dos fundadores do Última Hora, vespertino que alcançou um brilhante sucesso no Rio e que, na vigência do estado de sítio da presidência Hermes, teve a sua publicação suspensa.³⁹

Com essa nova direção, o programa editorial não sofreu mudança, já que Casper Líbero passou de diretor-gerente para diretor-proprietário e Miguel Arco e Flexa secretário de redação. Segundo arquivos da Fundação Casper Líbero, nesse momento, Líbero negociou com o Comendador Maurice Levy, proprietário do prédio, a ampliação do local, uma andar para cima. O jornal continuou ‘moderno e informativo’, como dizia-se e buscando a imagem de independente. Essa independência não significava, na prática, isenção ou neutralidade política, pois Líbero apoiou os candidatos do Partido Republicano Paulista. Com relação às notícias, logo na primeira página, muitas eram referentes ao cotidiano, crimes e dramas privados, críticas sociais, charges e, na seção internacional, o apoio aos Aliados. No início da gestão de Casper Líbero, *A Gazeta* passou por dificuldades financeiras, passando o jornal a diminuir suas páginas de seis para quatro. No entanto, foi com Líbero que o jornal se desenvolveu e cresceu devido às reformas e inovações, tanto na diagramação e apresentação gráfica em cores. O período de maior desenvolvimento ocorreu entre os anos 1920 e 1950. O jornal passou a ter variadas sessões e novos cadernos a partir dos anos 1920. Observamos que suas temáticas se pautavam muito mais sobre os aspectos da cidade.

Diferentemente do *Correio Paulistano*, o jornal *A Gazeta* criou canais de comunicação com o público leitor nesse início de século XX. As modificações editoriais valorizaram mais as temáticas do cotidiano e da cidade e colocaram em evidências aspectos culturais, por isso, o jornal travou um diálogo com o público leitor, criando inúmeras enquetes e pesquisas de opinião. As temáticas das enquetes variavam de política à moda, desde a moda feminina, debate sobre o uniforme das normalistas, o que aparentemente parecia fútil e sem importância, mas, como veremos em outro capítulo, diz mais de aspectos morais e culturais. Nessas ‘pesquisas de opinião’, as mulheres escreviam cartas para o jornal concordando ou discordando de algo proposto. Outras temáticas abordadas se relacionavam com opiniões sobre o código penal e sua reforma, a volta ou não da monarquia, qual o melhor teatro para se divertir no Carnaval, por exemplo. Na edição de 01 de fevereiro de 1913, *A Gazeta* perguntava a seus leitores,

Os bailes carnavalescos

A GAZETA abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de carnaval?

O nosso concurso despertou grande interesse, a avaliar pelo número de “coupons” que hontem recebemos: nada menos de 845!

Os votos estão assim distribuídos:

³⁹ A Gazeta, 16/maio/1918, p.1

Colombo	342
Polytheama	290
Casino	163
Skating-Palace	36
Palace Theatre	14

845

Continua aberto o concurso:

DAREMOS O “CLICHÊ” DO THEATRO QUE OBTIVER MAIOR NUMERO DE VOTOS, BEM COMO O DO SEU ADMINISTRADOR.

O CONCURSO SERÁ ENCERRADO TERÇA-FEIRA PRÓXIMA, AO MEIO-DIA.

NÃO SERÃO APURADOS OS VOTOS QUE NÃO VIEREM ACOMPANHADOS DO CUPOM ACIMA.⁴⁰

Para quem se interessasse em preencher o cupom, precisaria primeiro ter um exemplar da *Gazeta*, ou seja, comprar ou adquirir de alguma maneira o jornal, preencher os dados solicitados e recortar para levar à redação. Era uma estratégia que parecia funcionar para atrair compradores do jornal, que também desejavam se divertir com a brincadeira das enquetes. Ao inaugurar a coluna de enquetes que tinham como objetivo trazer o público a ‘participar da construção da notícia’, o jornal criava uma forma de colocar o leitor a par das discussões do jornal, buscando inclusive prendê-lo, vinculá-lo e até seduzi-lo, uma vez que, para a participação das enquetes, seria necessário consumir esse jornal para saber se sua carta foi publicada, além de saber o resultado final.

Para uma comparação entre os periódicos, destacamos as transformações materiais. A exemplo do que apresentamos, observamos que o *Correio Paulistano* tinha periodicidade diária em 1900 e passou a ter maior quantidade de páginas a partir de 1905, de quatro para seis, além de sair aos domingos. Em ocasiões específicas, o jornal poderia apresentar-se com 10 ou 12 páginas. Isso ocorria quando algum membro do Partido Republicano Paulista falecia e eram prestadas homenagens do jornal, com destaque para imagens, fotos antigas, retrospecto da carreira e da vida da personalidade, como uma biografia.

⁴⁰ A Gazeta, 01/fev/1913, p.1

A GAZETA

ANO VII N. 2.077

S. PAULO - Sábado, 1 de fevereiro de 1913 - BRASIL

DO RIO

PROVAS DE UM CHAMPEONATO

Hontem, no largo de S. Bento, um automovel conduzido por um praticante de "chauffeur" apañou e feriu cinco pessoas, tres das quaes gravemente.

Um automovel conduzido por um praticante de "chauffeur" apañou e feriu cinco pessoas, tres das quaes gravemente.

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

Os bailes carnavalescos

A "GAZETA" abre um concurso para ouvir a resposta do publico a esta pergunta:

Qual é o theatro que prefere para se divertir nas noites de Carnaval?

Os bailes carnavalescos...

A Gazeta – página 1, cupons (01/02/1913).

No período da I Guerra Mundial, o jornal destacou varias informações adicionais, com novas seções, como por exemplo, "Diário da Guerra", "Vida Militar". O *Correio* foi o primeiro jornal a ser publicado diariamente e a sair às segundas-feiras com distribuição matutina. Em seu primeiro número, informava que as assinaturas anuais custariam 12\$000 na capital e 16\$000 no interior.

À medida que o *Correio Paulistano* expandia suas tiragens, divulgava venda de assinaturas, ampliava suas agências para outras cidades e estados, e mesmo aumentava o número de seus correspondentes no exterior, sua circularidade se ampliava.

CORREIO PAULISTANO

Os nossos viajantes srs. Norberto de Figueiredo, Julio Dell'Ava, e Paulo Camillo de Sá, estão percorrendo actualmente as linhas Sorocabana, Mogyana e Central do Brasil. Recomendamol-os aos nossos correspondentes e amigos. As pessoas que tomaram assinatura podem procurar desde já no escriptorio, as folhinhas e carteiras. ⁴¹

⁴¹ Correio Paulistano, 03/mar/1910, p.4.

Nesse momento, o jornal matutino possuía pequeno formato, quatro páginas e três colunas. Não possuía anúncios e logo na sua capa esclarecia sua periodicidade, “publica-se todos os dias excepto os de guarda”. Traz em destaque o local onde é impresso e que publica gratuitamente os artigos de interesse geral, mas cobra-se pelos particulares; já o anúncio dos assinantes são gratuitos, não excedendo 10 linhas. Em 1910, diluído pelas páginas do jornal, encontramos pequenos anúncios em negrito, centralizados, lembrando os leitores de que as assinaturas “até 31 de dezembro” custam apenas 21\$000 com direito a um valioso brinde. O jornal encontrava maneiras de promover interesses ao leitor para levá-lo a assinar o jornal. A escrita é corrida na íntegra, sem subtítulos e o nome do jornal com fonte simples. Em sua narrativa, anuncia o desejo de ser inovador – “abrir uma nova hera” – e buscar a neutralidade e objetividade – “interesse no conhecimento da verdade” e “ser imparcial”.

O *Correio* passou por mudanças no período aqui analisado, mesmo assim, mantinha as suas primeiras características de um jornal mais sóbrio, tanto na linguagem quanto na sua diagramação. De 1910 a 1917, o periódico teve oscilações entre 6 e 8 páginas, sendo que em datas específicas poderia chegar até a 12 páginas. Inicialmente, em 1910, trazia sete colunas, com uma escrita densa, notícias oficiais, decretos, assuntos políticos relacionados ao Congresso Nacional, muitas Notas e Telegramas do país inteiro, inclusive do exterior. Dessa forma, as três primeiras páginas eram ocupadas com tais notícias. Na página quatro, encontramos temas mais direcionados ao cotidiano da cidade, como as crônicas sociais, policiais, tribunal de júri, assuntos sobre hospedaria dos imigrantes bem como boletins sanitários e a coluna dos “Factos Diversos”, composta por notícias criminais, desastres, suicídios, desordens, prisões. Um emaranhado de notas, aparentemente ‘soltas’ para um olhar mais descompromissado, porém, como nosso objetivo é interpretar a maneira como este periódico narrava os crimes na cidade, dirigimo-nos para o olhar de correlação entre as notícias. Bahia (1972, p. 156) chama à atenção de forma bastante relevante,

(...) é importante considerar que a função de preparação gráfica não pode ser isolada num jornal, não pode ser encarada independentemente de suas finalidades editoriais. O campo exploratório do jornal não se limita às palavras, mas é extensivo às imagens. E estas devem ter uma correlação direta com a difusão das idéias. (BAHIA, 1972, p.156)

Com o crescimento e uma maior divisão interna de tarefas, editores, redatores e repórteres, noticiaristas se organizavam para a produção das matérias e na diversificação das temáticas do jornal, como o crescimento de notícias relacionadas ao cotidiano, sobre aspectos urbanos da cidade, suas reformas, situação dos bairros, dos trabalhadores, por isso, algumas seções foram ampliadas, como o espaço para os “Factos Diversos” aqui tratados, além disso, alterações em seu protocolo narrativo, contribuíram para ampliar o seu público leitor.

Sua linguagem condensada, encorpada, utilizando-se da norma culta, guarda mais “objetividade”, quer transparecer a seriedade nos assuntos e temáticas, narra os assuntos de cunho mais político

institucional, governamental, com aspectos de doutrinas e conceitos sobre a ciência, questões internacional e religiosas. A primeira página é dedicada a esses assuntos, juntamente com o Boletim Republicano. As Notas e o Congresso Legislativo já na capa, nos leva a um público mais intelectualizado, especializado, interessado nos assuntos sobre o que se passou na seção e expediente do Congresso ou da Câmara. Mas também aferimos que a primeira página do jornal tem visibilidade muito maior e como consequência os valores das publicações nesse espaço também. Podemos observar que o *Correio* tinha uma fonte de receitas de vários anunciantes de produtos diversos, lojas de produtos diversificados, como farmácias, armazéns e hotéis, casas de artigos especializados, teatros, mas órgãos públicos também.

Exmo Prs. Câmara Municipal de São Paulo

A Empresa do Correio Paulistano vem solicitar de V. Excia. as necessárias ordens para que lhe seja feito o pagamento da conta junta, de Rs. 1:283\$600, importância de publicações feitas durante o mez de Setembro ultimo, por ordem e conta dessa Secretaria.

Nestes termos péde deferimento e

E. R. Mercê⁴²

Exmo Prs. Câmara Municipal de São Paulo

A Empresa do Correio Paulistano vem solicitar de V. Excia. as necessárias ordens para que lhe seja feito o pagamento da conta junta, de Rs. 318:800, importância de publicações feitas durante o mez de Julho ultimo, por ordem e conta dessa Secretaria.

Nestes termos péde deferimento e

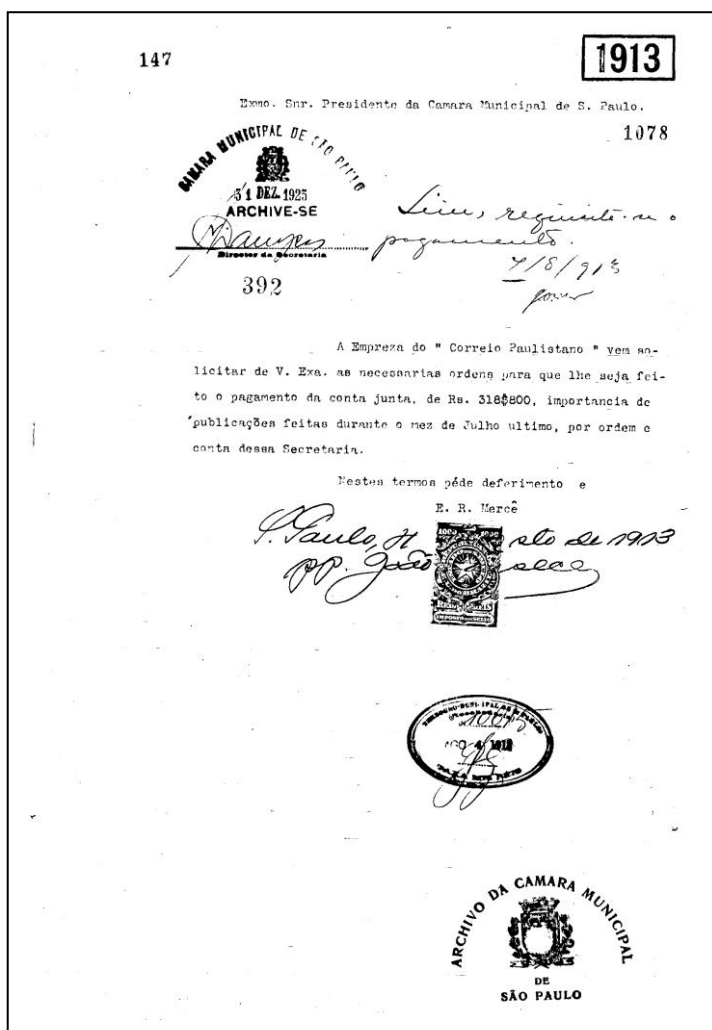
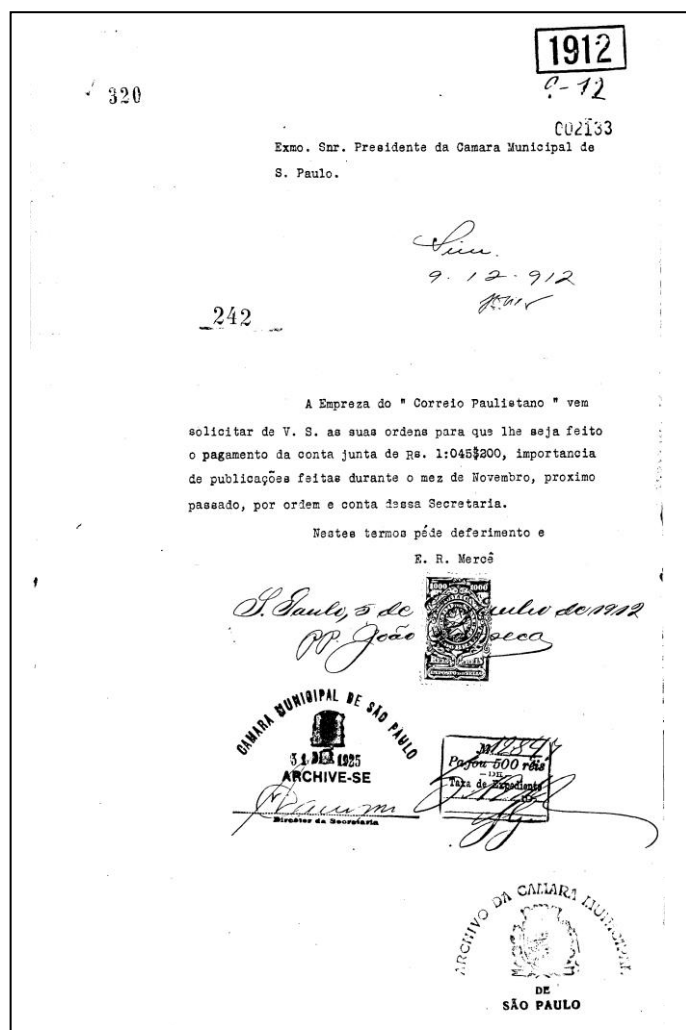
E. R. Mercê⁴³

O valor do jornal avulso em 1910 era de 100 réis com assinaturas de 30\$000 ao ano e 10\$000 ao semestre, já os anúncios variavam de acordo com o número de linhas, os chamados pequenos anúncios tinham o valor de 500 réis e 1\$000 anunciando-se três vezes, normalmente, a maior parte dos anúncios em classificados eram pequenos, percebe-se que o valor aumenta pela quantidade de linhas, quando se referia à empresas e lojas. Também proporcionava aos leitores e assinantes brindes e prêmios em dinheiro, para quem fizesse uma assinatura anual antecipada.⁴⁴ Nas páginas seguintes do jornal, seguem-se as Crônicas Religiosa e Social, com aniversários, felicitações de casamentos, condolências de mortes. Há também os Telegramas tanto do interior quanto internacionais, de assuntos variados dessas localidades. Há boletins sanitários, sobre vacinação, boletim da imigração, com a entrada de imigrantes, a quantidade que a Hospedaria recebeu e se houve partidas também. Há sempre um espaço destinado para O Café e o Câmbio, para aqueles interessados nas exportações, valores de sacas de café.

⁴² Documentos da Câmara Municipal de São Paulo, Requerimento Administrativo da Câmara (05/dez/1912). <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/documentos-historicos-2/> (acesso 02/07/2019).

⁴³ Documentos da Câmara Municipal de São Paulo, Requerimento Administrativo da Câmara (07/ago/1913). <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/documentos-historicos-2/> (acesso 02/07/2019).

⁴⁴ Correio Paulistano, 07/fev/1910, p. 6.



Documentos da Câmara Municipal (05/12/1912) e (07/08/1913)

Essas propagandas nos dão pistas sobre o público leitor, apesar de não ser tarefa fácil, grande parte da população paulistana ainda analfabeta não consumiria o jornal por meio de compra, mas talvez em leituras indiretas. Considerando a diagramação e a estrutura do *Correio*, bem como seus editoriais e grande parte de suas notícias, mais do que tiragem, ele precisava transformar as informações em acontecimentos diários e transmitir de forma rápida sua mensagem, logo, acreditamos que seu público leitor ajustava-se mais a uma classe social privilegiada. Podemos pensar nos patrocinadores do *Correio* como sendo grandes empresas e indústrias. Esses elementos fazem parte da constituição importante do periódico, já que o *Correio* se firmava como empresa.

Muitas propagandas são voltadas mais para uma elite, que tinha poder de compra para consumir em lojas de artigos importados, livrarias, joalherias, automóveis, Cias de seguro e de viagens para a Europa, além de fornecedores de maquinários para a agricultura, o que nos faz pensar que uma parte do público

leitor seria composta de agricultores, cafeicultores, por exemplo, e raramente se vê no *Correio* anúncios de trabalhadores se oferecendo pelos serviços e habilidades.⁴⁵

CORREIO PAULISTANO

O "CORREIO PAULISTANO"

EM 1910

Assignaturas: Anno 30\$000; seis mezes 16\$000

Não medindo esforços para bem servir o publico, o "CORREIO PAULISTANO" acaba de adquirir na Europa grande e escolhida quantidade de material typographic, que será inaugurado brevemente.

E no intuito de facilitar sempre as suas publicações e annuncios, deliberou diminuir sensivelmente os respectivos preços, que, assim, ficarão ao alcance de todos.

Para maior vantagem aos srs. assignantes da capital, estão sendo emittidos, ao preço de 2\$500 mensaes, os chamados vales de assignatura de balcão.

Além disso, serão distribuidos VINTE CONTOS DE REIS EM PREMIOS, aos quaes terá direito todo aquelle que tomar uma assignatura annual, paga adeantadamente.

Os premios em dinheiro, na importancia de OITO CONTOS E QUINHENTOS MIL REIS, serão sorteados em dia previamente designado, e são os seguintes :

Um premio, em dinheiro, no valor de . . .	3:000 \$ 000.
Dois premios, em dinheiro, no valor de . . .	1:000 \$ 000, cada um
Tres premios, em dinheiro, no valor de . . .	500 \$ 000, cada um
Cinco premios, em dinheiro, no valor de . . .	200 \$ 000, cada um
Dez premios, em dinheiro, no valor de . . .	100 \$ 000, cada um

Tambem dará a cada um dos seus assignantes de anno uma **Valiosa carteira de couro da Russia, systema yankee** e uma **elegante folhinha em cartão de alluminium**.

Estes brindes foram especial e artisticamente feitos, na America do Norte, para o fim a que se destinam.

As pessoas que já tomaram assignaturas poderão procurar a CARTEIRA no escriptorio desta folha

Vinte contos de re'is em premios

Correio Paulistano – página 6 (07/02/1910)

⁴⁵ Correio Paulistano 15/nov/1911, p. 13

coluna, apresentavam-se variados tipos de profissionais e serviços. Encontramos nessas páginas outros anunciantes diferentes do *Correio Paulistano*. Aqui, a maioria é composta de pequenos anúncios de farmácias, lojas, e serviços como de costureira, chapeleiro, cozinheiros, sujeitos que oferecem seus serviços. Os anúncios para vendas de casas e terrenos eram mais caros, saíam por 1\$000 por três vezes. Encontramos, inclusive, anúncio de ‘casinhas operárias’.

A imprensa nesse momento da primeira década está em crescimento e junto com ele muita concorrência. A sustentação do *Correio* se dava mais em relação aos seus anunciantes e aos contratos com os órgãos públicos municipais e estaduais para publicar os atos oficiais. Como citamos, o *Correio* tinha junto à prefeitura de São Paulo uma receita substancial, pois a documentação nos mostra contrato para publicação em toda a década pesquisada. As páginas internas do jornal, sobretudo aquelas as quais observamos as notícias de criminalidade, encontram-se entre a página 4 e 5 e contêm notícias sobre suicídios, furtos, gatunagens, crimes em botequins ou em cortiços, brigas entre vizinhos e entre mulheres. Há uma quantidade substancial de notícias sobre prisão de criminosos e de vadios, além de remessas de inquéritos, atuação policial. As notícias se encontram no centro das páginas, com títulos quase padronizados com o mesmo tipo de letra e em negrito e curtos. Mas, com o passar do tempo, já em meados da década de 1910 em diante, possivelmente relacionado ao acirramento da concorrência entre os impressos existentes, e com a temática do cotidiano sendo intensamente publicizada, algumas notícias, como os crimes hediondos ou aqueles que envolviam a honra, passaram a ganhar mais destaque, com subtítulos envolventes e mais elaborados. Vejamos um exemplo apenas do título e dos subtítulos de uma notícia crime narrada pelo *Correio* no dia 05 de março de 1910 (figura 1),

O crime do Cambucy
Assassinato bárbaro na rua da Lapa – Por questões de jogo –
Duas profundas facadas -prosseguimento do inquérito – Prisão do assassino⁴⁶

e do dia 01 de setembro de 1915 (figura 2),

Violenta sena de sangue
AS TORPEZAS DO LENOCÍDIO
Na rua Quintino Bocayuva teve ante hontem pela manhã o seu epilogo sanfrento um drama intimo de misérias
Um proxeneta seduz a mulher do seu melhor amigo e lança-a á prostituição
Prosseguimento do inquérito – o que diz a viúva do assassinado – Detalhes interessantes⁴⁷

⁴⁶ *Correio Paulistano*, 05/mar/1910, p.4

⁴⁷ *Correio Paulistano*, 01/set/1915, p.5.

Fig.1

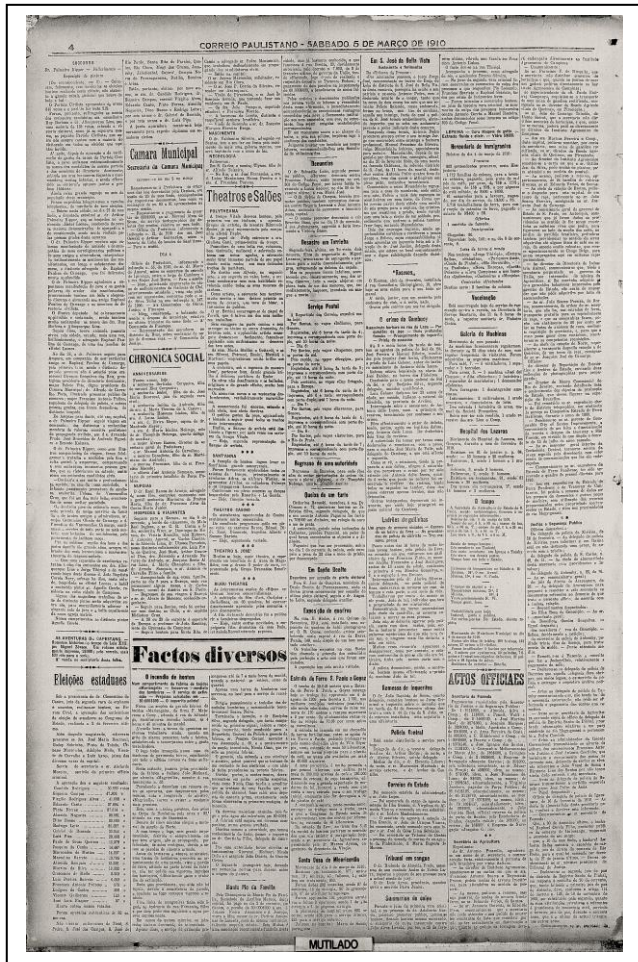


Fig.2



O *Correio Paulistano* buscando a sua neutralidade e ‘seriedade’ a partir da construção de um discurso conservador por meio de sua linguagem, estrutura e aspectos materiais, circunstanciado seja no discurso da ciência, da criminologia, seja nos aspectos morais, também era noticioso e trazia o sensacionalismo e os escândalos da vida cotidiana. Para além da sua postura tradicional e conservadora, da narrativa política institucional “séria” e aristocrática, também trabalhava com elementos da vida privada e do cotidiano de forma sensacionalista. Trazia ainda os *Folhetins*, no início de 1910, logo na primeira página, porém, com o passar do tempo, foram deslocados para a última página do jornal, geralmente saindo às terças, quartas e sábados.

A *Gazeta* também tinha sua página para os *Folhetins*, encontrado nas edições também às terças e quartas. Essa narrativa que trata de diversos assuntos atraía o público leitor, sobretudo as mulheres. A publicação de obras nacionais e estrangeiras no jornal em capítulos, além de prender o leitor para a história, proporcionava sua fidelidade a este periódico, enquanto a história durasse. Logo nos primeiros anos do século XX, os *Folhetins* estavam entre as principais manifestações literárias no cotidiano dos jornais e eram lidos diariamente.

atrado, sr. Aguirre, que havia terminado a licença em cujo gozo se achava, está o mesmo falando ao serviço em causa justificada desde o dia 10 de fevereiro último, estando portanto incursão nas penas do artigo 185, c. 1º do Regulamento vigente. Intimado, pois, a comparecer a esta repartição, no prazo de dez dias, a contar desta data, afim de justificar a sua ausência, sob pena de lhe ser aplicada a pena do citado artigo.

São Paulo, 10 de junho de 1915.

O administrador.

(a) Jm. Prado Asmhuji.

AVISOS

COMPANHIA MOGYANA DE ESTRADAS DE FERRO E NAVEGAÇÃO

Assembleia Geral Extraordinária

2ª CONVOCAÇÃO

Não tendo comparecido número legal de srs. acionistas para ser instalada a assembleia geral extraordinária convocada para hoje, a vista de requerimento de mais de sete srs. acionistas, representando mais da quinta parte do capital social, e com o fim de tomar conhecimento de uma proposta para reforma dos Estatutos vigentes, em nome da Diretoria, convide novamente os srs. acionistas a se reunirem para o mesmo fim, em assembleia geral extraordinária, no dia 20 do corrente mês, às 13 horas, no Estabelecimento Central da Companhia, em Campinas.

De acordo com o artigo 27º dos Estatutos, a assembleia ora convocada pela segunda vez, para ser validamente constituída, precisa de um número de acionistas que represente pelo menos dois terços do capital social.

Campinas, 12 de junho de 1915.

Manuel de Moraes, Presidente da Diretoria em exercício.

Uma grande descoberta



Uma grande descoberta da ciência moderna do século XX, a clinica cada vez mais apurada; não se precisa mais de medico, dentista, nem oculista; não se precisa de pharmlacia; toda pessoa que possuir em sua casa este maravilhoso aparelho, inventado pelo grande clinico dr. Romelqueim, norte americano, o inventor lesa grandes aparelhos electricos, Radio X denominada BATERIAS ELECTRICAS, marca registrada em Berne.

BATERIA ELECTRICIA RADIO X cura dores de cabeça, dores de dentes, dores de olhos, catarro, contipação e neuralgia.

Modo de usar: Coloca-se a bateria na parte onde se sente a dor, a tampa do lado opposto. A dor desaparece, instantaneamente, por mais forte que seja e mais rebelde; num só minuto fica o doente curado.

Preço, 24.000—Rua do Carmo, 43-A PHARMACIA N. S. DO CARMO

Alto occultismo

Avistamos a quem interessar e aos que soffrem, que ceem-chegado do Egypto, achase em S. Paulo a celebre astraloga hindu professor Nadir, iniciado nos insondaveis mysterios da Escola Esoterica de Benares, o qual offerece seu extraordinario poder occulto para alliviar e curar todos os males moraes que atormentam a humanidade soffredora. O professor convence 7 annos com os Fakires da India, dos quaes conseguiu segredos que outros não poderam obter. Diz com toda a exactidão o passado, presente, futuro, propensão e inclinações individuais, boas ou más, successos ou insuccessos na lucta pela vida, segundo a phrenologia scientifica. Os agramos, desenhos e contradições da vida podem desaparecer para sempre como por encanto, pela educação da Vontade, cujo methodo pratico o professor ensina a quem quizer. — Cura radical para sempre: em brigaçoz, fúria, joçoz, morphinomania e outros vicios feitos em poucos minutos, pela telepathia e vibrações do pensamento. Segredo absoluto, seriedade e garantia de todos os trabalhos feitos pelo occultismo puro e verdadeiro, 35 annos de pratica. Milhares de attesados. O professor Nadir fala qualquer lingua e não hypnotiza ninguém, não recita nem dá remedios de especie alguma. Attende a chamados para qualquer parte. — Consultar por cartas ou pessoalmente todos os dias a qualquer hora, desde 8 da manhã até as 8 horas da noite, 4 a rua da Conceição, n. 13, Sobrado. (30 ju.

Pernilongos, mosquitos, moscas, etc.

DESINFECÇÃO de quartos, banheiros, porões e saneamento geral das habitações, consequente com o HYGIOL, papel chimico, de combustão lenta e discreta e que desenvolve abundantes vapores inoffensivos para as pessoas ou para os animais, mas inter-lavavel para apêllos, aborrecidos e perigosos insectos e ao mesmo tempo purificam o ambiente, deixando um perfume balsamico, agradável e hygienico.

Em pacotes de 25 papeis, com instruções. A' venda nas drogarias e pharmlacias.

INOFFENSIVO — PRÁTICO — HYGIENICO

Depositar: Laves e Ribeiro, Drogaria Ypiranga, canto do Viaducto. (1 jul.

FEBRE TYPHOIDE

O preservativo da febre typhoide é a vacina anti-typhica. Applica-se gratuitamente, das 11 às 14 horas, no Instituto Bacteriologico e na Diretoria do Serviço Sanitario.

S. PAULO

60 000 \$ 000

Vende-se por essa quantia um magnifico predio á rua das Palmeiras, quasi no largo de Santa Cecilia. Tem oito quartos, portão habitavel, com grande commodo assallado. O proprietario rejeitou ha pouco tempo pelo mesmo \$ 200.000, por isso, o ultimo preço é de SESENTA CONTOS. Negocio sem intermediario. Tratar á rua 15 de Novembro, n. 33.

Miguel Pereira Guimarães

Commissões, Consignações e Representações

Rua de Janeiro, 100, 1º andar. Tel. 1000. S. PAULO

Fabrica de tubos de cimento de construtor de obras Raphael Ficondo

Esta importante fabrica, privilegiada pelo governo federal, achase instalada e bem montada na rua da Hippodroma n. 19, e seu product tem tido a maior acceitação nesta praça e nas demais da patria só pela solidez como pela perfeição.

A tratar-se á AVENIDA KANGEL PESTANA, n. 33 S. PAULO

Maleita e outras febres

QUININO DO GOVERNO ITALIANO

SULFATO - BISULFATO - HIDROCHLORATO BICHLORHYDRATE, em todas as composições, drageas, injeções e chocolateas.

Dosagem rigorosamente EXACTA

Elaborado pelo proprio Governo Italiano

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA TODA A BRASILE

HENRIQUE METZGER & Cia.

Rua Libero Badaró, 175 - (antigo 22-A) Caixa, 651 S. PAULO - Tel. 1234

Depositar: em Ribeirão Preto - Theodoro Tedda (ant. 22 juar)

ALCANTARA

O MAIS CONHECIDO E PREFERIDO

Rua Formosa de Azevedo, 155 - S. PAULO

SÃO PAULO PROGRIDE

A melhor e mais bem sortida

CASA DE MOVEIS

Rua José Bonifacio, n. 7

Ponto dos fundos da Avenida - Em frente á rua Direita - Telephone, 1.000

Não comprem sem verificarem os nossos preços, que são de não temer

concorrência

A. Moraes & Comp.

Loteria de S. Paulo

Extrações as segundas e quintas-feiras, sob a fiscalia do Governo do Estado de S. Paulo

Rua Quintino Bocayeva, 32

Extrações em junho de 1915

Quinta-feira, 17

20 contos

POR 1800

Dia 17	Quinta-feira	20000000	1800
Dia 22	Segunda-feira	20000000	1800
Dia 24	Quinta-feira	20000000	1800
Dia 28	Segunda-feira	10000000	900

J. otheos acharem-se a venda, em todos os pontos de negocio

CASINHAS OPERARIAS

Limpas, com 3 commodos, quintal, com bonde á porta, alugam-se as da rua Visconde de Laguna a 508000, com agua, as de ne 15, 21, 23 e 25 e as da rua Javry ns. 72 e 80, com 4 commodos e agua a 75000. As chaves estão no armazem da esquina. Trata-se á rua 15 de Novembro, n. 33.

Banco de São Paulo

53 - RUA DE S. BENTO - 53

S. PAULO

RECURSOS DINHEIROS EM CONTA CORRENTE DE PEQUENOS DEPOSITOS A JUROS DE 4 00 AO ANNO CAPITALISADOS SEMESTRALMENTE, EM 30 DE JUNHO e 31 DE DEZEMBRO. A ENTRADA INICIAL MINIMA SERA DE 25, NÃO EXCEDENDO AO MAXIMO DE 20000000. AS ENTRADAS SUBSEQUENTES NÃO SERAO INFERIORES A 200000.

EM CONTA CORRENTE NÃO LIMITADA 3 00 AO ANNO.

A PRAZO FIXO E POR LETRAS: 6 MEZES OU MAIS, 6 00

CASA AMOROSO

Maison Amoroso

Fundada em 7 de Setembro de 1909

A MELHOR SORTIDA NA PRAÇA NAS SUAS SECÇÕES DE CHAPELOS; COLLETES DE SENHORAS E CRIANÇAS; PERFUMARIAS, ARMARINHOS, ARTIGOS DE TOILET E PRESENTES; BRINQUEDOS E COUROAS MORTUARIAS; — BOUQUETS E GRINALDAS PARA NOIVA, ETC. LUCTOS EM 4 HORAS, ACCEITAM-SE PEDIDOS DO INTERIOR VINDO ACOMPANHADOS DO RESPECTIVO IMPORTE E FRETE.

CHAPÉOS DE VELLUDO E SETIM PARA SENHORAS, E AINDA DE PALHA, ENFEITADOS A GOSTO DAS EXMAS. FREIGUEZAS, DESDE 125 — COLLETE DE COTELFINO E BARBATANAS DE BALEIA, DESDE 12500 — GRANDE SORTIMENTO EM CINTOS E SANTIENNE-GORGES.

Rua Marechal Deodoro, n. 36-A

(QUASI A ESQUINA DA RUA SENADOR FEIJÓ)

A FELICIDADE

A FELICIDADE

A felicidade e a convicção de felicidade, com tudo a rua de São Bento, n. 47, foi a primeira vez que se viu a felicidade nacional de S. Paulo.

Tudo a felicidade e a convicção de felicidade, com tudo a rua de São Bento, n. 47, foi a primeira vez que se viu a felicidade nacional de S. Paulo.

Declara que a felicidade e a convicção de felicidade, com tudo a rua de São Bento, n. 47, foi a primeira vez que se viu a felicidade nacional de S. Paulo.

S. Paulo, 12 de setembro de 1915.

FRANCISCO M. DA COSTA

A CAVALHO, ficando registado no livro de segredo.

Rua de S. Bento, 47 (sobrado)

SÃO PAULO

tempos da modernidade industrial e urbana.⁴⁸ Atraindo leitores para as histórias, sejam de dramas, mistérios ou aventuras, os *Folhetins* tiveram uma importância junto ao leitor e contribuíram para disseminação da cultura de massa. O jornal buscava cativar os leitores, seja divertindo ou instruindo, difundindo gostos e hábitos também por meio dessas histórias.

Jorge Americano (2004, p.392) nos dá algumas informações a respeito dos jornais na São Paulo naquele tempo,

OS JORNAIS MATUTINOS, eram entre 1900 e 1915, *O Estado de São Paulo*, *O Correio Paulistano* e o *Comércio de São Paulo*.

[...] *O Correio Paulistano* era o órgão do Partido Republicano Paulista, e quem o dirigia era Carlos de Campos, que sucedeu a seu tio Américo de Campos. Os vespertinos eram *Diário Popular* de José Maria Lisboa, a *Plateia* de Araujo Guerra e a *Gazeta* de Adolfo Araújo. Creio que em 1910, Casper Líbero, estudante, já estava na redação da *Gazeta*.

Além dos figurinos de moda femininas de Paris (*La Mode Illustré*, *La Saison*) e da *Estação*, trimensário nacional de modas, havia revistas estrangeiras como *L'illustration*, *Black & White*.⁴⁹

O periódico *A Gazeta* guarda algumas semelhanças com o *Correio Paulistano*, mas tem sobretudo diferenças materiais assim como nas narrativas. Como abordamos, o fato de ser um jornal vespertino traz algumas considerações. Trabalha com a notícia que possivelmente já é conhecida, mesmo em se tratando do século passado, em que as notícias demoravam a chegar e a se difundir, um vespertino estava em preparação também à tarde e à noite. Bahia (1972, p.180) nos esclarece que o fato de acreditarmos que um matutino circula pela manhã e o vespertino circula à tarde, conquanto tenha se justificado durante muitos anos na conceituação da imprensa moderna, é uma ideia já superada. Entretanto, há um século atrás, considerando-se as condições de produção dos jornais, acreditamos que os vespertinos saíssem no final da manhã e início da tarde.

À medida que os meios de informação e desenvolvimento do mercado de leitores foram se aprimorando e os recursos tecnológicos se ampliando, com maior número de jornais, mais se valorizou o jornalismo como fonte de notícias. Percebe-se isso com a criação dos vespertinos. Já não se “dava conta” do jornal da manhã, era preciso saber o que se passava durante o dia. Essa “pressa” do leitor foi impulsionada pelas tecnologias e pela sensação de rapidez e velocidade do cotidiano, proferida por escritores e poetas daquele início de século. Mas também era uma estratégia dos jornais para fisgar, ganhar um público leitor que se interessava pelo que se passou no decorrer do dia antes mesmo de esperar a manhã seguinte. Um leitor que quer uma espécie de resumo das principais notícias, um condensado do cotidiano e sobre a cidade que, em linguagem mais simples e de fácil entendimento, o poupasse de longas explicações. Logo, acreditamos que, para além da sensação da “velocidade” do início do século, o mercado impulsionava e criava a necessidade de se saber rapidamente sobre os fatos ocorridos.

⁴⁸ MEYER, Marlyse. **Folhetim uma história**. São Paulo Cia das Letras, 1996, p.226.

⁴⁹ AMERICANO, Jorge. São Paulo Naquele Tempo (1895-1915), p.392.

Como nos aponta Bahia (1972, p.180)

O matutino, que sai as primeiras horas do dia, caracteriza-se como um jornal denso, volumoso, pesado, com relatos mais detalhados, mais longos e mais completos, dos fatos do dia anterior. O assunto é por excelência, trabalhado cuidadosamente na redação. As notícias são sempre de *ontem* ou do que *vai acontecer*. O vespertino é um jornal leve, resumido, direto, com temas nem sempre completos, mas objetivos, preterindo os detalhes secundários e realçando a essência, com o tom sensacional que desperta maior emoção do leitor. Ao contrário do jornal da manhã, o vespertino é produzido sob maior pressão do tempo, e é, tanto quanto possível, um jornal de *hoje*. (BAHIA, 1972, p.180).

Trabalhar com a notícia mais recente o quanto possível seria uma característica do vespertino. Tem no dinamismo das informações a matéria-prima para transformar em notícias, desenvolver tópicos, comentários, imagens chamativas, títulos impactantes. Tem algumas características do que se pode chamar de ‘sensacionalista’, manchetes espalhafatosas, descrições detalhadas de crimes, tragédias logo na primeira página, incluindo fotografias sejam de tragédias, crimes ou dos criminosos. Assim se apresentava a *Gazeta* no início do século. O jornal não deixava de trazer informações sobre cunho político institucional, nem sobre temas densos, mas trabalhava sobretudo com crônicas e notícias cotidianas curtas, vibrantes no sentido de chamar o público à leitura, com títulos por vezes engraçados ou apelativos. A *Gazeta* tinha periodicidade diária, exceto aos domingos e isso se manteve até o final do período em que tratamos.

Composto por seis páginas apenas, trazia muita informação da cidade, pouca informação internacional. Era diagramada em apenas seis colunas no início e, posteriormente, em sete colunas, com fonte leve e limpa, sem detalhes, às vezes, com muitos subtítulos em destaque para chamar à atenção. Com algumas tiragens de maior número de páginas em raras vezes, trazia um complemento sobre a guerra ou mesmo sobre a história do próprio jornal, fora isso era um jornal curto, como são típicos dos vespertinos. Quem tem a pressa de ler sobre o que foi notícia no dia, não quer muita extensão e detalhes, não tinha interesse em se ater aos debates políticos em demasia. Logo na primeira página são colocadas as informações do jornal, a data e número da edição, essas observações encontram-se no alto da capa logo no centro e à esquerda. Localizamos junto ao cabeçalho, o endereço da administração, oficina tipográfica e redação. Nos primeiros anos, traz a informação de que é impressa em máquina rotativa duplex press.

Ainda na página inicial, o editorial, textos opinativos e sempre uma coluna “Do Rio” trazem informações exclusivas para *A Gazeta*. Junto a primeira página anunciava-se também qualquer mudança do periódico, seja melhoramentos ou nova sede. Na edição de 12 de março de 1912, o periódico chamava a atenção para os investimentos feitos e como isso melhoraria o jornal, tanto na sua impressão quanto em suas sessões,



A Gazeta - página 1 (12/03/1912)

Podemos, afinal, dentro de poucos dias cumprir as promessas que contrahimos com o público de reformar radicalmente as oficinas typographicas e impressoras da GAZETA, bem como de desenvolver e melhorar consideravelmente a redacção e as secções informativas do jornal. Estando terminado o soberbo palacete da Rua XV de Novembro, n.33, arrendado pela empresa desta folha, desde hontem para lá se transferiram a nossa typographia e a nossa redacção, continuando provisoriamente o escriptorio da gerencia a Rua do Rosário, n.18, até que se ultimes as confortáveis instalações a que, o novo predio, estamos procedendo. O armazém da Rua do Rosário vai ser também opportunamente aproveitado em dependências das officinas gráficas desta folha.

A montagem da nossa machina *Duplex* feita por conta da **Printing Press Co.**, sobre as vistas da importante casa Schmidt & Trost, concluiu-se hontem e já hoje pela manhã, realisámos com êxito, as primeiras experiências. Por ora isto é, enquanto o nosso pessoal mecânico não estiver bem ao par dos novos machinismos, continuamos a tirar a *Gazeta* na antiga “Marioni”, instalada a Rua Líbero Badaró. Mas dentro de dois ou cinco dias si tanto, a nossa folha sahira em seis e oito páginas, impressas em elegantíssimo formato com admirável nitidez, e irrepreensivelmente colladas e dobradas. Dentro do prédio novo, das instalações novas e ao lados dos mecanismos novos, montaremos também officinas typographicas novas, já telegraphicamente encomendadas nas fabricas, as quaes estarão nesta capital em cincoenta dias, podendo funcionar dentro de dois mezes. Em resumo, das antigas instalações da *Gazeta* **nada foi nem será aproveitado nessa radical e dispendiosíssima remodelação**. É obvio que só o crescente favor publico nos garantiu, no lance dos temerários gastos que effectuamos e só para corresponder-o é que nos abalançamos, á custa de sacrifícios a collocar a *Gazeta* no pé de propriedade material que já na presente semana se inaugura. Durante a lufa-lufa desses dias a *Gazeta* tem-se ressentido de lacunas nas suas diversas secções informativas. É provável que taes falhas perdurem a semana. Mas sendo inevitáveis, pedimos antecipadamente ao publico o obsequio de nol-as relevar.⁵⁰

Nessa mesma edição, observamos a coluna “Medicina e Higiene” que traz as informações científicas a respeito de diversos assuntos que se relacionam com notícias menores como os crimes, policiamentos, alcoolismo. Oito meses depois dessa notícia, A *Gazeta* divulgava para seus leitores e o público em geral, mas também para seus concorrentes, a inauguração de novas melhorias feitas no jornal e o comparecimento de autoridades.

A Festa na Gazeta

Instantaneo photographico, tirado hontem nas officinas da «Gazeta», por ocasião de serem inauguradas as novas instalações – Vêem-se, no «cliché», além de outras pessoas, os drs. Bernardino de Campos, Jorge Tibiriça, Rodrigues Alves Filho, conego Manfredo Leite, Carvalho Martins, representante do dr. Secretario da Agricultura, e tenente Dantas Cortez, ajudante de ordens do dr. Secretario da Justiça e da Segurança Pública.⁵¹

O anúncio de melhorias técnicas ao público buscava dar credibilidade aos serviços do jornal, bem como confiança e segurança de que o público estaria recebendo um ‘bom material’, que foi selecionado e preparado com ‘qualidade’, o que traduzia em respeito aos seus assinantes e leitores, ou seja, a figura do público leitor que o jornal buscava construir era de alguém respeitado e valorizado, que merecia ‘o melhor no que diz respeito á informação’. Independentemente das ampliações do mercado e dos jornais concorrerem pelo leitor e buscarem novos alcances e, com isso, ampliação de seu público, essas questões demonstram também que cada vez mais esses periódicos buscavam primazia nas publicações.

⁵⁰ A *Gazeta*, 12/mar/1912, p.1

⁵¹ A *Gazeta*, 21/nov/1912, p.1



A Gazeta – página 2 (21/11/1912)

A linguagem da *Gazeta* se apresentava mais leve, ligeira e modesta, por exemplo, os recursos utilizados como o título da notícia em caixa alta ou negrito, os subtítulos detalhistas e uma imagem fotográfica ao lado da descrição possivelmente despertavam a curiosidade e poderiam estimular a leitura sobre os fatos narrados sobre o cotidiano. O leitor, que conhecia o periódico e o lia frequentemente, identificava o conteúdo e aquele que não conhecesse, porventura, se sentiria atraído e estimulado a lê-lo. Apresentava suas notícias de caráter criminal nas seções *Chronica das ruas*, *Dramas do Amor*, *O Inferno do ciúme*, *Crimes bárbaros*, *Casos Sensacionais*. Essas são colunas que, diferentemente do *Correio Paulistano*, que concentrava os “Fatos Diversos” num local específico do jornal, *A Gazeta* estampava

diariamente os dramas da vida privada, trazendo em destaque os assuntos cotidianos, quase sempre acompanhados de fotografias, que valorizavam e destacavam um tema.

A *Gazeta* utilizava a linguagem fotográfica como uma extensão de suas reportagens. Muitas vezes a foto só era conseguida no dia seguinte à notícia e então publicada. A fotografia era um recurso que também dava certa credibilidade à notícia, como uma ‘prova’ da objetividade do fato, uma espécie de ‘prova’ do que ocorreu, além do atrativo visual que fornecia. As imagens utilizadas pelo vespertino tinham um caráter mais sensacionalista e dramático, como por exemplo, fotografias de crimes, cadáveres ainda no necrotério do Gabinete da Polícia, muitas vezes, junto ao médico legista ou um policial. É característico desta folha ter na última página, “As últimas”, como era apresentada trazendo os fatos recentes apurados pelos jornalistas, acompanhado da fotografia.

Como já salientado, nesse momento, a cidade de São Paulo se urbanizava e se modificava rapidamente. Setores econômicos, sociais e culturais se expandiam e essa mudança implicou na transformação da própria imprensa. O público leitor passava a consumir mais matérias e artigos publicados em vários veículos de comunicação. Ampliava-se o número de leitores e também de redatores, agora, não mais exclusivo para literatos ou bacharéis em Direito como no século passado. Evidente que os políticos-doutores ainda atuavam muito, mas escrever também se tornava um ganha-pão. Quanto aos leitores, também se ampliavam, muitos trabalhadores, operários, mulheres letradas, professores compuseram o círculo de leitores na cidade. Nos dizeres de Cruz (2000, p.81), foi no processo em que a cultura letrada se redefiniu, que a imprensa periódica assumiu papel fundamental.

No processo de redefinição da cultura letrada, a imprensa periódica assume papel fundamental. Funcionando como suporte aglutinador e veículo de construção da visibilidade pública de inúmeras práticas culturais, a imprensa cultural e de variedades, representada por pequenas folhas e revistas, seria adotada como veículo de parte significativa das associações culturais informais que proliferam no período.(CRUZ, 2008, p.81).

Quando trabalhamos com jornais impressos, um dos objetivos é a reflexão sobre sua materialidade. Suas técnicas de produção e trajetórias de difusão das notícias e percurso dessa produção. Seu formato, espacialidade das informações, toda a hierarquização de suas temáticas e os destaques dados às notícias ou aos temas, bem como as não-falas, seus silêncios. As características de sua narrativa e a própria produção de seus significados contidos nela e as conexões entre seções, títulos, imagens ou caricaturas. A partir de pequenos fragmentos reunidos nessa rede de comunicação, é possível pensar nas constituições das relações sociais. Os jornais diários nesse período do início do XX profissionalizaram-se, mas ainda possuíam um caráter opinativo.



A Gazeta – Ultimas, página 7 (13/03/1911)

Com as melhorias já aqui apontadas, o número de tiragens cresceu, assim como o barateamento dos exemplares que se tornaram um pouco mais acessíveis, posto que alguns jornais promoviam assinaturas mensais às vezes com alguma vantagem ao assinante, além de uma ampliação do jornal com agências espalhadas pelo interior e também no exterior. Com a competição e concorrência entre si de muitos jornais diários, se fazia necessário que o periódico apresentasse um atrativo ao leitor, cativasse pela notícia, pelo gosto do enredo ou mesmo pela curiosidade. Nos dizeres de Luca (2015, p.138),

A estruturação e a distribuição interna de conteúdo alteraram-se. Ao lado das reportagens, entrevistas e inquéritos, adensavam-se as seções dedicadas a assuntos policiais, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária. Os novos métodos fotoquímicos permitiram que a ilustração se incorporasse definitivamente aos diários, o que, de acordo com Herman Lima, “trouxe para o jornalismo uma nota leve, espirituosa e atraente, a quebrar a monotonia das grandes folhas, onde a matéria impressa se estendia, em artigos de fundo, crônicas, sueltos e noticiários, em colunas maciças de texto. A fartura dos matutinos começou a exigir uma gama de variadas competências, fruto da divisão do trabalho e da especialização: repórteres, desenhistas, fotógrafos, articulistas, redatores, críticos, revisores, além dos operários encarregados da impressão propriamente dita. Esses artífices da imagem e da palavra encontravam na imprensa atraentes oportunidades de profissionalização. (LUCA, 2015, p.138)

Ao tratarmos das notícias, estamos fazendo uma reflexão sobre sua escolha. A imprensa não informa apenas os leitores, mas forma, constitui. Ela também prioriza, elege os acontecimentos que merecem destaque daqueles que serão esquecidos. Na medida em que escolhe, seleciona o fato que será produzido, enquanto notícia, ela também o cria, recria. Esse posicionamento ocorre por interesses sejam jornalísticos, políticos ou econômicos da própria imprensa. Não nos esqueçamos de que a memória é um campo de disputa forte, uma das tarefas do historiador é desvendar como são os processos de produção dessas memórias e como desconstruí-los.

1.2 Quando o crime se torna Notícia

Ao analisarmos os projetos desses dois jornais aqui em questão, nossa preocupação foi perceber suas intenções e objetivos ao vincular as notícias criminais. Essa escolha se deu, como já salientamos, por se tratar de jornais que se firmavam na cidade de São Paulo naquele período, com um crescimento e expansão de suas condições materiais, além de se apresentarem visualmente e terem particularidades, diferenças em suas constituições. Como, a partir de singularidades próprias e alcances em um público mais determinado, ambos jornais tratavam a questão da criminalidade, tema tão caro à cidade naquele momento, é o que buscamos traçar.

Os jornais, ao produzirem a crônica policial e noticiarem o crime, nos indicam que havia um público leitor dessas notícias, uma demanda. Ao mesmo tempo, produziam o gosto por tais notícias utilizando em suas narrativas elementos que prendessem o leitor, como títulos e subtítulos em caixa alta ou negrito, o destaque por meio de uma comunicação acessível ao público em geral, normalmente, simples e direta, com recursos apelativos da linguagem e semelhantes aos *Folhetins* da época, ou seja, uma estrutura fácil de ser compreendida, com início, meio e fim, com destaque para o tema, o desenrolar da história e um possível desfecho. Para o critério que desejavam, de objetividade do jornal e de proximidade com o leitor, ofereciam nome, endereço e detalhes dos sujeitos envolvidos nas ocorrências. Muitas vezes, a narrativa em terceira pessoa também atribuía a ‘universalidade ao discurso’ para o jornal.

As motivações e decisões de publicar uma notícia é, no entanto, uma escolha. A experiência de Robert Darnton (2010, p.14) como repórter de jornal nos elucida muito desse cotidiano específico. Ele

próprio coloca que, “Toda notícia que couber a gente publica”. Converter os fatos em matérias e publicar as matérias é uma questão do que pode caber em termos culturais – convenções narrativas e tradições jornalísticas que funcionam como uma maneira de dar forma ao amontoado confuso e ruidoso dos fatos do dia a dia. O historiador também aponta que a produção de uma notícia se dá como produto da formação de uma rede de comunicação que leva em conta muitos processos e estágios de produção e distribuição.

A temática do crime era considerada importante questão social desde fins do XIX e um conjunto de informações publicizadas nos periódicos demonstram essa preocupação: os debates políticos no Congresso e na Câmara para aprovar as leis contra vadiagem e mendicância, as colunas dedicadas a noticiar prisões de criminosos, as seções judiciárias e de Fóruns Criminais. O combate à criminalidade, à vadiagem, aos delitos, que eram criminalizados nesse momento, cresceu na passagem para o XX e se apresenta nos jornais aqui trabalhados. Consideramos a imprensa periódica enquanto um importante meio para a formação da chamada opinião pública e igualmente contribui para o entendimento que os indivíduos têm dos acontecimentos sociais. Dessa forma, esses jornais aqui pesquisados, a nosso ver, se mostram importantes para perceber como tratavam a criminalidade e como apresentavam os sujeitos e os caracterizavam.

O volume de notícias criminais dentre as chamadas de sangue (homicídios) e as de contravenção pesquisado aqui foi grande. Nessa pesquisa, a leitura precisou ser feita com alguns critérios, devido ao tempo e objetivos a serem alcançados. Do montante pesquisado, foram privilegiadas as notícias com maior repercussão nos jornais e as pequenas notas criminais. Consideramos aqui os crimes de sangue todos aqueles que implicam na morte de sujeitos, sejam aqueles pequenos, narrados nas notas ou os de maior repercussão. Para os crimes de contravenção, estão computados de forma geral vadiagem, desfalque, feitiçaria, prostituição, moeda falsa, crime relacionado ao álcool.

Nossa tentativa de quantificá-las é, a grosso modo, uma forma de justificar como essa temática cresceu nos periódicos. Fica registrado que, pelo volume de notícias, o número não se faz preciso, tendo escapado muitos deles em nossa empreitada. A quantidade de notícias não foi precisamente aqui computada, pois também consideramos a imprecisão e irregularidade das tiragens, a má qualidade dos digitalizados que nos impossibilitaram de leituras e o foco do nosso objetivo. Os dados aqui apresentados somam-se aproximados: *Correio Paulistano* (512 crimes de sangue e 732 de contravenção) e *A Gazeta* (740 crimes de sangue e 684 de contravenção).

Na conjuntura da Primeira República, com a defesa de valores republicanos e as noções positivistas de cidadania, que defendiam a evolução ordeira da sociedade somada a exclusão de muitos sujeitos à participação política, como mulheres e analfabetos, os jornais desejavam passar neutralidade e objetividade e buscavam ‘educar’ as classes menos instruídas, apoiados no lema da ordem, progresso, trabalho e civilidade. Ao produzirem suas notícias, colocavam em suas falas valores, criando assim uma identidade, construindo seu próprio papel na defesa desses ideais. É, a partir da narrativa, que se queria “neutra”, que os jornais faziam uma ‘análise’ da realidade e da sociedade. Esse ideal de objetividade sugere que os fatos

podem ser separados das opiniões e dos juízos de valor, ou seja, o jornal buscava por meio de uma organização técnica, de práticas profissionais dos jornalistas, de entrevistas com especialistas em diversos assuntos, médicos e seus conhecimentos sobre corpo humano e doenças, cientistas que explanavam sobre a objetividade e precisão de sua área pelas experiências, advogados e criminalistas, especialistas e conhecedores das leis, implementar um jornal para um público amplo e variado, passando credibilidade. Criava-se uma ideia de que o jornal se colocava à serviço da sociedade, informando e educando, e as notícias eram, então, transmitidas de forma imparcial e neutras.

O *Correio Paulistano* e *A Gazeta* buscavam oferecer uma compilação cuidadosa das notícias do dia. O *Correio* abarcava informações do país e do estrangeiro, da ciência, saúde, política, economia, ou seja, temáticas de todas as áreas, universais. *A Gazeta* buscava a ênfase nos assuntos da cidade, embora não deixasse de falar sobre a política nacional nem economia, mas numa linguagem próxima de um público menos ilustrado ou acadêmico, reproduzia as últimas novidades, chamava o público a participar com suas colunas de enquetes. As notícias chegavam por meio dos correspondentes, das agências no interior e em outros estados, assim como das agências internacionais, ou mesmo com cartas de leitores. Em tempos em que a comunicação se fazia também por telégrafo, os jornais tiravam proveito dessa nova tecnologia para trazer o mais novo fato. Conforme os jornais foram apresentando melhorias técnicas e aumento de sua produções, a própria estrutura dentro do jornal também se modificava, especializava.

Segundo nos conta Darnton (2010, p.79), existe um sistema hierárquico dentro de uma redação: editor-chefe e editor-assistente; repórteres; redatores que preparam os textos; jornalistas ‘veteranos’ que já fizeram sucesso com suas reportagens, têm experiência e passam confiança; jovens redatores. Logo se percebe que a distribuição e o ‘jogo’ das matérias fazem parte de um sistema. Aponta também que há um certo ‘clima’ acirrado pelas melhores temáticas, o que provoca uma competição entre os repórteres. Portanto, dentro da própria estrutura redacional, percebemos que as relações de confiança, poder, submissão existem e não deveria ser guardadas as proporções, diferente no início do século XX.

Ciro Marconde Filho, em seu livro *O Capital da notícia*, coloca que,

O jornal, à medida que foi se desenvolvendo como uma empresa capitalista, caiu na área de interesses alheios à empresa. Dentro da estrutura redacional alternavam-se as relações entre ditor e redator. O redator pode perder a sua autonomia e o tratamento e elaboração de notícias sobrepõe-se à linha editorial. A partir de 1870, a escolha de títulos e a distribuição de matérias no jornal sai das mãos do redator e vai tornar-se função do editor. -HABERMAS, 1965, p.203. (MARCONDES FILHO, 1986, P.67).

Os jornais eram espaços privilegiados para difusão de ideais e diferentes segmentos disputavam esse espaço, portanto, as matérias também sofreram um aperfeiçoamento. Desde fins do XIX, os jornalistas começaram a se deslocar da redação e ir para as ruas em busca de acontecimentos. Esses sujeitos buscavam as informações nos mais variados locais da cidade e, se fosse uma notícia criminal, as delegacias eram as

primeiras a serem checadas, seguidas do Posto Médico da Polícia. Muitos jornalistas eram conhecidos de policiais, que lhes contavam sobre as ocorrências. A figura do repórter surge a partir de 1890, quando a produção dos periódicos se acelerava e, exatamente por isso, a estrutura de uma redação e produção mudou. Dentro das redações, houve a divisão do trabalho e esta ficou separada da produção nas oficinas. Foi nesse momento que o repórter nasce com uma função específica, não mais escrevendo sobre todos os assuntos, mas criando-se agora uma gama de profissionais que irão compor o processo de fabricação da notícia - repórteres, redatores, auxiliares, paginadores, desenhistas. (BARBOSA, 2010, p.15).

Os repórteres acompanhavam outros jornais e revistas e, com poucos telefones na cidade ainda naquele momento, o contato pessoal era fundamental. Eles circulavam por ruas, associações privadas, órgãos públicos e delegacias em busca de pautas. As mensagens das cidades do interior, por exemplo, e internacionais chegavam à redação por meio do telégrafo. Essa era a parte da chamada ‘informação bruta’. Após fazer as entrevistas, rascunhar em cadernos os temas, o jornalista transcrevia e redigia. Os desenhistas preparavam imagens. Na sequência, os tipógrafos usavam pequenos blocos para criar as matrizes e preparar para a impressão. As máquinas rotativas imprimiam os exemplares que eram dobrados manualmente no início. Os jornaleiros circulavam pela cidade e vendiam. As bancas só passaram a ser regularizadas em meados da década de 1950.⁵²

A principal fonte de informação sobre crimes utilizada pelos jornais eram os boletins ou registros policiais em que se tinham as ocorrências ou queixas das vítimas. Isso também não significa que todas as ocorrências eram participadas à polícia, muitas possivelmente não chegaram a ser contabilizadas. Além do que receber informações da própria polícia, já mostrava um filtro, uma pré-seleção do que seria publicizado, pois podemos levantar a hipótese de que as informações disponibilizadas pelas fontes oficiais da polícia não traziam as más condutas desta ou mesmo não colocaria em risco as ações policiais fracassadas ou impróprias. Para os jornais terem diariamente acesso às informações desse gênero, as fontes oficiais passavam um fluxo diário de notícias sobre o crime e a credibilidade dos fatos noticiados. Nas colunas destinadas a este fim, encontramos os boletins policiais que são, por si só, descrições em números de presos, de soltos e de apreensões. Notícias esparsas de temáticas relacionadas à criminalidade na cidade povoam esses dois periódicos aqui em questão.

O *Correio Paulistano* trazia também notícias da “Estatística médico-legal”, um apanhado de movimentação no gabinete médico da Polícia Central. Era comum fazer uma contabilidade. Em 05 de janeiro de 1910, o jornal fazia um balanço do ano anterior, em que a polícia registrou 2696 exames, dentre estes, 897 óbitos. Descrevia também a quantidade que cada delegado ou sub-delegados tinham tratado.

⁵² Folha de São Paulo Há 100 anos. Reportagem especial. <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/entenda-como-a-folha-produz-seu-noticiario-como-era-ha-100-anos-e-como-deve-ser-no-futuro.shtml> (acesso 26/fev/2021).

Os exames de corpo de delito, em numero de 1509 foram: por ofensas physicas leves 1280; ferimentos graves 229; exumações 2; autopsias 61; exames cadavéricos 81; exames de sanidade 9; exames negativos 7; exames de atentado ao pudor 85.

As verificações de óbitos foram: 286 de maiores, sendo 175 do sexo masculino e 11 do sexo feminino; 407 de menores.

Esses exames foram requisitados pela 1ª. delegacia auxiliar, 49; pela 2.a delegacia auxiliar 65; pela 1ª. Delegacia 454, pela 2ª. Delegacia 306; pela terceira 286; pela quarta, 215; pela quinta, 379; e pela delegacia de São Bernardo, 30.

Quanto aos meios empregados foram: armas de fogo 102; asphyxia por submersão, por acido carbônico 1; asphyxia por sufocação 6; instrumentos contundentes 1143; instrumentos cortantes 145; instrumentos corto-contundentes 42; perfurante 1; perfuro-cortante 103; punctorios 22; queimaduras 13; envenenamento 6; outros meios 59.

Deram-se durante o anno 1179 agressões leves, e 139 graves; 86 homicídios; 89 desastres leves e 61 graves; 42 mortes por desastres; 12 tentativas de suicídios leves e 39 graves; 26 suicídios; 37 exames negativos; 85 exames de atentados ao pudor; 16 mortes naturaes; 9 exames de sanidade. De acordo com a estatística deram-se durante o anno próximo findo 2696 casos de intervenção do gabinete medico-legal, contra 2305 observados no anno anterior. Comparando-se o anno de 1908 e 1909 com o anno de 1906 (1967) verifica-se que no anno de 1908 houve mais 343 casos e no ano de 1909 mais 734 que em 1906.⁵³

Especificamente, o que essa quantidade de números sobre os delitos informa, num primeiro momento, é a atuação da polícia. De forma muito objetiva, os dados apontam para um cenário do que se passou na cidade em termos de ocorrências, mas isolados os números pouco ajudam a pensar sobre essa questão. Relacionados as demais notícias e textos do jornal, ganham sentido. Ao lado dessa informação, na mesma página, encontramos mais atuação da polícia,

Repressão á vadiagem

O dr. Alarico Silveira, quinto delegado, no louvável empenho de expurgar o seu districto dos elementos maus que o infestam, deu hontem buscas em vários botequins suspeitos da travessa do Mercado e na Varzea do Carmo, prendendo os seguintes desocupados, alguns dos quaes são também gatunos e desordeiros: Plamyro Persigano, Américo del Moro, João Batista del Poggeto, Maximo de Oliveira, Siroximo Smpaio, Paulo Michelo, Vicente da Rocha, Vicente de Oliveira, Jose Ramos da Silva, Ezequiel de Aro Mazzucato Gildo, Angelo Giroa, Antonio Trombini, Bemvinda Ramos de Souza, Giacomo Vancosa, Cesario Fanti, João Montoia, Francisco Naporana, Francisco Bueno, Manuel de Sousa, Tristão Peres, Jose Innocencio de Moura, Vicencia Pires, Dorothéa Schimidt e Manuel de Sousa. Todos esses indivíduos vão ser processados de acordo com o art. 399 do Codigo Penal.

A Vadiagem

Pelo juiz da Primeira Vara criminal, dr. Adolpho Mello, foi hontem condemnado a 22 dias e 12 horas de prisão cellular, o vadio Caetano Zambardello, processado pela polícia de São Caetano.

- Por sentença de hontem, o dr. Vicente de Carvalho, juiz da terceira vara criminal, condemnado, a 22 dias e 12 horas de prisão cellular o vadio José Antônio brasileiro, de 22 annos de idade, solteiro, que foi processado pela polícia de S. Caetano.⁵⁴

As notícias criminais nos periódicos *Correio Paulistano* e *A Gazeta* tinham visibilidades diferentes. No *Correio*, estavam na coluna dos “Factos Diversos”, uma profusão de informações de diversos temas, mas que em sua maioria diziam respeito à criminalidade. Essas notícias tinham como temática os crimes

⁵³ Correio Paulistano, 05/jan/1910, p.3.

⁵⁴ Idem.

de sangue e os crimes de contravenção. A coluna “Factos Diversos” estava localizada graficamente nas laterais, mas, quando o crime era de maior repercussão, de algum indivíduo notável ou que causou alguma comoção popular, vinha centralizada na página. Normalmente, essas notícias estavam no interior do jornal na página 4 ou 5, antes dos anúncios e depois dos “Telegramas”. Aparecia junto às *Chronias Sociais*.

Diversas notícias procuram marcar o lugar social ou mesmo espacial do crime, o lugar dos sujeitos criminosos, onde frequentam, o que fazem. Alguns locais que mais se repetem as notícias são o botequim e o cortiço.

Scena de sangue

Num cortiço da rua General Flores – Contenda entre dois irmãos de gênios completamente antagônicos – Tres tiros de revolver – Prisão do agressor em flagrante delicto – O estado grave da vítima

Num cortiço existente á rua General Flores, n.24, desenrolou-se violenta scena de sangue hontem cerca de 1 hota da tarde, sendo Gonçalves dos Santos Filho estupidamente alvejado por três tiros de revolver que lhe desfechou o seu próprio irmão José dos Santos.

Entre os dois havia uma ligeira divergências nestes últimos tempos, porque Gonçalves sendo econômico e trabalhador, não podia conformar-se com a situação de Jose, avesso ao trabalho e de sua indolência sem par.

Necessitando de pequenas quantias para a satisfação de seus vícios, José recorria ao irmão que quase sempre o attendia.

Ainda sábado passado Jose dos Santos obteve de Gonçalves , por empréstimo a quantia de 3\$000 e, não contente com isso arrecadou abusivamente de uma officina no Anhangabahú, n.6, outros 3\$000 que o irmão tinha para receber.

Não tendo autorização previa de Gonçalves, este, irritou-se e muito justamente, ao ter conhecimento das expertezas.

Dahi, a origem da contenda de hontem. Gonçalves, dirigindo-se a Jose dos Santos disse-lhe algumas duras verdades, recriminando-o severamente pelo seu ignóbil modo de proceder.

Jose dos Santos, não tendo argumentos para rebater as considerações do irmão e vendo diminuída a confiança que este lhe deposita, de tal modo se enfureceu que, sacando de um revolver, detonou-o três vezes sucessivamente contra Gonçalves deixando-o gravemente ferido no peito.

Aos estampidos dos tiros acudiu o rondante da rua que effectuou a prisão do agressor, do se dispunha a fugir. Momentos depois, dado o aviso para a Policia Central, pela caixa de socorros mais próxima, compareceram ao local o dr. Pinheiro Prado, primeiro delegado auxiliar, e os médicos dr Pedro Naccarato e França Filho.

Depois de serem ministrados os primeiros socorros , Gonçalves dos Santos Filho foi removido para o hospital da Santa Casa de Misericordia. O inquérito sobre o facto prossegue no posto policial de Santa Iphigenia , a cargo do sr Ascanio Cerqueira, terceiro delegado.⁵⁵

Brutal Assassinato

Num botequim da avenida Agua Branca

- Profunda facada e morte quase instantânea da victima – O assassino condemnado a 30 annos de prisão, por crime de morte em 1897, e, perdoado a 15 de novembro ultimo – O inquérito policial

A cargo do dr. Ascanio Cerqueira, terceiro delegado, prosseguiu no posto policial de Santa Iphigenia o inquérito sobre a brutalíssima scena de sangue que se desenvolveu ante-hontem, pouco depois das 9 horas da noite no botequim Recreio Tripolin, situado a Avenida da Agua Branca.

A autoridade ouviu os depoimentos de Armando Frivella, proprietário do botequim, do menor Jose Lenuchi e da mulata Maria Antonia da Silva, amante de Nicola Petrocini, o autor do bárbaro assassinato.

Frivella referiu que sua mulher Pierina Frivella, empregou os melhores esforços para evitar o crime, tendo-se agarrado ao assassino, que a repeliu; Lenuchi limitou-se a narrar o facto tal qual já foi noticiado. A amante do assassino nenhuma declaração poudo prestar do que se passou, sinão por ouvir dizer, pois estava muito alcoolizada no momento do crime.

⁵⁵Correio Paulistano, 02/abr/1912, p.4.

Maria Antonia da Silva apresentava uma contusão na cabeça produzida pelo próprio amante, quando a arrastou fora do botequim. Apesar das diligências da polícia, o assassino não foi ainda encontrado. Hoje prosseguira o inquérito.⁵⁶

Observamos que as reportagens policiais transmitem pontos de vista que superam a questão apenas da criminalidade, evidenciando concepções mais amplas que se relacionavam com o ideal de civilização e progresso que se buscava difundir, com as relações sociais e as correlações com os nacionais e imigrantes, com a própria visão sobre a polícia, e que imprimiam diferentes formas de construção sobre o crime e os criminosos. Ao contrário da *Gazeta*, o *Correio* não apresentava, em sua maioria das vezes, títulos grandes, subtítulos ou fontes diferentes, mas mantinha sempre o mesmo estilo. Para as notas criminais, mantinha um tom sóbrio, em sintonia com seu estilo mais conservador, sem apelar para as emoções, o que já não acontecia com as notícias mais longas e as crônicas que produzia, pois sua narrativa era construída com elementos a chamar a atenção, de forma mais sensacionalista. Buscaremos desenvolver essas questões mais adiante nesse trabalho.

A exemplo do *Correio*, a *Gazeta* também construía suas notícias sobre crimes com elementos específicos. De imediato percebemos a diferença no espaço e na forma como eram produzidas no jornal. Grande parte das notícias criminais concentravam-se logo na capa e na última página da *Gazeta*. As notícias menores ficavam mais agrupadas para o fim das páginas, mas mesmo assim havia crimes de grande repercussão que estavam nas *Ultimas*. Sempre que houvesse a possibilidade, o jornal trazia a fotografia do local do crime ou dos criminosos, numa tentativa de objetividade e ‘verdade’ do que se escrevia.

Em “Chronica das Ruas”, situada na coluna direita logo na segunda página, a *Gazeta* trazia ao leitor diariamente acontecimentos do cotidiano. Percebemos que o local onde a notícia foi construída tem uma visibilidade grande, uma vez que, ao abrir o jornal, o leitor irá se deparar com uma das páginas mais importantes depois da capa. O título da notícia de imediato já leva o leitor a relação: álcool e sangue, que por meio de uma linguagem indireta propõe relacionar o alcoolismo à violência,

Alcool e Sangue – uma dívida de oitocentos reis – Agressão

- Diversos indivíduos passaram a tarde de hontem, a beber e jogar no botequim, á rua da Consolação, n.111. Os vapores do álcool não tardaram a perturbar-lhes as ideias, pelo que a dona da casa, receando graves consequências da acalorada discussão que havia travado, os poz no olho da rua. Uma vez fora do botequim, um dos taes, de nome Silverio Gregório, voltou a discutir com um companheiro João Francisco e desfechou um tiro de revólver em pleno peito. O criminoso fugiu e o ferido, em estado grave, foi removido para a Santa Casa.

- Outro tiro: num botequim da rua dos Immigrantes encontraram-se hontem Antonio Salano e Miguel Serviano. Este se dizia credor daquele da quantia de 10 tostões. Antonio, porém, dizia dever apenas oitocentos réis. Palavra puxa palavra, a discussão azedou-se. Um companheiro de Miguel, sacando de uma garrucha, desfechou um tiro em Antonio que ficou ferido gravemente.

⁵⁶Correio Paulistano, 30/jan/1912, p.4.

Escusado dizer que o criminoso deu de villa-diogo.

Polícia dos Costumes

Na Rua Líbero Badaró – Indecência

Com a demolição dos prédios da rua Líbero Badaró, as inquilinas de vida fácil, residentes naquela via pública começaram a cometer abusos que provocaram justas reclamações. Assim é que saíam para o meio da rua em trajes pouco decentes, afrontando o pudor e dirigindo larachas aos transeuntes. Sciente destes factos o dr. Pinheiro Prado, delegado auxiliar, tomou providências, afim de que cessassem taes atentados contra a moralidade pública.⁵⁷

O lugar da notícia de crime nesse periódico, o espaço ocupado por elas dentro do jornal, nos informa a intencionalidade dos agentes produtores da notícia. O modo como foram escritas e a elaboração por traz da narrativa carregam representações e sinais que vão se construindo em uma memória do crime e dos sujeitos criminosos, assim como criam uma relação com os leitores. Fazemos essa reflexão quando analisamos os chamados ‘fatos noticiosos’, pequenas notas soltas pelas páginas do periódico, aparentemente sem conexão alguma umas com as outras, mas que, com uma leitura mais acurada, é possível observar que as temáticas dirigidas ao leitor estão em consonância com uma proposta velada, intencional e carregada de significados. Aqui também observamos que *A Gazeta* ao construir a notícia deu ênfase ao local – o botequim, lugar em que se pode encontrar os desocupados e ébrios. Atrelado a ideia de modernidade e civilização, o periódico lança mão de um discurso da ordem e do combate às más condutas e posturas vistas como impróprias.

Tanto no *Correio Paulistano* quanto na *Gazeta* as notícias referentes aos crimes sejam de sangue ou de contravenção, eram produzidas como pequenas notas, aquelas com poucas linhas, simples, sem grandes chamativos, por muitas vezes com os mesmos títulos, sem muito apelo sensacionalista e estavam cotidianamente nos jornais. Tinham uma função de informação e, por serem muito curtas, não acompanhavam imagens, limitando-se a dar de forma direta a descrição de um fato. Podiam apresentar os seguintes títulos: “Prisão de vadios”, “Combate a vadiagem”, “Scena num Cortiço”, “Prisão de criminosos”, “Gatunagem”, “Dramas do adultério”, “Dramas do ciumes”, “Alcool e Crime”. Já as mais elaboradas, tanto no *Correio* quanto na *Gazeta* ocupavam um espaço de visibilidade maior, com subtítulos, diversas fontes e traziam uma narrativa mais desenvolvida. Na *Gazeta*, na primeira página, e no *Correio*, ainda na página 4, nos “Factos Diversos”.

Chamou nossa atenção a repetição de notícias sobre pequenos crimes de contravenção, rixas e desavenças entre trabalhadores imigrantes, vadiagem e alcoolismo frequente nos botequins, por exemplo. A construção dessas notícias, envoltas em adjetivações e estereótipos, marcavam os sujeitos. O leitor habituado na leitura cotidiana ou mesmo semanal destes periódicos já sabia que, na página 4 do *Correio*,

⁵⁷A *Gazeta*, 06/02/1911 p.2.

por exemplo, encontraria os “Factos Diversos” narrando sobre tais situações, assim como o leitor da *Gazeta*, logo na primeira página ou nas “Últimas”, certamente estaria à par do mais novo drama na cidade. A repetição dessas pequenas notas de crimes ou de contravenções, que estavam nos periódicos cotidianamente, da mesma forma, com as mesmas características, demonstra o projeto de comunicação. Grande parte das notícias foram narradas de forma sintética, mas outras foram construídas como uma história do crime, com pormenores e até sequências diárias para seu desfecho.

A presença diária dessas pequenas notas criminais que, por meio do discurso contruído do jornal vai-se tornando próxima e familiar do leitor, transforma o tema do crime em algo de interesse público, ao mesmo tempo em que constrói uma imagem dessa criminalidade, daquilo que não é moralmente aceito, do que é transgressor da ordem, em algo rotineiro, permanente e que vai penetrando na vida cotidiana da cidade e, por ameaçar a ordem, o progresso, precisa ser combatida. E, com isso, o jornal apresenta a maneira de se combater esses elementos ameaçadores da cidade. Mais que classificar os sujeitos criminosos ou delituosos, o que se faz é construir orientações implícitas desses indivíduos, dos lugares, dos modos como se vive.

1.3 A Crônica Policial nos jornais

A Crônica é um gênero narrativo que oscila entre o jornalismo e a literatura. Abordando muitos episódios e situações do cotidiano, acontecimentos corriqueiros, quase como um ‘flagrante do dia’, traz uma linguagem simples, breve e objetiva, procurando criar uma interlocução direta com o leitor. Sendo um ‘registro de fatos do cotidiano’, tornou-se corrente na imprensa do início do XX. Especificamente, a crônica jornalística traz o relato, apresenta aspectos particulares de notícias ou fatos e pode ter as características policial, política ou esportiva. Dentro desse gênero, tem-se as variações, como a crônica-narrativa, que traz episódios com muita ação, e a crônica-comentário, repleta de impressões críticas, ironias, humor e que expõe interpretações do autor a respeito do tema desenvolvido. Por ser mais ‘leve’, este tipo de texto relaciona-se à vida cotidiana, com uma linguagem coloquial, com sensibilidade no contato com a realidade. Sua leveza pode trazer uma linguagem descontraída, brevidades e informação rápida, característica da vida moderna. Narrada em primeira pessoa, traça um diálogo entre quem escreve e o leitor, o que faz com que a crônica apresente uma visão particular de quem escreve.

Esse cotidiano escolhido para ser narrado na crônica é construído, selecionado, portanto, privilegia-se alguns aspectos e se nega outros. Buscando a ‘imagem’ de um tempo social, elas são ricas ao historiador enquanto documentos, quando consideradas construções e não dados da realidade. Neves (1992, p.75) aborda a crônica nesse sentido como documento para as análises da História,

De uma forma muito particular as crônicas recolocam a seus leitores a relação entre ficção e História. No caso específico das crônicas cariocas produzidas na passagem do XIX ao século XX, é possível uma leitura que a considere “documento” na medida em que constituem como um discurso

polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. “Documentos” portanto, porque se apresentam como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documentos”, nesse sentido, porque imagens da nova ordem. “Documentos”, finalmente, porque ‘monumentos’ de um tempo social que conferirá ao tempo cronológico da passagem do século no Rio de Janeiro uma conotação de novidade, de transformação, que cada vez mais tenderá a se identificar com a noção de ‘progresso’. (NEVES, 1992, p.92).

Ao tratarmos da crônica nos jornais aqui trabalhados, fazemos uma distinção já que nossa reflexão se pauta na crônica policial e não literária. Com características herdadas do gênero, a crônica policial busca dar o enfoque no tema da criminalidade, fato do cotidiano que inesperadamente ocorre na vida da ‘gente ordinária’, causando o extraordinário. Uma vez que o crime instaura a anormalidade, altera o curso da vida dentro da ordem esperada, ele se torna um tema de fascínio, chama a atenção e a curiosidade para se saber as razões que desencadearam atitudes, rompendo com as regras sociais vigentes e de convivência. No entanto, romper a ordem estabelecida pode levar a se verificar quais elementos ou características provocaram a alteração e assim combatê-las.

Analisando o início do XX, percebemos que os jornais traziam pequenas crônicas policiais, assim como grandes reportagens de crimes. As formas de combatê-lo ganham espaço nos periódicos não se limitando apenas a notificação dos ocorridos, mas ampliando o tratamento do crime quando estendem o tema para as autoridades, entrevistas ou mesmo quando publicam crimes de outras regiões do país e crimes internacionais. O crime ganha visibilidade e combatê-lo estava em sintonia com os discursos de modernidade, cidade segura, progresso, novos interesses. Não apenas os ideais de modernidade contribuíam para se publicizar as práticas criminosas e as formas de combatê-las, mas a própria conjuntura que a imprensa vivia, na sua transformação em empresa capitalista, que alimentava a demanda para tais notícias, numa tentativa de conquistar cada vez mais público leitor.

As crônicas policiais nos jornais não eram assinadas por quem as escreviam, esse elemento não nos deixa campo para a análise desses redatores, mas para análise de seus conteúdos. Já salientamos que uma das formas de apresentar o crime e os sujeitos neles envolvidos era o relato cotidiano e repetitivo dos tipos de crimes cometidos, que eram tornados próximos e familiares por meio da narrativa dos jornais, das atuações policiais como prisões e perseguições, das queixas dos abusos e ofensas relatados no jornal. Essas ocorrências noticiadas de forma resumida e com linguagem própria eram agrupadas nos espaços permanentes dos jornais. Com variados títulos, faziam um apanhado dos acontecimentos ‘fora da ordem’ na cidade cotidianamente.

Botequim Ignobil

Queixa sobre queixa – Louvável resolução do delegado

Mais uma reclamação foi hontem levada ao dr. Alarico Silveira, quinto delegado, contra torpezas cometidas no botequim de Antonio Gamboa, que está sendo processado pelo crime de lenocídio. A

queixa foi de um tintureiro, victima alli do furto de 23\$600, que se achavam numa carteira. A autoridade esta apurando o facto e pretende cassar a licença do botequineiro.⁵⁸

Conflicto num botequim

O operário italiano Guillerme Lodi, residente á avenida A, n.6 na Villa Mariana, appareceu hontem, as 3 horas da tarde, no botequim de Francisco Pelegrini, a rua França Pinto, n.4 e bebeu em poucos instantes uma garrafa de vinho. Chegada a occasião do pagamento, perguntou-lhe o botequineiro si não queria pagar também duas garrafas que lhe devia há muito tempo. Guilherme que se achava alcoolizado disse que só pagaria as despesas atrasadas depois de dar cinquenta bofetadas no botequineiro. Este, indignado com a insólita resposta, tomou de um peso de meio kilo e arremessou-o á cabeça de Guilherme. O ofendido queixou-se do facto ao dr. Augusto Leite, segundo delegado auxiliar, e foi medicado na repartição Central da Polícia.⁵⁹

No dia 04 de janeiro de 1910, também na página 3 do *Correio Paulistano*, encontram-se numerosas notas relacionadas aos pequenos crimes do dia e outros acontecimentos corriqueiros, mas transformados em extraordinários devido ao sensacionalismo que o jornal imprimiu. Não há, no entanto, uma narrativa detalhada dessas notas que, de forma abreviada, colocam o leitor a par dos acontecimentos, mas a maneira de chamar a atenção por meio dos títulos é notória. Composto de dez linhas, os subtítulos tinham variados tamanhos e tipos de fontes e, composto de duas colunas centralizadas na página inteira, encontram-se os detalhes das ocorrências. Circundando as colunas, pequenas notas sobre crimes completam a página, “crime de morte”, “conflito numa padaria”, “lamentável ocorrência”, “assalto a casa fechada”, “prisão de desordeiros”, “repressão a vadiagem”.

Factos Diversos
O dia das Desgraças
Calamidade sobre calamidade
Misera creança!
Morte quase instantânea
ESBOROAMENTO DE UMA EGREJA
Um morto e vários feridos
Na Avenina Luiz Antonio
TILBURY SINISTRO!
Pormenores completos⁶⁰

Na construção das crônicas, percebemos que os jornais procuravam atestar as definições de crime e de condutas impróprias veiculadas para o público. Apoiadas em discursos dominantes da ordem e buscando veicular modos de vida determinados, as crônicas passavam a impressão de significados que se desejavam coletivos. Exemplos que encontramos quando as autoridades policiais intervinham para manter a ordem seja num cortiço, num botequim ou mesmo na rua, e os sujeitos infratores resistiam e se tornavam desobedientes, desacatando o policial; no momento em que os relatos dos alcoolizados praticam delitos, brigas, desordens e até mesmo a morte de outros sujeitos, a repressão à vadiagem como uma forma de combater a vida desregrada e marginal, marcada pela oposição ao trabalho e às normas; a prostituição como

⁵⁸ *Correio Paulistano*, 02/jan/1910, p.3.

⁵⁹ *Idem*.

⁶⁰ *Correio Paulistano*, 04/jan/1910, p.4.

uma forma de vida ilícita e imoral, que atentava contra à família, alicerce seguro de uma vida saudável e protegida.

No dia 18 de março de 1912, sob o título “Conflito e morte”, a *Gazeta* narrava uma discussão entre duas mulheres que envolveu os filhos e terminou em morte. Narra o jornal que Maria Cossolino, que era moradora na rua Carneiro Leão, juntamente com sua vizinha Raquel Vitocchi, estavam pela manhã tendo uma ‘grande contenda’ que, segundo a notícia, se dava por motivos fúteis, como sempre ocorre com as mulheres. Na briga das duas vizinhas, um dos filhos de Raquel interveio,

(...) A pesar, porém, do motivo fútil, a questão das mulheres provocou a intervenção dos respectivos filhos, Vicente Vitochi, de 19 annos de idade e Raymundo Cossolino. Os rapazes entraram a insultar se, *como faziam as contendoras*, e dentro de pouco passaram as vias de facto, sendo inúteis os esforços de varias pessoas entre ellas Aniello Cossolino, filho de Maria, para fazer apaziguamento. Resultou tremendo *charivari* que Raimundo recebeu de Vicente trez facadas no ventre e uma na coxa esquerda, que foi atravessada enquanto Aniello era moído a caceto por Rachel. Raymundo, depois de medicado foi removido para a santa Casa, onde faleceu ás 6 horas da tarde. O dr. Franklin Piza, quinto delegado, procede inquérito. A estas linhas acompanham os *clichês* da victima e do assassino, reproduzidas de uma photographia tirada a quatro annos.⁶¹

Aqui tem-se uma notícia crime cujas protagonistas mulheres são as responsáveis pela briga que terminou com a morte de um dos filhos. Na discussão, os filhos imitavam as mães nos insultos, até que a contenda se tornou um ‘charivari’. O termo empregado nessa notícia é muito comum de se ver nas notas criminais. De forma resumida, significa ‘grande barulheira, algazarra’. É um termo comumente associado aos rituais populares medievais, principalmente, no período do Carnaval, em que podia-se zombar e insultar sem preocupações de repressão; tinham também como características canções de difamação e eram alvo dos *charivaris* normalmente pessoas que se envolviam em situações incomuns, fora da ordem. Nesse caso, ao comparar a briga de mulheres com um *charivari*, o jornal coloca os envolvidos como sujeitos fora da esfera de regras sociais aceitáveis. Na edição do dia seguinte, 19 de março, o jornal trazia na primeira página com um título maior, a fotografia do garoto morto e reproduzia novamente a notícia, nomeando as testemunhas que a polícia ouviu, acrescentando a informação de que o assassino Vicente Vitocchi era chapeleiro.

⁶¹ A Gazeta, 18/mar/1912, p.1.



A Gazeta – Destaque da notícia, 19/02/1912.

Nas crônicas policiais da *Gazeta*, podemos encontrar notícias mais detalhadas como prisões e brigas entre *chaufers*, cocheiros e empregados da *Light* que ocorriam por rivalidades no trabalho, ciúme de profissão e traição e, muitas vezes, por atropelarem e provocarem a morte de indivíduos. Apesar de não constar propriamente como crime, essas ocorrências eram comuns. As brigas de mulheres, vizinhos ou entre familiares por trabalho e herança também faziam parte dessas pequenas notas. Grande parte das crônicas policiais noticiadas revelam a violência resultante de conflitos que ocorrem na esfera doméstica, da

vizinhança, no trabalho dos grupos mais populares e de trabalhadores. As narrativas carregam na linguagem elementos que supervalorizam a ideia que se pretende transmitir. Muitas vezes, os adjetivos cumprem o papel de imprimir aos sujeitos uma caracterização que ressalta ou supervaloriza um determinado juízo de valor vigente, como por exemplo, “o preto espertalhão”, “o vadio turbulento”, “tipo ignóbil”, “mulher intempestiva”, “indivíduo ocioso”, “empregado ingrato”, “carroceiro desonesto”, entre outros. A construção desses títulos ou subtítulos nas notícias já direcionam para uma compreensão, antes mesmo do leitor lê-la.

Audacioso Ladrão

Roubo de cinco discos phonographo e agressão

No gabinete da Assistencia foi medicado hoje, ás cinco horas da manhã, pelo dr. Luiz Hoppe, o syrio Bassil Halabi, de 55 annos de idade, casado, hoteleiro, residente a rua 25 de Março n.233, o qual apresentava um ferimento no auto-braço esquerdo produzido por unha de agressão.

Halabi, que também foi submetido ao exame de corpo de delito no gabinete médico-legal, prestou declarações ao quarto delegado auxiliar, de serviço na Central.

Halabi conta a agressão do seguinte modo: As 4 horas da manhã estava elle ainda repousando, num do aposentos do interior do seu albergue, quando ouviu baterem a porta. Levantou-se para ver [...] e deu de cara com um preto alto de complexidão robusta, mal encarado, o qual sem nada a dizer fugiu levando cinco discos de phonographo. Diante de pouca importância do furto, Halabi que preferia estar deitado, socegado, a ter uma luta com o preto, deitou-se outra vez, mas foi interrompido por outra batida. Levantou-se mal-humorado ascendeu a luz elétrica, abriu a porta, e esbarrando ainda com o preto foi por este empurrado e dominado recebendo socos por todo o corpo. Enfim, o preto fugiu e Halabi gritou por socorro, chamando a atenção dos soldados de ronda nas proximidades. O dr. Franklin Piza quarto delegado auxiliar, abriu inquérito sobre o facto.⁶²

Muitas notícias não chegavam a ter uma certa coerência, lida aos olhos de hoje. No intuito de divulgar um acontecimento, os jornalistas sequer se preocupavam com uma lógica ou coerência. Na notícia sobre o roubo dos discos, não encontramos o ‘como’ ocorreu. A narrativa nos conduz para ‘quem’ praticou: um preto, robusto, mal-encarado. Não existe elementos para encadear as ideias sobre o fato, isso gera vários questionamentos, por exemplo, como alguém bateria a porta e depois já sairia com os pertences da vítima, ‘sem cerimoniais’? A vítima fechou a porta e voltou a dormir? Mas, na sequência, o ladrão volta a bater na porta? Entretanto, a narrativa enfatiza as características dos envolvidos, um preto mal-encarado e um imigrante sírio hoteleiro. Não há muita preocupação na narrativa com certa ‘lógica’, mas em destacar o título, chamariz para o leitor.

Em “Os Dramas do Amor”, um carpinteiro, abandonado e desprezado por uma mulher de vida fácil, tentou assassiná-la. A crônica nos conta que Mario, carpinteiro, de 25 anos, se apaixonou por Celestina, uma mulher que vivia num ‘casebre’ próximo a rua do Quartel. Logo de imediato, a narrativa estabelece os lugares sociais, um carpinteiro, portanto, um trabalhador, e Celestina, uma mulher de ‘vida fácil’, aquela que não merecia consideração por ter atitudes imorais. Era janeiro de 1913 e Mario não aceitava o fato de que Celestina não lhe correspondia, portanto, decidiu persegui-la. Numa noite, dirigindo-se a um botequim

⁶² A Gazeta, 12/set/1912, p.6

na rua Capitão Salomão para comprar cigarros, deparou-se com Celestina que estava em companhia de ‘Luizinha e Elza de tal’.

Quando o jornal narra que Celestina estava no botequim, induz o leitor a pensar, provavelmente, que uma mulher ‘decente’ não frequentava botequins, local essencialmente masculino, do jogo e da bebida, portanto, induz o leitor a formar um caráter à respeito de Celestina. Mario, então, dirigiu-lhe a palavra dizendo que gostaria de ir à sua casa, mas como o pedido lhe foi negado, saiu do botequim e, tempos mais tarde, dirigiu-se a casa da pretendida que não gostou da surpresa e pediu que o insistente moço fosse embora, já que sua conversa era ‘insossa’.

Segundo conta-nos *A Gazeta*, Mario enfureceu-se e de posse de um punhal atacou Celestina, que sendo uma ‘mulher avantajada e corajosa’ investiu contra seu agressor e, tomando-lhe o punhal, feriu-o com duas punhaladas no peito. Nesse momento, a polícia já chegava ao local, Mario prestava depoimento e confessava seu desejo de matá-la, devido a sua paixão desesperada. Para os pequenos crimes narrados das “pessoas comuns”, não havia muitos detalhes, mas assim mesmo observamos fragmentos de valores. Um trabalhador, uma mulher de vida fácil, o lugar que frequentam – botequim, a atitude explosiva causada por amor. A notícia é encerrada trazendo o retrato da vítima e do criminoso.



A Gazeta – Imagem da notícia, 16/01/1913, p.1

Demonstração pratica da capoeiragem

Encontro de dois turbulentos – No grande chalo da estação da Luz –

O conhecido desordeiro Eduardo Villa, proprietário de um hotel denominado “Nova Italia”, á Rua dos Immigrantes n.177, onde não raro a policia faz as suas devassas á cata de ladrões vagabundos, achando-se hontem as sete horas da noite no grande hall da estação da Luzfoi ahi apresentado por Mauricio Pugliesi e Eduardo Minitto, também desordeiro e contra o qual existe um processo em Bragança. Apenas travaram relações os dois turbulentos entraram a falar no assumpto predilecto: capoeiragem, em que ambos costumam exercitar para desenferujar-se as gambias. Conversa vai e conversa vem Villa tentou uma demonstração practica com Eduardo, mas saiu logrado, porque este muito mais dextro aplicou-lhe uma especie de rabo de arraia que o fez bater com a testa. Neste momento interviu o agente Romeu Carusi e o guarda-cívico Affonso Moura que efetivou a prisão dos desordeiros.⁶³

Precocidade no crime

⁶³ Correio Paulistano, 17/mar/1911, p.4

Um menor de maus instintos – Na rua dos Italianos, por motivo fútil um menor desfecha um tiro de revolver contra transeunte – Fuga do criminoso

Num dos passeios da rua dos Italiano, um menor de 13 para 14 annos que parece ser de nacionalidade italiana brincava as 9 e meia da noite com uma roda de madeira, quando por ali passava um carroceiro Giacomo Perucci de 43 annos de idade morados n. 8 daquela rua. Achando-se distraído o carroceiro embarçou-se na roda e quase deu uma queda. O menor achou graça no caso e vaiou Perucci. Irritado por isso, o carroceiro tentou castigar o menor, mas este sacando de um velho revolver desfechou-lhe um tiro. A bala atingiu o ventre de Perucci, mas não penetrou, produzindo apenas um pequeno tumor edmatoso. O menor evadiu-se a vitima apresentou queixa a policia sendo medicado na Assistencia Policial.⁶⁴

O eterno ciúme

De volta de um baile um preto fere gravemente sua mulher a tesoura – Conclusão do inquérito
Com os depoimentos de quatro testemunha o dr. Accacio Nogueira, segundo delegado, encerrou hontem o inquérito instaurado contra o preto Jose Alves, que no dia 6 do corrente, feriu gravemente a tesoura, por questão de ciúme, a sua mulher Maria Benedita, facto ocorrido na casa n. 136 da rua Vergueiro. O inquérito será hoje remetido ao juízo criminal. Continua foragido o criminoso.⁶⁵

Observamos que as pequenas notícias criminais são colocadas nas colunas centrais muitas vezes, destacando as tragédias individuais como algo rotineiro, inerente a vida, como dramas cotidianos, normalizados pelo próprio jornal, em meio a outras notícias como crônicas sociais e religiosas. No entanto, ao mesmo tempo, mudam a rotina da vida social com os casos mais dramáticos e graves publicados com tom sensacional e apelativo para prender a atenção do público leitor. Casos com maior visibilidade, envolvendo personalidades ou mesmo anônimos, mas cuja história não tem fim numa primeira versão, tendem a se desenrolar em mais de uma edição dos jornais. Por sua vez, estes exploram a oportunidade de continuar tratando do fato e convidando o leitor a adquirir o jornal nos dias subsequentes, a fim de encontrar o desfecho para o crime. Não é incomum encontrarmos a mesma notícia repetidas vezes em dois ou três dias seguidos, sem nenhum acréscimo ou ‘novidade’ no caso. O potencial dramático que muitas notícias criaram fazem com que o leitor seja estimulado a perseguir a notícia.

A crônica como documento para a reflexão do trabalho do historiador possibilita recuperar os fragmentos e analisar o cotidiano a partir de construção, e não simplesmente da organização de dados, trazendo diferentes vozes e personagens da cidade, que frequentam as ruas e os espaços, sejam públicos ou privados. Ao trabalhar com o ‘fato’, matéria-prima que permite captar e tematizar as entrelinhas da vida cotidiana, a crônica nos permite observar como este se transforma em discussão e interpretação. O seu conteúdo é produtor de uma mensagem, de muitos significados, por isso, extrapola o fato em si mesmo e confere a ele significados.

Na cidade de São Paulo em transformação no início do XX, as crônicas criminais nos mostram vestígios, sinais de variados modos de vida. No entanto, devemos sempre nos lembrar de que a notícia já foi filtrada e selecionada para ocupar as páginas do jornal que, por sua vez, também foi selecionada na análise do historiador. Os vestígios que informam uma dada ‘história’ podem estar nas notícias, mas serão

⁶⁴ Correio Paulistano 01/out/1913, p.5

⁶⁵ Correio Paulistano, 09/jun/1915, p.6

sempre um fragmento dela. A escrita da História carrega consigo produções de memórias e de esquecimentos e percebê-la como um processo das relações sociais, culturais, das falas e não-falas é imprescindível ao tratar da imprensa. Esta pode ampliar discussões, construir ideias e publicizá-las. Naquele início de século, a imprensa falava sobretudo com as camadas urbanas e as notícias editadas contribuíam para disseminar valores. Os jornais não atingiam apenas o universo dos letrados, pois debates, comentários, manifestações, protestos e movimentos também eram espaços para se discutir o que estava impresso nos jornais.

Buscando responder nossas indagações a respeito de como as crônicas que, em suas narrativas de cunho sensacional e melodramático, possam transmitir de alguma forma valores ou estigmas, analisamos as notícias inseridas nos periódicos e percebemos como estes se utilizaram de discursos cientificistas acerca da modernidade, para falar dos crimes, para explicar comportamentos. Mas não apenas. Os sujeitos protagonistas das notícias criminais, sejam os culposos ou não, sejam aqueles que, de alguma forma, participaram dessas narrativas enquanto testemunhas ou policiais, apresentam suas falas.

Nas linhas da notícia, pelo olhar do redator e pelo viés ideológico do jornal, muitos sujeitos deixaram suas marcas. O que eles carregam não é um ‘espelho da realidade’, mas sim uma representação de momentos do real, em que podemos recuperar a presença de múltiplos sujeitos, uma vez que a fonte, parcialmente objetiva, é produzida a partir de uma subjetividade.⁶⁶

Pensando sobre como os meios de comunicação exercem influências nas sociedades e na construção do conhecimento e também na produção de uma memória, nossa reflexão discute o papel que a imprensa desse período, representada aqui pelos periódicos escolhidos, teve na construção da memória do crime e dos sujeitos ditos criminosos. Nesse aspecto, as notícias a que chamamos de ‘dramas da vida privada’ estampadas na grande imprensa traziam concepções de mundo e de vida popular em contraposição aos modos marcados e estabelecidos por uma concepção dominante.

Como já salientamos, a partir do progresso tecnológico do período em questão, os jornais de maior circulação intensificaram suas produções, impelidos pela concorrência entre si e pela lógica de mercado, desejando maior consumo, aproveitaram o momento e passaram a explorar as notícias do cotidiano em suas folhas. Junto aos variados temas do cotidiano, as notícias de cunho criminal atraíam os leitores. Portanto, informar sobre os vários acontecimentos criminais, a procura ou captura de um criminoso ou mesmo cobrar ou prestigiar a polícia pelo seu trabalho se tornou uma prática comum nos jornais. A análise das crônicas policiais e dos crimes não se foca apenas nas notícias em si mesmas, não se esgota e não se reflete apenas na seleção dos crimes ou notícias sensacionais, mas em como o jornal é concebido.

⁶⁶ MARSON, Adalberto. Reflexões sobre procedimento histórico. In SILVA, Marcos A. da. **Repensando a história**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1986, p. 46-47.

A narrativas que tratam da temática criminal foram ganhando maior visibilidade dentro do contexto das intensas transformações urbanísticas do final do XIX, de novas formas de viver nas cidades industriais, com o acentuado crescimento demográfico e as intervenções urbanas, com a ampliação da crença na tecnologia e na ciência, que conferiam respostas para todas as situações vividas. Adentrando o século XX, conferido como século da Razão, com o rompimento dos laços, tradições e costumes, forma-se um novo ideal de sujeito, o homem burguês. A visão do “eu” enquanto indivíduo, cria muitas necessidades e provoca interesse, o interesse no mundo privado, na vida privada. O crime, num primeiro momento, está ligado de alguma forma a vidas particularizadas, atitudes individualizadas, motivos pessoais, mas inseridas dentro de um contexto amplo social, político e cultural, ele pode se revelar parte do todo da sociedade.

O conceito, a ideia de vida privada relaciona-se ao nascimento e desenvolvimento do capitalismo, ao mesmo tempo, o modo de vida burguês passa a ser visto como um ideal a ser vivido. Com as transformações do viver na cidade, a busca pela informação do cotidiano cresceu. O ritmo da vida urbana pedia tal mudança. O noticiário dos periódicos agora precisa sair da redação atrás da notícia mais atual, capturar as cenas da vida cotidiana, da resolução daquele crime que há dias aparece nas colunas, atrás do policial para averiguar o que de novo surgiu. Ir à delegacia de polícia era algo corriqueiro para o redator que desejasse uma informação em primeira mão. Hospitais também estavam na lista de locais frequentados pelos jornalistas e conversas com as autoridades sejam policiais ou médicas, ajudava na narrativa.

A crônica policial era revelada de maneira dramática, contando acerca da vida dos protagonistas, seu trabalho ou a falta dele, os locais por onde passavam e moravam, suas relações pessoais e as inimizades, rixas e desamores. O aparecimento das notícias de crimes nos jornais foi marcante já desde o final do XIX, tanto que, segundo Guimarães, Machado de Assis assinava a coluna *A Semana* no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, comentando os diversos assuntos e, em uma de suas críticas, comentou um brutal assassinato no ano de 1892. De acordo com a autora, o crime ocupou as páginas do jornal e comoveu a opinião pública, pois tratava-se de uma moça, cujo corpo foi encontrado esquarterado na zona portuária do Rio de Janeiro. E o caso ganhou até uma versão na *Revista Illustrada*. Nos dizeres do próprio Machado,

Digam o que quiserem; o homem gosta de grandes crimes. Esta sociedade estava expirando o tédio. Uma ou outra sentença sobre negócios e ações nominais mal satisfazia a curiosidade, e não de todos, porque há muita gente que não conta de cem contos para cima; [...] Foi um banquete pantagruélico. Um simples pedaço de cadáver, ensopado em mistério, bastou a faltar toda cidade. (Assis 1892-1893[1996,p.126], GUIMARÃES, 2010,p.20)

A notícia sobre o cotidiano da cidade era transformada em uma espécie colcha de retalhos, explorando os fatos do dia a dia urbano e construindo uma percepção do ritmo da cidade que aparecia como o local das relações e tensões. À medida que a cidade se urbanizava, maior era a frequência de pessoas nos espaços públicos e privados, mais crescia a procura por uma ocupação ou trabalho fixo, maior o número de

sujeitos indo e vindo pelas ruas da cidade, sobretudo nas regiões entre o Largo da Sé, a Várzea do Carmo, o Brás, Santa Ifigênia, Consolação. Locais de concentração de populares com habitações mais baratas e muitos cortiços, povoado por sujeitos à procura de emprego, mas também casas de comércio e artigos importados e local da redação dos principais jornais. As ruas do Brás, do Gasômetro e da 25 de Março eram amplamente frequentadas. Muito do que se passava nessas regiões era noticiado nas páginas dos jornais.

CAPÍTULO II – OS CRIMES NOS JORNAIS: FOLHETINS DA VIDA REAL

A partir das crônicas produzidas, podemos apreender fragmentos da cidade de São Paulo e de seus sujeitos sob o olhar do cronista que trazia em sua narrativa referências de um pensamento marcado pelo conjunto de ideais da modernidade. Esses elementos, como o progresso, a ordem, as teorias científicas, os conceitos da criminologia, a ideia de civilizado, estavam diluídos nas narrativas apresentadas. Na cidade de São Paulo, desde as décadas anteriores ao início do século XX, o discurso do progresso e do trabalho se fazia muito presente em oposição à vadiagem. Percebemos a partir dos projetos de lei e termos aprovados que combatiam por todos os meios essa prática. A vadiagem juntamente com a prostituição eram criminalizados e considerados crimes de contravenção. Somam-se a eles outras tantas práticas como a capoeiragem, roubos e furtos, moeda falsa. Apesar de serem combatidos desde o período colonial e imperial, foi com o advento da República que eles passaram a crescer como notícias nos jornais.

De uma maneira mais geral, foi a partir do *Folhetim*, uma espécie de gazeta onde se publicavam romances no século XIX, que nasceu a crônica. Não é nosso objetivo neste trabalho tratar do *Folhetim*, porém o citamos para pontuar como a crônica nasceu no jornal. Nesse caso específico, a crônica dos crimes nos jornais trabalhados cumpre a função de noticiar um fato do cotidiano. Por tratar de uma variedade de assuntos, a crônica tem o fato como matéria prima para tematizar a vida cotidiana e muitas vezes o não-dito sobre ela. É um texto desembaraçado, breve e leve, criado para uma leitura rápida. O cronista transforma um assunto corriqueiro e pouco significativo em um grande tema de debate e discussão, podendo polemizar até como no caso dos crimes. Nesse sentido, podemos entender que o cronista que produz a notícia no jornal o faz como uma forma de comunicação política com o leitor. No cotidiano, percebemos os espaços de disputas e conflitos, hierarquias, convicções, valores.

2.1 Crimes de Sangue e Honra: dramas da vida privada

Sexta-feira, 10 de março de 1911. No *Correio Paulistano*, encontra-se na página 3 e na *Gazeta*, na primeira página. O crime: lenocídio, prostituição, assassinato, suas consequências: suicídio e orfandade, ingredientes perfeitos para a crônica policial nos jornais daquele final de semana. Os dois periódicos aqui em questão noticiaram amplamente o crime da rua Três Rios, no Bom Retiro. O *Correio Paulistano* produziu sua narrativa e ocupou-se de duas colunas na página 3 e uma coluna na página 4, um espaço generoso para um único fato diverso. Iniciou com o título “Tragédia!” utilizando-se do recurso da exclamação para dar ênfase a notícia, em tom assombrado e atônito. Em oito linhas, apresentou subtítulos em negrito e dividiu a reportagem em nada menos do que nove partes para esclarecer ao leitor todos os dados de que dispunha sobre o ocorrido, como se fossem pequeninos capítulos de um folhetim.

Nessa página 3 do *Correio*, encontramos as *Correspondências Peninsulares, Theatros e Salões e Chronicas Social*. Nas duas últimas colunas à direita começa, então, a narrativa em “Factos Diversos”.

Tragedia!

**Num palacete da rua Tres Rios – Epilogo
sanguinolento de uma vida de ignomi-
nias – Lenocinio e prostituição – Um
individuo que sendo expulso do terri-
tório nacional retorna ao Brasil, ilu-
dindo as autoridades –
Assassinato e suicídio – Providências
Da policia – Quatro creanças na orfandade!**

A sangrenta ocorrência que abaixo relatamos com todos os antecedentes e pormenores, pertence ao numero destes factos para os quaes os observadores conscienciosos da alma humana não encontraram ainda, nem talvez nunca encontrarão, uma explicação plausível. Um marido que mercadeja a honra conjugal e vive durante muito tempo desse repugnato commercio, é obrigado pelas nossas leis a sahir do território nacional e a abandonar a esposa e os filhos, a um dos diversos amantes, que procurou para a mãe dos seus filhos. Mezes depois, iludindo a vigilância das autoridades, regressa a S.paulo, assassina a misera mulher e, em seguida, suicida-se. Eis o facto nas suas linhas geraes.

Não foi, decerto, o ciúme que armou o braço do covarde, assassino, pois elle próprio quem enlameou o seu lar. Muito menos a vingança das afrontas, de que elle mesmo, com a mais desafrontada desfaçatez auferia os recursos para a sua vida ociosa.

Qual seria, então, o móvel desse repugnante crime? O desespero de não poder mais sustentar-se à custa dos amantes de sua mulher? A inveja de assistir de longe, á relativa felicidade daquela que ele tanto rebaixou? A que outro sentimento de seu coração embotado, a que impulso de sua consciência depravada, teria elle obedecido, para nem sequer, lhe acudir a mente a lembrança dos filhos, que ia deixar desamparados na vida?

Que respondam os que se entregam ao estudo das perversões da alma humana, os que lhe tenta, desvendar as aberrações e as torpezas, os seus regressos atávicos á primitiva animalidade.

O noticiaria limita-se a narrar os factos. E é o que vamos tentar fazer.

Logo de início o jornal promete ao seu leitor apresentar todos os dados possíveis, fazendo crer que as informações na narrativa foram bem apuradas, dignas de confiança. Tendo uma linguagem mais formal e culta em suas reportagens, o *Correio* não deixava de fazer uso de elementos que se aproximassem de uma linguagem mais ‘popular’ e direta quando o assunto era o crime. Inicia explicando que o observador consciencioso não tem explicação para o fato, por isso, mesmo devemos deixar a cargo dos ‘especialistas’, “que respondam os que se entregam aos estudos das perversões...”, de modo que direciona o leitor que o fato ocorrido poderá ter explicação por meio de alguma teoria científica. A fim de colocar ordem e encadeamento nos fatos, o jornal subdivide os momentos da narrativa e segue o esquema do folhetim: “o que”, “quem”, “onde”, “como”, “por que” e seu desfecho. As ‘partes’ da crônica foram assim subdivididas: “Os protagonistas da scena”, em que o jornal apresenta ao leitor quem são, como e onde viviam; “da indolência a ignominia”, momento em que se narra a situação em que viviam; “Vergonhoso conchavo”, que explica a relação entre marido e mulher, quando o leitor ‘descobre’ que ambos estão em conluio; “Inesperado incidente” parte que conta ao leitor como a esposa se apaixona por um dos amantes; “A intervenção da policia” quando o marido é expulso do país; “Vida nova e tranquila”, parte em que o jornal

narra, como uma boa história de amor, a vida tranquila e feliz da esposa com o amante; “O regresso de Ruiz”, o marido explorador regressa e pede reconciliação; “A scena do crime”, a essa altura o leitor já imagina o que se deu; “Comparecimento da polícia” termina a narrativa.

Como se tivesse saído de um livro de romance, a narrativa informava ao mesmo tempo em que produzia no leitor alguma opinião sobre o fato e as pessoas. Por fim, ainda nessa introdução, o noticiarista declara que vai se esforçar para apenas ‘narrar o fato’, deixando o alerta de que poderá fazer considerações e julgar.

Chamavam-se Vicente Ruiz e Maria de Las Nieves Plás os protagonistas da tremenda scena de sangue. Eram casados na Hespanha, pátria de ambos, e desse consorcio houveram três filhos, Eduardo, Ramon e Affonso, dos quaes o primogênito conta actualmente com 14 annos de idade e o ultimo com apenas cinco.

Abandonando a terra natal, em demanda de melhores dias, embarcaram, não há muitos annos, para a América do Sul. Foram para Buenos Aires [...] não conseguindo melhorar de vida vieram ter no Brasil. Maria de las Neves era formosa mulher, 32 annos nascida na província de Granada [...] e como a maioria das hespanholas do sul tinha o porte senhoril, a cabeleira negra e rosto moreno. «Coquette», amiga do luxo e do conforto, Maria de las Nieves desiludira-se logo aos primeiros tempos de casada. Seu marido, Vicente Ruiza, toureiro medíocre, muitos annos mais velho, não correspondeu certamente a sua expectativa, [...] começou a apresentar uma reprovável aversão ao trabalho, uma indolência doentia. Há dois annos vivendo em São Paulo uma vida recatada e mysteriosa. Vicente continuava sem emprego e sem demonstrar grandes esforços para colocar-se. Perdeu o amor ao trabalho. Maria que era mulher bonita e de expediente, tomou a si a direção da casa. O tempo se escoou com indiferença de Ruiz. As creanças tinham a sua “toilettes” de passeio, a casa começou a ser farta e bem sortida e o Ruiz não demonstrava grandes preocupações [...] Maria, outrora apreensiva com o desanimo criminoso do marido, já não era a mesma. Uma súbita transformação operara-se em seu caráter. Tornara-se alegre, bem disposta, carinhosa com o marido e os filhos, e despartava diariamente com bom humor de quem tem o pão de cada dia garantido.

Vicente nunca indagou da mulher de onde vinham as joias e as “toilettes”, os viveres e os objetos de luxo. Era natural que ele tivesse compreendido...⁶⁷

Até aqui o leitor mais atento já percebeu que o protagonista Ruiz não é afeito ao trabalho, pois narra-nos o noticiarista que, desde a Espanha, Ruiz não se interessava pelo trabalho, era um toureiro medíocre e, com a vida difícil, foi obrigado a deixar o país. Descreve em seguida que Maria, mulher bonita, gostava de luxo e conforto e que, diante da apatia do marido pelo trabalho, tomou os rumos da casa, levando do ‘bom, do melhor e do caro’ sem ser questionada. Na sequência do “Vergonhoso conchavo”, a notícia apresenta ao leitor que Maria, “tendo estudado o caráter do marido e percebendo claramente sua índole tolerante”, resolveu submetê-lo aos mais “torpes expedientes”.

(...) decorrido alguns mezes dessa vida de vergonha e ignominias, era o próprio Ruiz quem designava, os novos amantes para a sua mulher, depois de sondar-lhes as condições financeiras e os hábitos de vida. Mas Ruiz era bem remunerado pela sua calculada tolerância e esbanjava boa parte dos proventos [...] vendo subitamente endinheirado, com as algibeiras recheiadas e o futuro garantido, Vicente Ruiz fez-se jogador e teve amantes. [...] Desde então, deante do vergonhoso conchavo, a vida para ambos corria plácida e serenamente.

⁶⁷ Correio Paulistano, 10/mar/1911, p.3

Inesperado incidente – Continuando sem escrúpulos nos desregramentos a que se entregara, não tanto por necessidade mas por índole aventureira, Maria veio a conhecer o rico industrial Alfredo Schurig, proprietário de uma fábrica de parafusos á rua de Santa Rosa. A princípio suportou-o como homem generoso e educado, capaz de satisfazer seus caprichos; depois amou-o por inexplicável anomalias do coração [...]. E, de acordo com o amante, tratou de por termo a mesquinha exploração de Ruiz.

A intervenção da polícia – Alfredo Schurig foi pessoalmente a Repartição Central de Polícia e narrou todo o drama de baixezas e infâmias ao dr. Delegado auxiliar, apresentando testemunhos incontestáveis das suas asserções.

A autoridade de acordo com o art. 28 do código penal, instaurou imediatamente o respectivo processo. Varias testemunhas foram ouvidas e a responsabilidade de Vicente Ruiz ficou apurada. Tratando-se de um estrangeiro, pernicioso ao meio, a autoridade tratou de obter o decreto da sua expulsão do território nacional. Vicente informado das intenções da polícia procurou fazer-lhe sentir que sahiria expontaneamente, deixando a mulher que se recusava a segui-lo. Vicente embarcou de Santos, sob a fiscalização de um agente de polícia. Quando ia a caminho da Espanha, chegou o decreto de sua Expulsão.

Vida nova e tranquila – Reciprocamente apaixonados, protestando mutua fidelidade e vida comum para sempre, Alfredo Schurig e Maria das Nieves passaram a viver maritalmente tratando da educação das três infelizes creanças. [...] Schurig construiu elegante palacete na Rua Tres Rios, n.47 esquina da rua Prates e mobiliou-o com riqueza e exuberância de gosto.. Nada lhe faltava, nem dinheiro e nem alegria. O pequeno Eduardo foi recolhido como interno no Ginasio Italo-Brasileiro, para completar a educação e as outras duas encontraram no amante de Maria caricias que desconhecera quando viviam ao lado de seu pae. Um anno depois os dois amantes continuaram ainda mais fortes e indestructiveis os laços que os prendiam com o nascimento de uma menina, uma galante criatura que recebeu o nome de Ernestina Schurig. E assim rodeados de felicidade, os dois apaixonados amantes viam escoar-se o tempo sem preocupações de grande monta.

O regresso de Ruiz – Por uma manhã de agosto, do anno findo, tendo Alfredo se retirado para o trabalho, Maria de las Nieves sentada em frente a um penteador do seu *boudoir* recebeu uma carta trazendo o sineto do Rio. Ao toca-la teve um pressentimento e ao ler o endereço, estremeceu. Era de Ruiz, que, iludindo a vigilância das autoridades, aportara de novo no Brasil.

Ruiz diluía-se em lágrimas e confessava-se arrependido de tanta baixeza a que submetera a esposa. Queria vel-a ao menos. Maria amava demais a Alfredo para que pudesse conceder a graça que lhe solicitava o marido. Mas ao mesmo tempo, entristecia-se [...] escreveu-lhe duas linhas. Que não viesse a S. Paulo, a fim de evitar escândalos, pois ella o protegeria, mesmo de longe, á medida de suas forças. Excusado é dizer, que Maria nada revelou de que se passara (____) Mas outras e outras cartas chegaram, e as ultimas ameaçadoras, insolentes.

Uma delas finalmente, data de seis mezes, era endereçada de S. Paulo. A amante de Alfredo viu num instante desfeita toda a sua felicidade e, por decoro, informou aquelle de tudo o que ocorria. Alfredo voltou de novo a polícia, comunicou o regresso criminoso de Ruiz, expulso do território brasileiro. A autoridade deu as necessárias providencias para a captura de Ruiz, mas não logrou agarrar-o, porque pessoas da casa do próprio Schurig o informavam das diligencias que este combinava com as autoridades.

Scena do crime – Eram 2 e meia da tarde. No palacete de Alfredo reinava silencio absoluto. Nos fundos da casa a cozinheira Augusta Bretzko entregara-se as suas occupaões. Francisco Munhoz o copeiro, arranjava na dispensa uma campainha eléctrica que deixara acidentalmente de funcionar e, a creado Maria Ramires dedicava-se aos arranjos da sala de jantar.

Alfredo estava ausente.

[...] Maria deixou aquella hora seus aposentos de dormir e atravessava um corredor com destino a sala de jantar. Trajava “pegnor de pongé” côr de rosa e calçava meias de seda preta e rendadas e sandálias de veludo escuro, bordadas a ouro.

Ao deixar o quarto percebeu que alguém penetrara no aposento pela janela que dava a rua Tres Rios. Atonita, Maria perdeu as forças e não pode nem gritar. Tentou correr e nesse instante o vulto de Ruiz surgiu, trágico, pavoroso, á porta do aposento.

Uma detonação echoou pela casa. E, Maria, ferida nas costas, deitou a fugir tombando no ladrilho [...] O copeiro veio imediatamente em socorro da ofendida; a cozinheira tratou de ocultar as creanças no porão da casa, e Vicente Ruiz penetrando na sala de visitas, fechou-se por dentro com estrondo, ouvindo-se a seguir outra detonação.

[...] Comparecimento da Policia – o guarda cívico Aprigio de Camargo que se achava na rua Tres Rios, tendo visto de longe um individuo escalar a janela, fez trilhar o apito em socorro varias praças acudiram cercando a casa.

[...] primeiro delegado Cantinho Filho, o escrivão Paulino de Melo e o medico legista Honorio Libero chegaram [...] a porta foi arrombada, e aos olhos das autoridades deparou-se um quadro horrível.

Vicente Ruiz estirado numa cadeira de balanço, tinha o craneo varado pela bala e empunhava o revolver Mauser. No soalho havia uma poça de sangue, com fragmentos de massa encefálica. O desgraçado agonizava, com roucos [...] brotava da boca e do nariz sangue negro. [...] o medico mandou remover a Santa Casa, onde faleceu momentos depois.

Maria foi examinada [...] no momento Alfredo Schurig chegou de automóvel, avisado da tragedia e deparado com o corpo da amante, precipitou-se alucinado sobre elle, sacando de um revolver para suicidar-se. A policia o impediu.

Sobre o facto esta aberto inquérito o qual se despuzeram todos os creados da casa. Os cadáveres serão autopsiados.⁶⁸

Quantos detalhes! Parece até que estamos diante de um romance naturalista. A crônica traz um enredo digno dos amores trágicos do período. Como o noticiário conseguiu tantos detalhes em tão pouco tempo não se faz ideia, mas o fato que nos importa é mesmo a maneira como esse crime foi narrado. A ênfase é de que Ruiz é apresentado como ocioso e indolente, avesso ao trabalho e explora a mulher na prática do lenocínio, considerado crime no Art. 278 do Código Penal de 1890, cuja pena era prisão celular por um ou dois anos e multa de 500\$00 a 1:000\$000.⁶⁹ No caso de estrangeiro, a lei impunha a imediata extradição. A crônica ainda coloca em ênfase um sujeito ‘esperto’ para ludibriar a polícia brasileira, entrega-se antes de ser expulso. Persegue a esposa, faz ameaças, retorna clandestinamente ao país, enganando as autoridades.

Já Maria de Las Nieves é apresentada no início como afeita as coisas ‘boas’ da vida e, em nome dos filhos e de sua educação, e da casa, para que não falte nada, inicia sua vida na prostituição. A narrativa, apesar de colocá-la como uma mulher que se preocupava com a família, constantemente incorre no crime da prostituição. Em seguida, a narrativa mostra ao leitor o caminho que Maria trilhava e que continuava a viver sem escrúpulos, mas não mais por necessidade e sim por ‘índole aventureira’, em uma alusão muito clara a influência naturalista e do meio no caráter dos indivíduos. Assim como Vicente Ruiz, que era ‘pernicioso ao meio’ e, portanto, de caráter fraco e influenciado pelas circunstâncias e o espaço em que vivia, assim como a mulher.

Uma tendência saída do movimento Realista ficou conhecida como Naturalismo e argumentava que o comportamento humano era condicionado pelo meio e pelas características físicas e psicológicas hereditárias. Na visão dos naturalistas, o ser humano era um produto biológico sujeito às leis da natureza e em algumas circunstâncias seu comportamento poderia ser identificável e previsto. Esse argumento conhecido como determinismo, acreditava que o meio poderia determinar as ações das pessoas. Esse

⁶⁸ Correio Paulistano, 10/mar/1911, p.4

⁶⁹ Código Penal, 1890. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html> (acesso 21/10/2019).

princípio filosófico herdado do século XIX, com ampla aceitação do Positivismo, e que esteve presente fortemente na literatura, influenciava sobretudo as leis, por meio do Direito e da Antropologia Criminal. Muitas narrativas dos crimes de sangue carregam essas características, como a explicação da vida dos personagens envolvidos no crime, o problema que se instaura diante deles e como o meio pode fortemente influenciar nas ações e no caráter. Ruiz era ‘pernicioso ao meio’ e Maria tinha ‘caráter aventureiro’.

A temática criminal inserida nas páginas dos periódicos nessa época relaciona-se aos estudos que defendiam o crime enquanto distúrbio da ordem social. Muitos acreditavam que o aumento do conhecimento da sociedade poderia contribuir para o controle ou até a eliminação das chamadas ‘patologias sociais’. De acordo com os estudos de Marcos Luiz Bretas, as pesquisas recentes na área da História social colocam o crime para o centro da vida social, destacando a proximidade com o cotidiano e o comportamento considerado criminoso. A respeito desta temática algumas abordagens estudadas apontam versões distintas. Alguns historiadores acreditam que as informações obtidas junto à Justiça Criminal oferecem apenas pistas para se compreender o comportamento popular, na medida em que elas dão voz a um estrato específico da pobreza, enquanto outros, acreditam que os arquivos criminais mostram apenas uma versão do comportamento das camadas populares.

Segundo Bretas, é difícil pensar em uma fonte totalmente isenta e mesmo ignorando se a história é verídica ou não, elas são, necessariamente, dotadas de sentido. Não é nossa tarefa aqui explorar e aprofundar os estudos da história criminal, mas relacionar a temática à imprensa e às explicações vigentes na época.⁷⁰

Os jornais da época passaram a veicular informações sobre as teorias criminológicas, a partir dos estudos da Escola Positiva, Antropologia Criminal, por exemplo, e que repercutiam para a formação de estereótipos em torno da figura dos criminosos. Na conjuntura aqui estudada, os casos criminais passaram a notoriedade, sendo registrados nos jornais e em uma tentativa de justificar a ciência, emitia valores acerca dos crimes e criminosos. Nessa sociedade de ordem burguesa, associada à ética do trabalho e ao controle social, juntamente com a dinâmica do espaço urbano que se tornou intenso, o crime passou a ser interesse da sociedade.

Ainda refletindo um pouco mais sobre o crime apresentado, nas entrelinhas da narrativa, percebe-se uma ironia ao tratar Maria como aquela que ‘cuidava do lar e do bem estar dos filhos, e estava sempre de “bom humor e feliz”, subentendendo-se ao tipo de vida ela tinha. Não é à toa que termina a frase com o uso das reticências, buscando omitir algo ou levar o leitor a refletir no que não foi dito. O noticiarista logo no início adverte o leitor de que vai tentar apenas a narrar os fatos, mas a própria pontuação que utiliza identifica seu juízo de valor, como a exclamação no título, as reticências. Ainda sobre Maria o jornal coloca que ela talvez possa ter superado a vida de crime, pois, ao escolher a vida com o rico industrial, se tornou

⁷⁰ Para um estudo mais apurado dessa discussão sobre o crime ver, BRETAS, Marcos Luiz. **O crime na historiografia brasileira. Uma Revisão na pesquisa recente.** BIB, Rio de Janeiro, n.32, 2ºsem/1991 p.49-61.

fiel e uma mulher para viver para a família e os filhos, que ganharam uma boa educação e carinho que não tinham.

A maneira de narrar a transformação de Maria se assemelha aos folhetins românticos de Joaquim Manuel de Macedo, mas pela influência naturalista subentende-se que ela foi muito mais ‘darwinista’, ou seja, esperta por escolher a vida junto ao rico industrial, já que era “coquete, amiga do luxo e do conforto”. A narrativa ainda surpreende o leitor quando diz que, na tentativa de prender Ruiz, o rico industrial e a polícia tentam fazer diligências para prendê-lo, mas alguém da própria casa, numa atitude de traição talvez, entrega as informações ao criminoso que se livra das investidas da polícia e, por fim, comete o crime.

Na edição do dia seguinte, sábado 11 de março, na mesma coluna nos *Factos Diversos*, o *Correio Paulistano* dava o desfecho do crime. Conta-nos o jornal que, depois que foram exumados os corpos dos ‘protagonistas da tragédia de baixeiras e ignomínias’, teve epílogo a história. Maria de las Nieves saiu do palacete com pompa e acompanhamento, enquanto Ruiz “assassino e suicida” foi levado no carro comum da Santa Casa ao cemitério do Araçá. Aqui a descrição já acentua uma diferenciação entre os dois, sendo que Ruiz, por todas as suas práticas, não teve cortejo e foi sepultado como um ‘homem inferior’. A diferença apontada na narrativa sugere uma distinção social ou de lugar, já que Maria vivia com um proprietário, com posses e Ruiz era um ocioso, avesso ao trabalho. Maria deixou a prostituição e Ruiz estava na vida do crime.

Ainda diz o jornal que a polícia encontrou de posse de Ruiz um outro revólver “Smith Whesson”, seis mil reis em dinheiro e três cartas. Uma delas endereçada ao primogênito Eduardo e outra a Francisco Serrador, em nenhum momento mencionado anteriormente nas narrativas. As duas cartas seriam levadas aos destinatários ainda naquele dia. A terceira era endereçada a polícia e trazia explicações de Ruiz sobre seus atos. O jornal diz que a carta estava em castellano e seria reproduzida pelo jornal a título de curiosidade.

A carta é o seu último gesto de cynismo, é a que se segue:

“Ao delegado de policia – Meu senhor: A policia não deve ser extranho esse drama. A ella cabe a melhor parte, instaurando contra mim processo em que figuram testemunhas compradas. Deportado para Buenos Aires, prometeram-me retirar do poder dessa messalina os filhos que eram meus. Como ao fosse cumprida essa promessa, vi-me forçado a fazer justiça por minhas próprias mãos. Peço ao sr. Delegado o obsequio de mandar comprar um caixão com o dinheiro que se encontra em meu poder. Creio que este meu acto servirá de exemplo para estas tantas mulheres que se esquecendo dos deveres sagrados de mulher e de mãe, se entregam nos braços de outros homens, pela conquista do vil metal.

Subescrevo-me com a mais alta consideração. – Vicente Ruiz Ramos.”

O inquérito sobre a sanguinolenta occorencia ficou hontem encerrado no posto policial da rua S. Caetano.

- Relativamente a esse facto pede-nos o sr. Bernardo Küntgen declararmos ser elle o único proprietário da fabrica de parafusos Santa Rosa.⁷¹

⁷¹ Correio Paulistano, 11/mar/1911, p.4

Para o jornal, ter acesso a carta que Ruiz endereçou à polícia era uma possibilidade de dar continuidade à notícia com algumas informações novas. Como salientamos, nesse período, havia entre os redatores, jornalistas ou noticiaristas, uma concorrência pelas notícias criminais que tinham cada vez mais gosto pelo público e estavam sendo mais bem elaboradas pelos periódicos. Podemos supor que havia sobretudo interesses na realidade contruída, a partir dos ideais vigentes, valores e morais individuais do jornalista e também do próprio jornal. A concorrência entre a busca de notícias, um dado novo sobre o crime, alguém que possa contribuir com uma pequena informação que seja ou mesmo conseguir uma informação de quem conhecia algum protagonista era suficiente para acirrar a competição nos jornais sobre a notícia. Mas também havia um compartilhamento de informações entre os sujeitos como jornalistas, policiais e funcionários de delegacias, médicos, numa rede de colaboração.

Os jornalistas construía sua narrativa com uma linguagem direta e adjetivada, buscando constituir o leitor. O próprio uso recorrente do termo ‘sensacional’ ou ‘sensação’ nos aponta para notícias carregadas de emotividade, cujos temas sensíveis a vida provocavam reações. Além de impressões sobre a moral, os costumes, o medo, nesse sentido, valia ao noticiarista carregar na tinta, abusar da linguagem e comover o leitor.

A *Gazeta*, vespertino mais ‘sensacionalista’, também publicou o crime que envolveu Ruiz e Maria Neves. Algumas sensíveis diferenças se apresentaram, como por exemplo, a localização da notícia. A *Gazeta* inseria os dramas de sangue na primeira página em letras destacadas, fontes diferentes, negrito e reportagem fotográfica, algo que o *Correio* dificilmente fazia por essa época.

“Emboscada de sangue” era o título da edição de número 1489 do dia 10 de março de 1911 no jornal *A Gazeta*. Seguiu com “de toureiro a caften, assassinato e suicídio, na rua três rios. Os precedentes da horrível scena de sangue – typo ignóbil – como a victima foi colhida na despreocupação domestica – episoduis subsequentes á horrível tragedia – detalhes”.

O jornal inicia dizendo ao leitor que a notícia é triste e indecorosa, uma tragédia literal que coloca em jogo ‘sentimentos torpes’,

Vicente Ruiz, de quarenta annos de idade, toureiro de profissão, como bom hespanhol, aqui chegou a quatro annos e foi morar a rua Maria Domitila com sua amasia Maria de las Nieves Plás e três filhos. [...] Cançado de sua aventureosa profissão resolveu abandonal-a, o que fez, não tendo entretanto conseguindo colocar-se de outra maneira. Mas a elasticidade de um caráter formado entre bandarilhas sucitou-lhe um meio de vida que assignala a objeção da alma. Ruiz entrou a explorar a beleza de sua amasia, que insinuante, se cercou logo de uma corte de apaixonados. Entre estes atribuiu-lhe a atenção Alfredo Schurig.

O toureiro achou a occasião [...] extorquindo dinheiro ao amante.

Chegou o momento em que este lhe oppoz uma recusa formal e, sob ameaça das fúrias vis do bandarilheiro, procurou o dr. Augusto Leite, delegado auxiliar, e lhe narrou a ocorrência. Ruiz abandonou o Brasil, para evitar as peripécias de um processo de lenocínio e Maria desembaraçada de seu explorador, foi morar com o amante no palacete da rua Tres Rios, n.47, onde se desenrolou o ultimo ato da tragedia. [...] O fugitivo regressou recentemente e recomeçou as ameaças ao sr. Alfredo Schurig, enquanto sorrateiramente se entendia com Maria, procurando revel-a.

Maria, a quem comovia a sorte do pae dos seus filhos avisava-o toda vez que a polícia, sob as indicações do sr. Schurig, procurava prendel-o; mas não se resolvia a segui-lo.

Então, o toureiro entrou a matar, como se diz em linguagem de circo... Conquanto a residência ameaçada estava guardada pela policia, conseguiu Ruiz, dextro e suspicaz galgar uma janela [...] encontrou de prompto Maria e desferiu dois tiros que erraram o alvo. Maria correu para o terraço e gritou por socorro, mas o terceiro tiro fulminou-a [...] Ruiz na sala de visitas atravessou o craneo com uma bala [...] a policia transportou-o a Santa Casa onde veio a falecer as 4 horas da tarde. O sr. Alfredo Schurig chegava de automóvel, tentou pôr termo a vida, no que foi obtado por pessoas presentes. A infeliz moça deixa os filhos que teve com Ruiz e uma filha do amante chamada Ernestina.

Esta terrível tragedia veio provar que A Gazeta tinha razão quando há tempos aplaudiu a ação da policia, expulsando do território brasileiro o caften Ruiz. Que este individuo era de baixos instintos, perigoso á ordem social, prova-o o seu acto assassinando, covardemente a infeliz mulher que elle ignobilmente explorava.⁷²

No dia seguinte, *A Gazeta* trouxe a foto do palacete e pequenos detalhes complementando a notícia do crime. Assim como o *Correio* noticiou que Ruiz tinha três cartas, uma para o filho, outra para o sr. Francisco Serrador e a terceira para a polícia, este jornal não apresentou a carta. Diz ainda que, enquanto o casal Ruiz e Maria viveram em Campinas, ele se entregava ao jogo e ela mantinha relações ilícitas com um moço, de quem teve uma filha, chamada Isolina e que vive na casa do sr. Cicero Bittencourt, naquela cidade.

A partir das duas notícias narradas, verificamos que: o *Correio Paulitano* apresentou uma narrativa como se fosse um folhetim, subdividindo etapas da história, fazendo uso da linguagem quase literária, relatando entre o drama e o romance a vida dos personagens. Mas utilizou em certos momentos expressões grosseiras, baratas e, por vezes, impactante, quando da descrição da polícia encontrando o corpo de Ruiz. Apesar de buscar ser um periódico com certa seriedade, endereçado muito mais a uma classe social elitizada, ele explorou o drama de sangue. Podemos inferir que a maneira como narrou está relacionada ao gosto de seu possível público leitor, mas buscou também abarcar leitores diversos.

Já a *Gazeta*, com seu tom mais sensacionalista, apresentou a narrativa de forma bem concisa. Utilizando-se na primeira página, num espaço de três colunas, colocou na reportagem a fotografia de Maria del Nieves, dos filhos e de Ruiz. Limitou-se a contar, como um bom vespertino, apenas o essencial para localizar o leitor, usando da linguagem mais simples e direta, também recorreu à adjetivação dos personagens. Nesse periódico, Ruiz apesar de não ser muito afeito ao trabalho, é apresentado no início com profissão de toureiro. No corpo da notícia, o jornal volta a dizer ‘toureiro’, dando a ideia de que tem uma ocupação, apesar de não exercê-la. Também coloca que o espanhol tem elasticidade de caráter, ou seja, pode fingir, ser flexível de acordo com a ocasião e ainda cometia o crime de lenocínio, enquanto que o *Correio* reforça por várias vezes sua indolência e aversão ao trabalho. Já Maria é apresentada na *Gazeta* como uma mulher bela e insinuante o que a fez arranjar muitos amantes. O jornal narra que Maria encontrava-se com Ruiz as escondidas do amante e era ela quem o alertava sobre as diligências para prendê-

⁷² A Gazeta, 10/mar/1911, p.1

lo. Ao final, trazendo à público, o jornal cumprimenta a atuação policial quando há tempos expulsou Ruiz por cometer o crime do lenocínio.

Imagens dos protagonistas, 10/03/1911, p.1



Imagem do palacete na rua Três Rios, 11/03/1911, p.1



Aproveitando o progresso técnico e as transformações na área da impressão dos periódicos, a imprensa de grande circulação começou a explorar os temas relacionados ao cotidiano. Esses temas reuniam os dramas da cidade, crimes, tragédias, suicídios, excentricidades e traziam relatos em tom do exagero, do extraordinário, do dramático e do romântico. Esse tipo de notícia, por exercer fascínio sobre o público leitor, adentrou a grande imprensa. Por estar diariamente nas páginas dos jornais, oferecia e permitia aos seus leitores informações sobre o andamento de julgamentos de crimes ou de captura de criminosos, mantendo-os em suspense e seguindo os métodos e as técnicas dos romances em folhetim como vimos. Era necessário esperar até a nova edição sair para ‘acompanhar’ o final da notícia.

O tema da cafetinagem era recorrente nos jornais e rendia quase sempre uma notícia com desdobramentos. Maria Venuto e o marido Giuseppe Barletta são os protagonistas de um novo drama de sangue publicado pelo jornal *A Gazeta*. O dia era 06 de maio do ano de 1911. A notícia segue pormenorizada, com subtítulos chamativos e avança nos dias subsequentes na busca de conclusão, passando pela autópsia do cadáver e inquérito policial.

CIÚME TRÁGICO

Hysterismo e homicídio na Rua Onze de Junho

Historia de um amor accidentado e infeliz – Marido Cafeten – Pormenores de um encontro sanguinolento – O alarme da vizinhança – Reportagem Photographica

Desenrolou-se hoje, pela madrugada, uma scena de sangue, resultante da explosão terrível dos ciúmes de uma mulher. Não quiz a protagonista, que é uma creatura certamente infeliz, apesar de não ser uma mendiga, consolar-se com a commiserção que o abandono de que estava ameaçado o seu coração corrompido pudesse inspirar do mundo. As grandes crises que a sociedade tem atravessado, com um fogo violento, seccaram a fonte das lágrimas ás mulheres de uma certa classe e ressequiram o seu coração. Essas creaturas não choram já; não vivem das recordações de um amor que deixou de ser correspondido; vingam-se, como a serpente que o incauto caminhaste coloca á beira da estrada...

A PROTAGONISTA

Maria Venuto, 33 annos de idade, natural de Catania, aqui residente há muitos annos, occupava-se de costuras. Não é um poço de virtudes, nem mesmo o que se poderia chamar – uma hypocrita que, todavia, respeitasse a sociedade. É de costumes livres, absolutamente desembaraçada de preconceitos, sem liames de moralidade. Seu marido, Giuseppe Barletta, barbeiro, pelas fraquezas indecorosas e infames de seu caráter, concorreu certamente para a degradação da alma da esposa com cuja honra não trepidou em mercadejar. Tinha mesmo rugas continuadas com a mulher, no intuito de extorquir-lhe o estipendio do adultério permitido e mesmo insuflado.

Não poucas vezes, queixara-se a desditosa Maria Venuto dos maus tratos que lhe infligia o vil consorte. Sabia muito bem Giuseppe Barletta que sua mulher entretinha relações ilícitas com Ambrosio D’Alessio, italiano, viúvo, pedreiro, pae de três filhos, residente a rua Marcos Arruda, n.32. Sabia-o e não dissimulava, nem isso jamais lhe acelerou o isochronismo das pulsações...

Ao contrário, tendo conhecimento dos recursos de d’Alessio, não de certo mais ciumento, porém mais exigente, para com a escrava, de quem reclamava mais dinheiro.

Cançada Maria, por uma parte, de aturar o marido asqueroso, e por—outra, apaixonada pelo amante, denunciou Giuseppe Barletta, que, por se dar ao lenocinio, foi deportado.

Passou então a heroína sombria a viver tranquilamente ao lado de d’Alessio, com os filhos do casal desditoso, que são seis, estando, porém, três na Itália, internados num collegio.

OS CIUMES

Pintavam os antigos o amor sob a figura de uma criança, porque – diz um dextro manejador do estylo – o amor não chega a envelhecer. Esse setimento, que sacode tão violentamente a alma humana, produzindo muitas vezes verdadeiras conflagrações, queima como a palha reduzindo-se a cinzas em poucos momentos. Assim é o amor de toda a gente, foi assim o amor do pedreiro, que se mostrou enfiado das ardentes carícias da amante, tomada agora constante na sua mesma volubidade.

Maria Venuto perde as flores da mocidade, envelhece...⁷³

A Gazeta, como já apresentado, possuía uma estrutura em que título e subtítulos estavam em negrito e com letras das mais variadas formas, numa tentativa de chamar a atenção do leitor. Para cada tipo de notícia, um subtítulo espalhafatoso, principalmente, se versasse sobre crime, como no exemplo, envolvendo a costureira Maria Venuto. Vale ressaltar que alguns de seus diretores e redatores, assim como de outros jornais também eram de bacharéis em Direito e exerciam também a profissão de advogados, escritores e literatos, tendo experiências em outros jornais. Ao tratar de uma notícia envolvendo crime, o peso e a influência de seus conhecimentos influiria na narrativa. Notícias como esta se tornaram uma prática conhecida na maioria dos jornais, que começaram a trazer a público aspectos do cotidiano, carregados de uma carga emotiva. Em sua grande maioria, as notícias que tratam de crimes apresentam homogeneidade na estrutura e na narrativa, podendo até, nos levar a concluir que ‘quem leu uma, leu todas’. No entanto, cada notícia tem sua particularidade e trata de sujeitos diferentes que, apesar de terem incorrido no mesmo crime, possuem trajetórias e experiências singulares. O que atentamos é que os periódicos buscaram homogeneizar os sujeitos, em vista disso, procuramos individualizar essas experiências.

⁷³ A Gazeta, 06/05/1911, p.1

Aqui temos outra Maria. A notícia de crime envolvendo Maria Venuto é anunciada no periódico sob o título de “Ciúme trágico – histerismo e homicídio”, o que já nos evidencia a maneira de chamar a atenção do leitor e antecipar a temática da crônica. A notícia desse crime encontra-se na primeira página com destaque para letras em caixa alta e negrito. Buscando seduzir o leitor, o jornal narrava em suas notícias cenas de infortúnio do cotidiano se utilizando de variadas outras expressões como “Tragédia amorosa”, “Amor Fatal”, “ O Inferno do ciúme”, “Manhã de Sangue”, “Crime Misterioso”, “Alcool e sangue”.

Aqui, encontramos

E viciada com os galanteios sempre accessíveis á sua alma polyandra, começa a sentir o vácuo em torno de si.

Os modos frios de d’Alessio fizeram-na suspeitar de que tinha uma rival; e, com effeito, entrando a indagar, soube que o inconstante estava ligado a Angelina Delizia, rapariga de vinte e seis annos.

Cartas, perversamente officiosas, desvendaram todo o segredo aos olhos da desdenhada.

O coração custa muito a envelhecer; não cança aos golpes do tempo que abrem a ruga a face, nem ao sopro hibernar, que cobre de neve a cabeça.

Maria, ultimamente, depois de desprezada, mudara-se com seus filhos e sua criadinha Thereza, da rua General Osorio para a rua Onze de Junho, n.58, e alli se entregou as lágrimas, talvez procurando com o esse balsamo curar a ferida de seu coração.

EXPLICAÇÕES E AMEAÇAS

Hontem, depois das seis horas da tarde, após uma ausência injuriosa de muitos dias, appareceu o amante, sendo recebido asperadamente pela dona da casa, e estabelecendo-se uma discussão a que, com ameaças, pôs termo d’Alessio.

Este, em seguida, tratou de pacificar os ânimos. A’s 8 horas entraram elle e Maria, reconciliados, para a alcova.

O CRIME – LUCTA TERRÍVEL – PUNHALADA NO CORAÇÃO

A’ 1 hora da manhã dormiam todos na casa e na visinhança, visto como de ninguém foi percebido o que se passou naquele quarto. É, pois, a homicida que tem a palavra e, verdadeira ou falsa essa palavra, é a única que podemos transplantar para estas columnas.

A’ quella hora despertou d’Alessio e chamou Maria, recomecendo desde logo a discussão mais azeda entre elles. O pedreiro sacou de um punhal para obrigar a costureira a calar-se e, esta, enchendo-se de medo, mas resolvendo-se ao mesmo tempo a vender cara a vida, tirou da gaveta uma navalha.

Estabeleceu-se uma lucta terrível perdendo Maria a navalha, mas arrancando o punhal ao aggressor, em cujo coração embebeu a lamina, bem como no pescoço e nas costas.

D’Alessio arrastou-se até a sala de jantar e alli cahiu redondamente.

Maria limpou o sangue, de que estava manchada, em um lençol da cama, e, chegando á porta, gritou por socorro. Compareceram dois rapazes e o dr. Antonio Nacarato, segundo delegado, que passava na occasião, sendo então presa a criminosa e levada para a Central.

A POLÍCIA – DECLARAÇÕES DA CRIMINOSA

O dr. João Baptista de Souza, quarto delegado, acompanhado do dr. Honorio Libero, medico legista, compareceu ao local do crime e procedeu-se o exame do cadáver, que foi em seguida transportado para o necrotério da Central, onde será autopsiado hoje.

Nas roupas de d’Alessio foi encontrado, entre outros objectos, 1:805\$000.

O dr. João Baptista tomou as declarações de Maria Venuto, que ao terminar disse possuir, no London Bank, a quantia de 23:000\$000, e pediu para falar com o dr. Capote Valente.

Nas **Ultimas** daremos notícias das diligencias policiaes realizadas hoje.⁷⁴

⁷⁴ A Gazeta 06/maio/1911 p.1.

Maria Venuto é descrita logo no início da notícia como explosiva, ciumenta e infeliz. Uma mulher que não quis consolar-se com a comiseração, com a lástima de vida que levava, explorada e chantageada pelo marido. Pelo contrário, inserida em uma época de crise na sociedade, como afirma o periódico, tempos difíceis, de mudanças nos valores, Maria explodiu em ciúme e em um ato de histerismo. Segundo a notícia, as mulheres já não choravam mais, não viviam mais de recordações e sim vingavam-se como serpentes. Essa narrativa apresenta, então, uma atitude de como as mulheres deveriam se portar diante de situações adversas, com passividade e submissão, resignada e dócil. A *Gazeta* também ressalta que Maria não era ‘nenhuma mendiga’, e diz que as lágrimas de mulheres de ‘certa classe’ se ressequiram. Pormenor que nos leva a concluir que, para o jornal, mulheres pobres eram infelizes e comumente praticavam atos violentos.

Ao apresentar genericamente ‘as mulheres’, A *Gazeta* sugestiona que a atitude de Maria não é restrita a esta personagem, mas leva o leitor a pensar que, diante de adversidades, todas as mulheres se portam histérica e violentamente. Segue afirmando que a costureira não era um poço de virtudes, tinha costumes livres e sem preconceitos e, além disso, era adúltera, pois mantinha relações com o pedreiro Ambrosio d’Alessio.

De acordo com a notícia, Maria Venuto tinha um amante. Motivo este suficiente para qualificá-la fora dos padrões. Apesar de sofrer maus tratos do marido que, segundo o jornal, também sofria de fraqueza de caráter, a representação que se vê de Maria era de uma mulher sem controle, de comportamentos imorais. No início do XX, uma questão que emergiu fortemente e se relacionava diretamente à cidade eram questões que se pautavam nas bases do pensamento cientificista, juntamente com o pensamento positivista, que buscava justificativa para muitas questões como vícios, disfunções, perturbações e distúrbios. Nos dizeres de Maria Izilda S. de Matos (2002, p. 383), o cientificismo que imperava nesse momento permitiu aos médicos expandir o controle sobre a vida de homens e mulheres, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando a sexualidade. O discurso médico apresentava a sociedade como um organismo caótico que necessitava ser regrado, inclusive, afirmando que a sexualidade deveria estar restrita ao casamento e o matrimônio era um meio de evitar os perigos da vida moderna. A fala científica da medicina justificava as funções tradicionais atribuídas aos sexos, alegando que estes estavam indiscutivelmente assentados na fisiologia tanto masculina quanto feminina.

Percebemos por meio de adjetivações que o periódico se utiliza uma construção da visão de mulher, de esposa. De maneira sutil, a narrativa apontada para contar o crime é envolta em considerações e interpretações, conduzindo o leitor a um juízo de valor sobre Maria, comparada a uma serpente traiçoeira e diabólica e viciada em galanteios que, ao envelhecer, descobre ser trocada pelo amante por uma mulher na flor da idade. Com um discurso muito contundente que colocava a prostituição como uma imoralidade que afetava o mundo público e que tinha como paralelo a vida do homem dissoluto, imoral entregue ao alcoolismo e à vadiagem, o jornal dá ênfase muito mais nas ações de Maria.

A notícia não pormenoriza sobre o marido, que denunciado foi deportado devido ao crime que cometera, lenocínio, assim como Ruiz da crônica já discutida. A exploração e os maus tratos a mulher não são detalhados, assim como no caso do amante, Ambrosio d'Alessio, nada é dito por cometer também a traição, agora com Maria, ao descobrir que é traída pelo próprio amante, segundo o jornal, torna-se histérica. Nessa história rocambolesca, vemos que na briga entre o casal é d'Alessio, segundo a notícia, que tenta pacificar os ânimos, mais uma dica de que Maria encontrava-se descontrolada, por assim concluir.

Ao ser apresentada enquanto uma mulher que sofria de ataques dos nervos, o jornal retira de Maria o juízo e o equilíbrio psíquico, porém, ao fim do interrogatório, a costureira pede para falar com Capote Valente, que era nada mais do que um dos maiores nomes da advocacia paulista. Antônio José Capote Valente, cearense, era um conceituado advogado que firmou escritório em São Paulo, formado pela aclamada escola de Direito do Largo São Francisco e tratava de casos de Direito Penal.

Quando Maria diz possuir uma certa quantia em dinheiro no London Bank, cerca de 23:000\$000, ou seja, vinte e três contos de réis, algo substancial na época, nos faz concluir de que usará o dinheiro para algum procedimento legal. Aqui, não é tarefa nem intenção nossa discutir a culpabilidade de Maria, se o dinheiro era dela ou do amante, que pela notícia possuía algum recurso, mas colocar à luz da reflexão que, culpada ou não, com motivos ou num 'ataque de nervos', a costureira valeu-se de protagonismo e tomou a frente de defender-se ou ao menos buscar na própria lei auxílio, contrariando muito a visão de mulher pacata, resignada, vulnerável.

Quanto a seção das *Ultimas*, *A Gazeta* traz o título "Crime da meia-noite" e informa ao leitor que as declarações de Maria foram tomadas, mas que o periódico as acha 'suspeitas',

[...] as declarações de Maria, aliás, suspeitas. Não queremos duvidar de que sejam verdadeiras as informações que ella prestou perante as autoridades policiaes e a reportagem dos jornaes da manhã que estiveram no local do crime, mas, de outro modo, não podemos incondicionalmente acceital-as, tanto mais que apresentam pontos para a contestações lógicas. [...] As duas horas da tarde telefonaram do posto policial da Consolação para a Policia Central, reclamando urgentemente, a presença de um médico-legista. Attendeu o chamado o dr. Marcondes Machado que tomando o "Peixe-do-Mar" na companhia do dr. Rudge Ramos, se fez transportar para o local. Tratava-se de Maria Venuto, a criminosa da rua 11 de junho, que fôra acometida de uma syncope nervosa. O dr. Marconde Machado, sabendo que a syncope poderia ter consequencias graves si por ventura não fosse atalhada a tempo, fez em Maria, de cafeína que logo fizeram o desejado effeito. O estado da presa não apresenta mais cuidado algum.⁷⁵

Essa crônica traz em sua estrutura vários elementos a considerar, como título e subtítulos chamativos, detalhes da conduta do criminoso, termos com dramaticidade, narrativa melodramática, que visa provocar no leitor espanto e apreensão. O jornal ao final da narrativa textualmente diz que não se pode aceitar de forma incondicional as declarações de Maria como verdadeiras e o faz utilizando-se da primeira pessoa do plural, "(nós) não podemos aceitar..." numa referência ao próprio posicionamento do jornal, uma

⁷⁵ A Gazeta, 06/maio/1911, p.7.

vez que o noticiarista dificilmente declarava sua opinião sem passar pelo redator-chefe. Na palavra de “quem fala”, subentende-se que o próprio jornal não aceita tais declarações de Maria como totalmente verdadeiras mas, ao mesmo tempo, não apontam quais são os “pontos de contestação lógica”.

Mais uma vez, *A Gazeta* não foi a única a narrar o acontecido nesses termos. O *Correio Paulistano* do mesmo dia 06 de maio, também trouxe em detalhes o crime na sua coluna “Factos Diversos”. Localizada na página 5, as duas primeiras colunas narram a história em seus detalhes, diferentemente da *Gazeta*, que era mais objetiva, aqui o *Correio* examina sobre a vida da costureira, apresentando, como vários periódicos dessa época, pormenores das notícias criminais que começavam a crescer nas folhas diárias, compondo o que chamamos de dramas da vida privada.

O *Correio Paulistano* já inicia sua descrição de Maria Venuto como criminosa, homicida, desequilibrada e histérica.

Mais uma tragédia!

Mal casada e mal sucedida nos seus amores ilícitos – Tremenda scena de sangue – Assassinato a punhaladas – A criminosa presa, confessa o seu hediondo delicto – As providências da polícia

A casa n.58 da rua D. José de Barros, antiga Onze de Junho, foi theatro na madrugada de hoje de uma tremenda scena de sangue, que deu em resultado a morte quase instantânea do pedreiro Alessio Ambrogi, morador a rua Marcos Arruda, n.32. Não nos sendo possível entrar em detalhes devido ao adeantado da hora despresa temos os pormenores de ao menos importância, para narrar o facto na sua singeleza:

Maria Venuto, a protagonista da empolgante scena de sangue, é uma italiana de 33 annos, uma hysterica, sofrendo de ataques dos nervos, e cujo nome por muitas vezes figurou nas crônicas policiaes da imprensa diária. Não era até então uma criminosa, mas uma victima das torpezas e maus tratos de seu marido Jose Barletta, expulso há dois annos do território brasileiro, em consequencia de processo instaurado pela polícia da consolação. Maria Venuto apparecia frequentes vezes na Central e nos postos policiaes, apresentando vestígios de sevicias. Era torturada pelo marido que ameaçava matal-a que a injuriava e que batia desumanamente nas creanças. Devido a estes factos, Barletta sofreu vários processos e foi inúmeras vezes recolhido ao xadrez. Mas um dia a policia verificou melhor a causa do bárbaro procedimento de Barletta.

Sua mulher, deixara-se levar pelas seduções do pedreiro Alessio Ambrogi, um rapagão de cabelos e olhos castanhos, ganhando excelentes salários porque era artista excellente. Não ignorando as relações ilícitas da esposa com o pedreiro, Barletta começou a explorar a torpe situação por elle mesmo enredada. E exigia dinheiro de Maria Venuto. Dahi aos maus tratos, dahi as sevicias, as injurias e os escândalos frequentes. Apurado tudo isso a policia processou o ignóbil explorador que por sentença regular de um dos juizes criminais foi posto fora do território brasileiro.

[...] há dois annos Alessio passou a viver maritalmente com Maria Venuto, em companhia dos filhinhos Stellinha de 8 annos, Helena de 4 e Nuncia de apenas dois. Os outros filhos do casal Arthur de 15 annos; Humberto de 14 e Antonio de 12, achavam-se na Europa, onde até hoje permanecem, completando a sua educação.

A vida para os amantes começou então a decorrer tranquila. Mas foi por pouco tempo. Vieram os ciumes. Maria Venuto notou um certo retrahimento por parte do amante [...] Alessio era viuvo duas vezes e residia com a jovem Angelina Delizia, creada quase como uma filha por uma de suas falecidas esposas.

Hysterica como parece, accomettida de accessos nervosos, Maria Venuto encasquetou na cabeça, a idea de que estava sendo trahida pelo amante. Com essa supposição a martelar-lhe o cérebro, como uma idea fixa, imaginou provavelmente um desforço violento contra o amante. Alessio atormentado com as lamurias, começou a evital-a.

Desde o dia 29 de abril ultimo não mais lhe appareceu em casa, si bem que nada lhe deixou faltar, atendendo a todas as necessidades pecuniárias. Julgando-se abandonada definitivamente pelo amante, Maria Venuto resolveu transferir a sua residência, intalando-se quarta feira ultima na casa n. 58 da rua D. Jose de Barros.

A's 5 horas da tarde, quando apenas tinha concluído sua mudança, Alessio alli appareceu. Como era de imaginar-se, reproduziram-se as mesmas crises de lagrimas, os mesmos queixumes, que eram o martyrio de Alessio. Este, em balde procurou acalmal-a, suplicando que não se deixasse levar por simples suposições [...] Alessio passou esses dias na casa de Maria Venuto até hoje, ás 2 horas da madrugada, quando se desenrolou a brutalíssima scena de crime, sem uma única testemunha, porque as próprias creanças dormiam. O que se passou ninguém pode descrever com precisão. Tudo o que se sabe é que minutos depois das 2 horas, uma mulher ensanguentada era vista sahir da referida casa, acompanhada de três lindas creanças e da criadinha Teresa Nella de 12 annos de idade.

[...] Maria Venuto tinha as vestes manchadas de sangue. Era positivamente um crime. Chamado o rondante da rua, este interpelou Maria e ella, titubeante confessou que no interior da sua residência jazia um cadáver de um homem. [...] o rondante [...] a Repartição Central da Polícia. Ahi chegando Maria Venuto é interrogada pelo dr João Baptista de Sousa, quarto delegado. Maria respondeu com a voz tremula e ofegante:

- Matei! Era impossível continuar a suportal-o.

A autoridade fel-a recolher incomunicável a uma sala da Repartição e seguiu para o local no automovel da policia. Acompanhava o medico legista dr Honorio Libero.

A casa estava imersa em profunda escuridão. Apenas um dos degraus da escadinha de cimento, junto ao portão, a luz frouxa de uma vela bruxeleava.

Penetrando pelo estreito corredor, por onde havia pegadas de sangue, a autoridade e o medico chegaram á sala [...] sobre um lago de sangue jazia o cadáver de Alessio [...] em decubido abdominal, com o braço direito em flexão sob a cabeça. No peito, um largo peito de athleta, apresentava um golpe de punhal [...] há uma porta que dá acesso ao quarto de dormir. O leito em desalinho e as roupas maculadas de sangue [...] No quarto contiguo três pequenos leitos de creanças, havia pegadas de sangue e impressões de mãos que acabavam de ser limpas. De tudo isso depreendeu o medico legista que houve lucta entre Maria e a sua victima. A autoridade deu então busca pela casa, apreendeu documentos da identidade de Alessio e as roupas deste, em suas algibeiras havia 1:805\$500, deu por concluída sua missão.

O quarto delegado procedeu o interrogatório de Maria Venuto Ella confessou o crime, narrando-o com os antecedentes a que referimos. Desaviera-se por ciumes com seu amante. Elle tentou assassinal-a com um punhal; ella armou-se de uma navalha. Alessio foi o mais infeliz na lucta. Tendo cahido ella arrebato-lhe o punhal.

Foi, em summa, o que disse a criminosa desde o momento, mas essas suas declarações pareceram desde logo inverossímeis, pos Alessio era homem possante, musculoso.

O que resulta de tudo isto é que Maria Venuto premeditou maduramente o seu crime, munindo-se com antecedência da arma com que o devia perpetrar. A hora em que nos retiramos (três da madrugada) aassassina continua a ser interrogada.

Hoje o cadáver de Alessio Ambrozio será autopsiado no necrotério da Central. O inquérito prosseguirá no posto policial da Consolação.⁷⁶

Apesar do título não estar em fonte destacada, a exclamação cumpre o papel de expressar sentimento, espanto. Aqui também evidenciamos a construção de uma imagem da protagonista. Sofrida com maus tratos do marido, Maria é personagem corrente nas notícias dos jornais devido aos escândalos. Nessa época em que ia à polícia queixar-se, o jornal a aponta como vítima do marido e também acentua que o marido é um tipo ignóbil, reprovando a atitude deste. Na sequência, coloca o jornal que Maria se deixou seduzir pelo pedreiro Alessio e tinha falta de vigor em sua personalidade, quando destaca que sofre de ataques dos nervos. São essas características de ‘fraqueza psicológica’ que o jornal explora para construir o caráter de Maria, pois a narrativa traz os lamentos, queixumes dela para com Alessio que atormentado não as aguentava. Diferente da *Gazeta* que desprestigia Maria, por meio de linguagem depreciativa, caracterizando-a de histérica, explosiva, violenta e traiçoeira, quando comparada a serpente e viciada em

⁷⁶Correio Paulistano, 06/maio/1911, p.5.

galanteios, o *Correio Paulistano*, em tom mais sóbrio, coloca Maria Venuto como vítima do marido criminoso, mas fraca emocionalmente histérica e nervosa.

A narrativa do *Correio*, menos objetiva que a da *Gazeta*, traz um tom bem mais descritivo, em detalhes o lugar do acontecimento, das roupas, da casa, trazendo também as informações do médico legista, a fim de sofisticar e dar maior credibilidade às informações. Nem por isso deixa de colocar um ponto de vista, quando literalmente expõe que as declarações de Maria são inverossímeis e, pela maneira como finaliza a notícia, atribuindo-lhe ‘veredito’, sem sequer esperar o desfecho ou desenrolar de processo como ocorrem costumeiramente com esses dramas de sangue. Termina dizendo “é que Maria Venuto premeditou maduramente o seu crime”.

Numa tentativa de trazer maiores informações ao leitor, o *Correio* apurou sobre o passado do marido de Maria, Giuseppe Barletta, que foi processado em 1909 e, na ocasião, fugiu para Ribeirão Preto onde foi preso, para, no dia 30 do mesmo mês, ser deportado para Gênova no navio Toscana. Segundo a narrativa, o casal de amantes Maria e Alessio viveram pouco tempo felizes devido ao ciúme, pois Maria descobrira que Alessio tinha um caso com Angelina Delizia, por isso, o assassinou. O jornal explica que as filhas, Stelina, Helena e Núcia, foram mandadas para a casa n. 12 da rua dos Imigrantes, onde residia Pedro Testa, pai da pagem das mesmas, e que a acusada contratou seu advogado, Capote Valente. O *Correio* alicerçava sua narrativa às falas das autoridades tanto médicas quanto policiais, a fim de tornar a notícia “séria” e imparcial, ou seja, não é o jornal que se manifesta, ele apenas relata ‘objetivamente’ os fatos. As falas corroboram com o mito da imparcialidade na imprensa. No discurso das autoridades, que defendiam a cidade moderna, eram os sujeitos regrados, disciplinados e trabalhadores que se desejava. Visto como algo edificante, constituinte da moral, o trabalho e, por conseguinte, o trabalhador eram elementos essenciais para uma cidade civilizada e moderna como se desejava.⁷⁷

Para firmar o posicionamento que faz sobre Maria Venuto, o jornal expõe o passado de Aléssio, viúvo de 51 anos, que veio para São Paulo no ano de 1880 e foi trabalhar como pedreiro. Sendo muito hábil e ativo, logo passou a mestre de obras e, em 1884, empregou-se como mestre de obras de nada mais nada menos do que Ramos de Azevedo, cargo que ocupava a época do crime, juntamente com uma equipe de 30 operários do mesmo engenheiro. Ainda aponta que era um homem de probidade e de máxima consideração, trabalhando nas mais importantes construções realizadas na capital, junto ao trabalho de Ramos de Azevedo, e era competente, prestativo e dedicado. Dessa maneira, o viúvo trabalhador, pedreiro, que se tornou empreiteiro, ao ser enaltecido pelo jornal, faz contraposição à amante, mãe de três filhas, ‘heroína sombria, mulher fraca, mal casada e mal sucedida em seus amores ilícitos, que sofria de síncope nervosas’, parecer realmente culpada.

⁷⁷ DINIZ, Mônica. **Olhares sobre a cidade. Termos do Bem Viver, Vadiagem e Polícia nas ruas de São Paulo 1870-1890.** Dissertação de Mestrado, CAPES/ PUC/SP, 2012, p. 32.

É a partir da década de 1910 que o *Correio Paulistano* cria um novo título para a continuidade dos crimes de sangue. Nomeada de “Ecos de uma tragédia”, essa pequena nota trazia reminiscências dos crimes, como conclusão de inquéritos, condenações. Na edição de 2 de junho o *Correio*, na seção “Fórum Criminal”, vemos finalizada a história de Maria Venuto,

Por se achar doente a acusada, conforme atestou o medico legista dr Xavier de Barros, deixou de prosseguir hontem o sumário de culpa do processo a que responde Mari venuto, assassina de Alessio Ambrosi.⁷⁸

Ao narrar a história da vida dos personagens, por um momento, o periódico não apenas faz considerações como transmite valores. Com essas qualificações, o jornal busca destacar que o rapaz tinha uma vida até então regrada, disciplinada no trabalho, visto que pelo esforço e competência destacou-se na profissão. Ao realçar essas qualidades, o jornal visa, talvez por um instante, produzir um efeito no leitor. Um deles é de que a trajetória dos personagens está na verdade localizando-os socialmente na profissão, na nacionalidade, na conduta moral, marcando o seu lugar social. Alessio era trabalhador. Na cidade de São Paulo, o discurso da modernidade vinha atrelado ao do trabalho. Ele era a contraposição a vadiagem, ociosidade, mendicância e práticas ilícitas de ganhar a vida, como a prostituição.

Quando comparamos algumas notícias de crime nos jornais analisados, percebemos na narrativa, sinais e traços da sociedade. Apesar da fragmentação de seus elementos e dados, além da técnica utilizada, recheada de clichês folhetinescos da época, amplificando as emoções e desenvolvendo a trama, quase como romance, isso não nos impossibilita encontrar as relações sociais ali presentes.

Os dramas de sangue envolvendo as mulheres rendiam longas notícias. Aqui estamos lidando com os jornais impressos e suas crônicas policiais que trazem entre outras temáticas e personagens, as notícias que envolvem mulheres. Ricas, da “boa sociedade”, pobres e trabalhadoras, ociosas ou “de vida fácil”, os jornais constroem visões dessas mulheres que se envolveram nos crimes, vítimas ou não, protagonistas de um tema que atravessa a fronteira social, crimes que têm sequência e desdobramentos proporcionando uma reflexão sobre os valores, ideais e condutas que se desejavam e que se propagavam nessas narrativas.

Segundo Michele Perrot (2005, p.35), os arquivos do crime são ricos para o conhecimento da vida privada, mas dizem pouco sobre as mulheres, na medida em que seu peso na criminalidade é fraco, não em virtude de uma natureza doce, pacífica e maternal, como pretendia Lombroso, mas devido a uma série de práticas que a excluem do campo da vingança ou do afrontamento. Assim, o olhar de homens sobre homens, os arquivos públicos calam as mulheres. No caso desta pesquisa, são os jornais que nos revelam essas personagens e, rompendo com a neutralidade, sinalizam parte do pensar, do viver e do se relacionar naquele período. A fim de refletir e desvendar essas narrativas e estabelecer uma relação com o jornal enquanto

⁷⁸ *Correio Paulistano*, 02/jun/1911, p.8

fonte e com os sujeitos ali descritos e apresentados, apreendemos parte desses vestígios. Vestígios esses que nos levam não apenas a refletir sobre o dito nos jornais, mas o não-dito, as ausências.

Os jornais apresentam um mundo fragmentado, repleto de acontecimentos minúsculos, incidentes costumeiros, personagens comuns que são apenas frações de vidas, retalho de disputas e experiências evidenciados em suas páginas aparentemente de forma desordenada. Mas o jornal enquanto objeto, na sua estrutura e projeto editorial, nas suas intenções e construções, revela-nos que essa organização tem suas intenções e nós, historiadores, cabe-nos unir ‘as pontas’ e buscar compor minimamente essa conjuntura a qual os periódicos estão inseridos.

Muitos dramas de sangue se relacionavam com a cafetinagem e os abusos por vezes dos maridos. Mas o adultério também aparece nos jornais como grande causa do crime de sangue. Era uma prática criminalizada e condenada não apenas legalmente, mas sobretudo moralmente. No Capítulo IV do Código Penal de 1890 encontramos,

Do adultério ou infidelidade conjugal

Art. 279 – A mulher casada que cometer adultério sera punida com a pena de prisão celular por um a três annos.

§ 1º Em igual pena incorrerá:

1º o marido que tiver concubina teuda e manteuda;

2º A concubina

3º O co-réu adultero.

§2º A accusação deste crime é licita somente aos cônjuges, que ficarão privados do exercício desse direito, si por qualquer modo houverem consentido no adultério.

Art. 280 – Contra o co-reo adultero não serão admissíveis outras provas sinão o flagrante delicto, e a resultante de documentos escriptos por elle.

Art. 280 – Acção de adultério prescreve no fim de três mezs, contados da data do crime.

Paragrapho único . O perdão de qualquer dos cônjuges, ou sua reconciliação, extingue todos os efeitos de accusação e condemnação.⁷⁹

A temática do adultério envolve aspectos das questões morais, do comportamento desvirtuante, da quebra da ordem e dos costumes. Põe em xeque a vida em família, a tranquilidade do lar, ameaçando seus alicerces. Essas eram as palavras que, tanto o *Correio Paulistano* quanto *A Gazeta*, pronunciavam e proclamavam entre uma notícia de crime e outra. A estrutura que esses periódicos traziam, com suas repetições de notas criminais, de suas temáticas estabelecidas e de suas fórmulas prontas para narrar os crimes e apresentar os sujeitos, evidenciam experiências individuais e coletivas que se relacionam ao cotidiano da sociedade, quando a partir de sua construção buscava-se legitimação e veracidade. Essa repetição quase diária nessa mesma estrutura narrativa vem reafirmar valores sociais e projetar os perfis

⁷⁹ Código Penal, 1890.

dos sujeitos presentes na cidade. É na constituição desses sujeitos que se incorpora valores e convenções e se confirmam papéis estabelecidos.

Era 11 de março de 1911 quando o *Correio Paulistano* e *A Gazeta* narravam, mais uma vez, um drama de sangue. Este trazia o adultério como causador do crime. Ambos jornais dedicaram um bom espaço físico para a notícia. Seguindo sua característica de jornal formal, tradicional, o *Correio* apresenta a crônica com seu título em negrito, destacando o tema principal: “Em desaffronta da honra” e seguia com sua linha fina: “Violenta scena de sangue na Rua Quinze de Novembro – No trecho compreendido entre o largo da Sé e a rua Anchieta – Três tiros de revolver – Ferimentos graves – Declarações do agressor – Uma tentativa de suicídio – Informação completas.”⁸⁰ Lá estava na coluna dos *Factos Diversos*, tomando duas colunas inteiras, o anúncio do que o leitor encontraria na notícia. *A Gazeta*, por sua vez, obedecendo também às suas estruturas narrativas e seu projeto editorial, colocava na primeira página acompanhado do retrato dos protagonistas, a sua narrativa: “OS DRAMAS DO ADULTERIO – Tentativa de morte na Rua 15 de Novembro – EM DESAFFRONTA DA HONRA – Amor proibido – Três tiros de revolver – Um transeunte ferido – Prisão do marido ultrajado – Suas declarações á policia – Primeiros socorros – A morfina em ação – Outras notas”.⁸¹ O *Correio* assim iniciou,

Três horas e quarenta e cinco minutos da tarde. Pela Rua Quinze de Novembro, a grande artéria da cidade, palpitante de vida, ia um formigar contiguo de transeuntes, que se entrecruzavam nos *trottoirs* no vae-e-vem azafamado de quem anda a negócios; veículos rondavam com estrepito sobre os paralelepípedos, por entre o tilintar das campainhas e o alarmante buzinar dos automóveis. Era precisamente a hora de maior movimento, na grande via publica, a mais comercial e ao mesmo tempo a mais requintadamente elegante do triangulo central.

Nas proximidades do *Café Girodinos*, um magote de desocupados, estacionava ocasionalmente, iludindo a vigilância dos rondantes. A essa hora um moço sympathico, de bigodes pretos e olhos pretos, espadaúdo, trajando fraque conzento e sobraçando uma pasta de papeis, enveredava do largo da Sé para a rua Quinze de Novembro, chupando despreocupadamente um cigarro de palha.

Ao chegar em frente a Casa Lebre & Filho, quase no canto da Rua Anchieta, um individuo baixote e gordo, com um rosto picado de bexigas, toma-lhe a deanteira e, sem proferir palavra, desfecha-lhe a queima-bucha, e sucessivamente, três tiros de revolver. O moço cae redondamente no passeio e vae bater com o rosto na guia do calçamento, sulpicando-a de sangue. Com o espipoucar dos tiros corre gente de todos as direções, famílias enveredam, atônitas, peas casas commerciaes mais proximas, e ouve-se um trilhar insistente de apitos de socorro.

O criminoso, alçando a arma fumegante da dextra, espera que venham prender, exclamando pálido e nervoso:

- Matei! Matei porque roubou minha mulher.⁸²

Antes de narrar o crime, o jornal faz uma apresentação do local onde se passará a ‘violenta scena de sangue’. Estamos no ‘coração’ da cidade, entre o chamado triângulo, área empreendida entre Rua São Bento, Quinze de Novembro e Direita, onde situavam-se as lojas, os escritórios, as redações dos jornais, os hotéis, os cafés. Jorge Americano (2004, p.137) em suas memórias, colocava que o Triângulo era o local

⁸⁰ *Correio Paulistano*, 22/mar/1911, p. 3.

⁸¹ *A Gazeta*, 22/mar/1911, p.1.

⁸² *Correio Paulistano*, 22/mar/1911, p. 3.

preferido para as compras , “as senhoras e moças ao voltar para casa depois das compras no triângulo”, passavam pelo Largo do Rosário. O jornal não apenas informa sobre o local, mas explicita sua função: local de trabalho, pessoas que se entrecruzam a negócios, espaço do moderno, artéria da cidade, ou seja, ‘aquela que sai do coração levando o sangue para o corpo’, onde circulam automóveis, o local mais comercial e elegante, mas também o local onde os desocupados driblam as autoridades.

Nessa narrativa, o jornal traça o perfil da vítima: homem simpático, elegante que supõe-se estar trabalhando, já que transita pelas ruas dos negócios, em oposição ao criminoso, que pela descrição é um ‘tipo’ descuidado, desalinhado.

A Gazeta no mesmo dia narrava sua versão dos fatos,

Deu-se hontem, á rua Quinze de Novembro, um doloroso acontecimento, que, apesar de suas causas estarem vulgarisadas na decadente sociedade moderna, impressionou fundamente o espírito público. Trata-se de um caso de adultério e consequente scena de sangue, em vindicta. O sr. Carlos Mendonça Poppe, proprietário da “Bota Ideal” conhecido e antigo estabelecimento da rua Direita, n.43, é casado com d. Martinha da Silva Poppe, da qual tem dois filhos. Há dez dias recebeu o sr Carlos uma denuncia da má conducta que levava sua esposa, seduzida pelo sr. Affonso Borges, escrivão de orphans, residente á rua Augusto, n.181. Entrando em indagações, creou o sr. Carlos a certeza de que era realmente enganado pela esposa; resolveu porém, proceder com a maior calma e deu os primeiros passos para varrer a sua testada e evitar a deshonra de seu lar. Entendeu-se com a esposa que prometeu-lhe, conformar-se com todas as imposições, para afastar um escândalo e pôr termo a situação. Levou para Santos a família; tendo motivos porém para acreditar que sua mulher persistia no mau proceder, regressou anteontem a esta capital. D. Martinha porem veio em seu segmento pelo trem da noite [...] Tencionava o sr Carlos retirar-se o quanto a tes para o interior, levando seus dois filhos, o que lhe pareceu a melhor solução para o tristíssimo caso. Mas, hontem a tarde no começo da rua Quinze de Novembro, concontrou-se com o sr Affonso Borges. [...] inimigos inconciliáveis. Olharam-se [...] Esses encontros, essas junções diabólicas, parecem muitas vezes encaminhadas por uma fatalidade ou por uma inteligência maléfica que se divertisse a provocar desgraças... O marido ultrajado [...] puxou um revolver e detonou-o três vezes. O sr Borges deu um grito de dor e cahiu desamparado no chão. Entre os primeiro populares atraídos pela detonação, estava um soldado, que deu vz de prisão ao agressor, tendo este exclamado: “Matei o homem que deshonrou minha casa!”.

83

Aqui, este periódico com característica sensacionalista apresenta ao leitor de imediato o que pensa sobre a sociedade ‘moderna, decadente e vulgarisada’, e que a notícia impressionou o ‘espírito público’, o que leva o leitor a entender que o acontecimento repercutiu e reverberou. Logo de início, o leitor sabe que se trata de um adultério cometido por uma mulhar, já que temos as frases de ‘amor proibido’ e ‘marido ultrajado’. Quase como se o jornal quisesse antecipar ao leitor e mostrar-lhe que a culpabilidade era a traição da esposa. Na sequência da notícia, sabe-se que o marido foi alertado que sua mulher o traía e tendo certeza de que ela persistia no mau proceder, resolveu retirar-se para o interior levando os filhos. Aqui, pela construção da notícia, a ênfase acerca da moral é ressaltada, “evitar a deshonra de seu lar”, “afastar um escândalo”. Diferente do *Correio*, aqui o autor do crime é mencionado como um homem equilibrado, pois “procedeu com calma”, bem colocado socialmente, proprietário de um comércio conhecido e antigo, na

⁸³ A Gazeta, 11/mar/1911, p.1.

Rua Direita, que compreendia o famoso Triângulo. Não seria de se estranhar, que ambos, vítima e criminoso, se esbarrassem em determinados momentos.

Ambos jornais destacam que o autor do crime assumiu o ato e foi levado à polícia. Inclusive sobre esta, o *Correio* tece o elogio enfatizando que, de forma muito rápida, informava a repercussão do crime:

A polícia não se fez esperar. Chegou com toda a presteza e, não tendo criminoso a prender, porque elle já ia em caminho da Central, pelos braços de dois guardas-civicos, limitou-se a fazer transportar o ferido.

Quem eram os protagonistas

Conhecidissimos ambos, e dadas as declarações do criminoso, toda a gente curiosa que se aglomerava no local do crime ficou desde logo enfronhada dos factos, em suas linhas geraes. Era uma questão de honra, um desses repugnantes dramas de adultério, que transpondo os humbraes das alcovas secretas vem explodir com escândalo na praça publica, com grave risco da vida para os transeuntes incautos. A victima, que se deixou alvejar pelas balas do adversário – porque ambos eram victimas nesse caso – tinha sido o estimado sr. Affonso Borges, que exerce interinamente o cargo de escrivão de orphams [...] O negociante sr Carlos de Mendonça tinha sido o aggressor. Proprietário da “Bota Ideais”, estimado, contando boas relações não só entre os companheiros de classe, mas fora do circulo de sua actividade. Foi sempre excelente chefe de família e adorava a esposa, que terminou por trahil-o.

Fala do agressor

O medico da policia fazia os primeiros socorros á victima [...] na sala da terceira delegacia Carlos de Mendonça prestava declaração[...] Agira em defesa da honra. Tinha sido infame e covardemente ludibriado pela esposa, que aliás adorava, depositando-lhe a máxima confiança. Um dia vieram lhe dizer que ella o trahia. [...] Interpelando a esposa, quase chegou a convencer-se. Era impossível, aquella mulher tão amante dos filhos, tão cheia de carinhos, tão forçosamente de ser honesta! [...] Resolveu por em confissão os creados da casa, alguns foram fieis á d. Martinha da Silva Pope – esse é o nome da causadora do crime – mas o mesmo não se deu com a cozinheira Josuina de tal. Ela foi a portadora da longa correspondência epistolar mantida entre os dois amantes, e estando a par de quase todos os segredos íntimos de alcova, não resistiu a habilidade do interrogatório. Outra informante, esta inteiramente insuspeita, era d. Altina Pope, irmã da própria d. Martinha. Esta surprehendera algumas vezes o idyllio dos amantes e sabia de «rendez-vous» no Parque Antartica e outros pontos afastados da cidade. De posse dessas provas contra a conducta da esposa Carlos Mendonça teve violenta scena de ciumes [...] d. Martinha conseguiu commovel-o pelas lagrimas, pratestanto que se regeneraria. Procurando abafar o escândalo, que lhe abalaria os créditos no commercio, prejudicando o futuro dos filhos, Carlos resolveu perdoar a ignominia [...] embarcou para Santos [...] ao surprehendel-a escrevendo as pressas uma carta a Affonso [...]tomou a resolução de abandonal-a, embarcando para S. Paulo em companhia dos dois filhinhos [...] Hontem, subia a rua Quinze de Novembro [...] divisou Affonso Borges, que provavelmente vinha do Forum Civil. Uma nuvem passou-lhe pelos olhos [...] Foram estas as declarações.

O ofendido

[...] apresentara três ferimentos gravíssimos [...] foi transportado para Santa Casa de Misericordia. Das algibeiras foram retiradas, um revolve, um relógio de ouro, a quantia de 2:601\$800. Era casado, tem 33 annos, sua família acha-se em Ytu. [...] Nesta cidade fundou e dirigiu com brilhantismo o semmanario “A Republica”, no tempo em que andavam acesas as luctas politicas entre jagunços e maragatos. Filiado a este partido agiu sempre com assombrosa coragem.

O inquérito ficara hoje concluído.

Notas avulsas

O sr Abilio Silva, amigo do sr Carlos Pope abrigou em sua residência os filhos deste; D. Martinha tentou suicidar-se, no que foi impelida por pessoas da casa. Pela madrugada informaram-nos da Santa Casa ser lisonjeiro o estado de Affonso Borges.⁸⁴

Mais uma crônica policial narrada pelo *Correio* com requintes de um folhetim, envolvendo o leitor num mistério, com participação de outros personagens secundários, mas que colaboram com o enredo;

⁸⁴ O Correio Paulistano, 22/mar/1911, p.3.

dividindo em partes a história para colocar o leitor a par e também, para buscar esclarecer e interessá-lo por meio das informações sobre os sujeitos. O esposo traído é comerciante respeitado, tem bom relacionamento, pai amoroso e dedicado a esposa, tanto assim, que a perdoou; Affonso, o amante, era homem de certa respeitabilidade, escrivão, com passado consistente, casado. A esposa d. Martinha nos é apresentada pelas linhas na notícia, como uma mulher ‘forçosamente honesta’, que convenceu o marido pelas lágrimas da mentira, sendo ela a causadora do crime.

Não raro eram essas as justificativas para os crimes do adultério. Aqui, apesar de Affonso ser casado, em nenhum momento é apontado como um sujeito ativo, mas sim, juntamente com o marido Carlos, vítimas. Não se coloca em xeque a ação do amante, e sim da mulher que traía. Não há parecer do jornal que indique responsabilidade entre ambos. Essas narrativas muito se apoiavam nos valores e fundamentos morais no período.

Entre fim do XIX e início do XX, num contexto marcado por um forte sentimento de insegurança, e no centro do debate mais amplo suscitado pela formulação, em 1876, da ideia do *criminoso nato* pelo médico e antropólogo italiano Cesare Lombroso⁸⁵, o Direito Penal brasileiro passou por revisão conduzida, sobretudo, por um grupo de professores vinculados à Faculdade de Direito do Recife, entre eles, Viveiro de Castro. Caracterizada por um discurso médico-científico com forte presença determinista, essa corrente passou a conferir conotação patológica ao ato anti-social da Escola Clássica. As diferenças, a grosso modo entre a Escola Clássica e Escola Positivista serão abordadas mais especificamente, no capítulo 4. Porém, teremos uma noção do que o *Correio Paulistano* coloca nessa sua narrativa à respeito da culpabilidade de mulher no ato criminoso do seu marido. Em seu livro “A Nova Escola Penal”, Viveiro de Castro, no capítulo “Os fatores do crime”, com o subtítulo “O Papel da Mulher”, o criminologista aponta que causas fisiológicas e morais explicam a diferença dos sexos e que existe uma influência terrível que a mulher exerce sobre o homem, pois,

[...] dominadora, imperiosa, fatal, magnética, deste ser frágil, desta frívola criatura, que com um olhar e um sorriso impele o homem ao crime [...] Nos atentados contra a personalidade, nos homicídios, nos duelos, nas lesões corporaes, quase sempre a mulher é a causa do delicto, rebenta uma explosão de ciúmes e de vinganças [...], é a eterna história, de todos os dramas e todos os romances, que se repetem na vida real [...].⁸⁶

A *Gazeta* finalizou sua narrativa bem mais sucinta, apontando que houve uma multidão de curiosos que se formou na região do crime. Na edição do dia seguinte trouxe,

⁸⁵ Professor de Medicina, Faculdade de Turim, Cesare Lombroso (1836-1909) é considerado o fundador da antropologia criminal italiana. Sua principal obra, *O Homem Delinquente*, publicada em 1876, expõe as concepções sobre o criminoso nato, predisposto ao crime desde o nascimento em razão de fatores biológicos atávicos, que podiam ser identificados nas características físicas e psicológicas do indivíduo, conhecida como Escola Positivista.

⁸⁶ Viveiro de Castro, *A Nova Escola Penal*, <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bd000053.pdf> (acesso 03/abr/2020).

Accentuaram-se as melhoras do sr. Affonso Borges, que tem sido muito visitado. O sr Poppe, a quem muitos amigos têm também visitado, vai ser hoje, qu o inquérito esta remetido, ao juízo criminal, transferido para uma sala livre da cadeia publica, por ser negociante matriculado.⁸⁷

D. Martinha teria ingerido uma grande quantidade de morfina e estava aos cuidados de um clínico, não sendo a polícia conhecedora do caso. Evidenciando aqui que o próprio jornal sabia mais do que a polícia, provavelmente, por ter informantes na casa que revelavam conhecimentos. O autor do crime, contanto o periódico, recebia muitos amigos enquanto estava preso na polícia, pois tinha bons relacionamentos na sua classe e fora dela; seria também transferido para uma parte da cadeia pública, onde poderia ter maior liberdade, já que tinha o privilégio de ser um negociante matriculado. Informação que o leitor recebe e que mostra a distinção entre os grupos sociais com ou sem privilégios legais. O jornal informa, de maneira subentendida, que a mulher, causadora do crime, ao tentar suicidar-se é, além de criminosa, instável e tem fraqueza psicológica. Essas considerações eram veiculadas na época, tanto nos jornais quanto nos pareceres médicos, demonstrando que as mulheres histéricas e com fraqueza psicológica, normalmente, tinham crises nervosas e cometiam o ato do suicídio.

Ao analisar os dramas de sangue, observamos que na sua grande maioria as causas referem-se às condutas morais como adultério, ciúme, honra. Embora tantos outros crimes noticiados por esses dois jornais tenham sido crimes de sangue, trazem de forma diferente outras temáticas, como brigas no trabalho, rixas entre inimigos, desentendimentos de ordem pessoal e familiar. Quando o assunto do crime envolve adultério, honra e ciúmes, significa que estamos tratando de uma relação entre um casal que vive de forma convencional ou, ao menos, é o que os jornais buscam relatar. Esses crimes levam de forma quase direta a questão da mulher. Estabelecer o critério do casamento ‘formal’ ou ‘convencional’, com o ‘papel passado’ em termos legais é problemático, pois muitas vezes os periódicos trazem a informação de que “são casados” ou “são amasiados”, ou “vivem maritalmente”, ou “vivem em concubinato”, enfim, não é nosso objetivo definir essas questões, mas elas são importantes do ponto de vista da construção dos valores. Saber se essas uniões eram de fato uma relação conjugal estável, impossível. Porém, se faz necessário estabelecer uma linha entre a regularidade e a irregularidade do que se convencionava da vida em comum. Essas informações que temos acesso apenas pelas narrativas dos jornais podem contribuir para refletir como esses periódicos construíam uma visão de grupo social, de valores de classe, de estigmas ou estereótipos do modo de vida dos sujeitos.

Em muitos casos, verificamos que esses dramas de sangue apresentam o “marido exemplar”, amável com a esposa e a família e que, em nome da defesa da honra, toma uma atitude extrema. Essa é a honra masculina, sua atitude está justificada, no momento em que a mulher é apresentada como ‘desonesta’,

⁸⁷ A Gazeta, 23/mar/1911, p.7

responsável pelo crime do marido, por exemplo, ou do amante. A explicação para essa questão gira em torno das obrigações da mulher para com o marido e sua família, o espaço que frequenta, a conduta que tem. Grande parte dos crimes que os jornais narram, de processos por homicídios, traz a defesa da honra masculina como uma situação universal como sendo o pai de família trabalhador e honesto que restaura sua honra e a da casa, violada pela mulher infiel ou suspeita de infidelidade.

Quando a honra violada é a da mulher ou quando ela é assassinada, observamos que a perspectiva, o prisma dos jornais pode mudar dependendo da condição social. Foram observadas notícias criminais, que traziam os valores e representações sobre, por exemplo, as mulheres “honesta” e de “vida fácil”, a mulher que seduziu ou o defloramento mediante a sedução. As narrativas também apresentam nesse caso a defesa da honra da família, do pai ou do irmão da ofendida, como uma forma de reprovação. Portanto, os periódicos constroem estereótipos e reforçam valores em meio aos diversos crimes que apresentam ao leitor. A crônica a seguir imprime essa visão.

Já, em 1913, o *Correio Paulistano* tinha feito alterações em sua diagramação interna, modificando o jornal em alguns setores, ampliando a parte dos “Factos Diversos”, que continuava na página 7, às vezes, na página 8, trazendo agora uma fonte maior e em negrito. Como já salientado nessa pesquisa, acreditamos ser isso a consequência dos aprimoramentos técnicos e da ampliação do jornal, um crescimento de demanda, que o próprio jornal construiu diante da conjuntura daquela primeira década.

Era 7 de fevereiro de 1913, em pleno Carnaval na cidade, quando ocorreu mais um drama de sangue. O *Correio Paulistano* trazia em caixa alta e negrito o título “Covarde Assassinato”. Na sequência, indicava o lugar do ocorrido, como sempre para dar credibilidade ao fato, precisão e objetividade; era Rua Condessa de São Joaquim. E, em suas linhas finas, prosseguia: “Uma mulher de vida fácil, implicando-se com uma turma de trabalhadores municipaes, dá causa a uma violenta scena de sangue. Comparecimmto da Policia. Remoção do cadáver – Abertura de inquérito”.

A Rua Condessa de S. Joaquim, rua nova, que parte da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio e vae terminar na Liberdade, está de poucos dias a esta parte merecendo os cuidados dos poderes municipais, que para alli destacaram uma turma de trabalhadores incumbida de por serviço de calçamento a paralelepípedos. Sendo contratados por dia, os trabalhadores só abandonam o serviço, tendo das 11 horas da manhã ao meio-dia para o almoço, refeição frugal que é sempre feita no lado do serviço. Hontem pouco depois das 11 horas, os trabalhadores, recebendo as suas marmitas, abandonaram as respectivas ferramentas e reuniram-se em frente ao prédio número 6 em cujo passeio se sentaram. Palestrando ruidosamente os bons trabalhadores iniciaram o seu almoço, quando de súbito se abriu uma das janelas da casa número 8, e nela surgiu a portuguesa Ludovina da Fonseca, mulher de reputação equívoca de 25 annos de idade, que ali reside com seu pai o septuagenário José Maria Cardoso. Irritada com o vozerio e com a imundice em que se achava o passeio, juncado as cascas de banana, Ludovina dirigiu palavras ásperas aos trabalhadores que lhe responderam com chufas e graçolas.

Retirando-se da janela ainda mais exacerbada com a attitude dos trabalhadores, Ludovina comunicou o incidente a seu velho pai e a seu irmão o carpinteiro Acácio Cardoso, de 22 annos [...] surgiram no portão velho armado e Acácio [...] dirigiram-se aos trabalhadores.

Acácio fez lhes sentir que não admitiria desrespeito e intimidou [...] o espanhol Manuel Garcia Gonzales, disse que a rua era pública e que tinham o direito de sentar-se onde muito bem lhe parecesse, quando terminaram o almoço procederiam a limpeza do passeio.

Cássio, que é indivíduo reconhecidamente de maus instintos, e que acha que se acha em liberdade por mera benevolência do júri, que o absolveu de um crime de morte, não se deu por satisfeito com a resposta e, brandiu o porrete com agilidade. [...] Ludovina saltou para a rua com seu ar de escandalosa e vibrou ela própria diversas bordoadas no espanhol. [...] apesar de fraquíssima a defesa dos trabalhadores, que tiveram escrúpulo em reagir contra a agressão da mulher, o fato terminou de maneira trágica [...] Acacio sacando de um revólver fechou inesperadamente 2 tiros contra Gonzalez. [...] Ludovina, quem incontestavelmente foi a causa direta do crime, estimulando o seu irmão a praticá-lo, recolhia se tranquilamente a sua casa.

[...] compareceram segundo delegado Teófilo Nóbrega, o medico Marcondes Machado e José Luís Guimarães. Manuel Garcia Gonzales jazia morto ao passeio, vítima do covarde assassinato era de estatura mediana e usava barba raspada e pequeno bigode, tem 47 anos de idade era casado residia rua do Oriente 78 filhos menores sendo 4 meninas e 3 meninos.

Acácio Cardoso é irmão do célebre agente Cardoso que a tempos se aliou no Rio a uma quadrilha de ladrões, dirigindo-se como chefe e também é irmão de um atual agente da polícia desta capital. Ludovina, toda vizinhança é acorde em declarar, é uma mulher escandalosa e sem escrúpulos [...] inquérito foi aberto no posto policial da liberdade.

[...] testemunhas Aurélio Rosa 16 anos morador da avenida conde de São Joaquim n. 12, Francisco Valadares de 21 annos de idade morador da rua Galvão Bueno n. 60 e dr Astugamin Medici residente a avenida Luiz Antônio 135. esta última testemunha que só sabia do crime por ouvir dizer [...] Ludovina que primeiro agrediu a vítima, foi posta em liberdade ontem à noite momentos antes de ser preso o velho José Maria Cardoso em Guaraúna por agentes do gabinete de Investigação. A arma de que serviu o criminoso foi apreendida no porão da casa.⁸⁸

O *Correio* só publicou a crônica no dia seguinte e, pelo teor de suas narrativa, levantamos a hipótese de que a leitura do concorrente ajudou na sua escrita, pois as mesmas informações foram replicadas. Já A *Gazeta* saiu no dia do crime, anunciou ‘em primeira mão’, mas não como costumava colocar na primeira página. Dessa vez, a notícia ocupou as duas últimas colunas da página 8. Por ser um vespertino, provavelmente conseguiu ter acesso às informações mais para o fim da manhã, para assim, imprimir na sua seção “Últimas”, o crime do dia:

Assassinato à avenida condessa de São Joaquim

Um trabalhador da prefeitura foi morto à bala - agredido a bengalada - fuga do criminoso pela cumplicidade da irmã que foi a protagonista da scena - a ação da polícia - depoimentos comprometedores

A avenida condessa de São Joaquim foi hoje theatro revoltante de que resultou a morte de um trabalhador da prefeitura. Rua nova, já porém cheia de construções aristocráticas, à avenida ainda sem calçamento, era em toda a sua extensão nos dias de chuva intransponível, no sol o maior depósito de poeira vermelha daquela zona, foi por isso que depois de constantes reclamações dos seus moradores, determinou que se procedesse quanto antes o seu calçamento.

As obras foram iniciadas há poucos dias. Por ainda hoje, continuam com atividades nela tomando parte um numeroso grupo de operários assalariados pelos poderes municipais. Esses operários ao anoitecer terminam o serviço e vão para suas casas jantam e almoçam só. [...] eles têm entre as 11 e meio-dia para almoço, não lhes chega nem para fazer o percurso às suas casas. Almoçam pão queijo e bananas, é almoço frugal que fazem coletivamente, sobre a sombra mais próxima.

Hoje poucos minutos depois das 11 horas os calceteiros da avenida, sentaram a calçada do prédio n. 6 para o lunch alegre e conversando ruidosamente.

De uma das janelas apareceu uma mulher de meia idade, reclamando que os trabalhadores sujavam a casa. Os operários desculparam, e afirmaram que uma vez terminado o almoço deixariam tudo de novo limpo. [...] a mulher não se deu por satisfeita entrou e segundos depois apareceu no portão armada de uma bengala acompanhada de 2 homens um já de idade avançada e outro moço.

[...] a discussão entre a mulher e os trabalhadores recomeçou repente ela desferiu um golpe de bengala no operário que estava mais próximo [...] o irmão da mulher avançou para o grupo de trabalhadores e detonou a arma fugindo em seguida companhia da irmã e do pai.

⁸⁸ Correio Paulistano, 8/fev/1913, p.6

Estabeleceu-se no local grande confusão e profunda impressão de terror [...] o facto foi comunicado à polícia. O trabalhador atingido pelo tiro traiçoeiro estava morto, foi levado para a central [...] iniciou o inquérito sobre o fato e arrolou várias testemunhas [...] depois de visitar o local do crime e colher as primeiras notas de reportagem, A Gazeta foi a segunda delegacia onde teve ocasião de ouvir os depoimentos das testemunhas inquiridas e da protagonista do assassinato que foi presa. [...] chamava-se Ludorina da Fonseca 25 anos portuguesa mulher de vida fácil de algum tempo residente na rua condessa de São Joaquim número 6, [...] declarou que viu os operários almoçando a sua porta sujando a calçada com lama casca de banana e pão chamou lhes a atenção mas não foi atendida, foi injuriada com palavras pesadas. Dirigiu-se ao portão com seu pai e seu irmão discutiram e um dos trabalhadores lhe atirou um tijolo o outro a agredi-los, foi então que Acácio puxou o revólver e deu um tiro ou 2, todos os três depois fugiram para o interior da casa. [...] as demais testemunhas foram unânimes em contar os pormenores do crime conforme noticiamos [...] testemunhas são Anízio rosto de 16 anos na ocasião dirigia-se para a sua casa para almoçar; Manuel Figueiredo, português, casado que trabalhava como pedreiro na casa fronteira ao número 6 onde o crime teve teatro; Francisco Valadares 21 annos chauffer morador da Galvão Bueno, estava no local em serviço; outra testemunha o doutor Atugasmin Médici prestou declarações idênticas ajuntando pormenores sobre os antecedentes de Ludorina os quais são péssimos. A vítima é o espanhol Manuel Garcia Gonçalves de 47 anos, Acácio Cardoso, o assassino está foragido, e indivíduo de péssimos precedentes há 2 ou 3 anos, segundo fomos informados, cometeu outro assassinato no Brás, Acácio é irmão de um agente de polícia.⁸⁹

Ambos jornais enfatizam no seus títulos a exaltação do crime. Antes de detalhar o ocorrido, tanto o *Correio* quanto a *Gazeta* fazem um preâmbulo sobre as condições da região, como se deu o calçamento da rua, por que estavam os trabalhadores consertando o local. Há também alguns pontos semelhantes entre as narrativas e o uso de vocabulário análogo (almoço frugal). Os dois periódicos também ressaltam a importância dos operários nesse serviço e não deixam de destacar as condições desse trabalho, ao menos, quando dizem que “só param para o almoço”, “não abandonam seu serviço”, “ao anoitecer terminam o serviço e vão para casa”, “almoçam e jantam apenas”. Com essas observações, *A Gazeta* ressalta e valoriza o tema do trabalho, faz uma referência positiva de que eram ‘trabalhadores’ e destaca a necessidade da urbanização da cidade. O jornal aproveita e, do mesmo modo, anuncia as queixas e reclamações que haviam sido feitas para melhoria da região que, apesar de estar “cheia de construção aristocrática”, ainda não tinha calçamento. Na mesma proporção, faz um comparativo ao narrar que os operários estavam em serviço, trabalhando e no sossego do almoço, conversando alegremente, quando foram vítimas de pessoas com antecedentes péssimos, envolvidos e condenados por crimes, e a causadora foi uma mulher de vida fácil. Ambos jornais também noticiam que o criminoso tem um irmão agente da policia.

A Gazeta acentua que a causadora do crime, Ludovina, foi posta em liberdade. Na própria narrativa, encontramos referência da forma como o jornal obtém suas informações. Os noticiários, ao receberem de suas fontes a notícia do crime, visitam o local, colhem as notas da reportagem, para depois, redigi-la e dirigem-se à delegacia que está cuidando do caso para obter informações sobre as testemunhas, depoimentos e o estado do preso. Assim como em outros dramas aqui citados, os jornalistas conversam com vizinhos e criados das casas, pessoas que também moram nas redondezas e que podem contribuir na

⁸⁹ A Gazeta, 07/fev/1913, p.8

formação de sua notícia. Sendo assim, muitas informações podem conter e contêm, sem dúvida, as impressões e os indicativos de muitos sujeitos.

No dia 13 de maio de 1911, a *Gazeta* estampava uma ‘pavorosa’ manhã de sangue que repercutiu no jornal. Sob o título “Deshonra, loucura e morte”, o periódico traz uma crônica policial envolvendo mãe e filha num crime de honra. Enquanto isso, no *Correio Paulistano*, as notícias na coluna dos “Factos Diversos” seguiam um dia costumeiro: furtos de sacos usados, uma queda desastrosa de um condutor da Light, a inauguração de um novo cinematógrafo na cidade, um tiro acidental na rua do Glicério, entre outras pequenas notas, algumas linhas sobre a comemoração do 13 de maio, que incluíam,

O Centro da Federação dos Homens de Côr, sito ao largo do Riachuelo, n.56 commemora hje aquela data da forma seguinte:

- A´s 7 horas da manhã reunião na séde de onde sahirão incorporados em direção á Egreja S. Francisco, ás 8 horas da manhã afim de assistir á missa por intenção das almas dos abolicionistas falecidos.

Após aquella solenidade, regresso á séde em procissão cívica em direção ao Cemiterio da Consolação, conduzindo os bustos do visconde do Rio Branco, Luiz Gama e José do Patrocinio, onde depositarão flores sobre os túmulos dos abolicionistas falecidos.

Durante o dia recepção na sede, havendo também comprimento á imprensa.

- Commemorando a data de hoje a Associação Christã de Moços proporciona aos seu associados convescotte na Praia do Guarujá, contando-se 160 pessoas inscritas.⁹⁰

Na sua sobriedade, o *Correio Paulistano* nem noticiava a ‘pavorosa’ cena de sangue entre mãe e filha e, muito menos, proporcionava espaço em destaque para as comemorações do fim da escravidão. A *Gazeta*, no entanto, aproveitava mais um drama para construir sua narrativa,

MANHÃ DE SANGUE

Pavorosa Tragédia domestica – Uma senhora que fulmina a filha com um certoiro tiro de revólver e degolla-se em seguida - DESHONRA, LOUCURA E MORTE

Uma dessas impressionadores tragédias domesticas, cujos antecedentes e pormenores se confundem no limbo dos episódios banaes que obscurecem a atormentada existência humana, desenrolou-se hoje pela manhã em um dos encantadores subúrbios da nossa capital.

A´s 7 ½ horas da manhã, quando a população despertava ao som das alvoradas commemorativas da redenção dos captivos, ocorreu pela Avenida Angelica uma notícia dolorosa: uma senhora pertencente a uma respeitável família da nossa sociedade, fulminara a sua filha com um certoiro tiro de revólver e vibrava em seguida sobre o collo um profundo golpe de navalha. A filha era cadáver e a mãe esvahiase em sangue, diziam os alviçareiros do horrível drama e accrescentavam que um motivo de honra ocasionara a catástrofe.

Logo depois confirmava-se, em todas as linhas, a alarmante desgraça, que, como é de imaginar, causou profunda sensação e cobriu de luto e consternação duas respeitáveis famílias da sociedade paulista.

Commentar desfechos como esses, entrar em divagações psychologicas, no sentido de precisar as razões que determinam essas crises passionaes da alma humana, seria neste momento zombar da acabrunhadora impressão que opprime o espírito público. Limitamo-nos, pois, a noticial-a deplorando que mais um elo de sangue se venha prender a cadeia trágica das hecatombes que assinalam em S. Paulo esse começo de anno, agitado e lúgubre.⁹¹

⁹⁰ Correio Paulistano, 13/maio/1913, p.5

⁹¹ Gazeta, 13/maio/1911, p.1

Ao iniciar a apresentação da notícia do dia, o jornal *A Gazeta* destaca em letras garrafais o título, que em negrito chama para mais uma tragédia. Seguindo em mais três subtítulos, cada uma com uma letra diferente e também em negrito e caixa alta, o periódico anuncia mais um crime. Na longa apresentação dos fatos, os detalhes chamam a atenção para os personagens. Desta vez, diferentemente da italiana Maria Venuto, protagonista de uma tragédia há exato uma semana, o periódico salienta uma tragédia doméstica, localizada em um subúrbio encantador, envolvendo uma senhora de respeitável família. O jornal afirma também que, comentar desfechos como este e divagar psicologias para achar as razões, seria zombar do espírito público, ou seja, prefere se limitar aos fatos, na tentativa da objetividade e neutralidade.

A temática recorrente desse tipo de crime nos jornais assinalava que o tema estava no ‘gosto’ do público leitor, mas também os jornais alimentavam esse gosto, quando enfatizavam e dramatizavam as histórias. Desta vez, o jornal desenvolve com mais detalhes a notícia. Seguimos o que narraram.

ANTECEDENTES

A cerca de dez mezes, o Sr. Laercio do Nascimento, filho do conde Asdrubal do Nascimento, conhecido industrial desta praça, enamorado de mlle. Junia, filha do dr. Luiz Frederico Rangel de Freitas, advogado do nosso fôro, procurou esse cavalheiro em sua residência e tornando-o conhecedor de suas intenções para com a jovem, pediu-a em casamento, pedido esse que foi acolhido favoravelmente. (...) mme. Anna de Almeida Rangel de Freitas, progenitora da jovem, que sobremodo apprehensiva mudou extraordinariamente de hábitos.

Desde este dia recusou todo e qualquer alimento, não comia, não dormia, facto esse que impressionou muito seu marido. (...) o olhar febril de sua esposa estava cheio de ardos mysterioso. Que se passava no espírito de mme.?

Junia, a única que demonstrava comprehendel-o, evitava estar-lhe próxima, como si sua presença lhe viesse pesar na consciência.

O CRIME

Hoje pela manhã, mme. Rangel de Freitas, que havia passado a noite toda sob o peso de uma insomnia insupportável levantou-se do seu leito (...) teve um gesto de energia demente e, encaminhando-se para a mesinha da cabeceira, cuja gaveta sabia que seu marido tinha sempre guardado um revolver, abriu e tirou a arma. Em seguida dirigiu-se para o aposento de sua filha. Em toda a casa, exceto na cozinha, onde a criadagem, iniciava os trabalhos do dia, pesava um socego morno.

Em seu quarto a jovem dormia calma e despreocupada, sem ter ouvido os passos de sua mãe (...) caminhando como se uma força invisível a impelisse, mas sem consciência do que fazia.

Alcançou o leito. Numa comoção, tal como si nenhum raio de lucidez lhe atravessasse o espírito. Estendeu a mão e encostou o cano do revolver na cabeça da filha indolentemente mergulhada na fofa maciez do travesseiro. O frio da arma não a tirou do somno de que aliás nunca mais despertaria. O gatilho do revolver mme. puxou (...) O estampido reboou pelas paredes do quarto, ecoando sinistramente pelo resto da casa. (...) a criminosa volta a si. Deixou rápida o quarto onde a filha morta nadava em sangue. Voltou para seu aposento em busca de arma qualquer, pois o revolver a horrorizava. (...) encontrou uma navalha, e, sem um segundo de hesitação, golpeou o pescoço.

AS PROVIDÊNCIAS

O dr. Rangel de Freitas foi um dos primeiros a socorrerem. A horrível tragédia então se lhe patenteou em toda a sua impressionante verdade. Deu algumas providencias que julgou necessárias e, em seguida levou o facto ao conhecimento da policia que imediatamente fez comparecer ao local o segundo delegado interino, dr. Antonio Naccarato, seu escrivão, dr. Attila de Campos e o dr. Marcondes Machado, medico legista.

Dr. Marcondes examinou a protagonista do crime e verificando seu estado grave lembrou que deveria ser transportada para qualquer estabelecimento de saúde. Foi escolhido o Instituto Paulista. (...) a ferida ficou aos cuidados daquele estabelecimento e o corpo da morta entregue a desolada família. A sala de visitas da casa da av. Angelica foi transformada em câmara ardente, sendo para

ahi transportado o cadáver da jovem. Às 5 horas da tarde deve realizar-se o seu enterro, no Cemiterio da Consolação.⁹²

São apresentados ao leitor, os protagonistas: uma jovem de família rica, cujo pai era respeitado, um noivo industrial, jovem e promissor; o local: a residência da jovem em um dos bairros abastados da cidade; Segundo o jornal, o casal de noivos estava feliz, bem como os familiares. De acordo com o jornal, nessa área da capital, morava uma senhora pertencente a uma respeitável família. Família esta cujo pai advogado, Luiz Rangel de Freitas, teria como genro Laerte do Nascimento, filho do conde Asdrubal do Nascimento, industrial importante da cidade. Posto dessa forma, segundo o jornal, os sujeitos da notícia têm lugar marcado na sociedade. Parte de uma elite paulistana a filha de uma advogado e seu noivo, filho de um industrial se casariam dentro em breve, não fosse a tragédia impedi-los. Até que tiveram a surpresa de que Laercio, o noivo, viajaria para a Europa a negócios e também para tratar da saúde.

Naquela época, viajar à Europa era algo reservado a poucos, especificamente, às classes ricas, devido ao custo da viagem e também porque na cidade a grande maioria da população era constituída por trabalhadores, gente humilde, muitos imigrantes empobrecidos, operários e nacionais pobres. Nos dizeres de Americano (2004, p.209),

Toda gente fina ia à Europa, de março ou abril a setembro. Tendo-se despedido das pessoas das relações, embarcavam no trem especial da São Paulo Railway, na Estação da Luz, aonde eram acompanhados pelas amigas e amigos. Os mais íntimos iam até Santos. Antes de chegar à estação de Santos, o trem tomava por uma chave à esquerda e seguia pelo cais, até parar ao lado do navio, onde desembarcavam os passageiros e acompanhantes. Cada dia de partida do “Thames” ou do “Clyde”, da Royal Mail, ou de algum outro navio das “Massageries Maritimes” era um acontecimento social. A cada chegada, ali por setembro ou outubro, era outro acontecimento. Os jornais noticiavam, e as amigas iam visitar as “viajantes”, conversar sobre modas e ver as toilettes que trouxeram. (AMERICANO, 2004, p.209)

O endereço da residência da família, situada a Av. Angélica, antes, parte da chácara do Palmeiras, era agora local de palacetes da elite paulista, região de Campos Elíseos, “de gente fina”, como descreveu Americano e, como Paulo Cursino (1980, p.232), diz,

Hoje, o bairro Angélica, atravessado pelo de Higienópolis, se nos afigura os domínios de “Vaux”, ao tempo de Luís XIV, luxo, elegância, conforto. (...) esplende a fina aristocracia paulista com palminhos de rosos angelicais. Tudo ali, modernamente, deslumbra na graciosidade da Avenida Angélica. Cor. Som. Luz. Na magnificência da Avenida Angélica e na espiritualidade do nome que ela fixou. (CURSINO, 1980, p.232).

Para a família de Junia, a partida do rapaz causou profundo abalo e a que mais sentiu foi sua mãe. A honra de uma filha naquela sociedade era qualquer coisa de preocupante e vergonhoso. Como já colocado, a defesa da honra interessava à família como um todo. Normalmente, pai e irmãos tomavam a

⁹² Idem.

dianteira para resolver a ‘vergonha’ da família, mas nesse caso, a própria mãe, ao que tudo se supõe, tomou tal iniciativa. O jornal não expressa textualmente nas suas linhas o defloramento de Junia, mas encaminha o leitor a tal conclusão, uma vez que, apresenta o título de desonra e o detalhamento de como mãe e filha são descrita, abatidas, desânimo, tristeza, tomadas pela ‘vergonha’.

Para os crime contra a mulher, o Código Penal fazia distinção entre estupro e defloramento. Este último, de acordo com o Artigo 267, trazia que ‘deflorar’ relaciona-se às mulheres menores de idade, que sofrem sedução ou engano; já o Artigo 269 expressa como estupro o ato pelo qual o homem abusa com violência da mulher. Em sua grande maioria, seja defloramento ou estupro, os casos são praticados por pessoas conhecidas da vítima, sejam namorados ou noivos. A questão nessa notícia gira em torno na honra de uma ‘moça de família’ e que precisava ser reparada as olhos da mãe. No entanto, a vergonha pela ofensa da honra foi maior, ao que parece, do que a própria lei poderia fazer. O crime ocorreu no sábado dia 13 e *A Gazeta*, como não tinha edição aos domingos, trouxe o desfecho com fotografia do cortejo de Junia na segunda-feira, dia 15 de maio e encerrava com a seguinte nota:

MANHÃ DE SANGUE

Pavorosa Tragédia Domestica – No Instituto Paulista alucinações de mãe – O enterro da desventurada senhorita Junia – O Inquerito policial

Perdura ainda no espírito publico a dolorosa impressão da tragédia de ante-hontem, que foi e continua a ser o assumpto do dia. Póde dizer-se que a chronica de S. Paulo não se registrou jamais um drama tão intensamente comovedor como esse que ceifou a vida em flor de d. Junia (...) O que se passou na casa 112 da Av. Angelica, pondo uma larga mancha rubra nessa linda manhã se sabbado, entra no rol dos casos que a simples narrativa define mais eloquentemente do que as tintas dos comentários.⁹³

O recurso a fotografia utilizado pela *A Gazeta* trazia não só credibilidade, informação, mas buscava com essa técnica mostrar ao leitor o avanço do jornal, que fazia uso de novas tecnologias, o ‘instantâneo’ que não apenas registra, mas marca um momento. Não bastava apenas narrar sobre a história de mãe e filha, mas havia a necessidade de levar o leitor a visualizar quem e como eram, onde viviam. Diferenciando esta notícias das demais, exaltando a técnica e modernidade do jornal e sua pretensa neutralidade para com o fato. A crônica policial articulada à fotografia demonstra um recurso comunicacional que o jornal encontra para apreender o público leitor. Nos dizeres de Kossoy (2002, p.21),

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na fotografia um poderoso instrumento para veiculação de ideais e da consequente formação e manipulação da opinião pública, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através de meios de informação e divulgação. E tal manipulação tem sido possível justamente em função da mencionada credibilidade que as imagens têm junto a massa, para quem seus conteúdos são aceitos e assimilados como expressão da verdade. (KOSSOY, 2002, p.21)

⁹³ *A Gazeta*, 15/maio/1911, p.

Assim como a narrativa das crônicas são uma opção do jornal, do noticiário dentro de um conjunto de valores e ideologias, o uso da fotografia também é uma opção e o resultado de uma decisão. Ela não é um acontecimento em si, mas revela uma mensagem sobre o acontecimento que ela registra. Não tratamos nessa pesquisa sobre os efeitos e reflexões acerca das imagens nos jornais, mas acreditamos que elas são uma linguagem que acompanham as demais narrativas escritas e, por isso, se fazem necessárias. São parte de recursos da comunicação dos periódicos, sobretudo, da *Gazeta*, que a utiliza com maior frequência.

GAZETA

PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1911

N.º

Esta, conforme verá, não é tão difícil como a princípio se tem afigurado aos leitores das descrições dos ataques dos índios aos trabalhadores da Noroeste. E, nestas circunstâncias, a travessia do tenente-coronel Rondon pelo nosso Estado será assignada por um serviço de relevancia igual aos que prestou no Amazonas para a catechese do gentio.

O sr. Luiz Casabona realizará hoje, 8 horas da manhã, uma conferencia franceza, na sede da Sociedade Paulista da Agricultura, á rua Direita, 12-B, neiro, andar.

Conferencia versará sobre «A defesa café na Europa, o syndicato organizado para a mesma defesa, as estatísticas e propaganda».

Provável que o architecto Bouvard entre hoje ao sr. prefeito municipal, por elle delineado, dos meamentos desta capital.

Foram hontem de Santos 60 imigrantes, que se destinam á lavoura.

Irão-se hoje as aulas da Faculdade de Direito.

Ordem com as decisões da comissão, os alumnos matriculados no anno, que passou a constituir a série pela reforma Rivadavia, e, agora, de Encyclopaedia Juridica Publica, em vez de Philo Direito e Direito Romano, cadeira passado para a terceira.

Os que já têm ao menos um primeiro anno e os dos de curso não foram attingidos pelos dispositivos da reforma, e portanto as aulas de accordo com o codigo de ensino, cursando annos e recebendo, no fim de bacharel em sciencias daes.

S. Paulo o sr. Edgar Coste nesta capital do «Crê-Brásil», sociedade anónima de creações bancarias de credito capital de 12.500.000 emissão de obrigações de rancos.

«Crê-Brásil», que tem em Paris e a sede de o, pretende abrir sua capital, a cargo da «Bancaria per l'America del

«Braz», vice-presidente operado na capital feo corrente.

«Braz», vice-presidente operado na capital feo corrente.

«Braz», vice-presidente operado na capital feo corrente.

que ficou sob a primeira pedra do novo edificio.

Aos convidados foi servido delicado lunch, tendo ao champagne usado da palavra o sr. conselheiro Duarte de Azevedo, presidente do Senado, que se congratulou com o governo do Estado pelo notavel melhoramento com que vai ser dotada a nossa capital.

Ao que ouvimos, dentro de dois annos, estará terminada a construção da nova Penitenciaria.

O BRASIL NO EXTERIOR

O que diz «Le Temps», de Paris, sobre a nossa situação financeira

Le Temps, de Paris, occupando-se da baixa dos titulos brasileiros, diz que efectivamente o augmento das despesas é o cancro que rói os orçamentos de todos os paizes.

Quando um paiz é perdulario e tem dividas no exterior, os defeitos da sua administração financeira dão mais na vista do estrangeiro do que o que acontece com os paizes cuja divida esteja na gaveta dos financeiros nacionaes.

Promette a mensagem do marechal Hermes—continua o jornal parisiense—que será reconstituído o fundo de garantia para não mais ser desviado, como o foi pela imprudente administração do sr. Leopoldo de Bulhões, que, apesar das innumeras advertencias que lhe foram feitas no Brasil e no estrangeiro, inclusive pelo Temps, quiz elevar o cambio a 18 d., manipulando a seu geito o mercado e servindo-se illegalmente do referido fundo de garantia.

Felicitações

D. Francisca de Campos

Corre hoje o anniversario natalicio da exma. sra. d. Francisca de Campos, distinctissima esposa do dr. Bernardino de Campos, senador estadual e venerando chefe do Partido Republicano Paulista.

E' uma data de regosijo e festas para todo um grupo de estimaveis familias da nossa sociedade. Registral-a é rememorar uma existencia exemplar de bondades e de virtudes preciosas, porque si as damas paulistas se recommendam pela nobreza dos seus sentimentos e pela comprehensão dos seus deveres domesticos, em d. Francisca de Campos esses predicados attingem á sublimidade do heroismo pela santa dedicação com que tem acompanhado o seu extremo consorte e os seus dilectos filhos em todos os accidentes da vida. Carinhosa e singela no trato, alma illuminada pelos reflexos da caridade e da resignação, a fidalga senhora ver-se-á hoje rodeada pelos afagos de toda a illustre prole de que é tronco e á qual soube transmittir as prendas raras do seu coração delicado e bemfazejo.

A Gazeta, pedindo permissão para se associar a tão justas demonstrações de affecto, envia á estimada matrona os seus respeitosos cumprimentos, pela data de hoje.

Manhã de sangue

PAVOROSA TRAGEDIA DOMESTICA

No Instituto Paulista -- Allucinações de mãe -- O enterro da desventurada senhorita Junia -- O inquerito policial -- Declarações do dr. Rangel de Freitas -- Outros depoimentos

Perdura ainda no espirito publico a dolorosa impressão da tragedia de ante-hontem, que foi e continua a ser o assumpto do dia. Póde dizer-se que na chronica de S. Paulo não se registrou jámais um drama tão intensamente commovedor como esse que ceifou a vida em flor de d. Junia e alanceou de inenarravel desespero o coração de seu pae, ao mesmo tempo que destruiu para sempre, com a desgraça tremenda da desditosa protagonista, toda a felicidade de um lar. Ha dôres que se não descrevem e scenas que se não pintam, á mingua de côres. O que se passou na casa n.112 da avenida Angelica, pondo uma larga mancha rubra nessa linda manhã doirada de sabbado, entra no rol dos casos que a simples narrativa define mais eloquentemente do que as tintas dos commentarios. Ao psychologo, habituado a desvendiar os arcanos da alma humana, ou ao psychiatria, familiar com todas as allucinações do espirito, compete,



A senhorita Junia e sua desventurada mãe

então a crise attinge proporções de mais pungente desespero: seus gritos lancinantes, que cortam o coração, chegam até á rua. Mas a



A companhia de partiu hoje para uma série de espois para Ribeira — Estreou antBahia, com a companhia dram brasileira Nina

OS DE

Suicidio e

No dia 11 do Bom Successo, revolver no nente-coronel vereador municipal naquelle Desgostos esse acto de

TENTATIV

Comunica tem, por moiro de M Campoline d um tiro de A victima o criminoso

APANH

O rapido apanhou h 33, a preta nos de eda d'o e que sar á linha O machi diatamente preta recel Prescilia pital «Ann

Impr

Com a ram distr pital, as Ma'ho e riado e

Orgam sal da Co dial, ann

HOSE

Chegar srs. dr. Netto, ca e famili to dos R Costa. --Pelo para o Paris sr exma. s ne de L

D

A A lisou 24:000 e 1800

Fotografia da primeira página de A Gazeta, trazendo mãe e filha juntas.

Um dos poucos periódicos que tratavam já com a fotografia nas reportagens.

Segundo os indicativos de que os sujeitos do ocorrido merecem o respeito do público leitor é a forma como são descritos, “uma senhora que fulmina a filha...”, “uma senhora pertencente a uma respeitável família”, “duas respeitáveis famílias da sociedade paulista”, “mlle. Junia, filha do dr. Luiz Rangel”. Na repetição dos pronomes de tratamento e nos adjetivos, a notícia destaca o lugar social, o status e passa ao leitor respeitabilidade para com os sujeitos, uma vez que o jornal não faz acusações diretas à protagonista do crime.

O *Correio Paulistano*, com um ar mais comedido, trouxe a notícia no domingo, dia 14, em duas colunas na sua seção dos “Factos Diversos”. Em tom de espanto pelo crime se dar no seio de uma família respeitável, o jornal diz que custou a acreditar nos boatos, escreve que casos ‘vulgares’, não costumam ocorrer na cidade. Ao colocar abertamente essa posição, o *Correio* sinaliza um juízo de valor e diz que é pelo dever de informar o público o que se passa que narram o crime. O periódico inicia sua narrativa esmiuçando a história do romance entre Junia e Laercio, o pedido de noivado para o pai da moça, a aceitação e a felicidade que reinava na família, como é característico deste periódico, os detalhes. Reproduzimos aqui, apenas alguns momentos da narrativa,

NO RECESSO DE UM LAR

Impressionante scena de sangue – Noivado desfeito

Desvario de uma mãe que assassina a filha – Comparecimento imediato da Polícia – O enterro da desditosa victima – Inquérito no Posto Policial da Consolação

Mais um desses dramas cuja explicação nos escapa, se desenrolou hontem na capital, no seio de uma família conhecida. Logo pela manhã começou a circular com insistência na cidade, que a esposa do advogado dr. Luiz Frederico Rangel de Freitas havia assassinado sua própria filha em seguida tentado suicídio. A princípio duvidou-se da veracidade da notícia, tão extranha ella pareceu-nos que conheciam o extremo amor e dedicação com que aquella senhora tratava os filhos; e mesmo porque o facto em si era o primeiro que ocorria numa cidade como a nossa, onde os crimes sensacionais não são vulgares. [...] trata-se de um desses dramas íntimos de família, a que deve considerar-se extranha a curiosidade do noticiariista. E, se não fosse o dever, e por vezes bem doloroso, de manter o público a par dos diversos acontecimentos, decerto deixaríamos em silêncio este facto, [...] Ultimamente, sem que se saiba porque – e aí é que começa o mysterio desse drama íntimo – Laercio do Nascimento deixou de frequentar com a mesma assiduidade a casa do dr. Rangel de Freitas. Junia tornou-se inquieta, apprehensiva, [...] as poucas vezes que apparecia para visitar a noiva, conservava-se tristonho e macambuzio e referiu-se a uma viagem que faria a Europa. O pae da moça resolveu chamal-o a ordem, por maneiras brandas. Laercio desculpou-se como poudé afirmando que nada havia resolvido sobre a viagem e que Junia continuava merecendo-lhe a mesma afeição. [...] até que há oito dias a familia Rangel de Freitas foi informada de que o noivo de Junia tinha embarcado para o Rio, disposto a tomar o paquete que o transportasse á Europa.

Desde a notícia mostraram-se Junia e dona Anna desgostosas que passaram noites sucessivas de insomnia. Estavam as cousas neste pé, quando ontem pela manhã o drama íntimo teve seu epílogo sangrento. Eram 7 horas aproximadamente e o dr. Rangel dormia ainda quando sua esposa [...] lançou mão de um revolver pertencente ao marido [...] foi ter ao quarto de Junia, tendo o cuidado de fechar-se a chave por dentro [...] dirigiu-se ao leito de Junia, enconstou-lhe rapidamente na frente o cano nickelado da arma, ouvindo-se a primeira detonação que reboou, alarmante, por toda a casa, d. Anna abandonou o revolver ao lado da filha agonizante, correu a toilette e, lançando mão de um vidro de iodo emborcou-o [...] D. Anna alucinada correu em seu quarto apossando-se de uma afiada navalha do estojo do marido com ella teria golpeado fundo o pescoço, se não fosse a intervenção de Paulo. A trágica protagonista da tremenda scena correu a sala de jantar e tomou a faca da mesa e passou-lhe pelo pescoço. Tudo isso com a rapidez de um relâmpago. Passados os primeiros instantes é que as pessoas da casa começaram a comprehender a desgraça. Dona Anna Carolina no quarto

122

Após toda a cena, segundo o jornal, a polícia foi chamada e mãe e filha receberam pronto atendimento. Conta o jornal que a ‘desditosa’ jovem veio a falecer $\frac{3}{4}$ de horas a seguir e a mãe da jovem teve sucessivas crises nervosas, sendo internada no Instituto Paulista. No Posto Policial da Consolação, o dr. João Baptista de Sousa abriu inquérito para apurar os fatos e ouvir as testemunhas, no caso a criada, a tia de Junia, o pai e o irmão. No número do dia seguinte, o *Correio* trazia a finalização do caso, reproduzindo partes do ocorrido e enfatizando que nada de novo surgiu do que disseram anteriormente. A mãe continuava em tratamento das crises nervosas e tinha duas enfermeiras junto a seu leito, no quarto.

Ambos os periódicos aqui citados trataram com certa distinção esses casos narrados. No caso da costureira italiana, Maria Venuto, já citado, apesar de não ser “mendiga” como descreveu *A Gazeta*, era mulher de vida ilícita, pois mantinha um amante que não era segredo a ninguém. Em fins do XIX e início do XX, a situação feminina era frágil na sociedade, além das omissões sociais quanto a conduta masculina, havia uma insegurança jurídica enorme para a mulher e os valores que permeavam os gêneros eram muito diferentes e colocavam o comportamento feminino em questão. Muitos valores eram propagados como desejáveis e tantos outros precisavam ser evitados. Uma mulher de ‘vida fácil’ ou ‘ilícita’ era, naturalmente, muito mal vista. Apesar da transformação social que ocorria, como a ampliação da oferta da educação feminina, a circulação e ampliação da cultura letrada, o cinema, o espaço público de lazer, com encontros e passeios, a principal função das mulheres ainda era a família, o lar, os filhos e o casamento.

A mulher casada deveria ser devotada aos filhos e marido, devendo inspirar os princípios morais. Nessa conjuntura, Maria Venuto fugia um pouco da caracterização exemplar. O que já não acontecia, na perspectiva dos jornais, com dona Anna Carolina, que era mãe zelosa e senhora respeitável. Primeiro contraponto que nos leva a inferir uma tendência ao narrar essas duas mulheres, praticantes do crime. Uma de vida ilícita, a outra de vida respeitável; uma com crises nervosas revelava-se histérica, a outra apresentou crise nervosa sem estar consciente do que fazia.

MANHÃ DE SANGUE

No Hospício de Juquery

A exma esposa do dr. Rangel de Freitas protagonista da horrível tragédia que se desenrolou a 13 de maio na Avenida Angélica, tem manifestado sintomas de alienação mental.

Como a sua loucura tenha se agravado, vai ser a desditosa senhora recolhida ao Hospício de Alienados de Juquery, por ordem do juiz da 2ª vara.⁹⁵

Pelo título utilizado pela *Gazeta*, *Desonra*, para o crime da moça Junia, podemos aferir um motivo de ordem moral. A honestidade feminina ligada a conduta sexual regrada era vista como honra da família.

⁹⁵ A GAZETA, 10/jul/1911, p. 8.

Maria Venuto, já era tida como mulher de vida ilícita, portanto, moralmente condenada, mas, se for o caso de Junia, algo que tenha desonrado a família e a moça, a respeitabilidade da família estaria em xeque.

A hipótese que levantamos é de Junia, “offendida”, provocava constrangimento e escândalo às famílias de prestígio, o desrespeito a ordem moral e os bons costumes e os jornais, aos noticiarem esse casos, construíram uma narrativa de crimes cometidos por mulheres, num intervalo de apenas uma semana, na cidade de São Paulo e que, carregam nas entrelinhas, valores diferentes no tratamento dado às ditas criminosas, que tiveram seu lugar social marcado: Maria Venuto e Anna Carolina Rangel. Esta última, apresentada como uma mulher frágil e desequilibrada, declarada como louca, sem juízo de suas faculdades mentais, como muitas mulheres, na época, era diagnosticada diante de atos explosivos. A diferença aqui, mais uma vez, é de que se trata de uma mulher da alta sociedade, respeitada e, portanto, justificado seu crime pela insanidade, foi recolhida ao hospício.

Nesse momento do início do XX, a grande novidade nos periódicos são as crônicas. Sejam elas crônica social, mundana ou policial, elas trazem uma nova linguagem que dialoga com o cotidiano, que revela aspectos da cidade e de muitos sujeitos nela presentes. Essa nova linguagem não dialoga mais somente com os parâmetros filosóficos e científicos, dos enredos da ciência política, herdados do XIX, mas caminha agora para questões e temáticas da reportagem, que se mistura com novos assuntos e trazem à público assuntos de ‘interesse geral’, explora as vidas comuns. Levam para o universo da vida privada, da mulher, das relações de família, das relações de trabalho e entre grupos. Filtrados pela ótica dos jornais, esses sujeitos se revelam em fragmentos, mas contribuem na construção sobre os modos de vida. Nas colunas dos jornais, a crônica mundana, diferente do que se imagina hoje, era a vida social, a rotina das festas, jantares, teatros, passeios em que uma pequena parcela da sociedade, a elite, usufruía. Nessas crônicas, são relatados os jantares entre políticos e autoridades, encontros de personalidades, famílias importantes que abriam seus palacetes para receber convidados, assim como a crônica social que tratava de publicizar casamentos, aniversários e batizados, bem como hóspedes e viajantes que pela cidade passavam. Essas colunas cresceram e ganharam mais espaço nos jornais. De certo que, aqui, é no *Correio Paulistano* que elas são mais contundentes e com maior espaço e visibilidade.

Essa diferença se faz latente entre *Correio Paulistano* e *Gazeta*, mas, no que se refere à crônica policial, esta ganhou os espaços em ambos os jornais, com o passar dos anos, ampliou os temas e deu visibilidade maior aos dramas cotidianos e ganhou um espaço substancial dentro da coluna dos “Factos Diversos”, inclusive com uma mudança na maneira de apresentar o título e destaque da fonte, como podemos observar nessa crônica de 09 de maio de 1913, cujo título em destaque traz: “Em desafronta da honra”.

VIOLENTA SCENA DE SANGUE EM DESAFFRONTA DA HONRA

Revelações de uma sogra

Um morido ultrajado assassina a filha de revólver e sedutor de sua esposa, na sua própria residência, à Rua Conselheiro Ramalho

Comparcimento da polícia

Todos os pormenores

As graves consequências que resultam da violência doméstica, foram testemunhadas, na noite de ontem, na residência de uma mulher, situada na Rua Conselheiro Ramalho, nº 10, onde se deu a morte de uma jovem, vítima de um assassinato cometido por seu marido, em plena vista de sua esposa e de sua mãe.

O crime foi cometido por um homem de nome João, conhecido por todos os moradores da casa, e que se apresentava como um homem de bem, e de boa índole. Ele era casado com uma mulher de nome Maria, e tinha uma filha de nome Joana, que era a vítima do crime.

O crime foi cometido por um homem de nome João, conhecido por todos os moradores da casa, e que se apresentava como um homem de bem, e de boa índole. Ele era casado com uma mulher de nome Maria, e tinha uma filha de nome Joana, que era a vítima do crime.

Força Publica

Fora controlada a Força Publica da Rua... (text continues with details of police actions and public order)

Serviço Sanitário

Trabalho realizado no serviço sanitário... (text continues with details of sanitary work and health services)

Loja de Ceylão

Abertura de uma loja de Ceylão... (text continues with details of the new store opening)

Dois tiros de revólver

Incidente envolvendo dois tiros de revólver... (text continues with details of the shooting incident)

VAR DEVINHA DE UM MYSTERIO

Var devinha de um mysterio... (text continues with details of a mysterious event)

MATADOURO

Matadouro... (text continues with details of a slaughterhouse or related event)

OS NENES

Os nenes... (text continues with details of children or related topics)

Emulsão de Scott

Emulsão de Scott... (text continues with details of Scott's Emulsion advertisement)

Gabinete de Queixas e Objectos Achados

Gabinete de queixas e objectos achados... (text continues with details of a complaint and found objects section)

BIDON COLLAS

Bidon collas... (text continues with details of Bidon Collas advertisement)

Loterias

Loterias... (text continues with details of lottery results and information)

Linha Mogiana

Linha Mogiana... (text continues with details of Mogiana railway line)

Linha Sorocabana

Linha Sorocabana... (text continues with details of Sorocabana railway line)

Centro Sportivo

Centro sportivo... (text continues with details of a sports center)

A PREFEIRA

A preferia... (text continues with details of a preference or related topic)

Correio Paulistano

Correio Paulistano... (text continues with details of the newspaper's content and subscription information)

O Bromil

O bromil... (text continues with details of Bromil advertisement)

A Saúde da Mulher

A saúde da mulher... (text continues with details of women's health advice)

Matbano

Matbano... (text continues with details of Matbano advertisement)

Minas Geraes

Minas Geraes... (text continues with details of Minas Geraes related news)

Paraná

Paraná... (text continues with details of Paraná related news)

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro... (text continues with details of Rio de Janeiro related news)

Camara Municipal

Camara municipal... (text continues with details of municipal council news)

Vida Militar

Vida militar... (text continues with details of military life news)

Aqui temos mais um crime envolvendo adultério e defesa da honra. Nessa narrativa, o *Correio* apresenta pormenores que antecedem o crime, como a vida do casal e coloca grande visibilidade na história pessoal do marido traído. Inicia o jornal recorrendo a um vocabulário ‘pomposo’ para discorrer sobre as desgraças que se abatem na sociedade e nas famílias, e questiona como as tragédias de sangue que convulsionam o pavor se abatem sobre as populações ordeiras. Elenca alguns casos de crimes que se tornaram manchetes nos jornais nos últimos tempos para colocar na sequência este novo drama e finaliza a introdução da narrativa com a frase “um mal nunca vem só”, dito popular, para atrair o leitor para essa nova tragédia cotidiana. Um dos protagonistas desta crônica é o italiano Januario Casano,

[...] rapaz honesto e trabalhador que se dedica a profissão de copeiro, tendo servido em casas de distintas famílias desta capital enamorou-se da graciosa patricinha, Caetana uma trafega rapariga loira de 17 annos e com ella contraiu núpcias. [...] absorvido quase todo no trabalho esforçado e metódico, nunca fora dado a estereonices e levandades, aliás muitíssimo comuns e até mesmo justificáveis, na sua idade dadas condições de educação e do meio em que vivia. Ao contrário, como um bom trabalhador, alimentava com sofreguidão uma esperança, poder dar a companhia dos seus dias, relativo conforto que ella infelizmente não podia desfrutar na companhia dos pais. Januário seguiu com toda retidão a linha de conduta, e tinha afeição de todos os seus novos parentes, especialmente sua sogra. [...] procurou melhorar as condições de vida e foi aceito há 2 annos como empregado no vestiário do club Internacional, onde o ordenado é bem mais compensador que anteriormente recebia. [...] juntou o seu pecúlio, instalou a família numa parte do prédio n. 24 da rua Conselheiro Ramalho no bairro do Bexiga. [...] nas dependências separadas residia outra família também de nacionalidade italiana composta de uma velha de nome Chiara seu filho Isidoro e outro menor de idade. [...] Januário e sua mulher não estavam sós no prédio da rua conselheiro Ramalho e Caetana descuidando-se da recomendação do marido fez logo relações com a velha Chiara. [...] Isidoro o filho era rapaz de maus costumes virado à vida aventureira das conquistas galantis ousado e sem escrúpulos Isidoro entrou pela casa de Januário como num terreno conquistado ditava a ordem como um bom galanteador. [...] empolgando o espírito de Caetana dominou a e fel-a sua companheira preferida nos passeios cinematographos da vizinhança.⁹⁶

Januario é apresentado como um homem muito trabalhador, preocupado em oferecer melhores condições de vida a mulher e aos filhos, e econômico, pois juntou dinheiro e mudou-se com a família para a rua Conselheiro Ramalho que ficava num dos bairros imigrantes da cidade, o Bexiga. Juntamente com Brás, Moóca, Ipiranga e Bom Retiro, o Bexiga se delineava como um local de fábricas e residências de operários. Muitos imigrantes italianos assim como negros se instalaram no bairro do Bexiga. Muito comum eram as casas dos bairros operários, com várias acomodações que serviam para diversas famílias. Por ser a casa grande, outra família dividia o espaço independente.

Já é apresentado ao leitor o oponente de Januário, Isidoro, filho da velha italiana, homem de mau caráter, de vida aventureira, oposta a vida de Januário, e que seduziu sua mulher. A valorização do trabalho mais uma vez se faz presente na narrativa do jornal, em oposição a uma vida ociosa.

[...] Maria pressentindo com o coração de mãe a trama dita pelo conquistador e vendo perigar a felicidade de Januário e sua filha, deu a esta toda sorte de conselhos. Caetano respondeu-lhe com grosserias chegando a maltratar-a e Maria resolveu não mais frequentar a casa da filha. [...] Januário

⁹⁶ *Correio Paulistano*, 09/maio/1913, p.6

por sua vez, ignorante de tudo que se passava na sua ausência, descansava durante o dia para passar as noites acordado no clube Internacional, só estranhava ausência da sogra. [...] um dia caminhando apressadamente na rua 15 de novembro preocupado com um negócio que lhe renderia algum dinheiro, Januário encontrou-se frente a frente com ela, [...] como boa mãe e boa sogra tinha necessidade de cientificar-o de certas irregularidades que se passavam na casa de Caetana e por alto contou de Isidoro, que ditava ordens em casa alheia e acompanhava Caetana nos passeios, por exemplo, que indo sexta-feira da Paixão a casa de Caetana, encontrou-a na cama de Isidoro, ele estava ausente, mas essa liberdade era prejudicial ao nome de sua filha [...] ouvindo as tristes revelações, Januário dirigiu-se à casa e teve forte discussão com Caetana. Apesar de aparentemente conformado com as explicações da esposa, tinha fé inabalável na resolução de assassinar Caetana e o seu sedutor, uma vez que adquirisse a certeza de seus amores ilícitos. [...] viu Isidoro a porta do seu aposento e sentindo o sangue a fluir-lhe a cabeça saiu [...] lançou mão de um revólver imitação Smith Wesson e investiu para o quarto, na porta, dando passagem à Caetana que com rapidez escapou [...] viu Isidoro, o vendedor de batatas, filho da velha Chiara, enfrentando sem hesitação, descarregou sobre ele o revolver. [...] depois dos tiros o soldado Inácio Martins penetrando no aposento, lhe dava voz de prisão. [...] o médico da assistência e o segundo delegado chegaram ao local, devido à gravidade do estado Isidoro foi imediatamente transportado na ambulância para o hospital da misericórdia onde vinha a falecer [...] Januário foi conduzido para a repartição central da polícia as autoridades ouviram em seguida Caetana, que se achava oculta na casa da vizinhança, Maria a mãe de Caetana, sogra do agressor, [...] no posto policial da liberdade prosseguiu o inquérito e foram ouvidos depoimentos de várias testemunhas.⁹⁷

No crime de sangue descrito pelo jornal, tem-se a situação da sedução da mulher por um galanteador de vida aventureira, o marido trabalhador e respeitoso traído, a sogra que orienta a filha e se coloca ao lado do genro. Valores fortemente relacionados às questões morais da sociedade e da família, pois, neste caso, a filha que cometera o adultério, recebia o conselho da ‘boa mãe’, que também como ‘boa sogra’, defendeu Januário. Esses valores propagados na narrativa são considerados fortes elementos da constituição da temática familiar, da vida privada, mostrando que tais valores superavam a fronteira de classes e tanto ricos quanto pobres tinham carregavam fortemente essas questões.

A *Gazeta* dedicou a este crime uma atenção menor do que os demais dramas de sangue. Na sua seção “Últimas”, em uma coluna e meia descreveu de forma mais objetiva o crime. O título resumia-se a “Dramas do adultério – Na rua Conselheiro Ramalho desenrolou-se hoje uma terrível scena de sangue – o marido, encontrando a mulher em flagrante adultério, matou o amante a tiros de revolver”.

O soldado da guarda cívica Inácio Martins achava-se de serviço hoje às 7 horas da manhã, na rua conselheiro Ramalho um menino disse que no prédio n. 24 da mesma rua, um homem havia ferido outro gravemente a tiros [...] para lá se dirigiu o soldado e encontrou de fato num dos quartos do fundo da casa, estendido no chão numa aposta de sangue, o corpo de um homem moço. [...] providenciou logo a captura do criminoso [...] nas declarações que fez ao doutor Teófilo Nóbrega o agressor explicou o seu crime. [...] chama-se Januário de 28 anos italiano, casado com Caetana moradora rua conselheiro Ramalho, 24 hoje às 7 horas da manhã, com o barulho que a criança da casa fazia na sala, estranhou a mulher já tivesse levantado, [...] ao procurá-la num dos quartos do fundo, ouvir o ruído, admirado espiou pelo buraco da fechadura e deparou-se, com um espetáculo que absolutamente não era edificante [...] recuou, dirigiu-se ao quarto, armou-se de um revolver e voltou, com um violento empurrão fez a porta abrir, viu-se Isidoro que apenas estava de ceroula e camisa, desfechou 3 tiros. Caetana fugiu, mais tarde, a mulher de Januário foi encontrada e levada á central para declarações e negou que fosse amante, assim como também não quis confessar, que seu marido a tivesse encontrado em flagrante delito de adultério [...] conhece Isidoro há 2 meses, quando este se mudou para a mesma casa onde residiam ela e seu marido, tinha apenas relações de

⁹⁷ Idem.

amizade, mas, a vizinhança porém, falou sempre a boca pequena dos amores de Caetana com o vendedor ambulante, ninguém o ignorava nem mesmo a sogra, mãe da adúltera. Eram objetos de muitos comentários na rua conselheiro Ramalho, os contínuos passeios de Caetana e Isidoro com especialidade a cinematographos. Caetana, de pé firme negou perante o doutor Teófilo Nóbrega. Mas é voz corrente entre os conhecidos e vizinhos do casal só o marido ignorava. [...] apesar dos cuidados médicos Isidoro veio a falecer às 11 horas da manhã. O inquérito instaurado sobre o fato prosseguirá na delegacia.⁹⁸

Igualmente ao *Correio*, aqui a *Gazeta* também coloca o crime de honra como a justificativa do ato de Januário, mas de maneira mais contundente, por meio de um vocabulário mais direto e popular, explora o adultério de Caetana. Como forma de argumentar indiretamente seu posicionamento, o jornal explora outros sujeitos, como a vizinhança, a mãe da adúltera. Quando o jornal traz a voz de testemunhas, procura dar mais credibilidade à história, pois tais referências ajudam a engrossar a própria trama. Como tantos outros dramas que terminam em crimes, fazer uso do maior número de elementos para ‘esclarecer’ a história ao leitor, significa construir junto a ele uma relação de fidelidade.

Os jornais narravam muitas histórias de dramas, em sua maioria, relacionadas às classes mais baixas, e que terminavam em crimes que tinham como causa a honra e o adultério. Porém, não deixavam de exaltar quando o drama tinha o endereço nobre. Essas talvez rendessem muito, já que o crime ressoava por dias nos periódicos. Foi assim com uma notícia ‘sensacional’ que chegava do Rio de Janeiro. Os jornais *Correio Paulistano* e *A Gazeta* reproduziam às vezes crimes e contendas que chegavam da capital federal. Uma forma de colocar à par o leitor paulista dos ‘problemas sociais e morais’ daquela cidade, bem como de mostrar que estava em contato e tinham rápidas informações do que se passava em outras localidades. Para os jornais, uma maneira de informar o leitor que estavam em contato permanente com as últimas notícias que, provavelmente, também eram manchetes nos demais jornais.

O dia era 03 de agosto de 1915, uma terça-feira, em plena I Guerra Mundial, em que os jornais se ocupavam trazendo muitas notícias da guerra, das campanhas militares na Europa, acordos e estratégias dos generais europeus. *A Gazeta*, por exemplo, inaugurou colunas específicas para tratar desse assunto, como “Boletim de Guerra”, “Sorriso na tragédia”, “A Guerra na Europa”. Em meio aos boletins detalhados do conflito, o jornal não deixou de lado as notícias criminais do cotidiano da cidade.

Buscando trazer ao seu leitor paulista notícias de fora da capital, *A Gazeta* colocou nesse dia, em sua segunda página, ocupando três das sete colunas, sob o título “Dramas da aristocracia” a seguinte notícia,

Horível epílogo de uma série de divergências conjugaes e de uma ação de divórcio –
O barão de Werther foi hontem assassinado do Rio
Reconsiliação da tragédia por um neto do duque de Caxias
Durante muito tempo serviu de assumpto às chronicas dos jornaes o escândalo produzido por d. Maria Amelia do Rio Branco, filha do nosso chanceler que poucos anos antes contrahira casamento com o barão de Werther. [...] á ação depois de inúmeros incidentes, foi julgada improcedente, e estava agora em apelação, ao lado dessa questão surgiu uma outra, relativa a posse dos filhos do casal. [...]barão teve garantido os seus direitos sobre as filhas mas nunca pôde reavê-las, apesar de

⁹⁸ A Gazeta, 09/maio/1913, p.7

vários mandados, por que a família da Baronesa os ocultava. Hontem a demanda teve ao Rio um tristíssimo epílogo, o barão de Werther acompanhado de um grupo de indivíduos, ao meio-dia foi a casa do deputado Nabuco de Gouveia, com a intenção de reaver seus filhos [...] As pessoas da casa do deputado resistiram, travando-se, então, um tiroteio que resultou na morte do barão de Werther, a casa do deputado Gouveia fica na baixada da Gávea. [...] a polícia se dirigiu imediatamente para o local e encontrou o cadáver do Barão estendido na estrada [...] a roupa esvaçada, o que indicava ter havido luta corporal, também foi encontrado o cadáver do indivíduo conhecido pela alcunha de “Gasolina”, que acompanhava o barão [...] a autoridade policial tomou conhecimento da horrível scena de sangue, conseguiu deter o senhor Leopoldo de Lima e Silva, um dos companheiros do barão, neto do duque de Caxias [...] o depoimento do sr Lima e Silva fornece os pormenores [...] da resolução do barão de arrancar violentamente os filhos do poder da Baronesa, sendo por ele convidado a acompanhá-lo. [...] encontraram-se e tomaram um automóvel, se juntaram a 12 homens, previamente contratados pelo barão, sob a chefia do mestre da estiva Antônio dos Santos, conhecido pela alcunha de gasolina [...] seguiram em 4 automóveis [...] foram recebidos, empunhando uma carabina. Discutiram quando o barão ameaçou a Baronesa e esta chamou pelos criados, armados de carabina. Travou-se, então, terrível tiroteio no qual foram mortos o barão e Antônio dos Santos, os outros atacantes fugiram, a baronesa reuniu os filhos e acompanhada pelos empregados fugiu também de automóvel. [...] reuniu-se o advogado Pires Brandão e o sr Melo Kempe, este último, amigo do barão de Werther. [...] a questão do divórcio ainda não estava julgada, por quanto o juiz federal do estado do Rio, negou o pedido feito pela Baronesa, ação ficando os filhos em poder do barão. Este andava ultimamente à procura dos filhos, o dr Pires Brandão, advogado dos bens do barão do Rio Branco, fez as seguintes declarações: combinado fazer o divórcio amigavelmente, isso porém não se deu porque o barão, perante o juiz se recusou a confirmar a petição inicial, os filhos do casal ficariam a cargo exclusivo da Baronesa para criá-los e educá-los, o barão, em seguida partiu para a Europa, de onde voltou alimentando o propósito inabalável de reaver os filhos, tendo sabido disso, d. Maria Amélia Rio Branco, a Baronesa pediu garantias à polícia, por suspeitar de que seu marido, desesperado por não ganhar a demanda nos tribunais após o divórcio, tentaria tomá-los a força, [...] a polícia havia destacado dois agentes para vigiarem a Baronesa [...] em poder do barão à polícia arrecadou entre outros objetos, uma caixa de balas de pistola, uma carteira, uma cigarreira. [...] o inquérito terá hoje prosseguimento no Rio.⁹⁹

Com essas palavras, o jornal informou seus leitores de que se tratava de uma disputa judicial pela guarda dos filhos de um casal da aristocracia. Apesar do sobrenome da família e da descendência distinta, os protagonistas encamparam uma cena de sangue, como narrou *A Gazeta*. Na seção das “Últimas”, na mesma edição, o jornal estampou a fotografia que chegou do Rio de Janeiro do local do ocorrido, a casa do deputado Nabuco Gouveia, dos cadáveres e da baronesa e do barão de Werther.

Nessa narrativa, não observamos o uso da linguagem mais popular e direta que a *Gazeta* costumava usar para narrar seus dramas. Acreditamos ser essa uma atitude por se tratar de “gente graúda”, que envolve políticos e personalidades, porém, *A Gazeta* coloca de forma indireta e com a escolha de alguns termos e vocabulário, um tom de sensacional, como por exemplo: “o barão teve a roupa esvaçada”, aludindo à luta corporal, agressão violenta, “o barão de arrancar violentamente os filhos”, o que sugere o uso da força, hipótese confirmada quando o jornal coloca que foram encontrados em posse do barão uma caixa de balas de pistola; “juntaram-se a 12 homens em 4 carros”, uma ação premeditada e organizada. Ao publicar a fotografia com os cadáveres e o local do crime, o jornal estava construindo a crônica de forma a envolver o leitor a credibilidade.

⁹⁹ A Gazeta, 03/ago/1915, p.2

O *Correio Paulistano* não pode deixar de noticiar a tragédia na sua página 4 do mesmo dia.

NO RIO DE JANEIRO

Tragico epilogo de um divorcio

O barão de Werther, acompanhado de doze indivíduos, tenta retirar seus filhos da residência do deputado Nabuco de Gouveia – Morte daquele titular e de outro companheiro – Os nosso telegramas O empolgante acontecimento cuja notícia se vai ter nos telegramas que publicamos ao fim destas linhas encerra tragicamente um dos mais ruidosos casos de divorcio que se tem agitado nos tribunais brasileiros.

Logo após a morte do Barão do Rio Branco, baroneza de Werther, intentou perante o juiz federal da primeira vara do Rio, dr. Pires de Albuquerque, uma ação de divorcio contra seu esposo, o barão de Werther, alegando que seu marido a seviciava e a injuriava gravemente. A diversidade de gênio, os maus tratos e as injurias impunham a decretação dessa medida legal. A baronesa requereu separação de corpos, o que foi deferido pelo juiz. Era seu advogado o dr. Evandro Mendes Junior e o barão tomou por seu patrono dr. Pires Brandão. Chamado a depor o barão negou o articulado por sua mulher: jamais a maltratara. Vieram então, á publico as coisas desagradáveis [...] das acusações com que a autora procura justificar o seu pedido, disse, que o barão, conhecedor de sigilos da chancellaria brasileira e possuidor de documentos importantes do barão do Rio Branco, trahira a pátria da sua esposa e de seus filhos, revelando, por dinheiros, esses segredos a um paiz que dele tinha necessidade.[...] varias testemunhas foram ouvidas. Este venceu, sendo expedido o mandato. Os netos do inviolável chanceler brasileiro foram entregues ao barão de Werther, que os internou no “Collegio de Sion”, em Petrópolis. Desse estabelecimento a baronesa conseguiu raptar seus filhos ocultando-os.[...] Seguem os telegramas. Violenta scena de sangue se desenrolou na Gavea emocionando fortemente a população carioca, devido não só aos lances trágicos de que se revestiu, como as altas personagens envolvidas. Sabe-se que o barão de Werther acompanhado de 12 individuos assaltou esta tarde a residência do deputado Nabuco Gouveia, a fim de retirar seus filhos, confiados à guarda deste parlamentar. [...] por acasião houve forte tiroteio [...] verificou-se que o barão e seu companheiro foram mortos.¹⁰⁰

Essa notícia narrada pelo *Correio* não se encontra na sua coluna dos *Fatos Diversos*. Ela está situada na página 4, centralizada, com uma coluna inteira acrescida de mais meia coluna na página. Acreditamos que não se encontra na seção “Factos Diversos”, por se tratar de um drama que envolve personalidades da elite e, por isso mesmo, o jornal não colocou em sua habitual seção, onde o leitor encontrava casos mais corriqueiros da ‘gente comum’. A notícia é longa, carregada de detalhes sobre os antecedentes ao crime, muito próximos do que a *Gazeta* informava, mas traz informações que seu concorrente não explorou.

Chama a atenção nessa narrativa o cabeçalho da notícia, que informa antes do crime, o termo ‘divórcio’. Aqui a novidade que o jornal traz relaciona-se aos maus tratos que a baronesa dizia sofrer e envolve uma atitude antipatriótica do barão. Enquanto *A Gazeta* trata exclusivamente da causa como sendo a posse dos filhos e o divórcio, ou seja, um assunto doméstico, aqui tem-se outras razões, como aspectos da vida cotidiana do casal, quando trata das agressões que a esposa sofria, mas também aspectos maiores como o que envolve política internacional, segundo o jornal. Traição do barão à pátria brasileira. Talvez, num sentido mais cívico, o jornal desejou explorar a temática.

¹⁰⁰ *Correio Paulistano*, 03/ago/1915, p.4

NO RIO DE JANEIRO

Tragico epilogo de um divorcio

[illegible]

En el mundo actual, cuando la conciencia humana se ha elevado a niveles superiores, el hombre se ha convertido en un ser más responsable. No solo se preocupa por su propia vida, sino también por la de los demás. En este sentido, el hombre debe ser más responsable y más consciente de su papel en el mundo. En el mundo actual, cuando la conciencia humana se ha elevado a niveles superiores, el hombre se ha convertido en un ser más responsable. No solo se preocupa por su propia vida, sino también por la de los demás. En este sentido, el hombre debe ser más responsable y más consciente de su papel en el mundo.

RIO, 2 — Uma identificação, feita de

ingratas, talvez de se descrever em Gerson
decentemente. Entretanto a população de
Gerson não se dá por satisfeita com o que
ele tem trazido, não somente de alta per-
formance, mas exótica.

Aí vem, com que filologia, que os sen-
hores de Gerson se descrevem a si mesmos
assim:

Quanto ao meu, o senhor de Viterbo
descreve-se assim: "Indefinido, anárqui-
co, não a malícia da desordem. Gerson
de Gerson, além de ter uma vida, que
leitas é gasta, despende esforços, que
são os seus, para estabelecer-se forte e
sólido entre os pontos de vista de sua
época."

Com o mesmo não se descreve em Gerson
decentemente. Entretanto a população de
Gerson não se dá por satisfeita com o que
ele tem trazido, não somente de alta per-
formance, mas exótica.

Aí vem, com que filologia, que os sen-
hores de Gerson se descrevem a si mesmos
assim:

Quanto ao meu, o senhor de Viterbo
descreve-se assim: "Indefinido, anárqui-
co, não a malícia da desordem. Gerson
de Gerson, além de ter uma vida, que
leitas é gasta, despende esforços, que
são os seus, para estabelecer-se forte e
sólido entre os pontos de vista de sua
época."

FOI 2 — Mostra outros parâmetros de

[illegible]

traz da Estrada de Góes n. 25, residência do deputado Nelson de Góes, iniciando a lavagem de Wentler, d. Aurélio do Rio

Guimarães — Antônio Maria Gomes, secretário de José de Aguiar.

Lagoa — Dinário Vieira, secretário de Cláudio Vieira.

Monte-ao-Velho — Nélson José de Aguiar, secretário de Antônio José Aguiar.

Olinda — Manoel de Sá, secretário de José da Silva.

... e a luta de viver e Antonio do Santos. O restante do grupo foge em avião.

Associação Universitária

A polícia prosegue activamente nas diligências.

EFQ, a — Os experimentos acompa-
lhados da tragédia da Gova, referen-
do todos os membros da família do doente
de lúem de Werthe, as encenações re-
peticivas e as diversas peripécias da dis-
cussão.

Correio Paulistano, 05/

A secca no Norte
OS DONATIVOS ANGARIADOS
NA FESTA NAUTICA DA
ASSOCIAÇÃO ATHLETICA

[illegible]

A B A B A C

Campinas

A SUCOA DO NORTE — OUTUBRE
— DA CASA DO U. BARROS —
— LATE — RUA DO NORTE — MAY
— DRUG — CAMARA MUNICIPAL

CAMPANAS, 2 — Na sessão de hoje, Câmara Municipal, foi votada por unanimidade uma resolução autorizando a chefia de gabinete a entregar a seguinte

de Porto Alegre, e o mais poderoso fator explicativo do sucesso da fundação que permitiu, até 1934, a existência de uma imprensa livre e independente no Rio Grande do Sul. O primeiro diretor da Fundação foi o jornalista e escritor João de Aguiar, morto na Câmara Municipal em 1934, vítima de uma tentativa de assassinato que levou ao assassinato de seu filho, também jornalista, em 1935.

Com o tempo, a Fundação tornou-se uma espécie de "Academia Brasileira de Letras", tendo a cada vez mais incorporado a imprensa, a cultura e a literatura. Atualmente, compõe-se de 15 membros.

O atual presidente da Fundação é o jornalista e escritor João de Aguiar, morto na Câmara Municipal em 1934, vítima de uma tentativa de assassinato que levou ao assassinato de seu filho, também jornalista, em 1935.

Com o tempo, a Fundação tornou-se uma espécie de "Academia Brasileira de Letras", tendo a cada vez mais incorporado a imprensa, a cultura e a literatura. Atualmente, compõe-se de 15 membros.

O atual presidente da Fundação é o jornalista e escritor João de Aguiar, morto na Câmara Municipal em 1934, vítima de uma tentativa de assassinato que levou ao assassinato de seu filho, também jornalista, em 1935.

Na ordem do dia, a Comissão de

... e foram aprovados os seguintes dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, que estabelece a estrutura da Educação Nacional, incluindo as diretrizes para a Educação Básica, a Educação Superior, a Educação Profissional e a Educação Especial.

NOTÍCIAS DIVERSAS
PINHEIROS, 2 — Está man-

— O movimento do cartório de
giros civil no mês de julho finda
o seguinte: cartório-geral; 9; casim-
lões; 4; óbitos; 9.

— O movimento de doentes:
Santa Casa desta cidade foi o seg-
to, como no mês de julho finda
Faleceram 5, curados durante o
mês vieram alta 5, faleceram 1, cal-
em tratamento 2.

— O morador est. mor. o sr. ge-
n. J. de A. Alves Caracim.

[illegible]

100

[illegible]

10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200
201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300
301
302
303
304
305
306
307
308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

1
 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 11
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100

[illegible]

100-
 101-
 102-
 103-
 104-
 105-
 106-
 107-
 108-
 109-
 110-
 111-
 112-
 113-
 114-
 115-
 116-
 117-
 118-
 119-
 120-
 121-
 122-
 123-
 124-
 125-
 126-
 127-
 128-
 129-
 130-
 131-
 132-
 133-
 134-
 135-
 136-
 137-
 138-
 139-
 140-
 141-
 142-
 143-
 144-
 145-
 146-
 147-
 148-
 149-
 150-
 151-
 152-
 153-
 154-
 155-
 156-
 157-
 158-
 159-
 160-
 161-
 162-
 163-
 164-
 165-
 166-
 167-
 168-
 169-
 170-
 171-
 172-
 173-
 174-
 175-
 176-
 177-
 178-
 179-
 180-
 181-
 182-
 183-
 184-
 185-
 186-
 187-
 188-
 189-
 190-
 191-
 192-
 193-
 194-
 195-
 196-
 197-
 198-
 199-
 200-
 201-
 202-
 203-
 204-
 205-
 206-
 207-
 208-
 209-
 210-
 211-
 212-
 213-
 214-
 215-
 216-
 217-
 218-
 219-
 220-
 221-
 222-
 223-
 224-
 225-
 226-
 227-
 228-
 229-
 230-
 231-
 232-
 233-
 234-
 235-
 236-
 237-
 238-
 239-
 240-
 241-
 242-
 243-
 244-
 245-
 246-
 247-
 248-
 249-
 250-
 251-
 252-
 253-
 254-
 255-
 256-
 257-
 258-
 259-
 260-
 261-
 262-
 263-
 264-
 265-
 266-
 267-
 268-
 269-
 270-
 271-
 272-
 273-
 274-
 275-
 276-
 277-
 278-
 279-
 280-
 281-
 282-
 283-
 284-
 285-
 286-
 287-
 288-
 289-
 290-
 291-
 292-
 293-
 294-
 295-
 296-
 297-
 298-
 299-
 300-
 301-
 302-
 303-
 304-
 305-
 306-
 307-
 308-
 309-
 310-
 311-
 312-
 313-
 314-
 315-
 316-
 317-
 318-
 319-
 320-
 321-
 322-
 323-
 324-
 325-
 326-
 327-
 328-
 329-
 330-
 331-
 332-
 333-
 334-
 335-
 336-
 337-
 338-
 339-
 340-
 341-
 342-
 343-
 344-
 345-
 346-
 347-
 348-
 349-
 350-
 351-
 352-
 353-
 354-
 355-
 356-
 357-
 358-
 359-
 360-
 361-
 362-
 363-
 364-
 365-
 366-
 367-
 368-
 369-
 370-
 371-
 372-
 373-
 374-
 375-
 376-
 377-
 378-
 379-
 380-
 381-
 382-
 383-
 384-
 385-
 386-
 387-
 388-
 389-
 390-
 391-
 392-
 393-
 394-
 395-
 396-
 397-
 398-
 399-
 400-
 401-
 402-
 403-
 404-
 405-
 406-
 407-
 408-
 409-
 410-
 411-
 412-
 413-
 414-
 415-
 416-
 417-
 418-
 419-
 420-
 421-
 422-
 423-
 424-
 425-
 426-
 427-
 428-
 429-
 430-
 431-
 432-
 433-
 434-
 435-
 436-
 437-
 438-
 439-
 440-
 441-
 442-
 443-
 444-
 445-
 446-
 447-
 448-
 449-
 450-
 451-
 452-
 453-
 454-
 455-
 456-
 457-
 458-
 459-
 460-
 461-
 462-
 463-
 464-
 465-
 466-
 467-
 468-
 469-
 470-
 471-
 472-
 473-
 474-
 475-
 476-
 477-
 478-
 479-
 480-
 481-
 482-
 483-
 484-
 485-
 486-
 487-
 488-
 489-
 490-
 491-
 492-
 493-
 494-
 495-
 496-
 497-
 498-
 499-
 500-
 501-
 502-
 503-
 504-
 505-
 506-
 507-
 508-
 5

[illegible]

ido
ndo
nte
do,
do-
do,
em
rei-

[illegible]

Em 1916, o *Correio Paulistano* já havia alterado a fonte de suas manchetes. Elas se tornaram mais visíveis, destacadas e com o recurso sublinhado. Alguns poucos dramas de sangue que ainda encontramos no jornal se encontram ainda dentro dos “Factos Diversos” na página 4. Nesse drama de adultério, o jornal coloca em destaque o lugar do ocorrido,

OS DRAMAS DO ADULTERIO
UMA MULHER ASSASSINADA

Violenta scena de sangue se desenrola num cortiço da Rua Monsenhor Andrade
O caso é, a princípio, revestido de mysterio,
Mas elucida-se com a apresentação do criminoso
Declarações do Assassino

Á repatição central de Polícia, chegou hontem, por volta das 19 horas e meia, pelos aparelhos da Assistência, a notícia de que num cortiço existente na rua Monsenhor Andrade n.133, acabava de desenrolar-se uma violenta scena de sangue tendo sido assassinado a tiros de revolver, uma mulher casada, que habitava um dos commodos do cortiço.

Para o local partiram imediatamente o automóvel o delegado de serviço, dr Otávio Ferreira Alves e o medico legista dr Olavo de Castilho. [...] autoridade foi encontrar caído e ensanguentado numa dependência do cortiço, situada ao fundo da área, o cadáver de uma moça, apresentando ferimento de bala na região axilar direita, entrada na região entra clavicular do mesmo lado, e na região iliaca esquerda, tendo alojado o projétil sob a pele ao nível da região sucra. [...] a vítima apresentava ainda um ferimento no pulso esquerdo. [...] interrogadas as pessoas que compunham o local do crime, declararam que a referida moça, residia numa das casas do cortiço em companhia de um homem que parecia ser o marido. [...] nada tinham visto, ouviram apenas a detonação dos tiros e viram um indivíduo escalar o muro para o Pary [...]

Por autoridade penetrava na casa indicada como sendo residência da vítima e procedeu uma rigorosa busca compunha ser o casebre apenas de um dormitório e da sala de jantar em que se achava posta a mesa para refeição apenas com um dos pratos e talheres [...] há 1 m de distância encontrava-se uma terrina quebrada de feijão espalhado [...] no quarto de dormir encontrou a autoridade uma carta de fiança passada em 2 de maio último ao proprietário Pietro Gonnelli que se responsabilizava pelos alugueis de 50\$000 mensaes. E figurava como locatário Miguel Russell. Eram os únicos elementos de que dispunha a polícia para elucidação do caso. [...] ignorava-se o nome do casal, pois os inquilinos eram novos. [...] que nada se tivesse conseguido de apreciável quando as 22 horas o indivíduo que por espaço de muito tempo permanecia em frente à polícia central observando a saída e chegada das ambulâncias, resolveu entrar naquela repartição pedindo para falar com o delegado da noite.

Levado a presença de Otávio Ferreira primeiro delegado o desconhecido confessou ser o autor do crime acrescentando chamar-se Miguel Hussel com 36 anos de idade natural do Rio, era mecânico trabalhando atualmente no almoxarifado das oficinas Craig a Alameda dos Andradas onde recebia o ordenado de 180\$000 mensaes.

Miguel pediu atenção pois queria contar toda a sua vida a série de desgostos por que tem passado. declarou que em setembro do ano findo, quando trabalhava nas oficinas da companhia Força e Luz em Piraju, conheceu Elisa de 15 anos de idade filha de Francisco Lobaco, chefe de uma subestação daquela empresa, [...] casou-se em dezembro e em fevereiro do corrente ano veio para esta capital se hospedou na residência do tio da mulher a rua Carvalho número 5.

Como não conseguia colocar se recorreu ao senhor José da Costa gerente da companhia nacional de tecidos de juta senhor esse das relações da família da sua mulher, senhor Costa deu várias cartas com as quais, entretanto, nada conseguiu. [...] as suas dificuldades eram muitas ao ponto de tornar-se devedor do senhor Costa da importância de 600\$000. Depois de tudo isso conseguiu colocar-se na casa Craig deixando de residir em companhia do tio de sua mulher para habitar a modesta casinha da rua do Gasômetro n. 3A. 2 de maio foi para a rua monsenhor Andrade 133.

Achando-se ausente de casa das 7 ás 17 horas, o dia inteiro, portanto, não tinha ciência do que se passava mas teve razões para suspeitar, e muito seriamente, da infidelidade de sua esposa [...]

Falavam da que ela saía quase diariamente abandonando a casa em junho surpreendendo uma certa quantia em poder da esposa sobre sua procedência repente ela disse-lhe que for o senhor Costa que lhe dera.

[...] depois teve a certeza de que Eliza frequentava a casa de rendez-vouz a rua Ribeiro da Silva n.3 e pondo-se de atalaia verificou que o sr Costa frequentava a respectiva casa fazendo transportar no

automóvel 951 guiado pelo chauffeur José de Souza Lopes. Hontem estando com o chauffeur do automóvel soube, por ele, que ainda domingo último, Elisa estiveram na casa de rendez-vous. Depois de adquirir essa certeza recolheu-lhe a casa pediu o jantar, Elisa que deu-lhe simplesmente feijão e ovos, o que ainda mais o indignou a ponto de arremessar o prato contra a esposa, Elisa aproveitou então para injuriá-lo, só depois disso sacou o revólver alvejando-a [...] escalando o muro, conseguiu fugir. As declarações foram reduzidas a termo devendo hoje prosseguir o inquérito no posto policial do Braz.¹⁰¹

O jornal continuava na sua narrativa por essa época a trazer os casos da honra masculina à público. Aqui observamos a mulher que cometera adultério se tornar o motivo do próprio assassinato. Outros sujeitos aparecem para corroborar com o fato, como o ‘chauffeur’ que conhecia as saídas de Eliza. O jornal apresenta essa testemunha por meio do nome para que não se ‘especule’ e sim tenha credibilidade da informação. Na narrativa da notícia, o *Correio* coloca Miguel, o marido, como um homem trabalhador e esforçado, que buscou na cidade de São Paulo uma melhora de vida, chegando, por meios próprios, a mudar de casa. Enquanto Eliza, a esposa, conta-nos o jornal, frequentava a casa de encontros, o que supostamente indicava que se prostituía. Em linhas gerais, o jornal faz a oposição entre trabalho honesto e esforçado com a vida fácil, relacionada à traição.

Como não poderia deixar de ser, o jornal a *Gazeta*, 6 de julho, na sua edição de número 3144, estampava na primeira página sob o título esposa adúltera a mesma notícia carregado na tinta com fonte caixa alta, desenrolava para o leitor a trama: “o marido, quando se certificou da infidelidade da mulher, matou a tiros de revólver” e ainda continuava “o crime a princípio parecia envolto em mistério - apresentando-se à prisão mais tarde o assassino elucidou-o completamente”.

Utilizando-se das 2 colunas à direita na primeira página e mais uma coluna à esquerda na página 2, a *Gazeta* trazia também um retrato do casal em meio à notícia. Sua narrativa localiza o ocorrido, que se passou no bairro do Brás,

[...] um crime estúpido no bairro do Brás tendo por teatro o cortiço n.133 da rua monsenhor Andrade. Uma mulher, cerca das 19 horas, foi ali assassinada a tiros de revólver, fugindo o criminoso antes que pudesse ser visto e recolhido por qualquer, das muitas pessoas da vizinhança que, atraídas pelos estampidos dos vários tiros haviam corrido local. [...] assim chegou a central comunicação do drama Sávio Ferreira fez e transportar repara rua monsenhor Andrade que a esse tempo, estava cheio de curiosos que comentavam o sucedido. [...] mandando que o recinto fosse imediatamente evacuado, as autoridades penetraram numa das casinha do fundo, composta de sala de jantar, quarto e cozinha, onde a tragédia se desenrolara. [...] quando chegaram a uma área situada nos fundos desse casebre, as autoridades encontraram ensanguentado

O CADÁVER DE UMA JOVEN

Interrogadas algumas pessoas que compunham o número do grupo de curiosos estacionados no local do crime declararam ellas que a referida moça, reprise dia no cortiço em companhia de um homem que parecia ser seu marido nada tinham visto [...].

- Doutor eu sou o criminoso e venho entregar-me!

Tomada efetiva nos autos do inquérito repito autoridade de serviço passava a interrogar e disse ele chamar-se Miguel Russel com 26 anos de idade natural do Rio único trabalhador, interpelado sobre o motivo que determinaram a cena criminosa Miguel pediu a autoridade que ouvisse com atenção pois queria contar-lhe todos

OS ANTECEDENTES DA TRAGÉDIA

¹⁰¹ Correio Paulistano, 26/jul/1916, p.4

O periódico até aqui destaca pelo título em que já informa o leitor se tratar de uma infidelidade da mulher, pelo seu vocabulário “crime estúpido”, “theatro no cortiço”, destaca durante a notícia a frase em caixa alta “cadáver de uma jovem”. Esses recursos procuram chamar a atenção do leitor. Nesse drama, *A Gazeta* dividiu em subtítulos a notícia, diferentemente de outros momentos em que narrava de forma mais direta, aqui o jornal explica detalhadamente e coloca as partes da história: “O autor do crime”, conta sobre a vida de Miguel, as suas dificuldades em arranjar trabalho na capital assim que chegou; “Os antecedentes da tragédia”, narra como a traição começou, a desconfiança do marido ao pegar a esposa com uma grande quantia em dinheiro e a mesma não saber explicar-lhe; “A mulher não era fiel”, parte em que o jornal afirma pelo título e pela narrativa o adultério da esposa, os detalhes de como o marido a seguiu e descobriu o local que frequentava; “O crime”, parte em que o jornal esclarece como tudo se desenrolou, discussão em casa até o crime. Pela construção da crônica e o teor e indicação de sua linguagem, o jornal finaliza a notícia, colocando que, pelas declarações de Miguel, este achou oportuno se entregar à polícia e contar sua história.

Essa crônica, tanto na *Gazeta* quanto no *Correio*, mesmo com suas pequenas diferenças de constituição da linguagem e espaço dado ao projeto editorial e gráfico, é uma narrativa masculina. Não apenas por ser narrada e descrita por noticiaristas ou jornalistas homens, mas, sobretudo, por ser o relato do marido que “pretende contar a verdade”. Este se entrega numa atitude de ‘tomada de consciência’ e traz o passado recente do casal, além de sua dedicação a encontrar trabalho e melhores condições de vida. Em oposição a isto, explicita as atitudes da mulher, destacando sua postura imoral. Percebemos que o que nos chega por meio dessa narrativa, como em outras, é o olhar masculino. Para além das questões que envolvem o que se passou de fato ou não, algo que nenhuma pesquisa dará conta, por não ser esse o objetivo do historiador, a grande parte das versões e fragmentos, nos chegam sob a narrativa masculina.

No ano de 1914, quando deu-se início a I Guerra Mundial, os jornais *Correio Paulistano* e *A Gazeta* iniciaram reportagens do conflito que se acreditava, segundo os periódicos, que não tardaria para ter fim. Conforme o ano se seguiu, mais informações cresciam nos jornais. A partir desse ano e nos subsequentes, ambos jornais dedicaram suas páginas a muita informação da guerra. Notamos uma alteração nas colunas e seções e também no teor de suas notícias. Não que este fato tenha se dado exclusivamente pelo conflito mundial, mas porque já em meados da primeira década os jornais se consolidavam enquanto uma imprensa capitalista, de negócios, com uma constituição profusa de materiais. De forma semelhante traziam na primeira página as manchetes do que se passava do *front* na Europa. O *Correio Paulistano* criou novas seções e colunas para tratar especificamente dos temas do conflito: “A guerra por mar”, “A guerra terrestre”, “As sensacionais batalhas”, “Vida militar”, “A Grande Guerra”. Entre um telegrama e outro, o jornal

¹⁰² A Gazeta, 26/jul/1916, p.1

colocava o leitor à par de todas as minúcias da guerra. Com isso, observamos um declínio dos chamados “dramas de sangue” ou “dramas do adultério, de honra ou ciúme”. Quando aparecem no jornal, ainda têm bastante visibilidade, mas diminuíram em quantidade e importância. A vida cotidiana relatada no jornal, nesse momento, assumia caráter bem diferente daquele do início da década.

Notamos que o *Correio* se tornou mais robusto, mais até do que já era, em relação aos temas políticos. Muita reportagem sobre “a lavoura progride no interior” e “o café e o câmbio”. Estamos passando de meados da década, e os negócios e a política do café crescem, por isso, o jornal não hesita em defender e valorizar esses assuntos. Em meados da primeira década, a partir dos anos 1915 - 1916, o jornal apresentou uma diversidade muito maior de temas: na sua Crônica Social cresce o número de publicações sobre os aniversariantes, casamentos e bodas; a seção de Theatros e Salões também ganha mais espaço com a multiplicação dos teatros e também dos cinematógrafos. Muitas são as atrações de espetáculos internacionais.

A Crônica Religiosa ficou mais extensa, principalmente, com a construção e inauguração da nova Catedral, reforma de igrejas, temas correlatos à religiosidade católica, visita de religiosos, assuntos do Mosteiro São Bento. O jornal também estava ampliando sua coluna Sport, trazendo informações de modalidades como Hipódromo, Foot-ball, Tiro, a maioria deles, nada populares. Cresceu também a Seção Judiciária, Informações e, sobretudo, os anúncios e propagandas que se tornam intensos.

O jornal se comparado há anos atrás ficou avolumado, abundante de notícias e, porque não dizer, sobrecarregado visualmente. Para a nossa pesquisa, notamos que a qualidade das edições digitalizadas caiu, ou são escuras demais ou claras demais, dificultando a leitura por tela. Estranho dizer, mas o jornal foi ficando ‘pesado’ de se ler, já as notas criminais diminuíram, o teor delas não se faz mais sensacional ou dramático. Por outro lado, crescem em número e em visibilidade as greves e conflitos de operários, as pequenas notas de acidentes e morte de trabalhadores, que se apresentam mais vultuosas. Entre os dramas de sangue e os de contravenção, estes últimos se sobrepõem. O combate a vadiagem e ao alcoolismo continua, mas ainda assim, menor do que anos anteriores.

2009 年 10 月

[illegible]

De asemenea, Mohamed Mahmoud, care a fost în arestul, între 1975 și 1977, alături de 12 alți membri ai grupului, este acum în libertate și are o casă în suburbaniile Parisului, în Capitala, pe străda de Belleville, Paris.

ILUSTRAÇÃO DE F. PERES

Restaurar tudo isso não custa caro, mas a obra de restauração de um monumento histórico é sempre uma tarefa árdua e demorada. Por isso, a restauração de um monumento histórico é sempre uma tarefa árdua e demorada.

FORUM CIVIL

Por vontade popular, logo se realizou o primeiro Fórum Civil do Estado de São Paulo, com o objetivo de discutir a situação da cidade e a necessidade de uma reforma urbana. O fórum foi realizado no dia 15 de março, no Auditório do Teatro Municipal, e contou com a presença de diversos membros da comunidade e autoridades locais.

O fórum foi dividido em duas partes. Na primeira, houve uma apresentação da situação atual da cidade, seguida de uma discussão sobre as propostas de reforma urbana. Na segunda parte, houve uma sessão de perguntas e respostas, na qual os participantes puderam expressar suas opiniões e sugestões.

O fórum foi muito bem recebido pela comunidade e resultou em uma série de propostas e sugestões que serão levadas em consideração pelas autoridades locais. Acreditamos que este tipo de iniciativa é fundamental para a melhoria da qualidade de vida na cidade e para a realização de uma reforma urbana eficaz.

Resenta des arrabaldes

BOM ESTUDO

ANVIMAGRAMS - Exp. para testar a tecnologia Phoenix Laser, desenvolvida pelo Dr. John Lamb, engenheiro das NASA.

INTERIO - Washington, Estados Unidos, 19 de Junho, 1992. O "New York Times" informou que a empresa de engenharia espacial da JPL, a Lockheed Martin, venceu a competição para desenvolver o sistema de navegação para o novo veículo espacial da NASA, o "Orion".

ZENITH CLER - O Dr. Jean-Pierre Lemaître, presidente do Conselho Superior de Estudos e Pesquisas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, foi eleito presidente da Academia Brasileira de Ciências.

WATERBURY F. CLEGG — This member of the corporation of the Bank National de la Republica Mexicana, is a resident of the city of Mexico.

Restaurante Fasoli
RUA DIREITA N. 5
TELEPHONE. 279

—

Menu variado
Preços modicos

GOSAR 37 MISTURA
É FUMAR DA MODA

NO LIMITAR DA PAZ

CONSIDERA-SE ESTABELECIDO QUE A PAZ NAO SERA
ASSIGNADA ANTES DO DIA 25 DE JUNHO -
CONSTA QUE ESTALOU UMA REVOLUCAO NA

TURQUIA - O "LEADER" SOCIALISTA BRANTINO
ATACA O MAXIMALISMO - OS TELEGRAMAS

DO "CORREIO PAULISTANO"

ATUALIZE SUA INSCRIÇÃO NA O PROXIMO ECLIPSE TOTAL E
RECEBA 100% DE DESCONTO

PARIS, 11 — Como que reben-
ta a revolução na Turquia. —
(Harris)

PARIS, 22 — O "Jornal de Paris", correspondente da Alemanha actual, dá que a Alemanha não prescindirá de uma intervenção directa da França na Europa.

Os aliados exigiram que as delegações fossem reunidas em um único dia, sob a condição de serem realizadas pelo participante vencedor.

« Os aliados, de nenhum modo, não
accederão, sob nenhum pretexto,
a estes requisitos, os quais seriam
concedidos ao julgamento da povo ali-
ado por meio da publicação. —
Alguns

O SR. BRANTING ATACA O MARXISMO

TEJIDO. 22 — O fructuoso da
dida da Impia para que fizesse
corporada à economia da Liga
Nacional, a distribuição da

de fazer, mas já sabemos, como
sempre, que a transferência de
competências da indústria para o
setor de serviços é um processo
de longo prazo, e não uma
alternativa imediata.

As glórias passadas de sr. Frankling foram os nobres appells ao socialismo. Invenção para que se produzissem de almas contra as esportações do balakavilana.

Em nome da Chachubirã Geral

... a conferência de ...
... falta de experiência e ...
... capacidade para ...
... reservation -- (Hawaii)

ON FRANCISCO TOMAMAM

de Trabalho, e sr. Laquet declarou em seguida, que a dia primeiro de maio, em França, seria francamente a dia de pura comemoração operária. — (Ilustr.).

O GOVERNO ALEMÃO PEDIRÁ
MAIOR LIBERDADE PARA
OS SEUS DELEGADOS

LONDRES, 22 — Informam de
Copenhague que pessoas indistintas

que o governo alemão fez saber ao governo francês que o conde de Bernadotte e um demais delegados alemães se irão a Paris si lhes for feita a promessa de que terão plena liberdade de discutir as condições

DEBASTRE DE AVIAÇÃO

LONDRES, 22 — Um aparelho Monday-Pegg, com uma passagem, no momento em que subia, não proximidade do Sudeste, foi de encontro a um ponto telegraphical, situado num lecho.

Q. O senhor não tem nada a dizer sobre a possibilidade de uma intervenção militar dos Estados Unidos na América Latina?
R. Não tenho nada a dizer sobre isso.

Um bombeiro e um sargento conseguiram desenterrar as duas vítimas.

RESOLUÇÃO DA ASSEMBLEIA DO PARTIDO INDEPENDENTE.

LONDRES, 12 — A assembleia de partidos independentes de Londres (L.I.P.) votou uma resolução pedindo a libertação dos prisioneiros alemães e

Os dois cadáveres foram depois transportados para a polívia de Mini-Hamilton d'Isle.

**CONFERENCIA SOCIALISTA DE
MEEFIELD**

LONDRE, 22 — Ao terminar a sua sessão, a Conferência Socialista de Sheffield decidiu rejeitar qualquer proposta tendente a augmentar as difficuldades contra a propaganda revolucionaria. — (Zitavai).

AMSTERDÃO FOI OCUPADA PELOS BAVAROS

AMSTERDÃO, 12 — Duas de Amsterdão que anteriormente de tropas

francosmas e monarca alemão te-
dois a Alemanha os gestos de
evolução aliada. O único benefi-
que teve a Alemanha com o re-
prender, advertir-se os jermes, fu-
de retardar por alguns dias a

— AFORMOSEIA A MULHER —

A TRANSFERENCIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MULHERES DO BRASIL PARA O RIO DE JANEIRO

MAN PARA BERLIM

BERLIM, 11 — Nos círculos governamentais julga-se necessário transferir, logo que for possível, a embaixada nacional de Weimar para Berlim, em Viena.

Difíceis jermos chatram, e irritada, que se mesmo tempo e se silencia redim, a imprensa e manha praga alertamente a resiliencia de condigão de paz de "

A FALTA DE CARVÃO EM DUBLIM

DUBLIM, 22 — Devido à falta de

...de que os aliados deveriam falar
...de que a Alemanha se con-
...ri por fim a sua determinação
...-ligação.

2.2 Violências no cotidiano: Agressão e Desordem

Muitas notícias aqui consultadas e que fazem referência aos crimes de contravenção, como desordem e agressão, apontam para a criminalização de grupos pobres. Relacionadas a ideia de que frequentavam locais que poderiam suscitar tais delitos, essas pequenas notas criminais nos jornais levam a estereótipos. Outros são os delitos que os jornais publicam e que se relacionam às práticas consideradas ilícitas no período, como furtos, feitiçaria, moedas falsa, gatunagem.

Grande parte das prisões se davam por desordens e agressões, algo impreciso para nos levar diretamente a um crime, mas que, segundo o Código Penal, eram delitos a serem punidos. No Capítulo V – “Das lesões corporaes”, o Art. 303 é um dos mais citados pelos jornais, refere-se às ofensas a alguém, produzindo-lhe dor ou lesão, sem derramamento de sangue. Nesse caso, a pena é de três meses a um ano de prisão. Para casos mais graves o Art.304, cujo teor é a lesão corporal resultar em mutilação de algum membro que prive o ofendido de exercer o seu trabalho, a pena era de prisão por um a quatro anos.

A preocupação das autoridades em manter uma certa ordem nas ruas da cidade vinha desde o século XIX. Essa preocupação com a ordem pública aparece ameaçada pelos infratores de certas normas, como a do trabalho em oposição à vadiagem; da sobriedade em oposição à embriaguez; dos bons costumes em oposição à prostituição e cafetinagem. Mas as agressões e desordens se relacionam de forma indireta a alguns desses elementos ou muitas vezes se pautam por outros motivos como rixas e desavenças pessoais.

Segundo Fausto (2001, p.46), as prisões por contravenção são maioria em quase todas as partes do mundo e a proporção que ele constatou na cidade de São Paulo, na passagem do XIX até a década de 1920, mostra uma intensa preocupação policial com a ordem pública. Em uma proporção de prisões por crimes de contravenção, o autor encontrou nos relatórios de secretaria de justiça no período entre 1912 e 1916 em São Paulo, 7459 crimes de sangue e 44492 crimes de contravenção, por exemplo.

Esses conflitos das sociabilidades cotidianas das quais as camadas mais empobrecidas estavam relacionadas, mas não exclusivamente vão compor o quadro do que se consideravam enquanto delitos.

Agressão

Num baile público – Ferimentos leves

Pela madrugada de hoje, quando assistia a um baile público, que se realizava á rua dos Gusmões, num botequim de propriedade de um individuo Slavados Lonisio, o pardo Joaquim Soares Ferreira, de 20 annos de idade, foi inopinadamente agredido por um grupo de individuos, que o espancaram. Levemente ferido, Joaquim que se achava bastante alcoolizado, foi transportado para a Policia Central, e alli submetido a exame de corpo de delicto, pelo médico dr. Honório Libero. Os agressores se evadiram. Sobre o facto está aberto inquérito.¹⁰³

Nessa pequena notícia tem-se sujeitos que frequentam um espaço bastante policiado nesse período, o botequim. Espaço de trabalho e, ao mesmo tempo, de lazer e diversão das classes mais pobres, o botequim

¹⁰³ Correio Paulistano, 05/jun/1910, p.3

é alvo de inúmeras prisões envolvendo agressões e rixas. Algumas delas também por desacatos ou acerto de contas. O *Correio Paulistano* e *A Gazeta* narram as histórias desses delitos enfatizando e adjetivando o espaço do botequim.

Desordem

Estando a jogar, hontem, por volta de 11 horas da noite, no botequim n.112 da rua do Bom Retiro, os indivíduos João Rodrigues de Sousa, Vicente Bombeiro e Theodorico de Andrade, travaram-se de razões, agredindo-se e ferindo-se levemente. Os turbulentos foram presos em flagrante e submetidos a exame de corpo de delicto. Sobre o facto sera aberto inquérito.¹⁰⁴

Vadios e Desordeiros

Num botequim da rua Florencio de Abreu-

Contenda – Prisão dos contendores

A policia no local – Outras Notas

No botequim estabelecido á rua Florencio de Abreu n.167, esquina da rua Mauá, achavam-se reunidos hontem, á noite, grande número de desocupados, que se entretinham a palestrar, a beber. Entre esses indivíduos, figuravam os nomes de Umbelino Fernandes da Silva e Amaro Rodrigues dos Santos, dois conhecidos desordeiros. Excedendo-se em libações alcoolicas, tiveram ambos, por volta de 8 horas e meia, violenta alteração. Os circumstantes aproveitaram-se disso para se divertir. E, fazendo grande algazarra, começavam a empurrar um contra o outro, procurando fazer com que elles se travassem em lucta corporal. Excitados como estavam os contendores aggrediram-se logo, a bofetadas e, agarraram-se fortemente, rolaram por terra. O ruido de facto foi pressentido pelo rondante da rua que acorreu no local, prendendo os briguentos apesar dos veementes protestos e gritos de ‘não pode’ dos que presenciavam aquela scena. Conduzidos a muito custo até um posto policial de São Caetano, Umbelino e Amaro depois de interrogados, foram recolhidos ao xadrez. No botequim, entretanto, continuou a algazarra. Os indivíduos ali reunidos, quase todos deploravelmente embriagados, comentavam, em altas vozes, a prisão dos turbulentos. Tendo conhecimento disso, as autoridades de plantão do aludido posto policial Pamphilo Marmo, terceiro sub-delegado, resolveu dar caça aos vagabundos e acompanhado de oito praças seguiu para o local. Alli chegados, foi logo dando cerco á casa, sendo então presos os indivíduos Augusto Paulino, Manuel Faustino de Almeida, José Joaquim, João Ferreira, Arnaldo Oliveira, Affonso Elias, Francisco Mauricio, Aleixo Bueno, Manuel de Sant’Anna, João Augusto e Mario da Conceição. Todos esses vadios foram recolhidos ao xadrez, excepto João Augusto da Fonseca, praça n.39 do segundo esquadrão da cavalaria da Força Pública, o qual em caminho do posto, agredindo a punhal a autoridade, que felizmente não recebeu lesão alguma, conseguiu evadir-se. O botequim onde foram presos todos aqueles vagabundos é de propriedade de Luiz Ferreira e de sua mulher Elvira Augusta da Fonseca. Nessa farra imunda já se tem registra muitos conflitos, alguns dos quaes até graves consequencias. Os proprietários deste estabelecimento foram intimados a comparecer hoje, ao meio dia, noposto policial de São Caetano.¹⁰⁵

Nessa notícia, o jornal indica antecipadamente ao leitor que os frequentadores do botequim eram desocupados e estavam a beber. Ao citar os nomes dos sujeitos, o jornal faz referência de que são ‘velhos conhecidos’, o que nos leva a inferir que os rondantes já conhecem tais sujeitos. Isso se dava muitas vezes por viverem e circularem pelos mesmos locais, algumas das vezes encontramos indicado pelos próprios jornais que os rondantes moram nas proximidades de onde circulam esses sujeitos. Não raro se deparar com endereços na mesma rua, tanto do policial quanto de um ‘desordeiro’ apontado pelo jornal. Dessa forma,

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Idem.

entendemos que esses grupos – ‘os delituosos e os mantenedores da ordem,’ estão em constantes convivência.

Essas pequenas notas no *Correio Paulistano* informam que estes delitos ocorriam principalmente em espaços públicos. Esses espaços eram frequentados por gente humilde, por vezes, sem trabalho regular, sujeitos que viviam de pequenos afazeres ou bicos ou mesmo os ociosos que ficavam pelas ruas. Apontam principalmente os botequins espalhados pela cidade como o foco da maioria das rixas, brigas em que terminas nos delitos ou em crimes. A pequena crônica remete a uma assinatura de jornal, uma rubrica, uma miscelânea de notícias desde criminais, acidentes, suicídios e notícias extravagantes e sensacionalistas que se intensificaram nos jornais franceses em fins do XIX. Essa imprensa dedicada a tais fatos noticiosos cresceu a partir dos anos 1910 e foi se tornando uma marca nos jornais. Tratando de assuntos aparentemente ‘banais’ e muito comuns do dia a dia, essas pequenas notas ajudam também a compor um possível cenário das ruas e bairros e da cidade em expansão.

A feitiçaria

O caso da rua General Osorio – Prosseguimento do inquérito – o que dizem as testemunhas
O terceiro delegado dr Ascanio Cerqueira, prosseguiu Hontem no inquérito instaurado, no Posto Policial da Santa Iphigenia, para apurar o caso do preto Bento de Paula Sousa, denunciado de praticar feitiçaria e exercer o officio de curandeiro.

As testemunhas inquiridas, a saber – Angelo Jose dos Santos, morados a av. Brigadeiro Luiz Antonio, 170; Liberato Vitilio residente a rua General Osorio 78, declaram que Bento não era, como se propalou, um explorador.

Praticava o seu culto – o espiritismo – de convivência com grande numero de pessoas, ministrando curativos aos enfermos e procurando consolar os desgraçados. Bento não exigia por esses curativos dinheiro algum, apenas recebia gratificações, que lhes eram dadas expontaneamente.

Referiu Angelo Santos, que tendo enfermado a mulher, levou-a até ao prédio n.30 da rua General Osorio, onde residia Bento. Alli, recebeu ella os necessários curativos, sem que o preto lhe cobrasse um vintém. Vitilo, corroborando a afirmação de Angelo, diz que Bento lhe extrahi uma agulha [...] receitando-lhe agua de alecrim. Esses medicamentos, não os usou o depoente, que foi tratar-se com um médico. [...] deu-lhe expontaneamente uma pequena quantis. Uma outra testemunha puvida nada mais fez que confirmar as declarações das duas. As diligencias policiaes prosseguirão ainda hoje.¹⁰⁶

Na notícia citada acima, embora as testemunhas declarem que Bento não era um ‘explorador’, vê-se que as investigações policiais irão continuar. A prática da feitiçaria era criminalizada naquele momento. De acordo com o Código Penal, no capítulo 3, intitulado “Dos crimes contra a saúde pública”, o Art. 158 criminalizava qualquer sujeito que praticasse curativo ou prescrevesse fórmulas ou substâncias naturais, fazendo uso da prática de curandeiro. A pena para tal crime era de 100\$ a 500\$ e prisão de um a seis meses. Assim, as pequenas crônicas policiais levam o leitor a identificar os locais onde se passava a cena, nos becos e vielas, cortiços, nas ruas dos bairros pobres, suas atitudes, a partir do momento que davam visibilidade a estes sujeitos, ao mesmo tempo em que construía estereótipos.

Interessante observar nas memórias de Jorge Americano o trato que as chamadas religiões ‘espíritas’ tinham na época. Segundo o autor, o próprio código penal não tolerava o chamado “baixo espiritismo”, mas

¹⁰⁶ Correio Paulistano, 11/jun/1910, p.3

também não dava elementos suficientes para distingui-lo do que não era “baixo”, e diz que a polícia de vez em quando dava batidas e prendia pessoas em sessões, apreendendo amuletos, ervas e raízes e o fato acabava qualificado como curandeirismo. (1962, p.161).

O *Correio Paulistano* aos poucos foi cedendo maior espaço para os fatos diversos, tanto que a partir dos anos 1912 - 1913 a sua coluna que levava este título, se ampliou e mudou a forma de anunciar as notícias criminais, passando a desdobrar os títulos em subtítulos, com tom dramático, diferente de quando apenas duas ou três palavras chamavam à notícia. Ao mesmo tempo as informações sobre celebrações religiosas católicas, tempo, vida política e econômica, aspectos culturais como festejos e espetáculos, ganharam mais destaque. A *Gazeta*, que já possuía temas do cotidiano de forma mais intensa do que o *Correio*, continuou a tratá-los e a ampliar a temática. Essas pequenas notas podem aparecer sem grandes pretensões, como se fossem comentários ou apenas informações, mas transformam-se em peças de uma cenário maior, construído pelos periódicos. Observamos que cada uma dessas colunas ou seções, em ambos os jornais, ocupam um lugar cativo. As crônicas sociais e mundana ou religiosas estão próximas das pequenas notas de temática semelhantes. Os acontecimentos públicos, informações de instituições, personalidades e autoridades, noticiário nacional e internacional, todos eles estão estrategicamente localizados nas páginas dos jornais. As colunas centrais desses jornais trazem temas dedicados ao crime, notícias judiciárias, ‘incêndios’, ‘desastres’, ‘gatinagem’, ‘mortes súbita’, ‘vítima de trabalho’, ‘colhido por uma carroça’, enfim, pequenos fatos, mas que estão fixos nas páginas, para que o leitor as encontre facilmente.

Observamos que, entre *Correio* matutino e *Gazeta* vespertino, as pequenas notícias de contravenção apresentam diferenciação, que o próprio Bahia (1972, p.202) nos aponta sobre os matutinos e vespertinos,

A distribuição da matéria na página – assim é conhecida a paginação. É a montagem de títulos, notícias e clichês. Na paginação espelha-se o que de melhor tem a apresentar o jornal. [...] As linhas sóbrias de um matutino e a movimentação saltitante de um vespertino podem servir de útil comparação para explicar o modo prático das diferentes tonalidades que produz a paginação. No matutino a sensibilidade atua em função do repouso, já no vespertino é convertido, os títulos e a composição determinam efeito dinâmico. Esse conjunto de fatores é aplicado para provocar emoção, quando menos, causa sensação, quando mais, sensacionalismo. (BAHIA, 1972, p.202).

Desavenças que terminaram em tiros, brigas que acabaram nas subdelegacias, continuações de crimes e atentados anteriores e que o jornal apurava cotidianamente para levar aos seus leitores têm abordagens diferentes. O *Correio* publiciza mais notícias de vadiagens, alcoolismo e agressões, envolvendo o universo da vida pública, enquanto *A Gazeta* narra notícias de temática criminal com teor de maior dramaticidade envolvendo adultérios e ciúmes, o universo da vida privada. O lugar da notícia de crime nesses periódicos, ou seja, o espaço ocupado por elas no jornal nos informa a intencionalidade dos agentes produtores da notícia. O modo como foram escritas e a elaboração por trás da narrativa carregam

representações e sinais que vão se construindo em uma memória do crime e dos sujeitos criminosos, assim como criam uma relação com os leitores.

Nas páginas junto as notícias criminais configuravam-se também notas do cotidiano em geral: brigas de vizinhos que alcoolizados terminam em violência física e prisões, suicídios por amor e ciúmes, atropelamentos por carroças e automóveis, cenas de cortiços, onde mulheres de vida fácil fazem algazarras e afrontam o pudor. Junto com essas notícias que chegam aos leitores chegam também os males do alcoolismo e da vida desregrada, como também chegam os locais habitados por sujeitos sem posturas e decoro. *A Gazeta*, por exemplo, utiliza-se da primeira página para narrar tais fatos,

ASSASSINATO

Rivalidade entre vendedores ambulantes – Discussão e facada – A morte da vítima

Deu-se hontem no Cambucy um homicídio, motivado por questões de interesse. José Felix fora encarregado por José Saes, hespanhol, residente a rua José Bento, 65, fabricante de caixas automáticas para jogar permitidos (papanickeis) de fazer a propaganda e venda de sua indústria. Mas, Jose Saes, tem um cunhado João Lousano, que está desempregado actualmente e quis protegelo, dando-lhe o mesmo encargo. João Lousano vendeu um dos aparelhos na Ponte Grande, recebendo 10\$000 por conta. Tal concorrência desagradou Jose Felix, que, sabendo deste negocio, fex um negocio novo, substituiu o aparelho e recebeu o restante do preço, sem dar satisfação a Lousano. Entraram os rivaes em explicações, resultando uma rixa que deveria ter as mais graves consequências. Jose Felix acompanhado de Giuseppe Nietto e Joaquim de tal, hontem ao escurecer, foi procurar João Lousano em casa do cunhado, e chamou-o à calçada para falar-lhe. A scena foi rápida, porque Jose Felix que estava exaltadíssimo, sem muitas delongas, puxou de uma faca e feriu profundamente no ventre o seu adversário, fugindo em seguida com seus companheiros. O ferimento, examinado pelo dr Marcondes Machado, era extenso e descobria o fígado. Na Central, foram feitos os primeiros curativos, e o ferido foi removida a Santa Casa, onde faleceu as 10 horas da noite.¹⁰⁷

Como já salientamos, na maior parte das vezes, há um relacionamento próximo entre os sujeitos envolvidos nas agressões, por pertencerem à própria família ou serem conhecidos de espaços comuns. Como vítima e agressor se conheciam, a identificação pela polícia se tornava mais fácil, pois há sempre algumas testemunhas. Segundo colocamos anteriormente, o Art 304 do Código Penal previa pena de até quatro anos para quem ferisse com gravidade alguém que ficasse impossibilitado do trabalho. Considerando-se a quantidade desses pequenos crimes que os jornais nos informam, indiretamente podemos aferir que havia uma preocupação com impedimento do trabalho, colocado no desenvolvimento normal da vida cotidiana das vítimas, os dias que ficariam sem trabalhar e que se reflete na pena. O discurso das autoridades naquele momento em relação a positividade do trabalho era intenso.

Ao narrar esses pequenos delitos cotidianamente, os jornais construía uma ideia de cidade e de sujeitos, que se defendia por meio do controle. O indivíduo que não tivesse trabalho era considerado ocioso e vadio, chamados de contraventores, o que representava uma ameaça à ordem da modernidade. Os ideais de ordem e progresso faziam parte de um projeto de construção da cidade, defendido pelas autoridades e

¹⁰⁷ A Gazeta, 19/jan/1911, p.1

pela elite paulista. Esse projeto não poderia comportar uma cidade onde sujeitos sem trabalho e sem moradia vagavam pelas ruas e ameaçavam a ordem da cidade e o sossego público.

Vítima e agressor eram geralmente da classe trabalhadora urbana, pobres. De acordo com Maria Inês Borges Pinto (1984, P.72), muitos trabalhadores casuais devido aos seus baixos ganhos e sua aparência miserável eram muitas vezes confundidos pelos contemporâneos como vadios e mendigos, e a sua presença, como andarilhos em busca talvez de trabalho, era motivo de inquietação para os moradores das regiões centrais por onde transitavam e costumavam fazer ponto, e de reclamações e intolerância dos barraqueiros e vendeiros dos mercados municipais. É possível que muitos elementos tidos como vadios e presos por vadiagem fossem trabalhadores itinerantes à cata de serviço. Não estamos com isso generalizando e não é nosso propósito nessa pesquisa discutir tais questões, mas podemos levantar essa hipótese a partir do momento em que o discurso do trabalho e da modernidade no período investia diretamente nas ações contra todo sujeito que colocasse tal propósito em xeque.

Em *Chronica das Ruas*, título que o jornal *A Gazeta* criou, situado na coluna direita logo na segunda página, local de bastante visibilidade ao leitor, trazia diariamente acontecimentos do cotidiano,

Alcool e Sangue – uma dívida de oitocentos reis – Agressão

- Diversos indivíduos passaram a tarde de hontem, a beber e jogar no botequim, á rua da Consolação, n.111.

Os vapores do álcool não tardaram a perturbar-lhes as ideias, pelo que a dona da casa, receando graves consequências da acalorada discussão que havia travado, os poz no olho da rua.

Uma vez fora do botequim, um dos taes, de nome Silverio Gregório, voltou a discutir com um companheiro João Francisco e desfechou um tiro de revólver em pleno peito. O criminoso fugiu e o ferido, em estado grave, foi removido para a Santa Casa.

- Outro tiro: num botequim da rua dos Immigrantes encontraram-se hontem Antonio Salano e Miguel Serviano. Este se dizia credor daquele da quantia de 10 tostões. Antonio, porém, dizia dever apenas oitocentos réis. Palavra puxa palavra, a discussão azedou-se. Um companheiro de Miguel, sacando de uma garrucha, desfechou um tiro em Antonio que ficou ferido gravemente.

Escusado dizer que o criminoso deu de villa-diogo.

Polícia dos Costumes

Na Rua Líbero Badaró – Indecência

Com a demolição dos prédios da rua Líbero Badaró, as inquilinas de vida fácil, residentes naquela via pública começaram a cometer abusos que provocaram justas reclamações. Assim é que sahiam para o meio da rua em trajes pouco decentes, afrontando o pudor e dirigindo larachas aos transeuntes. Sciente destes factos o dr. Pinheiro Prado, delegado auxiliar, tomou providências, afim de que cessassem taes atentados contra a moralidade pública.¹⁰⁸

Nessas pequenas notas da *Gazeta*, de fevereiro de 1911, encontramos a agressão relacionada ao alcoolismo e as cenas se deram num botequim, espaço que aparece em quase todas as desavenças e brigas, envolvendo homens alcoolizados. O crime contra a ordem e a tranquilidade públicas integravam um variado conjunto de práticas e aparecem nessas pequenas notícias de forma repetitiva, diariamente no periódico. Os

¹⁰⁸ A Gazeta, 06/fev/1911, p.2

sujeitos narrados como protagonistas dessas ações são, em maioria, homens frequentadores dos botequins e as mulheres de ‘vida fácil’ ou ‘moradoras de cortiços’, mais uma vez o periódico marca lugares sociais.

Palestra entre Syrios

Um preto toma partido da Itália – Um tiro de revolver

A Avenida Celso Garcia, n. 428 onde é estabelecido a casa de armarinho do syrio Antônio Abrahão, palestravam hontem a noite vários súbditos do sultão da Turquia a respeito da guerra com a Itália. É claro que elogiavam a bravura de seus patrícios em Trípoli e metiam as botas na Itália. Um preto que passava na ocasião por alli, entendeu de intrometer-se nas palestras e, tomando partido dos súditos do Rei Vitor Manuel, apartou;

-Vocês não sabem o que dizem. Estão contando farolla, quando tem apanhado em Trípoli como boi ladrão.

Os syrios então sahiram á rua, para castigar o preto, que sacou de um revolver e desfechou um tiro. Este atingiu Miguel Abrahão, irmão de Antônio ferindo gravemente o ante-braço. O preto deu ás de villadiogo¹⁰⁹

A preta, Maria de Oliveira, cozinheira de 36 annos de idade, empregada da casa de uma família á rua Tamandaré, queixou-se hontem á policia da Liberdade de que fôra agredida por sua patroa. A queixosa, que apresentava uma contusão na mão esquerda, foi submetida a exame de corpo de delicto.¹¹⁰

Grande parte das notas de agressões divulgadas pelos jornais demonstram que os envolvidos têm um relacionamento próximo, sejam de trabalho ou de convivência em espaços compartilhados. Nos cortiços, vendas e botequins ou mesmo no espaço do trabalho, encontramos as mais variadas situações divulgadas pelos jornais, que procuram mostrar a gratuidade de uma agressão ou provocação, o mau caráter ou índole de quem a pratica, destacando seu comportamento sem apresentar qualquer outro dado que explique o ocorrido.

Estas pequenas notícias que povoavam o jornal diariamente carregavam de forma imperceptível alguns elementos de ordem moral e social. Homens bebendo e jogando em um botequim durante uma tarde que termina em violência e mulheres de vida fácil praticando afrontamentos sugerem indivíduos desqualificados, desocupados. Isolados, publicados separadamente são pequenas ocorrências, mas reunidos, marcavam o dia e, apesar de serem notícias sem ‘importância’ e com uma linguagem muito simples e familiar, possuíam uma intencionalidade: a de construir valores sociais e estigmas e de intencionalizar sobre condutas, aquilo que deve ser a norma e o que não é permitido.

ENTRE IRMÃOS –

José dos Santos, que hontem falamos nas Últimas, é o estúpido aggressor do irmão Gonçalo dos Santos Filho. Reisdiam ambos no cortiço da rua General Flores n.24 e andavam desharmonizados, porque José havendo-se desempregado e atirado ao vício queria que o irmão lho’s pagasse. Hontem, como Gonçalo se recusa-se terminantemente a dar-lhe dinheiro, o vadio, o insultou e não contente com essa brutalidade, sacou de um revolver e alvejou-lhe produzindo dois graves ferimentos no peito. Jose dos Santos, cujo retrato estampamos, e que foi preso em flagrante, esta sendo processado.

¹¹¹

¹⁰⁹ A Gazeta, 26/mar/1912, p.1

¹¹⁰ A Gazeta, 16/ago/1912, p.6

¹¹¹ A Gazeta, 02/abr/1912 p.6.

Muitas cenas de desordens, rixas e desentendimentos ocorriam entre conhecidos, às vezes entre familiares. Nesse caso, o jornal se utiliza da notícia para fazer comparação entre os membros familiares, como o pai trabalhador e o filho vadio ou o irmão ocioso e explorador, enquanto o outro é decente e honesto. O lugar físico, por vezes, contribui para as atitudes imorais e desonestas. Não é incomum observar o espaço do cortiço e do botequim como o lugar das desordens e agressões. Os jornais acentuam essas localidades.

ASSASSINATO – Um tiro de revólver

Falleceu na Santa Casa, onde estava em tratamento, o italiano Francisco Fuscaldo, que ontem, conforme noticiamos com pormenores depois de uma discussão em frente ao cinematógrafo ‘Braz Bijou’ n.148 da avenida Rangel Pestana, foi alvejado por Emilio Ferrarese com um tiro de revolver, sendo ferido mortalmente na frente. O cadáver de Fuscaldo foi autopsiado no necrotério da Santa Casa pelo dr. Marconde Machado medico legista, que deu como causa mortis hemorragia cerebral. A cargo do dr Franklin Piza, segue inquérito, a respeito tendo sido ouvidas novas testemunhas. Emilio Ferrarese, o criminoso, continua foragido.¹¹²

Alguns elementos podemos destacar aqui, sendo um deles o perfil dos protagonistas que na narrativa do periódico são os imigrantes, sobretudo, italianos. Nos dizeres de Jacob Penteado (2003, p.31), os italianos fixaram-se nos bairros começados com Bom Retiro, Brás, Belenzinho, Bexiga, Barra Funda. Facilitada pelos governos federal e estadual, a imigração de italianos data de fins da 1870 e relaciona-se à necessidade para a lavoura de café em São Paulo, mas sobretudo pelo ideal de mão de obra branca e uma tentativa de afastar trabalhadores negros e pobres nacionais dos grandes centros.¹¹³ Era muito veiculada a imagem do imigrante enquanto civilizado e trabalhador. Grande parte de italianos fixaram-se na cidade e estabeleceram-se nos bairros citados.

Como já citado, havia uma proximidade entre criminoso e vítima, seja por parentesco ou relacionamento diverso, que evidenciava entre eles, hábitos, tratamentos, negócios ou rixas. Entre os imigrantes era muito comum a ajuda mútua, o compadrio, o socorro nos momentos de dificuldades, mas ao mesmo tempo as cenas de desavenças e crimes poderiam ser facilitadas por essa aproximação. Competições, rivalidades amorosas, problemas financeiriso, poderiam abalar os relacionamentos, como percebemos nas notícias.

DESORDEM

Soldado agredido – Prisão e xadrez

Hoje, a uma hora e meia da madrugada, no largo da Concordia, na ocasião em que promovia grande desordem, foi preso o nacional Lysipo Rosa, musico, de 17 annos de idade, solteiro, residente á rua 21 de Abril 423. Lysipo, reagindo a prisão, agrediu o soldado de nome Roldão Pereira, de 21 annos, solteiro morados da rua Canindé, 82, da 4ª companhia da Guarda Civica., produzindo-lhe um ferimento contuso no lado direito do maxilar. O desordeiro foi recolhido ao xadrez, depois de ter sido submetido a exame de corpo de delicto no gabinete medico legal e ter recebido curativos.¹¹⁴

¹¹² A Gazeta 08/jun/1912 p.7.

¹¹³ Para um discussão sobre o assunto ver Carlos José F. dos Santos, **Nem tudo era italiano**. São Paulo AnnaBlume, 1998.

¹¹⁴ A Gazeta, 05/set/1912, p.7

Uma característica marcante dessas pequenas notas criminais são que elas possuem o mesmo ‘modelo’ ou ‘estrutura’ de narrativa. São curtas, objetivas, diretas e com uma linguagem semelhante aos processos criminais, não por isso, que uma das fontes principais para esse tipo de notícia aos jornalistas era a própria polícia. A maneira de descrever os sujeitos reproduz os boletins policiais, tanto os criminais quanto dos chamados termos de bem viver. Todos os sujeitos ‘fichados’ que passavam pelas delegacias, tinham suas fichas nesses modelos: nome, idade, residência, profissão ou ocupação e até mesmo sinais físicos ou características psicológicas. Uma vez que esses dados são repassados aos noticiaristas, estes escrevem a narrativa. Crimes, desavenças, prisões de ébrios e arruaceiros, mulheres brigando, crianças delinquentes e gatunagens eram o que os jornais mais noticiavam nas colunas reservadas ao cotidiano.

Nas colunas do jornal *A Gazeta*, intitulada *Chrônica das Ruas*, que trazia para o leitor um pouco do cotidiano da cidade, as notícias enfatizavam os locais de crimes e as características dos sujeitos envolvidos. Percebemos pelo título a maneira como o periódico vai encaminhar a notícia, não apenas um relato de desentendimento e crime, mas uma forma de conduzir o leitor a uma já parcial visão do crime.

OS DRAMAS DO ALCOOL Morte na Santa Casa

Os matutinos de hontem já noticiaram minuciosamente os desatinos praticados na noite de sabbado pelo mascate syrio Taufik Sucar, que num acesso de loucura determinado pelo álcool, investiu de faca em punho, contra várias pessoas ferindo-as. Taufik era casado e tinha 34 annos de idade, residia num cortiço da rua Itoby dali saiu as 7 horas da noite brandindo uma enorme faca. Os visinhos alarmados gritaram por soccorro acudiu o anseçada Brasilino Paes de Sousa da 6 companhia de guarda cívica, que tentando effectuar a prisão de Taufik, foi ferido por este. Para se defender o soldado sacou o revolver e desfechou dois tiros. Apesar de mortalmente ferido o syrio deitou a correr e foi perseguido por populares. Taufik ainda feriu o soldado Antonio Carolino no rosto. Taufik, prosseguindo na sua carreira furiosa pela 25 de março, passou pela frente do açougue n.16 e feriu Avelino Pinto o proprietário que se encontrava na porta, com duas facadas. Cahindo Taufik foi recolhido e levado a Santa Casa, mas faleceu horas depois. Os feridos foram socorridos pela Assistencia e acham-se em estado grave, o anseçada Brasilino Paes de Sousa, casado, 25 annos de idade morador da rua Chavantes n.199 e o açogueiro Avelino Pinto residente a rua Carmelitas n.2.

115

Outro elemento que as notícias descritas apontam em comum é o fato de ‘criminosos e vítimas’ morarem em cortiços. Lugar bastante explorado pelas narrativas nos jornais como sendo o espaço da desordem e das agressões. Os episódios mais frequentes de cenas de sangue ocorriam em ruas onde se localizavam os cortiços de São Paulo, principalmente, o Brás. Nos episódios citados, tem-se as ruas Major Diogo, na Bela Vista, próximo ao Bexiga; rua Itobi, próxima a Barra Funda; Rangel Pestana, no Brás e General Flores, no Bom Retiro. Locais não só da presença italiana, mas de população negra.

¹¹⁵ A Gazeta, 13/set/1912 p.3

Nas páginas desses jornais não apenas os cortiços apareciam com frequência, mas os botequins também são inseridos nas notícias criminais e nas desavenças e brigas que sempre terminavam na delegacia de polícia.

Desordem num botequim –

Num botequim da rua Piratininga foram presos hontem a noite, quando promoviam grande desordem, os turbulentos Avelino Senett, Angelo e Justino Guido. Levados ao posto policial do Braz, o segundo subdelegado, dr. Albuquerque Maranhão, fel-o recolher ao xadrez.¹¹⁶

O jornal *A Gazeta*, com sua linguagem mais sensacional e dramática, narrava também os delitos e as ocorrências que relacionam esses espaços e os sujeitos que o frequentam,

Caça a Vagabundos – As “canôas” policiais

Noticiaram a dias os jornais a proeza de um soldado do primeiro batalhão, que poz em polvorosa um botequim na Avenida Rangel Pestana, propriedade de um individuo que acode ao nome de “Seu Chico Perpetuo”.

Na caça ao turbulento, que se revelou capoeira exímio, conhecedor de todas as letras da arte de jingar, verificou a policia que a tasca era ponto habitual de entrevistas de ébrios e vagabundos. Altas horas da noite, madrugadas, numa atmospha tresandando a álcool e tabaco, á volta de mesas sórdidas, typos sem occupação jogavam cartas, ingeriam martelados sobre martelos de cachaça, e, nos intervallos do jogo ou da bebida, combinavam planos de assalto a bolsa alheia. Gatunos reincidentes alli se confraternisavam em criminosos conluios, que não **rrro** eram interrompidos pela navalha dos fauinetas e pela peroba dos caceteiros.

Como essa valhacouto de vagabundos e larápios, quantos existem em São Paulo, funcionando, pela noite a dentro, de portas fechadas e á luz de sórdidos candeeiros de petróleo ou na meia penumbra de lâmpadas de azeite. O argot dos seus frequentadores chama-lhes farras, denominação que designa asylo propicio ao concreto de planos criminosos e, ao mesmo tempo, deposito seguro de objetos furtados. O proprietário desses albergues e, por via de regra, socio de larápios, pela cumpricidade que lhes presta, pondo a salvo as coisas surrupiadas ao próximo e quase sempre aconselhando gatunos, lembrando-lhes nomes de pessoas ou designação de casas para o assalto nocturno e industriando-os nos melhores meios de evitar a policia.

Mas esta, disposta a perseguir sem trégua uns e outros, em complemento da obra de moralisação social que já iniciou com a repressão da falsa mendicidade, acaba de organizar as denominadas ‘canôas’, hábeis redes em cujas malhas são presos todos quantos, a horas mortas, na atmospha lúgubre. Essas embarcações policiaes começara a navegar hontem, no vasto oceano das pocilgas do Braz. O “Seu Chico Perpetuo” foi um dos peixes graúdos que cahiram na tarrafa. No silencio sombrio do cárcere, há de lamentar com certeza, a triste sorte. Triste e merecida, tanto quanto a de todos pes-rapados afastando-se da conducta retilínea do dever, se constituíram em elementos nocivos á sociedade e precisam ser julgados pela benéfica ação da policia.

Que esta não esmoreça e acabe com os vagabundos e as farras, com a mesma facilidade que vai dando cabo dos falsos mendigos.¹¹⁷

Com essas palavras, o jornal *A Gazeta*, de 1910, logo na primeira página, esboçava a atuação policial frente aos vagabundos e ladrões que agiam em cumplicidade com o dono do botequim no Brás. Segundo o jornal que apurou entre a polícia, o dono era sócio dos ‘larápios’ e os ajudava a organizar os crimes de assaltos. O jornal já expõe ao leitor quem são esses sujeitos infratores e criminosos, quando lhes conferia os seguintes termos, muito habituais na época: turbulento, capoeira, ébrios, vagabundos, larápios, gatunos,

¹¹⁶ Correio Paulistano, 30/jun/1910, p.3

¹¹⁷ A Gazeta 20/jan/1910, p.1

criminosos conluíus. Esses termos usados de forma recorrente pela própria polícia em seus documentos, termos e fichas policiais, também eram proferidos pelos jornais e já qualificavam os sujeitos e suas práticas.

No Código Criminal de 1890, os artigos 330 e 356, respectivamente, diziam sobre o temas: “define como furto, subtrair, para si, ou para outrem, coisa alheia móvel, contra a vontade de seu dono” e “o roubo consiste na subtração fazendo violência à pessoa ou empregando força contra a coisa”. “Considera-se violência contra a pessoa, além de ameaças ou agressão a esta, a entrada a noite na casa, por meio de escalada, gazuas, chaves falsas obtidas pelo criminoso, ou com o auxílio de algum doméstico, que tenha sido subornado, ou fingindo-se o delinquente autoridade pública, ou autorizado a tomar a propriedade alheia”.

Factos Diversos – Repressão a Vadiagem

O dr. Alarico Silveira, quinto delegado, no louvável empenho de expurgar o seu districto dos elementos maus que o infestam, deu hontem busca em vários botequins suspeitos, da travessa do Mercado e da Várzea do Carmo, prendendo os seguintes desocupados, alguns dos quaes são também gatunos e desordeiros: Palmyro Persigano, Americo del Moro, João Baptista del Poggeto, Maximo de Oliveira, Siroximo Sampaio, Paulo Michele, Vicenzio da Rocha, Vicente Oliveira, Angelo Girola, Jose Ramos da Silva, Mazzucado Gildo, Ezequiel de Ano, Antonio Trombini, Benvinda Ramos de Sousa, Giacomo Vancoma, Cesario Fanti, João Montoia, Francisco Naporana, Francisco Bueno, Manuel de Sousa, Tristão Peres, Jose Innocencio, Vicenzia Pires, Dorothéa Schmidt, Manuel Sousa. Todos vão ser processados no artigo 399 do Código Criminal.¹¹⁸

Nesse momento, a cidade começava a ser marcada pela concentração de pessoas, num determinado território, em que se acreditava ocupado pelas “classes perigosas”, constituída de indivíduos sob desconfiança que os tornavam alvo direto da polícia desde o final do XIX. Em sua grande maioria os locais mais vigiados acabavam sendo os bairros pobres, muitos considerados de presença maciça de imigrantes, negros e pobres nacionais. A notícia citada sobre as prisões nos revela em sua grande maioria, por meio dos nomes, que se tratava de muitos imigrantes.

Agressão num botequim

A sopapos – Prisão em flagrante - terrível resistência

No botequim de Jose de tal, á rua Mauá o carroceiro Manoel Antônio de Oliveira sopapeou hontem, ás 5 horas da tarde, o individuo de nome Antonio Augusto de Carvalho. Acudido o rondante da rua, Manoel Antonio resistiu tenazmente á prisão. O dr. Cantinho Filho, primeiro delegado, fel-o recolher ao xadrez do posto policial da rua S. Caetano.¹¹⁹

Pelas pequenas notas reunidas nos jornais, podemos perceber muitas das ocupações que esses sujeitos envolvidos nos delitos tinham. Carroceiros, chauffeurs, condutores em geral, trabalhadores da Light, botequineiros. Essas são as profissões que se repetem nas notícias. Como nos aponta Cruz (1991, p.62), o crescimento da população urbana na cidade tornou-se inquietante e, desde fins do XIX, se encontra nos

¹¹⁸ O Correio Paulistano 05/jan/1910, p. 5

¹¹⁹ Correio Paulistano, 01/fev/1910, p.4.

relatórios de secretários de justiça explicações para a insegurança devido a crescente população flutuante, composta muitas vezes de imigrantes, considerados como vadios e ociosos.

Agressão a sopapos «Palais Elegant» - Queixa a policia – Inquerito sobre o facto

A hespanhola Anna Maria Barcos y Rios, residente á rua Benjamin Constant, 35, foi hontem, á noite, esbofetada por Nina Paulera, proprietária de uma casa de tolerância, que, com a designação «Palais Elegant», funciona á rua Conselheiro Chrispiniano, contiguo ao «Club Kosmos».

Anna Maria é empregada de Lina de tal, pensionista da agressora.

Sobre o facto foi aberto inquérito, tendo sido a victima examinada na Repartição Central de Policia¹²⁰

Entre patrão e empregado no interior de uma fábrica - agressão e ferimento prisão em flagrante inquérito sobre o fato - Ás 9 horas da manhã de ontem na fábrica de cerveja Germania a rua dos Italianos n.26, Henrique Reichert um dos sócios do estabelecimento agrediu o empregado Carlos Spierling, produzindo-lhe forte contusão na cabeça. Do inquérito policial que abriu relativamente o fato o dr Ascânio Cerqueira, terceiro delegado, apurou-se que momentos antes da agressão, Reichert por mandara o referido empregado a sessão de pasterização quatro garrafas de suco de cevada. O empregado demorou-se demasiadamente, pelo que o patrão lhe foi ao encalço. Chegado á sessão de pasterização, Spierling não consentiu a entrada de Reichert, fechando-lhe a porta violentamente. Reichert irritado com a estranha attitude de Spierling, arremessou-lhe uma garrafa á cabeça produzindo-lhe um ferimento na região occipital direita, o agressor foi preso em flagrante e só mais tarde restituído á liberdade mediante fiança provisória.¹²¹

Prisão de um criminoso

A policia do Braz effectuou hontem na rua Visconde de Parnaíba a prisão de Antonio Rocco que está pronunciado por crime de ferimentos graves na pessoa de Domingos Carone, facto esse occorrido dia 13 de novembro último, na rua da Mooca. O dr Alarico Silveira, quinto delegado, mandou recebê-lo a cadeia pública a disposição do doutor Luís Aires juiz da segunda Vara criminal.¹²²

Grande parte das notas de agressões e ofensas corporais se relacionavam com questões de trabalho ou rivalidades pessoais, indivíduos que partilham o mesmo espaço e, por vezes, terminavam o conflito no espaço das ruas. Essas ocorrências eram noticiadas de forma abreviada e agrupadas na mesma seção, marcando a leitura no jornal. O leitor já sabe onde encontrar as notícias dos pequenos furtos, crimes e delitos.

Desordeiros presos

Na occasião em que promovia desordem num botequim da travessa do Quartel, foram hontem presos os turbulentos Epiphanio Gomes, Laurinda de Camargo, Antonio Laurindo e Candida Passos.¹²³

Agressão

Benedito Pedro do Carmo de 18 annos de eddade empregado da fábrica Antártica a avenida Bavária e morador a rua Silva Teles, 37 foi hontem cerca das 11horas da noite aggredido à porta daquella fábrica por um companheiro que ele arremessou uma garrafa na cabeça. O arggressor evadiu-se e a victima recebeu socorros na Central. O inquérito sobre facto será hoje aberto no texto policial Braz.

¹²⁴

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Idem, p.4

¹²² Idem.

¹²³ O Correio Paulistano, 20/jun/1910, p.3.

¹²⁴ Correio Paulistano, 14/abr/1912, p.5

Nesse espaço do jornal, nessas pequenas colunas, são noticiados casos de ofensas corporais que sempre acabam resultando em prisões e as vítimas tratadas na central da polícia. Apresentada queixa às autoridades, identificam-se os agressores, às vezes pelo nome ou onde moram. Muitas dessas notícias também trazem, no caso das armas utilizadas, as chamadas armas brancas, canivetes, facas e algumas dessas notas também trazem os episódios dos conflitos com ferimentos graves que, por vezes, terminam em morte.

Agressão a bofetadas

O industrial Alexandre Gregório, estabelecido a rua da Glória, queixou-se ontem ao senhor dr Acácio Nogueira, de que por uma dívida de 62\$000 o negociante Giulio Gradilone, estabelecido a rua 11 de agosto n. 74, o aggrediu a bofetadas. A autoridade mandou submeter a vítima a exame de corpo de delicto e abrir inquérito sobre fato.¹²⁵

Algumas das ações que levavam ao pequeno crime estão relacionadas aos menores que circulam pelas ruas e são narrados pelos jornais. O *Correio Paulistano* traz uma quantidade maior de notícias envolvendo menores de idade e qualificam esses sujeitos enquanto delinquentes e que possuem, muitas vezes, exemplos no meio em que vive.

Os criminosos do futuro

Solução violenta a uma pendencia infantil – Uma creança de dez annos que tenta assassinar outra da mesma idade – Um tiro de revolver

José Francisco é uma criança. Tem apenas dez annos de idade, e reside em companhia de seu pae, o negociante syrio João Francisco, a rua João Theodoro, n.38. Educado na rua, entre a garotada infrene, José Francisco está fadado para grandes cometimentos na escalada criminal. E para proval-o, basta citar o epilogo violento por elle, dado hontem ao anoitecer a uma insignificante desavença que teve com um companheiro de vadiagem pelas ruas.

José Francisco tendo metido forças a dias com o pequeno Elias Abrahão, da mesma idade, subjulgou-o num instante, maltratando-o a valer. Ferido na cabeça e no amor próprio, Elias Abrahão, dissera a amigos communs, mas simplesmente por dizer, que uma vez restauradas as forças da mal succedida refrega, tiraria um desforço em regra do seu adversário. Foi o bastante. José Francisco vindo a saber das promessas de Elias Abrahão, procurou-o hontem a noite, armado de um enorme revolver. Encontrando-o esticou a dextra, cerrou as pálpebras e de rosto virado, puxou o gatilho. A bala partiu zunindo, e elle também a correr desesperadamente. Elias Abrahão não foi atingido, mas raspou um susto, que lhe fez perder o feitio e a bala. O aggressor foi preso quando perseguido pelo clamor publico e transportado á presença do dr. Cantinho Filho, 1º delegado, no posto policial da rua S. Caetano.¹²⁶

A construção da indisciplina e da violência relacionadas à criminalidade com um problema social é um traço nas narrativas do *Correio Paulistano*, que se apoia igualmente na influência do “meio” em que se vive. Nessa narrativa, o jornal aponta uma criança ‘criada na rua, que vive penas com o pai’. Em suas entrelinhas, a narrativa traz a precariedade que a falta da estrutura familiar faz, já que o garoto não tem mãe e, portanto, não há controle sobre sua educação, tarefa essa reservada às mulheres sobretudo. Dessa forma, o garoto José não tem limites, cresce sem orientações e estaria então ‘fadado a vida do crime’.

¹²⁵ Correio Paulistano, 19/maio/1915, p. 4.

¹²⁶ Correio Paulitano, 22/dez/1909, p.5

Repressão á vadiagem

No posto policial do Braz estão actualmente em andamento 33 processos contra indivíduos desocupados. De 23 de dezembro do anno findo até hontem, o dr. Alarico Silveira, quinto delegado, effectuou a prisão de 80 desocupados, dos quaes 22 forma postos em liberdade.¹²⁷

Era 08 de março de 1910 e o *Correio Paulistano* escrevia sobre uma briga entre menores que terminou em violência,

Precocidade no crime

Scena de sangue entre menores – Na Rua Emilia – Duas canivetadas – Ferimentos graves

A's 6 horas da tarde de hontem o menor Antonio, de 13 annos de idade filho de Affonso Vivolo, morador á rua Emília n.148, assistia nas proximidades da sua casa a chegada de um cortejo nupcial. Um outro menor, o pequeno Raul, de 14 annos, residente á rua João Theodoro n.201, e que estava, para o mesmo fim naquelas proximidades, propoz a Antonio um brinquedo de péga-pega.

Antonio recusou-se, Raul insistiu e, como ainda dessa vez tivesse resposta negativa, sacou de um canivete e desferiu dois golpes em Antonio, fugindo em seguida para a residência de seus paes.

O agredido foi transportado pelo guarda rondante ao posto policial da rua de São Caetano, de onde o fizeram remover para a Policia Central, depois de ter prestado declarações.

Examinado pelo médico legista dr. Honorio Libero, Antonio Vivolo apresentava dois profundos ferimentos, um na parte media do hypocondrio e outro na região infra escapular direita. Ambos os ferimentos, que foram considerados graves, produziram abundante hemorragia. Sobre o facto foi aberto respectivo inquerito pelo dr. Cantinho Filho, primeiro delegado.¹²⁸

Menor que promete

Furto de 100\$ - pequeno ratoneiro é encontrado pela polícia

O capitão Joaquim Antão Fernandes, inspetor da banda de música da Força Pública, tinha ultimamente seu serviço como criado, um pequeno de 11 anos de eddade, de nome Ramom Martinez. Hontem pela manhã, enquanto dormia o pequeno subtraiu-lhe dos bolsos, uma nota de 100\$ e desapareceu da casa. Comunicado o fato à polícia foram destacados agentes no encalço do pequeno ratoneiro, que foi encontrado finalmente. Do seu poder a polícia apreendeu ainda 61\$200, resto de várias compras por elle efectuada de botinas, chapéu, gravatas, lenços e gulodices.¹²⁹

Em ambas narrativas acima, o *Correio Paulistano* relaciona os delitos cometidos pelos menores a atos criminosos. O primeiro envolvendo atitude violenta não traz maiores detalhes sobre a ação do menor, apenas o ato foi cometido e o que se depreende pela nota foram por motivos ‘fúteis’, uma ‘banalidade’. Na segunda narrativa, relacionada ao roubo, o jornal detalha elementos, supostamente contados pela vítima, que a polícia perseguiu o garoto e comparou-o a um ladrão. Apesar do título da notícia indicar a ação de delito, ela termina esclarecendo a ideia do furto para consumo. O garoto adquiriu pela compra, objetos de uso pessoal roupas, sapato e doces, mas ainda restava sobras do dinheiro, o que levantamos como uma hipótese, que o furto era a estratégia, em alguns casos, que permitia a concretização do consumo.

Não apenas informando, o jornal induz e constrói no leitor uma ideia sobre os menores, associando-os à criminalidade. Encontramos juntamente às notícias de agressões, furtos e desordens, um contingente de menores, em sua maioria meninos, que estão nas páginas dos jornais, nessas notas particularizadas, e que, aos olhos do periódico, são menores infratores, considerados vadios e delinquentes.

¹²⁷ Correio Paulistano, 12/jan/1910, p.4

¹²⁸ Correio Paulistano, 08/maio/1910, p.4

¹²⁹ Correio Paulistano, 08/out/1915, p.7

A grosso modo, os jornais tratam de forma depreciativa esses menores, a fim de caracterizá-los como sujeitos socialmente marginalizados. Nosso objetivo aqui não se traduz em fazer uma análise pormenorizada sobre menores nos jornais, mas as notícias sobre eles compõem a temática que envolve o crime, pois havia uma preocupação com esses sujeitos que perambulavam pelas ruas cometendo delitos.

Além de noticiar os agressores e as desordens, briga de cocheiros e empregados dos transportes, a polícia também é chamada a intervir quando muitos sujeitos se queixam de roubos e furtos, dos desacatos, injúrias e provocações dos chamados ‘desordeiros’. Observamos que à medida que os anos se seguem, as notícias de envolvendo agressões, furtos, desordens perdem espaço tanto no *Correio* quanto na *A Gazeta*. Ambos jornais ainda publicizam essas temáticas, mas elas declinam em quantidade, sendo o período de maior manifestação de 1910 a 1915. Quando aparecem, carregam as mesmas características, exaltação do delito e títulos chamativos.

Inquilino de maus bofes

Não pagou o aluguel e quis assassinar o proprietário

O constructor de obras Antonio Nappi, de 23 annos de idade, residente á rua João Theodoro n.109, aluga um prédio da rua Madeira, de sua propriedade, a José de Oliveira Pinto, que lhe deu como fiador José Vieira, residente á rua Itariri.

Tendo-se atrazado o inquilino ao pagamento de trez mezes de aluguel, o proprietário, recorreu ao fiador; e, hontem, ás 17 horas aproximadamente, foram estes dois a casa de Antonio Nappi para liquidar a pendencia. Sucitando-se entre os três violenta disputa, José de Oliveira agrediu o proprietário desfechando-lhe um rito de revolver. O projectil atingiu a orbita direita de Antonio Nappi, produzindo-lhe um ferimento grave. Foi preso em flagrante o criminoso, sendo a victima socorrida pela Assistência e internada no hospital de Misericordia.¹³⁰

Colegas de trabalho, amigos e entre familiares, as ocorrências de delitos que terminavam em crimes eram comuns nos jornais e envolviam as mais variadas situações. As notícias que saíam nos jornais buscavam demonstrar vários elementos sobre os sujeitos, seja a gratuidade da agressão, a violência do indivíduo diante de um ato banal (muitas vezes, os jornais trazem expresso “por motivos frívolos”), ou o mau caráter de quem pratica, frisando a condenação de quem praticava.

Em meio a muitas notícias da guerra, *A Gazeta* trazia em 6 de setembro de 1915 ao final da primeira página, com o título “Navalhadas – Dois portugueses ‘amigos’ engalfinharam-se numa venda”. O jornal apresenta os protagonistas, um deles proprietário de uma venda que situava-se na Celso Garcia, região bastante movimentada na cidade. Ernani Silva Bruno (1954, p.1344), ao descrever a região e suas proximidades, comenta que neste local o comércio e as fábricas cresciam no início do XX, possuindo muitos casarões, a área recebia imigrantes, italianos e portugueses, espaço com muitos operários. A notícia traz a informação de que o português Antônio Bacalhau se desentendeu com um patrício seu, o jardineiro José Francisco, e o motivo era uma questão fútil, segundo o jornal. Antônio é descrito como um sujeito ‘de maus bofes’ e logo sacou de uma navalha agredindo o jardineiro. A nota traz ainda que o delegado, Rudge Ramos,

¹³⁰ A Gazeta, 03/fev/1914, p.8

instaurou inquérito e forneceu a vítima uma guia para ser medicada na assistência da polícia quanto ao agressor nada se soube.

Na mesma edição do jornal, na página 8, intitulada as Últimas, a *Gazeta* traz mais destacadamente uma notícia de violência entre conhecidos, que terminou em crime. Com o título “scena de sangue”, a narrativa conta a defesa de uma italiana que agrediu um cunhado. A notícia apresenta a fonte destacada em negrito em suas linhas finas. Informa o leitor de que uma mulher, italiana, agiu em legítima defesa.

SCENA DE SANGUE

Em legitima defesa, uma italiana agrediu brutalmente o cunhado com uma barra de ferro

Deu-se hoje ás primeiras horas da manhã, uma horrível scena de sangue no prédio 78 da rua Progresso. Uma italiana, num acesso de fúria de cólera, agrediu seu cunhado com uma barra de ferro. [...] Rudge Ramos, delegado [...] pelo depoimento de testemunhas e pela declaração da agressora, que foi presa em flagrante, a nossa reportagem conseguiu obter: na rua Progresso reside o italiano Roque Francinelli e sua mulher Thereza Cirillo e quatro filhos [...] Recentemente chegado da Itália foi morar na mesma casa o irmão de Roque, o operário Vincenzo, solteiro [...] operário só em nome, [...] na realidade um vadio para quem o trabalho causa repugnância. [...] tendo cama e mesa de graça, sua vida era gozar de “dolce far niente” que a bondade do irmão e da cunhada lhe facultava. [...] Roque, entre todas as desinteligências entre a mulher e o irmão, tomava partido deste [...] uma inimizade profunda cavou-se entre os cunhados [...] As 6 horas, Roque saído para o serviço [...] Thereza, deitada amamentava o filho menor, quando lhe appareceu no quarto o cunhado armado de faca. [...] Vincenzo aproximou-se e [...] Thereza desferiu-lhe golpes na cabeça [...] o ofendido foi levado para a Santa Casa. Thereza prestou declarações [...] foi transferida ao xadrez da Central para um dos cárceres do posto policial do Braz.¹³¹

A diferença que encontramos entre as notas de crimes decorrentes das agressões e desentendimentos entre os jornais *Correio e Gazeta* é a forma da narrativa. Embora o *Correio* traga em suas linhas elementos que desqualifique os sujeitos agressores ou mesmo ressalte a violência que se utilizam, é na *Gazeta* que tanto o anúncio da notícia quanto seu conteúdo são mais explícitos. Na notícia envolvendo os italianos, o jornal destaca a vadiagem de Vincenzo que não gosta do trabalho e explora as boas atitudes do irmão e de Thereza. Para justificar o ato, a narrativa coloca um ‘ato de fúria’ de Thereza e não a exploração do cunhado. Em grande parte das agressões narradas pelos jornais, as armas utilizadas são de uso cotidiano, como facas, canivetes, punhais, entre outros, o que nos denota ações imprevisíveis, embora não nos caiba essa análise aqui. Não raro, encontramos muitas notícias sobre as agressões contra mulheres descritas nos jornais, algumas vezes, como esta, em legítima defesa. O jornal colocou nos dias subsequentes a morte de Vincenzo, nota narrada sob o título “Legítima defesa”, publicada no dia 10.

Encontramos nas notícias veiculadas tanto pela *Gazeta* quanto *Correio* uma proximidade entre os sujeitos envolvidos nas agressões e delitos.

Desavenças e Agressões

Por ciúme de profissão, desavieram-se hontem, ás 10 horas, no mercado da rua Vinte e Cinco de Março, os verdureiros Avelino Neves, portuguez, residente á rua João Antonio de Oliveira n.69, e

¹³¹ Idem.

Abrahão Miguel, syrio morador á rua Vinte e Cinco de Março n.49. Os contendores foram presos e recolhidos ao xadrez da Policia Central. Ambos estavam ligeiramente feridos.¹³²

Conseguimos aferir por meio dos próprios jornais, que informavam o leitor sobre dados referentes aos casos. “Entre irmãos”, “Pai violento”, “Empregado infiel”, “Patrão desonesto”, “Por ciúme do trabalho”, “Entre carroceiros”, e tantos outros títulos que nos informam um pouco sobre profissões e relacionamentos, aos olhos dos periódicos.

2.3 Crimes que normatizam a vida pública: Vadiagem e Alcoolismo

Os temas da vadiagem e do alcoolismo estão presentes nos jornais aqui trabalhados de maneira distintas. Em o *Correio Paulistano*, as narrativas sobre esses delitos são mais recorrentes e os encontramos quase que diariamente nas páginas do periódico. Sob vários títulos, “repressão à vadiagem”, “prisão de um ébrio”, “vadiagem”, “problemas do alcoolismo”, elas se apresentam ao leitor. Essas notas não estão isoladas e situam-se pelas páginas 4 e 5 na seção conhecida dos Fatos Diversos, coluna em que são narrados os acontecimentos cotidianos na cidade.

Repressão à vadiagem

O dr Cantinho Filho, primeiro delegado, remeterá amanhã ao juízo criminal, o processo instaurado, de acordo com o artigo 390 do código penal, contra o desocupado João Batista de Mello. Na audiência de hontem o dr Euclides Silva, segundo delegado foram iniciados os processos de accordo com o artigo 400 do código contra o vadio reincidente Augusto Paganini e de acordo com o artigo 399 contra Carlos Stiano e Benedito Alves¹³³

Prisão de um desocupado

no porão de um prédio - processo de acordo com o artigo 400 do código penal

No porão do prédio n. repita por 48 da rua Sebastião Pereira foi encontrado occulto ontem à noite o indivíduo de nome Nilo Silva. Conduzido ao posto policial da Consolação, o doutor Alarico Silveira, quarto delegado interino, verificou que esse indivíduo já foi processado em 8 outubro de 1907, por vadio, tendo assinado o respectivo termo de tomar ocupação. A autoridade vai processal-o como reincidente de acordo com o art. 400.¹³⁴

Falso mendigo

Por andar esmolando, sem ter defeito físico de espécie alguma, foi preso na tarde de hontem na rua barão de Itapetininga o indivíduo de nome José Antônio do Nascimento. Em seu poder foram encontrados vários objetos cuja procedência não soube explicar¹³⁵

A preocupação das autoridades em relação ao problema da chamada vadiagem ou ociosidade se apresentava desde o fim do XIX, em relação à conjuntura econômica e social da época e também em relação às atitudes que pudessem colocar em xeque a imagem da cidade “moderna e civilizada” que se buscava construir naquele momento. Os chamados “comportamentos desviantes”, como mendicância, vadiagem,

¹³² Correio Paulistano, 11/dez/1915, p.7

¹³³ Correio Paulistano 24/abr/1910, p.4

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Idem.

prostituição e embriaguez, eram os maiores alvos. Dessa forma, controlar as ruas e seus ocupantes nos revela uma tentativa dessa idealização de cidade, bem como conflitos que pudessem surgir entre os policiais e policiados. Os jornais aqui trabalhados também mostravam tal preocupação de forma subentendida, como podemos observar nas pequenas notas criminais que ganhavam as páginas destes periódicos.

Em 1907, o *Correio* publicava na página 2 a opinião de Brasília Machado, promotor público e advogado, sobre a vadiagem,

Por nosso direito são considerados vagabundos os indivíduos que, sem domicilio certo, não tem habitualmente profissão, officio, nem renda, nem meio conhecido de subsistência. E é assim que o Código Penal, art. 399, pune como vadios [...] Mas, além disso, ainda se equiparam aos vadios e sujeitos a penas contravencionaes os indivíduos que, embora tenham domicilio que provejam a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestando ofensa da moral e dos bons costumes. [...] É o caso do art 399 de nosso código que se inspirou no código penal francez, art. 270 [...] Si os meios de subsistência são tirados de uma ocupação proibida por lei, pouco importa, para a figura de contravenção, se o individuo tenha ou não domicilio certo. É o meu parecer. Brasílio Machado.¹³⁶

O tema da vadiagem se apresenta recorrente em análises sobre cidade, polícia e trabalho e está presente nos jornais.¹³⁷ Prender sujeitos “vadios” no período do final do Império e na Primeira República era comum e essa categoria, juntamente com ébrios, prostitutas, mendigos e desordeiros, estava ligada aos crimes de contravenção, que transgrediam o estabelecido por lei. Muito comum encontrar vadiagem e alcoolismo relacionados nas mesmas notas criminais veiculadas pelo jornal. O alcoolismo, como prática condenável, naquele momento visto enquanto desestruturante, não apenas para a vida regrada no trabalho, mas na família, na convivência e sobretudo no espaço público.

Jogo e Alcool

Briga num botequim – Um golpe de compasso – Reação imediata – Prisão em flagrante
Num botequim da rua Piratininga jogavam “ter-sette” hontem ao anoitecer vários indivíduos entre os quaes Vincenzo Baccaro e Luiz Theodosio. Como o jogo fosse regado fartamente a vinho, não tardou, haver uma desintelligencia entre esses parceiros. Baccaro, armado de um compasso investiu em Theodosio, desferindo-lhe um golpe. Theodosio reagiu dando-lhe cacetadas. Ao trilha do apito de socorro, ambos deitaram a correr, sendo presos na rua Visconde de Parnahyba. Tomou conhecimento do facto o dr. Euclides Silva, segundo delegado, que mandou submeter os contendores a exame de delicto.¹³⁸

¹³⁶ Correio Paulistano, 09/ago/1907, p.2

¹³⁷ Sobre o estudo de mulheres reincidentes presas e processadas por vadiagem no início da República no Rio de Janeiro, ver Leriche de Castro Garzoni, “Vagabundas e conhecidas: novos olhares sobre a polícia republicana”, dissertação de mestrado UNICAMP; a respeito da vadiagem e reformas urbanas em Recife, consultar “A Cruzada modernizante e os infieis no Recife: 1922-1926: higienismo, vadiagem e repressão policial”, de Gustavo Acioli Lopes, dissertação de mestrado UFPE; sobre o tema da vadiagem em Curitiba, ver Erivan Cassiano Karvat, “Discursos e práticas de controle: falas e olhares sobre a mendicidade e a vadiagem”, Curitiba, Dissertação de mestrado UFPR, 1996; já sobre o controle dos pobres e a legislação consultar Eduardo Martins, “Os pobres e os termos de bem viver no Império do Brasil”, dissertação de mestrado, UNESP-Assis, 2003; Luciane do Canto Rosa, “Entre o trabalho e a transgressão: Negros, Mulheres e Mal Afamados na cidade do Rio Grande (1897-1910)”, Dissertação de Mestrado PUC/SP, 2000; Remisia Cristina Garcia, “Honra, sobrevivência e valentia: trabalhadores e populações pobres uberlandenses envolvidos no processo criminais.”, Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1997; Gislande Campos Azevedo, “De Sebastianas e Gionanis: o universo do menor nos processos de órfãos da cidade de São Paulo. (1817-1917).”, Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1995.

¹³⁸ Correio Paulistano, 14/maio/1910, p.4

Os jornais aqui analisados discorriam sobre a vadiagem de forma diluída em suas páginas. São essas pequenas notas diárias que compõem junto com outros temas relacionados aos delitos, o que denominamos aqui de crônica policial. Em 23 de fevereiro de 1913, o *Correio* publicava em sua página 3, entre a Crônica Esportiva e Social, um artigo intitulado “Lucta contra o alcoolismo”, em que o presidente da Associação de Medicina de São Paulo, Nicolau de Moraes e Barros, dirigiu a Altino Arantes, secretário do Interior.

Observando tal artigo nesse jornal, induzimos que a postura política de publicá-lo para o público leitor demonstra o posicionamento e o apoio que o periódico indicava às autoridades e, seu posicionamento sobre o tema.

[...] “Tenho a honra de informar a v. exc. que a Sociedade de Medicina de S. Paulo, tomando conhecimento de um trabalho, sob o titulo “Como devemos luctar contra o alcoolismo” aprovou [...] por unanimidade as conclusões:

1º Augmentar o imposto sobre o álcool não só de procedência estrangeira como nacional;

2º Rectificação obrigatória do álcool de consumo em laboratórios espeiaes;

3º Proibição da venda de bebidas alcoolicas aos dominfos e feriados;

4º Creação de pennas para os alcoolistas reincidentes, desde a perda dos direitos de voto até a prisão com trabalho;

5º Fundação de sociedades de Temperança;

6º Educação preventiva do alcoolismo nas escolas e nas fábricas;

7º Representar ao Congresso Nacional que suprima do Código a circunstancia atenuante de criminalidade, constituída pelo estado de embriaguez dos deliquentes”.

O presidente, dr. Nicolau Moraes de Barros¹³⁹

A publicação traz a fala de um médico, representante de uma associação de prestígio na cidade, em encontro com uma autoridade. O discurso médico em combate ao vício do alcoolismo era bastante debatido no início do XX. Muitas notícias divulgadas nos jornais encampando o combate ao vício do álcool demonstravam uma preocupação com a higienização social e com os grupos relacionados a ela. Essas campanhas para o público, em forma de artigos, entendemos ser relacionadas às teorias higienistas e, portanto, traziam juntamente a vigilância dos locais onde as práticas ilícitas ocorriam, como botequins, cortiços, casas de tolerância, noticiados pelos jornais.

A forma narrada pelo *Correio Paulistano* demonstra como o jornal entendia a vadiagem, e como produzia uma imagem dos sujeitos a ele relacionados. Utilizando-se estrategicamente de um vocabulário específico, o jornal publicava essa narrativa e induzia o leitor a um juízo de valor. Em 28 de junho de 1910, ao final da página 3 do *Correio*, noticiava um posicionamento a respeito do tema na cidade.

A vadiagem do sul da Sé

Inspecção da autoridade – Busca proveitosa – Gatunos presos

O sr. Euclides Silva, segundo delegado, no intuito de expurgar a sua circunscrição dos elementos máus, tem procedido a inspecção nos botequins e outras casas, onde costumavam reunir-se os desocupados. Vários agentes estão incumbidos do serviço de ronda pelos bairros mais longínquos da circunscrição, tendo sido presos vários gatunos e vadios, procedentes na maioria da estrada de ferro Noroeste do Brasil. Ainda hontem, ás 4 horas da madrugada foram presos na rua do Theatro

¹³⁹ Correio Paulstano, 23/fev/1913, p. 3

dois indivíduos que transportavam cadeiras de palhinha cuja procedência não souberam explicar. Conduzidos para o posto Policial do sul da Sé, os indivíduos declararam chamar-se Antonio de Oliveira e Antonio de Camargo. A autoridade vae processal-os.¹⁴⁰

Ao narrar o fato, o jornal aponta para o êxito da polícia quando diz que a busca foi proveitosa e vários sujeitos foram presos. O vocabulário utilizado denota forte posição do periódico em classificar os sujeitos como maus elementos e que precisam ser combatidos para ‘limpar’ da cidade. A notícia indica que esses ‘maus elementos’ vêm de fora pela estrada de ferro noroeste, numa alusão de que são provavelmente migrantes por se tratar de uma via de ligação da capital com outras regiões. A nota também valoriza a ronda policial e sua importância pelas ruas da cidade. Na mesma página, em meio às inúmeras pequenas informações que compõem os fatos diversos, junta-se a essa notícia, mais uma atuação da polícia no combate à vadiagem,

Desordeiros presos

Durante o dia de hontem, foram presos quando promoviam desordens em ruas do districto do Sul da Sé, os turbulentos MiguelHernando Garcia, Antonio Croccilo Zaccaria, José Guebende, Juvenal Daniel, Mariano Natale e Antonio Pessina.¹⁴¹

Repressão á vadiagem

Ao juizo criminal o dr. Franklin Piza, quinto delegado, remeteu hontem os processos contra os desocupados Pedro Paulo, Jacob Fiaschi, Wenceslau Ingere, Antonio de Oliveira incursos no Art. 399 do Código Penal.¹⁴²

Essa repetição diária nas páginas do jornal, no local específico e reservado a essas notas, favorece e direciona o leitor para o assunto. Esse recurso da recorrência é percebido por nós enquanto uma forma relacionada ao projeto do jornal que identifica seus valores e concepções.

Compõem outras notas dessa página para formar o cenário relacionado a atuação da polícia e do poder público, as pequenas notas de “Reo pronunciado”, “Remessa de inquéritos”, “Inspeção a delegacias”, “Polícia Central”, “Polícia da Consolação”, “O destaque da Delegacia”, “Guarda Nacional”. A imprensa registra as atuações e vivências de inúmeros sujeitos de formas diferentes. Essas narrativas eram uma maneira também de construção do imaginário popular sobre o policial. Além de traçar um perfil do criminosos, veiculava por meio das notícias uma imagem da polícia.

Associado ao conceito de vadio, os sujeitos apresentados nas narrativas carregam outros traços indicados pelo jornal e que contribuem para formar uma suspeita em relação aos indivíduos. Além de vadio, o jornal elenca os sujeitos como turbulentos, meliantes, ociosos, ladrões, uma série de adjetivações que buscam justificar a ação da polícia e o quanto ela era necessária para conter tais atitudes indesejáveis.

¹⁴⁰ Correio Paulistano, 28/jun/1910, p.4

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

Resistência à prisão

No largo do Thesouro foram presos ontem pelas 13 horas, os desocupados e ladrões Francisco de Paula e Antonio Alves. Os dois meliantes oppuzeram tenaz resistência á prisão, provocando grande escândalo. Francisco de Paula, tentou fazer uso de um revolver, sendo-lhe arrebatada a arma pela policia. Antonio Alves acabou de cumprir pena de três mezes de prisão por vadiagem, tendo assignado termo de tomas occupação.¹⁴³

A cidade de São Paulo na primeira década do XX já apresentava uma transformação urbana intensa e que continuava atraindo pessoas de várias regiões, trabalhadores pobres em busca de novas oportunidades, como pudemos observar em algumas notícias, e também imigrantes. Isso gerou um crescimento demográfico, sobretudo, em algumas regiões da cidade, bairros da Sé, Santa Ifigênia, Consolação e Brás, que eram ocupados por sujeitos que ali foram presos por andarem em “vadiagem e embriaguez”. Esses bairros de São Paulo tinham em comum características que atraíam a população mais humilde. Eram bairros cujas habitações eram bem mais baratas, principalmente, Brás e Santa Efigênia. A maioria nasceu como chácaras e aos poucos foram se tornando verdadeiros bairros populosos, do intenso comércio e da pequena indústria. Eram esses os locais mais policiados onde as rondas aconteciam com maior frequência e eram estes distritos que muitos policiais frequentavam e moravam. Várias destas regiões atraíam homens e mulheres em busca de sobrevivência, de pequenas ocupações, trabalho temporário e, por que não dizer, de diversão. Nos dizeres de Ernani Silva Bruno (1991, p.1131)

O próprio comércio de ambulantes se enriqueceu desde logo de várias modalidades: ao lado das velhas quitadeiras de tabuleiros, apareceram vendedores de jornais, frutas, peixes e engraxates e muitos imigrantes vendedores de jornais. Proliferaram os quiosques, nas proximidades das estações, das pontes, dos mercados, vendendo de tudo. Esse crescimento respondia sem dúvida ao desenvolvimento da população urbana. (SILVA, 1991, p.1131)

A questão da vadiagem é algo muito abstrata para ser detectado. Como detectar um flagrante de vadiagem? Como caracterizar um sujeito em “ociosidade”? Os rondantes que policiavam as ruas, estavam em contato direto com essa população, o argumento da vadiagem muitas vezes se dava pois os sujeitos considerados vadios eram conhecidos da polícia. Na grande maioria, por frequentarem os mesmos locais e os rondantes policiarem as mesmas regiões havia, por vezes, essa identificação. Nos processos de termos de bem viver, é possível observar essa relação. Encontramos também notícias que revelam as contradições em relação à vadiagem.

Em 20 de fevereiro de 1910, o *Correio* trazia na sua página 4 um título inusitado sobre a vadiagem, “Excesso de prisão”, em que narrava que, por ordem do juiz Adolpho Melo, foi solicitado um habeas-corpus para o sujeito Manuel Francisco. Segundo a notícia, não seria porque o indivíduo não era vadio, mas porque já havia cumprido pena de 22 dias na cadeia pública. Desse modo, o juiz solicitava ao diretor da cadeia maiores informações sobre o julgamento, uma vez que esse sujeito já havia cumprido a pena.

¹⁴³ Correio Paulistano, 22/jan/1914, p.5

A vadiagem

Eis a sentença proferida pelo juiz dr. Vicente de Carvalho, no processo intentado pela polícia de S. Caetano contra Carlos Mundo, como contraventor do art. 399 do Código Penal (vadiagem). “Visto, etc. O presente processo, movido contra Carlos Mundo, foi feito á reveli do réo; dele não consta a idade do mesmo, base indispensável a uma ordem noção em qualquer dos casos do Art. 399. Pelo que, considero insubsistente a acusação, para annullar, como annullo, o processado. Custas pela municipalidade.

Helvecio Brandão, de 17 annos de idade, brasileiro foi processado pelo primeiro delegado auxiliar como incurso na pena do art. 399, por haver abandonado a casa paterna e entregar-se á vadiagem. Depois de preparado o processo o juiz exarou a seguinte sentença:

“Declino da competência para proferir sentença no presente processo por vadiagem [...] consta que o acusado é filho de Carlos Brandão e empregado em gabinete dentário em Ribeirão Preto. Da prova documental se deduz que a residência paterna é na mesma localidade. Os depoimentos positivam ainda ser inteiramente acidental a presença do menor nesta capital. [...] Baixem portanto, os autos do júizo de onde vieram.”¹⁴⁴

As notícias também traziam informações de algumas prisões por vadiagem, que foram anuladas, pois contatava-se que o indivíduo possuía habitação fixa. Elementos que nos mostram, ao mesmo tempo, as contrariedades do tal delito, as dificuldades que a própria polícia rondante tinha ao determinar um flagrante de vadiagem ou uma atitude de ociosidade. As notícias nos jornais sobre o crime de vadiagem são mais curtas, objetivas e diretas. Dizem respeito às prisões e se apóiam no código penal. O jornal *Gazeta* traz pequenas notas sobre a vadiagem e estas se relacionam mais às prisões. Já o *Correio Paulistano* traz por vezes duas ou três pequenas notas de repressão aos vadios, numa mesma página, quase cotidianamente. Essa postura se relaciona mais com os informes de prisões, em que o jornal passa o ‘alerta’ sobre os sujeitos que foram soltos, indivíduos que são reincidentes. Indicam as regiões de maiores rondas policiais em que se encontram os vadios, como uma forma de buscar tornar público os locais de maior incidência desse crime.

As notícias nos jornais, por serem muitas vezes um relato da própria polícia, carregam as falas das autoridades, embora padronizadas e repetitivas, percebemos que a vadiagem vem acompanhada de outros elementos que reforçam a conduta considerada imprópria, como a embriaguez, a ociosidade, a desordem e a prostituição. O jornal utiliza-se de seu espaço também para veicular aspectos que se relacionam à polícia, numa busca de sua valorização.

Em 16 de junho de 1913, o *Correio Paulistano* trazia em destaque nos “Factos Diversos”, uma notícia referente à Polícia Científica. O jornal vinha fazendo propaganda de que chegaria à cidade o professor R. Reiss, membro da universidade de Lausanne, homem conhecido por organizar o serviço da polícia em várias capitais europeias. O jornal também enfatiza que o professor tem livros referentes à pesquisas sobre a polícia científica, fotografia judiciária e falsificações. Com tais palavras, o jornal busca valorizar e dar crédito aos estudos científicos que combatiam a criminalidade no mundo e que poderiam servir de bons exemplos,

¹⁴⁴ *Correio Paulistano*, 20/fev/1910, p.5

[...] Como se sabe, o dr. Reiss vem instalar os mais modernos aparelhos para as diferentes dependências do nosso Gabinete de Investigações. Não é tudo porém. Sua exe. fará um curso de policia scientifica e uma série de conferências illustradas com projecções luminosas, que se realizarão no salão de Jardim de Infância, da Escola Normal. O dr. R. A. Reiss traz consigo dois auxiliares, seus discípulos da Universidade de Lauzanne. Amanhã publicaremos o programa do curso que o distincto professor fará em S. Paulo, publicação que não podemos effectuar hoje em virtude de terem chegado de madrugada ao nosso poder os respectivos originaes.¹⁴⁵

Argumentando sobre os sujeitos considerados “vagabundos”, “bêbados e desordeiros”, temos a relação com quase sempre com o alcoolismo. Para a polícia, caracterizar um sujeito em vadiagem era perceber sinais de que ele não estava trabalhando, porque se dedicava ao “uso habitual da bebida”. Ficar vagando pelas ruas e becos ou caído ao chão, era um sinal claro de que o sujeito se associava a vagabundagem, ao jogo e ao ócio, assim como aos pequenos delitos e a gatunagem.¹⁴⁶

Normalmente, nas notícias mais extensas sobre a vadiagem, encontramos os sujeitos envolvidos também, segundo o jornal, em pequenos roubos. Portanto, a vadiagem, colocada como oposição ao trabalho, relaciona-se aqui com outro delito, o do roubo,

Ladrões surpreendidos

Nas officinas da Casa Vanorden – dois consumados amigos do alheio – Prisão flagrante

Pelas primeiras horas de hontem, a policia reconheceu comunicação de que os empregados da Casa Vanorden, a rua do Rosário, n.11, secção do primeiro andar, haviam surpreendido dois homens que conseguiram penetrar no prédio com a intenção de roubar. [...] a autoridade se dirigiu para o local [...] Manuel Augusto dos Santos foi processado três vezes por vadiagem, em 7 de abril de 1916, 16 de outubro do mesmo anno e 21 de novembro do mesmo anno. Belisario Cavalcante tem dado mais vistas á cadeia. Em 28 de abril de 1915 foi processado por vadiagem, depois o expertalhão estava as voltas da cadeia pelo artigo 330, roubo. Foi condenado á prisão e saiu em julho de 1916. Um mês depois, agosto de 1916 foi condenado por vadiagem e o mesmo em 17 de novembro. Revistados pelas autoridades foram encontrados em poder de Belisario 4 caixas de lápis, 5 gazuas grandes e 4 pequenas e com Manuel, um formão, martelos, uma faca e punhal. Sobre o facto foi aberto inquérito.¹⁴⁷

Percebe-se na narrativa do jornal uma concepção de que, determinados territórios eram constituídos pelas chamadas “classes perigosas”, e sob desconfiança, tornavam-se alvo direto da polícia. Isso decorria desde o final do XIX. Em sua grande maioria, os locais mais vigiados acabavam sendo os bairros pobres. Em suas páginas diariamente, tanto o *Correio Paulistano* quanto *A Gazeta* veiculavam dados estatísticos sobre apreensões de sujeitos infratores, presos na capital e também no interior e, a partir disso, construíam e publicizavam um discurso da ordem na cidade e seus valores acerca dos sujeitos. Ele não vinha simplesmente da redação do jornal, mas justificado por decretos, leis e relatórios oficiais. Chefes de polícia, delegados, inspetores, contribuiriam para a fala da imprensa.

¹⁴⁵ Correio Paulistano, 26/jun/1913, p.5

¹⁴⁶ DINIZ, Mônica. *Op.cit.* p.16.

¹⁴⁷ Correio Paulistano, 16/fev/1917, p.5

A vadiagem

O juiz dr. Gastão Mesquita condenou hoje a 22 dias e 12 horas de prisão o individuo Joaquim Alves de Carvalho, de nacionalidade brasileira, com 24 annos de idade, que foi processado pelo policia do Braz como vadio.¹⁴⁸

De maneira um pouco diferente, o vespertino *A Gazeta* também trazia notas sobre a vadiagem e sua relação com o alcoolismo, porém, estas eram mais objetivas. Seguindo a linha do jornal, que veiculava de maneira mais sensacionalista suas notícias, este periódico creditava mais importância aos crimes hediondos. Nem por isso deixava de noticiar o combate aos vadios e aos ébrios. Quando a notícia tratava do tema do alcoolismo, vinha acompanhada com um crime cometido pelo ébrio, no intuito de relacionar a consequência do vício,

Ciume e álcool

Um tiro de revolver

Antônio Dias Dorival, residente á rua Capitão Macedo, na Villa Clementino, é amasiado com Benedita de Paula com quem vive em constantes attrictos, por motivo de ciumes. Hontem, de tarde, por volta das 4 horas, tendo regressado a casa embriagado, Dorival empenhou-se em forte discussão com a amásia, desfechando-lhe em seguida um tiro de revolver que atingiu o pescoço. O médico legista Antonio Nacarato, procedeu a extração da bala. O criminoso fugiu.¹⁴⁹

A Gazeta, na sua edição de 11 de setembro de 1914, na seção “Ultimas”, trazia a notícia sobre o tema da álcool relacionado à tentativa de crime,

ALCOOL ASSASSINO

Cynismo revoltante – Muito embriagado, um individuo tentou matar a esposa a tiros de revolver Na sala de jantar de sua residência, á rua do Triunpho n.3, Anna Frederichsen Gayoso de 26 annos de idade, hontem, conversava com sua criada Thereza Veton, quando chegou alcoolizado, seu marido Henrique Gayoso. [...] Anna foi-lhe no encalço, aconselhando-o a mudar de vida, abandonando as más companhias. [...] Irritadissimo com as observações da esposa, depois de insultar sacou o revolver e desfechou contra ella um tiro, que atingiu o baixo ventre [...] A detonação dos tiros e os grito chamaram a atenção dos vizinhos que foram encontrar infeliz banhada em sangue. A policia logo foi informada [...] Devido a gravidade Anna foi removida para o hospital de Misericordia. É gravíssimo seu estado. Henrique, interrogado declarou que examinava o revolver quando ele disparou [...] essa declaração oppõe-se as da vitima e de seu filho, que affirmam ter se dado um delicto e não um acidente. Gayoso foi preso sendo aberto inquérito.¹⁵⁰

Como parte de seu projeto, o vespertino trazia acompanhado a fotografia dos personagens envolvidos no drama familiar, cuja causa destacada era o alcoolismo.

¹⁴⁸ A Gazeta, 17/jan/1911, p.4

¹⁴⁹ A Gazeta, 30/mar/1912, p.1

¹⁵⁰ A Gazeta, 11/set/1914, p.8

164

alcoolicas, detalhando como tais países controlam por meio de leis, fiscalização e proibições sobre o acesso ao álcool. Finaliza apontando que,

O alcoolismo não é somente um vicio degradante; é também um grave perigo social. A intoxicação traz como consequência a miséria e a degradação física da espécie e germina o roubo, a prostituição, o crime e a loucura, como veremos.¹⁵²

Tanto o combate a vadiagem quanto ao alcoolismo estavam na linha tanto das autoridades médicas quanto as polícias e os jornais acompanhavam a discussão, opinando favoravelmente às decisões das autoridades. O álcool ocupava um lugar de destaque quando relacionado a outros estigmas e, em seu combate, acreditava-se que outros males sociais diminuiriam. As leis contra o alcoolismo compunham medidas “preventivas” contra a vadiagem e prostituição, desvios de comportamento que eram apresentados como constituição das classes mais pobres e manifestas nos locais de pouca ou nenhuma infraestrutura da cidade. Porém, na edição do dia seguinte, o jornal trazia maiores informações sobre o congresso, destinando três preciosas colunas para esclarecimento ao público leitor, e em suas linhas, divulgava que,

[...] o alcoolismo entre nós, não grassa tão somente nas classes trabalhadoras, [...] elle faz talvez mais victimas na nossa burguezia. Os “bars” elegantes, como o Theatro Municipal, os grandes restaurantes noturnos e as elegantíssimas casas de prostituição, não são frequentados pelo povo. Somente nas classes ricas da sociedade consegue-se ocultar melhor o vicio. Eu sou portanto, partidário de uma severa tributação, sobre o fabrico e a venda de bebidas alcoolicas [...]¹⁵³

¹⁵² Idem.

¹⁵³ A Gazeta, 18/jun/1914, p.2

traz as consequências maléficas da exposição em excesso ao raio x, e a segunda trata do alcoolismo dos pais e sua influência nos filhos. Mais uma vez, o discurso médico se fazia presente no jornal.

Seguindo a linha de um ‘jornal que, com neutralidade e objetividade’ cumpre o ‘papel de informar a sociedade dos seus males’, *Correio Paulistano* trazia em janeiro de 1916, na sua página 2, uma reportagem de como a França estava combatendo o alcoolismo. Expondo que, neste país, por meio de decretos e leis a negociantes e consumidores, o governo parisiense estava tomando medidas severas, inclusive com a proibição de soldados, que não poderiam se sentar em cafés e as proibições para a população civil de tomar ‘aperitivos’. De modo geral, o jornal apresenta as alternativas do governo francês para a diminuição do alcoolismo e tomam este como uma referência.

A temática da vadiagem esteve presente em grande parte, entre 1910 a 1915, tendo maior expressividade no *Correio* em relação ao jornal *A Gazeta*, que apresenta sobre essa temática, menor proporção para o mesmo período. No entanto, quando aparecem nos anos finais da década, sua estrutura narrativa, seus títulos e a linguagem, permaneciam os mesmos. Em 27 de junho do ano de 1920, o *Correio Paulistano* trazia na coluna cativa dos “Factos Diversos”, mais uma de suas pequenas crônicas contendo a temática,

CRIMINOSO INCORRIGIVEL

Vinte e cinco annos de idade e vinte e sete passagens pelo gabinete de Identificação – A sua ultima proeza

Há dias, na rua Jaguaribe, um preto alcoolizado, ao ser preso quando promovia desordem, feriu no rosto um policial. [...] O Gabinete acaba de verificar que o preto é o famoso Adolpho Narciso, vulgo ‘cobreiro’ que apesar de ter 25 annos é autor de uma série de façanhas. Vinte e sete vezes passou elle pelo gabinete, o que equivale a outras tantas prisões sem que pense numa regeneração, que certamente não se dará [...] Narciso passou pela prisão pela primeira vez em 1908 aos 12 annos de idade por crime de ferimento leve. Dahi para cá constantemente tem estado nos xadrezes [...] como se constata em 1909, 1911, por crime de ofensas físicas, roubos, em 1912 por vadiagem, 1913 por ofensas, [...] Hontem a autoridade fel-o remover para a cadeia publica, onde aguardará o julgamento pelo seu ultimo delicto.¹⁵⁴

Nosso objetivo nessa pesquisa é refletir sobre o modo como os jornais noticiaram os crimes e não nos cabe nesse espaço a análise sobre os delitos. Porém, dentro da conjuntura do pensamento político, das condições sociais e dos ideais que se buscavam construir acerca da cidade, dos sujeitos e das práticas moralizantes, acreditamos que muitas reincidências colocadas pelos jornais demonstram pequenas resistências diante de um cenário de práticas de controle e normatização sociais. Adolpho Narciso, segundo o jornal, cometeu todos os delitos condenáveis. Da vadiagem, passando pelas ofensas, furto, enfim, é apresentado no jornal como sujeito que não ‘se regenerou’ e, portanto, não teria chances de ter uma vida regrada.

¹⁵⁴ *Correio Paulistano*, 27/jun/1920, p.5

Em grande parte das notícias envolvendo vadiagem e alcoolismo nos jornais, observamos que estes construíam estereótipos e apresentavam esses delitos como os primeiros passos para uma vida de crimes. A vadiagem era perseguida pela autoridades policiais, por rondas e que são destacadas pelos periódicos, em nome da segurança. A imagem perigosa do vadio e sua relação com demais delitos era construída por meio de classificações, da exaltação do caráter incorrigível dos sujeitos, justificada pela trajetória de vida de muitos deles, quando trazem o passado de delitos cometidos. As narrativas se organizam em torno de valores, normas e significados como falta de trabalho, desrespeito às normas sociais, práticas de violência.

Apoiados no discurso da ciência e também da medicina, o combate ao alcoolismo não era algo novo e se fazia desde o século XIX. O discurso médico apontava que o álcool era fator negativo que causava degenerações físicas, psíquicas e mentais, debilidades e problemas nervosos. Apontados como causa direta para delitos e crimes, as crônicas aqui trabalhadas, enfatizavam comportamentos inadequados e desajustados, o que prejudicava diretamente as relações familiares e de trabalho, uma vez que o alcoolizado não trabalha e, se o faz, compromete a produção e rendimento. O não cumprimento das tarefas no trabalho afetava a imagem do ‘homem trabalhador e pai de família’ cujas obrigações eram importantes na construção da sociedade dita civilizada. O homem ébrio envolvia-se em brigas e violências, agressões na rua e dentro da casa com a mulher e filhos, levava à vadiagem e ao perigo do crime.

CAPÍTULO III – O CRIME E A CRÔNICA DAS RUAS

À medida em que as cidades passaram pela urbanização, crescimento industrial e pelo aumento demográfico, muitos projetos tentaram afastar certos personagens da cidade de forma a retirá-los dos grandes centros e dos espaços públicos. O propósito era apenas um: grandes centros urbanos modernos e ditos civilizados não possuíam espaço para pobreza, vadiagem, loucura, mendicância e criminosos, uma vez que se preconizava a “ordem e progresso”. “A Província de São Paulo progride a olhos vistos” era o que, em tom exagerado, escrevia o chefe de polícia em seu relatório por volta de 1873. Porém, a preocupação com o crescimento da população e os melhoramentos materiais intensificava a atuação da polícia frente às novas demandas na cidade. Era a polícia o mediador mais destacado para impor ordem aos trabalhadores. Ao garantir a ordem social e a tranquilidade pública, ela garantiria que cada indivíduo se mantivesse no lugar que a ele estava atribuído no projeto desejado pelos poderosos.¹⁵⁵

Pelo olhar dos jornais aqui analisados, a cidade nesse momento crescia rápida e intensamente. Esse é um período em que se tem amplos temas relacionados à Cidade, como a transformação urbana, a ampliação dos bairros, a circulação de sujeitos pelas ruas sejam eles imigrantes com seus modos de vida e cultura, negros libertos e seus descendentes, migrantes vindos do interior e de outros estados, as questões de trabalho e moradia, os movimentos de trabalhadores que se organizavam, e uma gama de episódios criminais de toda natureza, que se faziam presentes nos jornais.

Por meio das notícias, a imprensa vai delineando bairros, ruas e sujeitos que estão relacionados a algum tipo de criminalidade. Muitos crimes e até decretos municipais acabam nos remetendo a espaços geográficos delimitados por onde andavam e frequentavam muitos sujeitos. Com um contingente de trabalhadores e de pessoas transitando, indo e vindo pela cidade, atravessando bairros, chegando do interior, era comum o ponto de encontro ser a rua, além de ser o espaço para as trocas, socialização, trabalho, convivência e também desavenças.

3.1 Controle dos espaços: o Cortiço e o Botequim

O relacionamento entre crime e cidade e a ideia de que, em determinados locais desta, o crime ocorre com maior facilidade é uma discussão desde o século XIX e que tem relação com os projetos de urbanização e remodelação das grandes capitais no mundo. Associada à ideia de modernidade, diversas foram as discussões de como combater o crime nas ruas, nos espaços públicos. Em alguns discursos de autoridades, era possível encontrar associação entre crescimentos da população e aumento do crime, desde fins do século

¹⁵⁵ PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas** – o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2002.

XIX. Em 1887, um relatório apresentado ao Presidente da Província pelo Chefe de Polícia trazia como a polícia deveria agir diante da vadiagem e uma solução para os “vadios”,

Contra os vadios e os delinquentes, a autoridade deve encontrar na própria lei os meios enérgicos de que carece para garantir a sociedade contra esta lepra moral, que mais e mais a infesta. A pobreza provoca o nomadismo, resposta à necessidade de sobrevivência e morada da violência. Importa, para a eficácia da ação, localizar o mal e propor o remédio. A simples coerção – pela fragilidade da lei, pela impunidade dos crimes, pela deficiência dos meios das autoridades – não basta. Caberá, então, ao Município ou então à Província promover a reforma moral dos costumes da população nômade e errante. É preciso determinar-lhe a forma, apreendida pela circulação dos homens sem trabalho, verdadeira fotografia da anomalia. A ação da polícia, neste caso, é exemplar: ultrapassa a coerção, exige faro e perspicácia, vasculha, categoriza, reconhece e inclui. Reprimir criminosos, recolher ébrios e vagabundos, atender aos doentes: múltiplas são as incumbências policiais¹⁵⁶

Essa prática entrou o século XX e, nos primeiros anos, marcou fortemente o discurso que encontramos nos jornais e que também se relaciona à postura da polícia. Observamos nas narrativas construções que colocam certos lugares como sendo propícios para a ocorrência dos crimes: os cortiços, os botequins, espaços de moradia e, muitas vezes, lazer de parte da população mais pobre da cidade. Também é comum observarmos nas notícias produzidas, referência aos imigrantes como uma categoria muito envolvida na criminalidade. Segundo aponta Cruz (1991, p.63), o crescimento da população urbana tornava-se progressivamente uma preocupação e inquietação das autoridades no final do século XIX. Em alguns relatórios de autoridades, explicava-se essa questão relacionando-a a população imigrante recém chegada, como sendo composta de vadios ou mendigos. Percebemos que as notícias buscam construir estereótipos e generalizações sobre os sujeitos e lugares do crime.

Como já observamos, havia uma proximidade entre criminoso e vítima, seja por parentesco ou relacionamento diverso, que evidenciava entre eles hábitos, tratamentos, negócios ou rixas. Entre os imigrantes era muito comum a ajuda mútua, o compadrio, o socorro nos momentos de dificuldades, mas ao mesmo tempo as cenas de desavenças e crimes poderiam ser facilitadas por essa aproximação. Competições, rivalidades amorosas, problemas financeiros poderiam abalar os relacionamentos, como percebemos nas notícias. Observamos que os jornais destacam muitas vezes que ‘criminosos’ e vítimas viviam em cortiços. Os episódios mais frequentes de cenas de sangue ocorriam em ruas onde se localizavam os cortiços de São Paulo, principalmente, o Brás. Inúmeros são os locais que encontramos nas narrativas, como as ruas Major Diogo, na Bela Vista, próximo ao Bexiga; rua Itobi, próxima a Barra Funda; Rangel Pestana no Brás e General Flores no Bom Retiro. Locais não só da presença italiana, mas de população negra e pobre nacional.

De acordo com Raquel Rolnik (1997, p.47), na Primeira República, a imagem da topografia social era feita de colinas secas, arejadas e iluminadas de palacetes que olham para as baixadas úmidas e

¹⁵⁶ Relatório de Chefe de Polícia ao Presidente da Província de São Paulo, 1887. AESP.

pantanosas onde se aglomera a pobreza. Nem poderia ser diferente, já que foram os olhos higienistas, diz a autora, os responsáveis pelo desenho da geografia urbana que corresponde às hierarquias sociais. Nesse espaço de mercado imobiliário dual, no qual os pobres estavam alocados na periferia, começou com a proibição de instalar cortiços na zona central definida pelas posturas em 1886 e pelo Código Sanitário de 1894. (ROLNIK, 1997, p.47).

Em pesquisa sobre os cortiços na cidade de São Paulo, Bianca Melzi nos diz que,

“Os vilões da saúde e da moral paulistana eram os cortiços: lugar de aglomeração, do pobre, da sujeira, do vício, da promiscuidade. (...) Apesar de tão indesejados, estas habitações coletivas existiram em grande número na capital paulista no final do XIX. De acordo com as autoridades públicas paulistanas, os cortiços ameaçavam a saúde da cidade porque eram o foco principal das epidemias (...)”¹⁵⁷

Nas páginas da grande imprensa, os cortiços apareciam com frequência inseridos nas notícias criminais e nas desavenças e brigas que sempre terminavam na delegacia de polícia. Construindo uma narrativa baseada no saber médico-sanitário, alguns valores e ideais de cidade iam se desenhando nas páginas dos jornais.

TREMENDO CONFLITO
Num cortiço da rua Visconde de Parnahyba
Cerca de cinquenta tiros de revolver
Um morto e vários feridos
Intervenção da polícia
Pânico entre os moradores
Socorros a's victimas
Inquerito sobre o facto
O que dizem as testemunhas
Pormenores completos

Assim, com dez linhas finas, o jornal o *Correio Paulistano*, de 7 de março de 1910, iniciava a sua narrativa sobre um crime num cortiço. Utilizando-se de fontes em tamanhos e estilos diferentes, alternando negrito, o matutino apresentava ao leitor de forma dramática o ocorrido.

Num cortiço da rua Visconde Parnahyba, immenso formigueira humano, habitado por centenas de famílias de nacionalidades diversas, gente de todas as castas e de todas as índoles, travou-se hontem ao anoitecer formidável conflito, sendo disparados para mais de cinquenta tiros de revolver. Só que conhece aquele trecho do populoso arrabalde, com suas intermináveis artérias, e que se enfileiram os sórdidos cortiços, casarotes imundos e escantilhados, verdadeiros Babeis, sem luz e sem hygiene poderá calourar o que foi a scena do entardecer de hontem. Disparados os primeiros tiros, quando a policia tinha comparecido, espalhado o terror pânico entre homens, mulheres e crianças, ninguém mais chegou a entender-se, ninguém pode ter nítida compreensão do que se passava. Gritos partiram de todos os lados, pragas, imprecisões, apitos trilhavam com uma insistência assustadora e os tiros repipocavam de dentro do casarão para a rua e da rua para o ‘cortiço’. [...] quando a autoridade chegou [...] uma das victimas estava por terra [...].¹⁵⁸

¹⁵⁷ DOMENICIS, Bianca Melzi De. **Os cortiços e o urbanismo sanitário da cidade de São Paulo no final do século XIX.** Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2014, p. 66.

¹⁵⁸ *Correio Paulistano*, 07/mar/1910, p.3

O *Correio* iniciou sua extensa narrativa sobre o tiroteio no cortiço apresentando nessa espécie de introdução sua percepção do local. Utilizando-se os excessos de adjetivos para qualificar o cortiço, a notícia constrói a imagem de um local populoso, aglomerado, com muitos casebres em péssimas condições tanto físicas quanto higiênicas. Ao qualificar o cortiço como ‘sórdido’, a narrativa afirma que não há decência, boas maneiras, e que se compara a um lugar desprezível onde não há entendimento, como uma Babel. O periódico vai narrar, como de costume para as grandes tragédias de que publicava, em subtemas o fato transformado em notícia para o leitor.

A origem do conflito

Pondo-se em campo, a nossa reportagem policial, conseguiu não sem dificuldade, devido a desordem que por toda a parte reinava, coligir pormenores para a reconstrução, da tremenda scena, com todos os seus antecedentes. Foi theatro do terrível conflito instalado nos sobradões nos 86,88,90,92 da rua Visconde de Parnahyba, todos elles em comunicações internas e habitados por mais de sessenta pessoas, famílias, na maioria italianas. Uma questão íntima entre marido e mulher deu causa a sinistra ocorrência. [...] Miano e Luiza, sua mulher, contendiam por motivos fúteis. Miano alcoolizado e a esposa, geniosa e impulsiva, fomentava a contenda, vociferando uma serie de desaforos. [...] Luiza arremessou um tijolo, Miano ensanguentado e colérico investiu na megera. [...] Estava em pólvora o formigueiro humano. [...] Na rua, atraídos pelos gritos, uma multidão turbulenta começava a aglomerar-se. [...] a praça José Francisco Alonso, de serviço na rua Carneiro Leão, encaminhou-se para o ponto do conflito [...] pedindo o auxilio do rondante Xisto [...] Depois de atravessarem os escuros corredores do complicado labirinto povoado de caras particulares e avantajados sujeitos, armados até os dentes, os dois mantenedores da ordem chegaram ao commodo em que marido e mulher se degladiavam. A entrada inesperada da policia no cortiço tinha irritado todos os ânimos e a atmosphaera reinante prenunciava possíveis temporaes. Apesar disso, cumpriam os rondantes seu dever, chamando à ordem os contendores. [...] Alonso, alegando a sua condição de mantenedor da ordem, intimou-os a comparecer no posto policial do Braz.¹⁵⁹

A primeira informação que o jornal traz é de que, com muita dificuldade, a reportagem policial conseguiu entrar no local e obter dados detalhados para narrar ao leitor, o que comprova nossa hipótese de que, muitas das vezes, os jornalistas seguiam para os locais do crime junto ou mesmo antes da polícia para obter informações a fim de compor suas narrativas. A segunda informação dada pelo jornal é sobre os moradores, em sua maioria, imigrantes e que o jornal coloca, a partir da sua descrição, como sendo perigosos, mal encarados e, sobre o local, dificultoso para se acessar, interligado como labirintos, sujo, formigueiro humano. Ao qualificar tanto o casal quanto os habitantes do local, o *Correio* destaca de forma negativa as particularidades: sujeitos mal encarados, marido ébrio, a esposa é mulher geniosa, impulsiva, megera, briguenta. E, por fim, as autoridades os mantenedores da ordem e que enfrentam adversidades e perigos em seu nome.

O irmão de Miano entrevistou contra a prisão [...] Mil vozes se levantaram contra os soldados. [...] a policia nada tinha com o casal, que a matasse até... [...] Revelando uma grande prudência, Alonso, de compleição fraquíssima, deixou o dito por não dito, intimando apenas [...] a irem se explicar [...] no posto policial. E assim pareceu ter dado uma solução pacifica ao incidente. Retirando-se os dois soldados, um magote de mal encarados indivíduos, acompanhou-os até a escada, cometendo o

¹⁵⁹ Idem.

caso numa ensurdecadora algaravia. Um segundo depois, quando já se achavam á porta da rua, rebentou num dos corredores do cortiço

Novo conflito

Houve trocas de bordoadas e correria. Os dois rondantes e mais o soldado Alexandre Silva tentaram subir de novo [...] um tiro reboou no corredor [...] Vendo complicada a situação, os três guardas civis sacaram de seus revolveres (porque os rondantes daquele ponto de bairro andam armados de revolver, desde fevereiro ultimo, por já terem sido assassinados ali, nada menos de três em pouco mais de dois meses).

Um individuo gordo, de nacionalidade italiana, percebendo o revolver na mão de Alonso, atirou-se sobre elle, com fúria leonina e arrebatou-lhe. Abrindo-o deixou cahir por terra seis balas [...] Alonso auxiliado por um civil hespanhol, conseguiu rehaver o revolver [...] começa o tiroteio.¹⁶⁰

A essa altura da narrativa, o leitor já tem possivelmente um cenário construído em sua mente sobre os personagens envolvidos, uma vez que a crônica apresenta-lhe algumas qualificações: dos guardas, a prudência, o cuidado e a atenção; dos moradores, a provocação, a ousadia, a tempestuosidade. Claramente, são elementos em oposição. Quanto a forma de narrar, o jornal apresenta em tópicos e se utiliza de uma linguagem folhetinesca.

João Cacciolido, que assomava á porta, cae de chapa, sentado no passeio, com uma bala encravada ao lado direito do ventre. Sua mulher, Paschoalina, precipita-se, alucinada, contra um dos rondantes e arrebatou-lhe o revolver exclamando: “assassino!” Foi um grito guerreiro que estremeceu todo o cortiço. Janellas se abriu, braços assomavam empunhando armas, e o tiroteio começou, violento, comunicando pânico ao mulhierio que corria em todas as direções. Os soldados descarregavam as suas armas [...] Foi uma balbúrdia! A mutidão estava dividida em dois partidos: uns eram os habitantes do cortiço, outros os que reagiam de fora. Dentre aquelles, com grande surpresa de todos, foi visto o guarda cívica Affonso Lana. Morador do cortiço, encastelar-se na janela, por traz de uma lata de mangericão, e descarregava contra a própria polícia, ao envez de ajudal-a em tal emergência. [...] Durante quase meia hora esteve assim em polvorosa [...] Communicado o facto para a Repartição, partiram immediatamente o primeiro delegado e o medico legista [...] O tiroteio tinha cessado [...] João Caciollido, transportado para seu quarto de dormir [...] sucumbiu á violenta hemorragia [...] os feridos foram transportados para a Repartição [...]

Os feridos

Miano Caciolido, 35 anos, operário, apresentava contusão no parietal direito [...] foi transportado para a Santa Casa [...] José Francisco Alonso, [...] guarda cívica, residente a rua Carneiro Leão, apresentava no ante-braço ferimento leve [...] Xisto Urbano, praça, [...] apresentava dois ferimentos na cabeça [...] Luiza, mulher de Miano, apresentava ferimento no polegar direito.

[...] Inquerito sobre os factos

Até depois da meia noite, trabalhou activamente o dr. Alarico Silveira [...] Miano prestou declaração, atribuiu ao soldado, a autoria da morte de seu irmão [...] confessou achar-se um tanto alcoolizado [...] Luiz disse ter visto um soldado magro desfechar um tiro contra seu marido, sendo que também seu cunhado fora atirado por um praça [...] Angelina, 16 annos, operária, residente a rua Visconde de Parnahyba, 103, confirma as declarações, attribuindo ao soldado José Francisco Alonso a autoria da morte de João Cacciolido. Viu outros soldados dispararem seus revólveres [...] o soldado Alonso narrou [...] ter sido desarmado por um italiano gordo afirmando que quando João Cacciolido cahiu varado pela bala, seu revolver estava desarmado. [...] Outras testemunhas foram ouvidas, tendo ficado presos os três soldados que tomaram parte no conflito.

Outros pormenores

José Alonso é o mesmo soldado, que há cerca de três mezes, foi gravemente ferido a bala por um hespanhol, que passava pela rua do Braz, transportando um saco de pão. Chamando-o á ordem, de acordo com uma postura municipal, que prohibe o transporte de grandes volumes nas calçadas, o hespanhol desfechou-lhe um tiro de garrucha.¹⁶¹

¹⁶⁰ Idem

¹⁶¹ Idem.

Nessa extensa e interessante notícia do *Correio Paulistano*, verificamos como o jornal construiu a narrativa do crime, colocando os moradores do cortiço enquanto causadores do ocorrido e sinalizando ao leitor que havia dois grupos de pessoas, “os do cortiço” e “os de fora”, numa divisão de atitude e comportamentos. Identificamos, por meio do próprio jornal, certas informações, que nos ajudam a traçar um breve panorama do relacionamento entre polícia e policiados. É o caso de um morador do cortiço pertencente à guarda cívica, e que tomou partido dos habitantes da localidade, sendo por isso, criticado pelo jornal; o próprio guarda cívico Alonso é morador da rua Carneiro Leão, localidade de vários cortiços e bairro amplamente policiado pelos rondantes, o que nos induz a acreditar na proximidade entre esses sujeitos.

As crônicas produzidas pelo jornal com esse teor de dramaticidade rendiam algumas edições subsequentes. É comum encontrar nas páginas do dia seguinte um complemento qualquer que o jornalista apurou, novas testemunhas que contam outras versões do fato. Para tal, o jornal faz uma repetição de forma um pouco reduzida do que se passou no dia anterior e apresenta novos detalhes. No dia seguinte ao ocorrido, o *Correio* estava no posto policial apurando outros detalhes para os leitores e enfatizando sobre testemunhas e a perícia. Faz uma extensa explicação do relatório da perícia que foi ao cortiço e averiguou os cômodos em busca de projéteis das balas. Segundo o jornal, houve um minucioso exame nas portas, janelas das casas do cortiço. E os peritos concluíram que,

[...] no portão de um dos sobrados havia vestígio de duas balas, na parede do prédio uma carga de doze bacos encravados, [...] num muro, notaram os peritos, o sinal de uma bala que, pela sua disposição, deveria ter sido disparada de uma sacada n.92 [...] verificaram nas partes internas da casa o vestígio de duas balas terem partido do sobrado n.90, no corredor, nenhuma bala foi encontrada. Na porta 90 uma mancha de sangue, provavelmente do soldado Xisto que sofreu agressão [...] num quarto 86 encontraram uma carabina carregada [...] ¹⁶²

Com essas informações, o leitor provavelmente fez sua análise e concluiu que grande parte dos tiros partiram de dentro do cortiço para fora, o que argumenta, na perspectiva do jornal, sobre a violência com que os moradores empregaram contra a polícia. Em um determinado momento da narrativa que traz outras testemunhas, um policial, Alexandre da Silva, que mora nas proximidades, corrobora com o que já foi esclarecido pela polícia. A segunda testemunha, outro soldado, Armando Rodrigues da Costa, e que sendo morador na mesma rua, declarou ter escutado a ‘algazarra’ e verificou que havia uns “300 curiosos e dois praças apenas”. Com essa declaração de mais um policial, o jornal busca confirmar sua versão sobre o tumulto. Porém, quando a polícia inquiriu outra testemunha, um funcionário federal de nome João Guimarães, o jornal se posiciona em teor de indignação,

Esta testemunha fez tremenda carga contra a policia, com evidente parcialidade, e em completa contradição com todas as demais testemunhas. No seu modo de ver, os soldados chegaram logo disparando tiros contra a gente inerte do cortiço, sem ao menos indagar o que se passava. Depuzeram mais: o soldado Alfredo da Costa, que ajudou Alonso que se achava em perigo; João Joaquim, pedreiro, que chegou no fim do conflito; Clivo Vincenzo servente; João Cano chacreiro, morador da rua; Fortunto Porto, sapateiro morador da rua Caetano Pinto. ¹⁶³

Nesse trecho da narrativa, o jornal expõe sua visão. Não aceita outro testemunho que invalida e critica a fala dos policiais. É interessante observar que grande parte das testemunhas são policiais, algo que também ocorre com os processos criminais e que traz um lugar de fala da autoridade. Além disso, nessa narrativa, o *Correio* destaca o trabalho científico da perícia como forma de mostrar ao leitor a ‘exatidão e objetividade’ de seu trabalho.

¹⁶² Correio Paulistano, 08/mar/1910, p.3

¹⁶³ Idem.

Ainda segundo De Domenicis (2014, p.66),

As transformações urbanas que acontecem em São Paulo a partir do final do século XIX não estão ligadas somente à questão do embelezamento urbano, de trazer à cidade uma aparência estética digna de uma capital de tamanha importância econômica como São Paulo. As transformações urbanas são uma redefinição do espaço que pretende sanar os problemas de saúde e de comportamento dos paulistanos. Nesse sentido, a medicina urbana instrumentalizada pela engenharia, tem por objeto a circulação dos indivíduos e dos elementos que os rodeiam, como a água e o ar. Sendo assim, seu foco está principalmente em regiões de amontoamento – como os cortiços do centro de São Paulo – que podem significar algum tipo de perigo para a sociedade, seja este perigo relacionado à saúde, ao vício ou ao ócio. (De DOMENICIS, 2014, p.66)

Os jornais, tanto *Correio* quanto *Gazeta*, expressavam essa preocupação e percebemos em suas narrativas o quanto o local do cortiço é relacionado às desavenças e aos crimes. Não apenas enfatizam o espaço físico, mas destacam características sobre muitos de seus moradores: os imigrantes são aqueles que mais estão relacionados aos crimes, segundo as narrativas dos periódicos. Boris Fausto (2001, p.118), em seus estudos de estatística, buscou relacionar a presença de imigrantes nos relatórios policiais, por exemplo, pela interação entre negócios, rivalidades, contatos de lazer, situações libertas do peso da hierarquia do respeito e por se concentrarem no mesmo espaço, ou seja, no mesmo bairro. O bairro do Brás correspondia com 22%, segundo o autor, em número de homicídios entre 1880-1924. Freqüentador assíduo dos jornais, o Brás era o bairro com alto índice de notícias criminais e também outros tipos de ‘charivarí’¹⁶⁴, para usarmos o termo dos próprios jornais. Várias de suas ruas, como a Carneiro Leão, eram conhecidas pela polícia e pelos populares como ‘ruas criminógenas’, habitadas pelos calabreses de sangue quente, padrão negativo de comportamento e de crianças de más condutas.

DRAMA NUM CORTIÇO – quatro tiros de revólver

Noticiamos hontem nas Últimas, por pormenores da scena de sangue que se desenrolou no cortiço da rua Major Diogo, n.152 e de que resultou a morte da viúva Theresinha Capalbi, assassinada involuntariamente por Archangelo Sartori. Vários policiaes e populares correram em direção ao assassino, invadindo a casa em que elle se occultára. Ao ver-se perdido, Archangelo surgiu debaixo de uma cama, onde se tinha escondido e, sacando de uma faca, tentou abrir caminho para uma nova fuga. Mas o soldado Pedro Rocha, n.186 da Segunda Companhia da Guarda Civica, oppoz-lhe embargo á ligeireza, agarrando-o, depois de ter desfechado um tiro para o alto. Foi dado o aviso a Policia Central pela caixa de socorros mais próxima, comparecendo o dr. Antônio Nacarato e o medico legista Xavier de Barros.

O cadáver de Theresinha foi removido para o necrotério da Central. Archangelo Sartori interrogado disse que seu intuito, ao cometer o crime, foi desforçar-se de Annibal, que tentou assassinal-o armado de uma lima.

Annibal foi preso também e recolhido ao xadrez. O dr. Nacarato ouviu as testemunhas e abriu inquérito no posto policial da Liberdade.¹⁶⁵

¹⁶⁴ O charivari era um ritual de justiça popular típico da Idade Média, que acontecia, principalmente, no Carnaval, na sua forma mais conhecida, era caracterizado por uma canção de difamação. Era também conhecido como uma algazarra, aglomeração, gritaria e barulheira.

¹⁶⁵ A Gazeta, 06/mar/1912, p. 6

As notícias envolvendo delitos e crimes mais violentos chegavam aos noticiaristas por meio das informações da própria polícia que relatava sobre os acontecimentos nas ruas. Essas informações que chegam nas redações já foram filtradas e selecionadas uma vez pelos próprios agentes da polícia e rondantes das ruas. Posteriormente, o noticiarista ou redator, ao produzi-la, também com suas intencionalidades e a própria política do jornal, faz sua própria filtragem, de modo que o leitor entrará em contato, não com um fato em si, mas uma versão do ocorrido.

Desordens num cortiço

Escrevem-nos pedimos reclamemos da policia contra as desordens cometidas num cortiço da rua Brigadeiro Tobias n.91, onde reside um casal de indivíduos que vive constantemente alcoolizado.¹⁶⁶

Algumas notícias publicadas contavam também com queixas e reclamações de próprios moradores próximos dessas localidades, que fazem uso do jornal enquanto um instrumento de críticas e apelo às autoridades. Para o jornal, seria como um ‘colaborador’ no combate às más condutas de sujeitos que eles noticiam.

Briga num cortiço

Na rua Lavapés, residem num cortiço, entre outras pessoas, Francisco Muniz e Marcolina Silva. Hontem, pela manhã, houve uma desavença entre esse casal, e dois moradores do cortiço. [...] os dois italianos esbordoaram o casal que foi submetido a exame de corpo de delicto na Policia Central. [...] Sobre o facto foi aberto inquérito.¹⁶⁷

Verificamos que os jornais em suas narrativas tipificam algumas regiões da cidades, sejam bairros ou ruas, produzindo uma visão a respeito do local e seus habitantes. Jorge Americano (1962, p.31), em suas crônicas sobre a cidade de São Paulo nesse período, escreveu sobre os cortiços na cidade. Segundo ele, local de trabalhadores e sujeitos cuja vida precária não dava oportunidades para viver em outro local.

CORTIÇOS

[...] O que predominou para moradia de gente pobre foi sempre, em São Paulo, o cortiço. Algum terreno de centro de quarteirão, com pequenas habitações contíguas, com saída para a via pública por um corredor a céu aberto, entre muros. Ou então, os porões habitados. Um cortiço porém, predominou entre todos e constituiu verdadeira povoação. Era o “Vaticano”, no bairro entre Bela Cintra e o Centro [...] As lavadeiras estendiam roupas no terreiro comum, À tarde chegavam os homens, carroceiros, operários e um ou outro vagabundo ou mendigo, cuja renda dava bem para pagar o aluguel. E gente sem profissão definida. Ouviam-se às vezes à noite, gritos de uma mulher espancada pelo marido, distúrbio provocado por um ébrio. De vez em quando, uma sanfona [...] Perguntaram a um morador, [...] se não tinha medo de assalto, e ele disse que não. Os malandros do cortiço não roubam a vizinhança, porque imediatamente a policia desconfiaria deles. (AMERICANO, 1962, p.31)

¹⁶⁶ Correio Paulistano, 05/jan/1911, p.1

¹⁶⁷ Correio Paulistano, 13/jan/1911, p.3

Percebe-se grande veiculação de notícias criminais decorrente de brigas entre as regiões de Santa Ifigênia, Brás e Consolação. Dentre a maioria das áreas, os cortiços também recebem atenção da imprensa no momento da publicação da notícia criminal, bem como os espaços de diversão e lazer ou de encontro entre diversos sujeitos. Juntamente combatido com a vadiagem, prostituição e alcoolismo, o jogo também era relacionado ao crime,

Jogo e sangue

Desastrosa consequencia de um “gete e meio” – Num salão de barbeiro da Rua Caetano Pinto – Covardia e Assassinato – Fuga dos criminosos

No posto policial do Braz ficou hontem concluído, o inquérito sobre a covarde agressão de que foi victima Dechiara Paschoal. [...] segundo apurou a policia, na noite de 14 do corrente, Dechiara Paschoal e diversos indivíduos jogavam no salão do barbeiro Gregorio Garcea á rua Caetano Pinto n.89. [...] Paschoal fez uma parada de 500 réis que foi recusada pelo banqueiro, por não ter sido a quantia exhibida. [...] Gregorio continuou a jogar até deixar Paschoal sem um vintém [...] Dechiara Paschoal entrara no cortiço onde reside, encontrou a porta Gregorio, cumprimentou e tinha dado alguns passos, recebeu um tiro de revolver [...] Gregorio evadiu-se. Do inquérito depuseram testemunhas, ficou apurada a responsabilidade de Gregorio, que é individuo de maus precedentes, pois não há muito tempo desfechou um tiro em seu pae. Hoje o inquérito será remetido ao juízo criminal.¹⁶⁸

Desordens, brigas e rixas, crimes motivados pelo adultério, pela vingança ou pelo alcoolismo estão presentes quase diariamente nas páginas dos jornais aqui tratados. Essas notícias carregam em suas narrativas, intenções sobre valores e condutas morais, modos de comportamento e de vida, perspectivas e interpretações sobre família, mulher, trabalho, leis, instituições em geral. Inseridos em projetos políticos e obedecendo suas linhas editoriais, os periódicos tratam de compor, a partir de suas narrativas, um conjunto de valores que mobilize o leitor para a temática do crime.

Infanticidio

Num cortiço da rua General Osorio, uma rapariga de 26 anno de idade, dá a luz uma criança e maltrata-a horivelmente – Inquerito sobre o facto

No posto policial da Santa Iphigenia prosseguiu hontem o inquérito sobre o infanticídio da rua General Osorio, de que ante-hontem demos minuciosa atenção. Rosalina Cardoso, mãe desnaturada, continua em tratamento na maternidade. Pelo medico legista dr. Leite Bastos, foi hontem autopsiado, o recém-nascido, que apresentava além das echymoses constadas pelo exame de corpo de delicto, uma fractura parietal esquerda e trinta escoriações de forma semilunar, causadas pela pressão das unhas no pescoço, no peito e nos braços. A morte foi ocasionada por traumatismo.¹⁶⁹

Ao noticiar o crime de infanticídio, o jornal *Correio Paulistano* dava ao leitor não apenas uma notícia de um crime, mas de uma ação amplamente condenável na sociedade pelo impacto emocional, comovente e dramático que o envolvia. A mãe, Rosalina Cardoso, de 22 anos, moradora do cortiço, disse a polícia ter sido vítima de abuso de um espanhol que fugiu para o Rio de Janeiro. Na narrativa, o que é destacado pelo jornal é a informação da crueldade da mãe, colocada como ‘desnaturada’ e os detalhes

¹⁶⁸ Correio Paulistano, 22/jan/1913, p.6

¹⁶⁹ Correio Paulistano, 05/jun/1916, p.5

físicos em que o recém-nascido se encontrava. Esses detalhes pretendem para produzir no leitor certo desprezo em relação à mãe e indignação de seu ato. No título da notícia, o cortiço é destacado como o local do crime que, segundo o código penal da época, art. 298, sentenciava como pena a prisão celular por seis a vinte e quatro anos. No caso de cometer o crime como forma de ocultar a desonra, a pena caía para três a nove anos de prisão.

A FACA

O agressor conseguiu fugir

O nacional Antonio Ferreira de Almeida, residente no cortiço da rua do Lavapés, 106, é um indivíduo de maus costumes, dado ao vício da embriaguez. Hoje, pelas 12 horas Antonio de Almeida, já bastante tocado pelo álcool, desaveio-se com o remessista do “Estado de São Paulo”, Alberto Cramer, residente no mesmo cortiço, e traiçoeiramente deu-lhe uma facada na perna esquerda. A agressão verificou-se no quintal do cortiço, terreno aberto que se comunica com o morro do Piolho, de modo que foi fácil a Antonio escapular antes da aproximação da polícia. Cramer recebeu na Assistência os socorros médicos e prestou declaração ao dr. Virgílio Nascimento, delegado que se achava de serviço na Central.¹⁷⁰

Como observamos nas notícias, o uso variado de armas, como facas, canivetes, punhais, barras de ferro e outros, compunham os instrumentos utilizados pelos sujeitos populares nas agressões e até nas mortes relatadas pelos jornais. De posse desses instrumentos transformados em ‘armas’ e associados ao hábito da embriaguez e dos ‘maus hábitos’ desses sujeitos, levantamos a hipótese de que o jornal *A Gazeta* bem como o *Correio* indicavam em suas narrativas o temor desses grupos, considerados briguentos, impulsivos e sem conduta. Essa hipótese pode ser confirmada pelas próprias páginas dos periódicos, quando encontramos a valorização da ronda policial, sua importância nas ruas, os novos equipamentos com que a polícia da cidade fazia uso e na própria defesa das prisões.

SCENAS DE UM CORTIÇO

Uma preta foi agredida a faca

Maria Silveira, preta, residente à travessa Conselheiro Furtado, teve hoje uma questão com um preto que mora no mesmo cortiço. Em dado momento, esse indivíduo lançou mão de uma faca, ferindo a contadora na região frontal. Maria Silveira deu queixa ao facto ao dr. Alonso Negreiro, delegado de serviço, que a fez medicar no Posto.¹⁷¹

Podemos dizer que, analisando as notícias criminais, observamos a defesa do controle social, seja pelos modos de vida ou pelos valores morais e sociais, onde o foco eram os cortiços. Associados ao espaço da criminalidade, da gatunagem, das desavenças e imoralidades, esses espaços precários e com pouca atenção do poder público estavam repetidamente nas páginas dos periódicos por meio dos dramas e da contravenção, que os jornais lhes atribuíam. Embora as notícias criminais nesses espaços tenham declinado com o passar dos anos na primeira década, é possível observar ainda como a questão dos cortiços se tornava temática para pautas jornalísticas após 1920.

¹⁷⁰ A Gazeta, 25/fev/1915, p.8

¹⁷¹ A Gazeta, 24/jan/1918, p.3

3.2 O Crime e os trabalhadores

Violencias de um devedor

Ferimentos leves – No bairro do Bom Retiro – Queixas a policia

O sexagenário Vizoni Simão, carroceiro, morador á rua Capitão Matarazo n.14, no Bom Retiro, indo hontem, á 8 horas da noite, cobrar um vizinho que lhe devia 1\$500, foi por elle agredido. O devedor não só não lhe pagou a conta, como ainda o correu da sua porta, dando-lhe primeiro com uma pá, e arremessando-lhe em seguida um tijolo a cabeça. Vizoni, queixou-se do facto á policia de Santa Ifigenia, sendo submetido a exame de corpo de delicto na Repartição Central da Policia. Apresentava longas eschymoses nas costas e contusões na orelha esquerda, no maxilar e na região occipital. Os ferimentos foram considerados leves pelo medico legista dr. Alfredo de Castro.

Scena de cortiço

Por um ajuste de contas – Ferimento leve – prisão do aggressor

O pedreiro Luigi Russo, morador á rua da Consolação, n.354, é sublocatário do cortiço existente á rua Itambé n.15. Nessa qualidade para alli se dirigiu hontem, ás 9 horas da noite, chamando a ordem os inquilinos em atrazo. Manuel de Freitas Gonçalves, apesar de dever três mezes, não pareceu disposto a saldar o seu debito. Russo enfureceu-se por isso, e tomando de um tamanco, agrediu Gonçalves, produzindo-lhe forte ferimento contuso na mão direita. O aggressor foi preso em flagrante e o offendido medicado na Repartição Central da Policia.¹⁷²

Narrados como simples casos de desentendimento seja por dívida ou desavença qualquer, essas pequenas notas criminais carregam um lugar social, profissões ou ocupações da cidade, locais de moradia e atitudes que, aos olhos dos jornais, sugerem certos comportamentos. Atentamos igualmente que pelas notícias se constituiu indiretamente uma noção de ‘gente perigosa’, indivíduos que possam constituir ameaça à ordem, segurança e tranquilidade da cidade.

Nesta pesquisa, os crimes que nos chegam, pelo filtro dos periódicos, por meio das notícias, demonstram o envolvimento de sujeitos pobres, trabalhadores e que têm como motivação seus modos de vida, práticas cotidianas, revelando questões econômicas e sociais, mas também morais e de comportamentos. Em exceção a essa observação, encontramos crimes cometidos por sujeitos abastados na cidade, envolvendo os dramas da honra, adultério ou defloramento, direcionando para condutas morais. Temos, então, um conjunto de crônicas policiais que tratam dos crimes que atravessam a fronteira de classes, como a honra, ciúme e tantos outros relacionados à pobreza e violência no cotidiano e que estão estabelecidos nas camadas mais pobres. Em ambos, ‘criminosos e vítimas’ têm nome, perfil, características traçadas e uma história, uma motivação para o crime, e que já são de alguma maneira ‘julgados’ pelos periódicos.

Ferimento grave

Entre carroceiros – Formidável bordoad – Fuga do aggressor – As dilligencias da Policia

No posto policial do Braz prosseguiu o inquérito relativamente á agressão sofrida ante-hontem, ás duas horas da tarde, pelo carroceiro Antonio Jolim, com 47 annos de idade, residente á rua Taquary, 5. No intuito de melhor apurar a responsabilidade do autor da agressão, o dr. Alarico Silveira, quinto delegado, dirigiu-se ao local do crime, encontrando um outro ferido. Era Carlos Barbosa, ajudante de Joaquim. Estava igualmente ferido, sendo leves porem, as lesões que apresentava. Ouvindo-o, a

¹⁷² Correio Paulistano, 05/jan/1910, p.3

autoridade obteve o nome e qualificação do agressor, que se achava evadido. Mais três testemunhas depuseram no inquérito, estando perfeitamente apurada a responsabilidade do criminoso.¹⁷³

Nas crônicas do jornal *Correio Paulistano*, a temática corrente é a de trabalhadores que, por rixas, dívidas e vingança, se desentendem. Em sua maioria, percebemos que as armas utilizadas, chamadas ‘armas brancas’, são as ferramentas de trabalho ou instrumentos que se encontram ao alcance no momento da discussão. Os crimes envolvendo trabalhadores ocorrem também pela dívida não paga, demonstrando em parte a situação da necessidade desses sujeitos, sejam devedores ou cobradores da dívida.

Também observamos que os trabalhadores da ‘ordem’ se desentendiam e eram notícias nos periódicos. O *Correio*, por exemplo, trazia pequenas notícias envolvendo guardas urbanos, rondantes ou soldados em delitos e más condutas.

Conflito entre soldados

Na rua Monsenhor Anacleto – Um guarda-cívico que se defende galhardamente de uma agressão – Providências da polícia

Os soldados do quarto batalhão Pedro de Barros, n.265, da quarta companhia, Benedicto Rodrigues Vianna, 268 da primeira companhia e um outro do primeiro batalhão, cujo nome é ignorado, saindo ontem às 7 e meia da noite, um tanto alcoolizados, do botequim de Maria Mazara, á rua Monsenhor Anacleto, entenderem de provocar o rondante da guarda-cívica Aristeu Valladão, de serviço naquela rua. O guarda chamou-os á ordem, advertindo de que os prenderia. [...] Foi o bastante para que os três o aggredissem mantenedor da ordem. Diante da insólita atitude dos soldados ébrios, o guarda-cívico sacou do espadachim, defendendo-se galhardamente. Travou-se uma luta , que terminou com a intervenção dos rondantes das ruas próximas. Dos turbulentos, um apenas conseguiu evadir-se, foi o soldado do primeiro batalhão. Os dois outros foram presos [...] Benedito Vianna apresenta larga eschymose na região dorsal, [...] Pedro Barros tinha um ferimento de 10 centímetros na região temporo-malar [...] O guarda-cívico apresentava igualmente diversos ferimentos. Todos elles foram ouvidos em declarações pelo quinto delegado.¹⁷⁴

Muito comum observarmos notícias de enfrentamento entre guardas rondantes, que são guardas civis, e soldados, cuja formação é militar. Essas notas aparecem com maior frequência no matutino *Correio Paulistano*. Ao serem apresentadas as características dos envolvidos, os soldados militares aparecem como turbulentos, alcoolizados, frequentadores de tavernas, botequins e casa de tolerância, enquanto os rondantes civis estão sempre em prontidão, buscando manter a ordem. Em diversas notícias narradas, atentamos para essa diferenciação feita por este jornal, denotando uma clara rivalização entre os segmentos das polícias civil e militar.

Desde final do XIX, após a Guerra do Paraguai, a Abolição e a Proclamação da República, as forças policiais paulistas foram reorganizadas, segundo Rosemberg (2010, p.67), houve um aumento expressivo do interesse do governo em relação as forças policiais diante da conjuntura que se vivia, com a defesa do projeto de modernização e pela defesa da manutenção da ordem e da tranquilidade pública. Segundo o autor, há certa confusão de funções da polícia urbana desde sua criação, entre Corpo Policial Permanente,

¹⁷³ *Correio Paulistano*, 16/jan/1910, p.6

¹⁷⁴ *Correio Paulistano*, 10/jan/1910, p.4

o CPP, com atuações do que se entende hoje por polícia militar, e a Polícia Local, destacada para as rondas e atuações junto a cidade. O fato é que, a partir do que conseguimos apurar nas notícias, observamos uma hostilidade entre essas duas categorias.

Em 21 de janeiro de 1911, o vespertino *A Gazeta* também noticiava mais uma violenta briga entre trabalhadores cocheiros. Com o título “Pancada mortal – trágica alteração entre cocheiros – morto com uma chave – evasão”, o jornal noticia os relacionamentos entre os trabalhadores e suas ações.

Nicolau Carnevale, há mezes, entrou em negocio para a compra de um carro pertencente a Carmine Pilone, que se retirava para a Europa. Mas, como não possuía a importância necessária (3:500\$000), foi auxiliado por Josephina Manfredi, amante de José Bove, tylbureiro de praça, a qual assumiu toda a responsabilidade da transação. Carnevale pagar-lhe-ia em prestações mensais de 100\$000. O devedor, porém, se foi fazendo de relapso, até que recusou as mensalidades, comquanto lhes restasse ainda 1:100\$000 por pagar. O amante de Josephina exasperou-se com esse procedimento e discutiu muito e calorosamente com Carnevale. A questão foi levada a juízo, circunstancia, certamente, que reforçou a fermentação dos ânimos. Pelas 6 horas da tarde de hontem, Carnevale, que conduzia o carro 113 (o mesmo da questão) e Bove, que dirigia o tylburi n.59, encontraram-se na praça da República, onde romperam na discussão mais desenfreada, mimoseando-se com pesados insultos. Bove desceu do vehiculo e ameaçou com uma faca o seu contendor, que tendo a mão uma chave de eixo de carro, a arrojou contra o adversário. Este, depois de dar alguns passos, cahiu de bruços sobre as pedras, ficando immovel. Carnevale galgou então a boléa qu tinha abandonado e fugiu para a cocheira da rua Amaral Gurgel, onde deixou o carro e desapareceu. Bove conduzido a uma pharmacia pelos companheiros, ahi morreu [...] ¹⁷⁵

Aqui *A Gazeta* traz a narrativa de que o sujeito Carnevalle assumiu a dívida, mas não quis pagá-la integralmente, pois foi-se ‘fazendo de relapso’, segundo o jornal. Os personagens são relatados com forte juízo de valor, como Josephina, ‘a amante’, e os envolvidos violentos. A mesma notícia foi narrada pelo *Correio Paulistano* no dia 21 de janeiro,

Assassinato

Na praça da Republica – Desintelligencia por questões de interesse – Violenta pancada no estomago – Morte quase immediata – Fuga do assassino – Providencias da Policia
Pelo cahir da tarde de hontem em plena Praça da República, Nicolau Carnevalle, de nacionalidade italiana, assassinou estupidamente o seu companheiro José Bove, dando-lhe violenta pancada no estômago. Entre Bove e Carnevalle existi, de tempos a esta, questões de interesses. É um entricadissimo negócio de venda de um carro de praça. que pode ser assim resumido [...] José Parole foi proprietário do carro 133 e vendeu a José Pilone. Este tendo de regressar a Itália, tentou revendê-lo há Carnevalle. Não tem dinheiro suficiente, mas achando vantajoso negócio, pois o carro viria a custar 3:500\$00, Carnevalle entendeu-se com Josephina Manfredi, amante do tilbureiro José Bove e ela lhe forneceu em confiança o dinheiro necessário. Carnevalle deveria indenizal-a em prestações de 500\$000. As primeiras prestações foram pagas com regularidade e ainda dado vários arreios. Enganando-se, finalmente nas contas, Josefina e Carnavalle, desaviheram-se, defendendo Bove como era natural, a sua amante. Ainda hontem foram todos no fórum, tratar da liquidação da pendência. Ás 6 horas da tarde José Bove, achando na Praça da República, avistou o carro n 133 de Carnavalle. [...] dirigir-se Bove para Carnavalle, e depois de insultá-lo, sacou de uma faca [...] Carnavalle, tomando uma chave inglesa, arremessou violentamente contra Bove. [...] Carnavalle foi até sua residência, deixou o vehículo e desapareceu. A auctoridade arrecadou um revólver, uma faca, e a quantia de 60\$000 que se achavam nas algibeiras do cadáver. Terminado o exame o cadáver foi removido central [...] foi aberto inquérito já desempenhadas na captura do assassino ¹⁷⁶

¹⁷⁵ *A Gazeta*, 21/jan/1911, p.1

¹⁷⁶ *Correio Paulistano*, 21/jan/1911, p.3

Como de costume nas notícias do *Correio Paulistano*, as narrativas são mais longa e detalhadas, obedecendo o seu perfil de jornal mais tradicional. O uso da linguagem formal e do detalhamento e dados sobre o ocorrido também direcionam o leitor para um julgamento dos fatos. Aqui, diferentemente da *Gazeta*, o periódico aponta a dívida já no título, informando o leitor da causa do crime, enquanto o vespertino *Gazeta* sensacionaliza em seu título a razão da morte – ‘pancada mortal’, com sua linguagem mais direta e popular.

Os periódicos traduzem muito dos relatos policiais, quando apresentam de forma específica o ‘modelo’ de identificação dos sujeitos envolvidos na criminalidade. De acordo com os padrões da época de um boletim de ocorrência, nas delegacias e subdelegacias eram ‘fichados’ os sujeitos infratores e criminosos seguindo os padrões: nome, endereço, ocupação, naturalidade e, por vezes, marcas ou sinais físicos. A cor e nacionalidade também estavam presentes nas declarações. Observamos esse padrão nas narrativas, indício de que a polícia informava os noticiaristas ou mesmo esses jornalistas que, tendo de ir ‘à caça’ de ocorrências, visitavam delegacias em busca de material para a crônica do jornal.

A documentação criminal, termos, processos é construção de uma das versões acerca da realidade, assim como a notícia nos jornais, por isso, dela emana valores e comportamentos a espera de nossas análises e interpretações. As fontes criminais são documentos esparsos, como diz André Rosemberg (2010, p.22), camuflados e, por vezes, trapaceiros em que aparecem de forma indireta os fragmentos, as trajetórias soterradas e distorcidas pelo tempo, pelos projetos e pelas versões dos funcionários técnico-burocráticos, responsáveis pela produção do documento.¹⁷⁷

ASSASSINATO ENTRE CARROCEIROS

Uma facada no thorax – morte da victima no automóvel-ambulancia – ignoram-se os antecedentes
Às 11 horas da manhã os aparelhos da Assistencia Publica avisaram a Policia Central de que na rua Borges de Figueiredo, na Moóca, se havia desenrolado uma scena de sangue. Immediatamente se transportaram ao local o dr Marcondes Machado medico legista, França Filho, medico de plantão, Pereira Leite, segundo delegado. [...] encontraram extendido na rua, numa poça de sangue, o corpo de um homem modestamente trajado. [...] O dr. Pereira Leite interrogou a victima e as pessoas que o cercavam e conseguiu saber que o ferido chamava-se Paschoal Donaldi, italiano, 23 annos de edade, casado, carroceiro da casa Gamba & Comp. e morador a rua Muller n.26. [...] Donaldi estava a serviço quando viu aproximar-se-lhe conduzindo a carroça n.2050, o patricio Jose de tal, também carroceiro, morador a rua Climaco de Oliveira n.22 ou 24, empregado de Domingos de Barcellos, proprietário de carroças.

Jose de tal, desceu [...] Donaldio advinhava qualquer coisa de extranho nos modos de João de tal, que mais dois passos o alcançaria. Pensou em perguntar, mas não lhe deu tempo. Jose de tal sacou súbito de uma faca e vibrou violento golpe [...] Muitas pessoas rodeavam o corpo e um rondante requisitava a Central os médicos [...] Paschoal foi transportado para a Policia Central onde chegou morto. A cargo de a Leite, foi aberto inquérito, tendo sido interrogada varias testemunhas.¹⁷⁸

¹⁷⁷ DINIZ, Mônica. *Op.cit.* p. 12.

¹⁷⁸ A *Gazeta*, 14/out/1911, p.6

A notícia descreve os dados situando o leitor sobre quem é a vítima, dando suas características e dados, o relacionamento entre os imigrantes envolvidos, suas profissões. Essas identificações são feitas com as declarações da vítima e, quando se é possível, das testemunhas e da própria polícia.

Segundo Chalhoub (2001, p.86), rixas, conflitos por questões de trabalho e habitação, são vistos como acontecimentos políticos dentro de um microgrupo social. Essas tensões e lutas aparecem em situações microscópicas do social, envolvendo os grupos de trabalho, da vizinhança, da família, como uma verdadeira ‘política do cotidiano’, que se caracteriza pela dinâmica e funcionamento desses grupos.

Agressão traiçoeira

Agressão traiçoeira – No bairro da Mooca – A navalha – Ferimento grave

João Accarino, operário, empregado na fábrica de tecidos de Regoli Crespi á rua da Mooca, sahindo hontem á 1 hora da tarde, deste estabelecimento, foi traiçoeiramente agredido por um companheiro de trabalho, que lhe vibrou profunda navalhada no pescoço. Praticado o crime, o aggressor, cujo nome a vitima ignora, poz-se logo em fuga [...] O seu estado é grave.¹⁷⁹

Encontramos nas notícias narradas pelos jornais variados crimes envolvendo aspectos desse cotidiano e que têm como pano de fundo relacionamentos de trabalho. “Empregado infiel”, “patrão abusivo”, “criada ingrata”, “funcionário ocioso”, “patroa violenta”, esses são geralmente os títulos de notícias que envolvem pequenos crimes ocasionados pelas relações de trabalho, julgadas pelos jornais.

Pudemos observar que o *Correio Paulistano* relata desavenças que terminam em crimes, como agressões e, por vezes, mortes envolvendo empregados infiéis, em sua maioria. Roubos em dinheiro, de ferramentas de trabalho ou instrumentos quaisquer levam o jornal a colocar os sujeitos enquanto ‘gatunos’, ‘larápio’ ou ‘ladrões’, numa narrativa que nos parece mais relacionada às questões econômicas. Enquanto isso o jornal *A Gazeta* traz a violência envolvendo patrões e empregados ou entre trabalhadores, relacionadas à dívidas e ciúmes, com um tom mais sangrento, em sua maioria, terminadas em morte de algum dos envolvidos.

Assassinato estúpido

Um carroceiro da Limpeza Pública matou hoje um “chauffeur” a tiros de revólver

Como se desenrolou o crime – O assassino foi preso em flagrante – Reportagem Photographica

A’s 4 horas da manhã de hoje, passava na rua Lavapés, o autotaxi n 1717, guiado pelo “Chauffeur” Oscar Nilo de Carvalho, de 26 annos de idade, brasileiro, casado, residente á rua Alvaro Ribeiro, n.1, que ia áquella hora para a sua casa.

Ao chegar em frente á fabrica de sabão “Flor Paulista” encontrou parado alli, contra a mão, o caminhão 10725, da Limpeza Publica, guiado pelo cocheiro Sebastião dos Santos, preto, tendo como companheiro o lixeiro Angelo Capalbo, italiano, residente á travessa das Carmelitas n.7, os quaes faziam a remoção do lixo daquella via publica.

O “chauffeur”, passando o automóvel, dirigiu-se a Sebastião e disse-lhe que o caminhão não podia estar “contra a mão”. Dahi, resultou Sebastião se exasperar com o “chauffeur”, sacando em seguida de um revolver e desfechando três tiros contra elle, atingindo-o ao lado esquerdo do peito, a região apigástrica e no hypocondrio direito.

O “chauffeur” rolou morto, por terra. Commettido o delicto, o criminoso e seu companheiro, trepando na bolea do caminhão, tocaram a toda a velocidade, desaparecendo.

¹⁷⁹ Correio Paulistano, 01/jan/11, p.3

Avisada a policia, compareceu ao local o dr. Theophilo Nobrega 2º delegado auxiliar, acompanhado dos drs. Xavier de Barros e Luiz Hoppe, médicos legista da Assistencia.

O dr. Theophilo Nobrega, effectuando dilligencias afim de capturar o criminoso, conseguiu effectuar a prisão de Sebastião, quando este passava pela rua da Consolação, com destino ao Forno do Araçá. Sebastião dos Santos, interrogado pela policia, confessou o crime, declarando que agiu em legitima defesa, porque Oscar Nilo de Carvalho, colocando a mão no bolso trazeiro da calça, quando elle discutia, pretendeu sacar de uma arma qualquer com a qual ia talvez aggredil-o.

Sobre o caso, esta aberto inquérito, que será transferido á subdelegacia do Cambucy, onde o sr José Maria do Valle Filho, 4º subdelegado o prosseguirá.

O assassino depois de fotografado, foi removido para aquelle posto policial. Amanhã, pela manhã, o cadáver da victima será autopsiado no necrotério do Araçá, pelo medico legista dr. Xavier de Barros.¹⁸⁰

Nessa crônica policial, o que encontramos são descrições dos sujeitos trabalhadores feitas pela *Gazeta*. A primeira é a apresentação da vítima, *chauffeur*, e do agressor, cocheiro, duas ocupações importantes na cidade naquele momento, mas que tinham uma pequena distinção social, já que os cocheiros e lixeiros tinham uma situação menos favorável quanto a renda do que um *chauffeur*. Importante destacar que o companheiro do agressor era um italiano lixeiro, cujo trabalho também era essencial.

A notícia, como em um boletim de ocorrência, é descrita com nome, endereço, idade e estado civil, enquanto do agressor consta apenas o nome. Em um primeiro momento, o jornal não faz outras distinções, mas uma leitura mais atenta nos leva a observar que a vítima retornava de um dia de trabalho e, ao reclamar de uma infração que o cocheiro cometeu, foi vitimado por ele, tudo isso, conforme título da notícia revela, caracterizado como uma estupidez.

Era comum encontrar nos jornais desavenças entre trabalhadores com ocupações distintas na cidade. Por vezes, a rivalidade ou o ciúme de profissão poderia levar às rixas. Não seria esse o caso específico relatado anteriormente, uma vez que temos o fato transformado em notícia pelo jornalista da *Gazeta*, no entanto, uma vez que as condições de trabalho eram delicadas e em meio à exploração e falta de leis que garantissem direitos, não era incomum atritos e desentendimentos entre trabalhadores. Sobre esses trabalhadores, Cruz (1991, p.23) escreveu,

Os serviços de limpeza pública da cidade de São Paulo só foram assumidos pelo poder municipal em 1914. [...] Quase a totalidade desses trabalhadores tinham jornadas noturnas, pois o serviço de varredura e coleta eram realizados entre 24 e 10 horas da manhã. A acentuada insegurança no emprego parece ter sido uma experiência cotidiana para esses trabalhadores. Sem qualquer necessidade de qualificação especial, o trabalhador da limpeza pública tinha como concorrente potencial quase todo trabalhador desocupado e disponível no mercado. (CRUZ, 1991, p.23)

¹⁸⁰ A Gazeta, 24/jan/1914, p.8

Carregador infiel

Foi roubado um homonymo de Arsenio Lupin

Tendo de seguir hoje para a França, onde reside, pelo primeiro trem que parte daqui, o sr. Arsenio Alves Junqueira chamou um carroceiro e entregou, entre outras uma maleta de mão, contendo vários documentos importantes. Na hora de receber sua bagagem na estação da Luz, o sr. Arsenio verificou faltar-lhe a maleta. Indagado della ao carroceiro, este não soube explicar acerca de seu paradeiro, dizendo que com certeza havia sido ella furtada na occasião em que fora despachar. O facto foi levado ao conhecimento da policia, sendo o carroceiro preso até o final da liquidação do negocio...que privou o sr. Arsenio de ir para as vésperas de Natal com sua família.¹⁸¹

Nesta notícia de crime de roubo, o jornal em seu título já faz a afirmação sobre o ocorrido, indicando ao leitor que o carregador cometera o delito. O jornal, buscando apenas narrar o fato, coloca em oposição o carroceiro e um sujeito, cujos indicativos denotam ser ‘bem colocado’, visto que carrega papéis importantes e mora na França. Sem maiores dados, a pequena notícia é encerrada, mostrando os danos e transtornos causados à vítima.

Das notícias estudadas nessa pesquisa, percebemos rótulos, estigmas e estereótipos que envolvem os sujeitos que cometeram os crimes, sejam eles de contravenção ou se sangue. A imprensa assim como a polícia participam da construção social dos sujeitos ditos criminosos e da vítimas que, muitas vezes, convivem nos mesmos espaços.

3.3 A Ronda Policial nas Crônicas: buscando o controle dos espaços

Ronda de agentes

No districto do Sul da Sé – Prisão de dois vagabundos

Afim de evitar a reprodução de furtos o dr. Euclides Silva, segundo delegado, determinou aos seus agentes que rondem todas as noites, até o amanhecer, as ruas da circumscrição. Iniciando o serviço, já hontem os agentes effectuaram a prisão dos indivíduos de nome Alexandre Oria e Benedicto Fagundes dos Santos, este na avenida Luiz Antonio e aquelle na travessa do Quartel. Esses indivíduos, interrogados, não souberam explicar os motivos porque andavam de madrugada pelas ruas.¹⁸²

A prática do policiamento nas ruas das principais capitais do mundo desde fins do XIX era intensa. Associada ao ideal de modernidade, a segurança era um quesito importante para uma cidade moderna. A fim de se alcançar essa idealização, as polícias intensificaram sua vigilância em determinadas áreas das cidades. Não diferente foi na capital paulista que, em nome da ordem, progresso e modernidade, buscou controlar muitos espaços ditos ‘perigosos’.

Analizando a produção da Revista Policial, no Rio de Janeiro, no início do XX, e as formas de divulgação da polícia, Bretas (2008, p. 98) aponta sobre os policiais da capital federal,

[...] A atitude de alguns policiais era vista como motivo para o desprestígio da atividade [...] em cumprir o dever, [...] separar os bons dos maus policiais [...] Alguns policiais deveriam corrigir suas

¹⁸¹ A Gazeta, 26/dez/1915, p.6

¹⁸² Correio Paulistano, 23/abr/1910, p.3

posturas e cuidar de seu fardamento. Não deviam ficar recostados nos postes, conversando ou lendo jornais [...] O homem da rua deveria marchar, caminhar, evitando o andar gingado, característico da malandragem [...] Essa distância dos hábitos populares marca um dos objetivos da disciplina [...] A informação sobre as polícias européias ou americanas tinha um objetivo ambicioso. Observar, comparar, trazer informações que pudessem fazer-se úteis, morando-se nos exemplos. A polícia estava inserida no pensamento brasileiro da belle époque, que tinha seus olhos voltados para a Europa, especialmente Paris. Não é à toa, que a primeira informação internacional, no segundo número da Revista, chamava-se “A polícia de Paris e a Nossa”. (BRETAS, 2008, p. 98)

A despeito das análises serem sobre a cidade do Rio de Janeiro, essas informações, por vezes, se fazem semelhantes para a cidade de São Paulo. Os jornais aqui estudados também apresentavam em suas narrativas e notas sobre a atuação dos policiais a importância de suas posturas e a condenação quando agiam de forma inapropriada. Nas páginas dos jornais, encontramos referências às polícias internacionais, sobretudo a francesa, como um modelo a ser seguido.

Em maio de 1910, o *Correio Paulistano* trazia na coluna “Factos Diversos” um editorial rebatendo o jornal *Commercio de São Paulo* que, segundo o *Correio*, ataca a administração da cidade e o secretário de Justiça e da Segurança Pública, ao dizer que a segurança das ruas da cidade é precária e que os praças da guarda cívica chegam ‘sonolentos’. Mais do que uma defesa do policiamento da cidade e da ação policial, o *Correio* se utiliza de seu espaço para um posicionamento político em defesa do governo e dos interesses do próprio jornal, rebatendo a concorrência.

O policiamento da capital

O «Commercio de São Paulo», na sua violenta faina de atacar, por todos os lados, a administração do Estado, e, principalmente o secretario de Justiça e da Segurança Pública, confessado objectivo de sua preferencia nessas investidas de costume, continua a criticar os nossos reparos e os dos jornaes amigos do governo, lançando sempre, as mesmas já sedições tiradas de rebuscado effeito ao espirito publico [...] imaginando illudil-o [...] O Commercio ocupando-se do roubo da rua S. Bento, afirmou que os praças da guarda cívica vinham fatigadas e somnolentas dos exercícios militares. Ante a nossa contestação, o colega fugindo a sua afirmativa, replicou que, ellas não vinham cançadas, eram entretanto retiradas de seu Corpo e transferidas para o Batalhão. Demonstramos que o órgão da dissidência hermista, não estava com a razão, o effectivo da guarda se achava comoletto, que o soldo de suas praças fôra aumentado como um estímulo para atrair alistados [...] O Commercio pelo seu incansável pretenso zelo pela segurança publica, alludiu a roubos e scenas de sangue já estafada e apresentados, esquecidos, [...] Depois, não contente de repizar o assumpto, pretende fazer crêr que até no centro da cidade há guardas nocturnos mantidos por particulares para auxilio da policia, o que é perfeita inverdade. Quanto aos dramas de sangue mais em evidencia, a policia tem prendido os seus auctores, ou em flagrante, ou em virtude de seguras e bem encaminhadas diligencias posteriores aos crimes. [...] Deviamos continuar a demonstrar como é feito, de modo preciso, activo e inteligente o serviço de policiamento, atendendo não só as necessidades desta capital, mas de duzentos municípios [...] ¹⁸³

Os jornais destacavam a organização policial em suas notas, às vezes, tecendo um breve histórico de suas funções, outras destacando o uso de tecnologias e modernidades em suas práticas, como forma de estar bem ‘aparelhada’ para o combate ao crime de qualquer natureza na cidade. Por vezes, encontramos minibiografias de secretários da justiça ou delegados, ou a formação de alguma autoridade policial, viagens

¹⁸³ Correio Paulistano, 28/maio/1910, p.3

que fez ou encontros com especialistas de outros países, na busca de mostrar ao leitor que a polícia está preparada tanto teórica quanto fisicamente. Tanto assim que, na edição do dia seguinte, o *Correio* trazia novamente sob o título “Policciamento da capital”, mais um editorial esclarecendo a importância desse serviço de rondas e se colocando como um agente prestador de serviço público, ao dizer que,

Proseguindo na tarefa, que tão útil nos pareceu, de mostrar, de acordo com as seguras informações, que obtivemos (e que alias estão ao alcance de todos, nas tabelas de fixação do pessoal dos destacamentos) como é feito o policiamento desta capital, damos hoje discriminação dos serviços a cargo do primeiro e segundo batalhões de regimento da Força Pública. Como já dissemos, o Corpo da Guarda Cívica é destinado exclusivamente á vigilância das ruas. Sendo assim, indispensável se tornava dispor de outros contingentes para o policiamento da parte suburbana [...] ¹⁸⁴

Essa proposta seguiu-se pelos dias subsequentes, pois, em 31 de maio, na primeira notícia dos “Factos Diversos”, na página 3, o jornal trazia mais detalhamento de como o policiamento era feito na capital, destacando as funções da guarda cívica. Na página 4, trazia em meio às notícias de delitos e crimes como “assassino”, “mau marido”, “conflito”, “criada infiel”, “queixa á policia”, três *clichés* do projeto da Penitenciária de Nova Iorque. Com um título em negrito e caixa alta “Penitenciarias”, o *Correio* demonstrava aos leitores, exemplos de três planatas para a construção da penitenciária novaiorquina. Uma alusão à segurança, modernidade, que estava em sintonia com os editoriais que valorizavam o policiamento da cidade de São Paulo.

¹⁸⁴ Correio Paulistano, 29/maio/1910, p.4

10, p.4.

Na nota a seguir, o jornal *Correio Paulistano* enfatiza a ação do policiamento quando da visita de Rodrigues Alves à São Paulo.

O Policiamento

O serviço de policiamento da estação da Luz e de suas imediações foi dirigido pelo dr. Rudge Ramos, terceiro delegado auxiliar. Apesar da enorme massa de povo, que affluira para a Luz, não se deu nenhum atropelo, devendo-se isso á inteligente distribuição de policiamento sob as ordens dos capitães Sandoval de Figueiredo e Artur de Paula Ferreira, officiaes do primeiro e segundo batalhões, compareceram á estação 200 praças da Força Publica, e que se encarregaram do policiamento.¹⁸⁵

Na sua edição de 14 de janeiro de 1912, o periódico destacou o policiamento da capital na visita de Rodrigues Alves à cidade. O matutino dedicou três páginas inteiras a visita, enaltecendo não apenas a figura de Rodrigues Alves, como de toda a preparação que a cidade fez para recebê-lo. Dedicou suas primeiras páginas a narrar passo a passo cada região visitada, incluindo o bairro do Brás, que o jornal destacou ter preparado “uma imponente manifestação de apreço da parte da população daquele bairro”. E finalizou a reportagem sobre a visita apontando que a polícia soube conduzir a situação, promovendo segurança das personalidades e da cidade. Em fevereiro de 2014, o *Correio* trazia uma pequena nota sobre o policiamento especificando a localidade em que o Brás teria um destaque maior.

O carnaval e a polícia

Conferência do sr secretario da Justiça e da Segurança Publica com os delegados da capital – Policiamento da cidade

O sr dr Eloy Chaves, secretário da Justiça e da Segurança Pública, reuniu hontem, em seu gabinete na repartição central da polícia, todos os delegados auxiliares e da circumscrições da capital, com ele combinando as necessárias medidas, para que seja irrepreheável o policiamento da cidade durante o Carnaval. Todos os delegados à excepção do senhor dr Mascarenhas Neves, que se incumbirá do policiamento do Brás e do delegado de serviço na Policia Central, percorreram as ruas do triângulo acompanhados de officiaes da Força Pública.¹⁸⁶

Também era uma preocupação da polícia as várias manifestações nas ruas, principalmente, o Carnaval. Observamos que, nas datas do festejo, os jornais trazem pequenas notas alertando a população de como se ‘comportar’ e também o papel que o policiamento tinha nos dias de comemorações.

O policiamento no Carnaval

Uma reunião de delegados no gabinete do sr. Secretario da Justiça e da Segurança Pública

No gabinete do sr secretario da Justiça reuniram-se pela manhã, a convite do sr. Dr. Eloy Chaves, os delegados auxiliares e de circumscrições, afim de serem combinados medidas relativamente o policiamento da cidade [...] O centro da cidade foi dividido em zonas, para o effeito do policiamento [...] as autoridades serão acompanhadas de officiaes da Força Pública, devidamente armados. [...] Para a Força Pública não haverá folga desde amanhã até a próxima terça [...] O sr Eloy Chaves, permanecerá igualmente na sua secretaria pelo maior tempo possível, de modo a attender a qualquer providência.¹⁸⁷

¹⁸⁵ Correio Paulistano, 14/jan/1912, p.3

¹⁸⁶ Correio Paulistano, 20/fev/1914, p.4

¹⁸⁷ Correio Paulistano, 12/fev/1915, p.5

A notícia destaca as medidas que são feitas em conjunto com as delegacias, secretaria de segurança, delegados e subdelegados, mostrando o esforço em conjunto para a segurança e ordem da cidade. A notícia ainda esclarece quais os grupos de policiais e delegados que ficarão incumbidos de patrulhar as ruas São Bento, XV de Novembro e Rua Direita, localidades de grande movimentação nos festejo por serem locais com muitos cafés e lojas. Os guardas da Força Pública estarão devidamente armados, portanto, avisando antecipadamente que poderão utilizar a força. Para valorização do serviço policial, eles não descansarão enquanto houver os festejos, segundo o comunicado publicado pelo jornal.

Um pouco diferente das notícias do *Correio Paulistano*, a *Gazeta* destacava, como era de sua característica com vários subtítulos, fotografias, atuação da polícia e o uso das melhorias para combater a criminalidade. Por vezes, a reportagem vinha acompanhada de entrevistas de autoridades no assunto.

Os cães policiais

uma festa original para São Paulo

Prisão de um gatuno - em defesa do dono - outras cenas - como o cão policial persegue e prende os malfeitores

O papel dos cães nos Campos de batalha

A *Gazeta* entrevista o diretor do canil policial de São Paulo

Em vista do interesse que tem despertado a iniciativa do senhor Francisco Carlos Semal, levando a efeito uma festa pública, com a qual visa não só mostrar os resultados obtidos em tão curto lapso de tempo na maestria dos cães policiais, como também com o seu produto, beneficiar duas instituições de caridade, a Santa Casa da Misericórdia e a Cruz Vermelha, procuramos aquelle professor e pedimos-lhe nos desse alguns esclarecimentos, sobre as vantagens da adopção em nosso policiamento, dos cães policiais e também sobre as festas que pretende realizar no Velódromo.

Para nosso duplo pedido, acendeu gentilmente o professor, e a pergunta que formulamos respondeu:

- “Vou fazer publicamente a demonstração da applicação dos cães, quer no serviço de salvamento, nos casos de guerra, e de necessidade pública, quer nos de busca, procura, captura e apreensão de criminosos e malfeitores. A fim aqui apresentei trabalhos de cães ambulância, para socorros de feridos e cães auxiliares de polícia, para perseguição e prisão de criminosos e malfeitores.”

Mas, esses cães desempenham ambas as funções de ambulância e captura ou...

- “Não. Cada um delles, tem um ensino commum até certo ponto, e depois, cada animal tem uma educação no sentido de especializar-se, no ramo [...] você verá melhor na exposição[...] os auxiliares do policial, são destinados a auxiliar o guarda na captura e perseguição dos malfeitores, attender a sua pessoa contra possíveis ataques.

A vantagem do emprego do cão é incontestável [...] disso você se certificará, basta notar que um guarda ou polícia, que faz ronda sozinho, longe às vezes de socorro e auxílio, que se vê na contingência de agir em defesa da propriedade alheia, ou mesmo da vida, contra a sanha, dos malfeitores pode fracassar. [...] ¹⁸⁸

A autoridade ainda explicou na notícia que o treinamento dos cães ajudaria o policial a ter êxito. Mais adiante na reportagem, jornal também destacou que o professor deu como exemplo o sucesso empregado pelas polícias francesas e alemãs nessa prática.

¹⁸⁸ A *Gazeta*, 16/jan/1914, p.1

Muitos conflitos cotidianos relatados nos jornais aqui tratados, condutas individuais ou coletivas, que ocorrem na esfera doméstica, privada ou pública, foram transformados em práticas consideradas delinquentes e criminosas. Divulgar o aparato policial, as ditas melhorias e a ação positiva do policiamento significava buscar o controle da criminalidade, dos sujeitos criminosos e manter a ordem.

As pessoas que transitavam ante-hontem á noite pela rua da Quitanda sentiram-se transportadas de entusiasmo presencando a coragem com que a praça de ronda nesse ponto enfrentou dois ladrões que assaltavam uma casa commercial daquela via [...] Os vasta quadrilha de facínoras emigrados, que, disfarçados em gente honesta, tem desembarcado em Santos para exercerem na nossa capital a sua indústria sinistra. A rapidez com que elles penetraram no prédio demonstrou como eram consumados em sua arte. O rondante, porem, sem perder a calma, montou guarda a porta da casa e tão discretamente o fez que conseguiu catrafilhar em flagrante os ratoneiros [...] Os jornaes de hoje relatam esse facto heroico do obscuro e destemido mantenedor da ordem, mas, nem uma fugaz referencia de estímulo lhe dedicam. Amanhã, quando pelos telhados de um prédio ou por alguma porta penetrar qualquer gatuno, [...] virá o mundo abaixo com recriminações alarmadas ao descaso das autoridades. Nós não temos procuração de ninguém para registrar estas antinomias do critério jornalístico dos colegas, porque são inerentes á missão que a polícia desempenha; mas entendemos que estas injustiças se tornam perigosas, pois podem ser um incitamento á proliferação de roubos e um ponto de partida para o enfraquecimento da repressão policial.¹⁸⁹

Nesse editorial da *Gazeta*, observamos que o jornal destaca a perspicácia e rapidez de um rondante na prisão de criminosos que, segundo o jornal, eram imigrantes que chegaram a capital. Descreve o policial como um “herói anônimo”, condenando os jornais de modo geral, que não se empenharam em valorizar e destacar tal atitude. Percebemos na postura da *Gazeta*, a valorização e a importância que atribuía às rondas nas ruas. Em um texto breve e objetivo, narrado na primeira pessoa do plural, assumindo o posicionamento do jornal, defende que atitudes como a do ‘destemido mantenedor da ordem’ devam ter mais visibilidade.

As notícias que os jornais destacam sobre as rondas relacionam-se em vigiar as áreas e localidades que se consideravam inseguras, como alguns bairros, a fim de manter a ordem. Porém, quando a agitação relacionava-se aos agentes da ordem, o jornal *A Gazeta* não poupava uma narrativa escandalosa,

Numa casa de tolerância – soldados do exército embriagados espancaram alguns civis
Lucta com a Polícia

Numa casa de tolerância a rua Conceição, entre Senador Queiroz e Mauá, diversos soldados do exército, alcoolizados, promoveram desordem hontem, ás 11 e meia da noite, tendo espancado alguns civis que bebiam cerveja em companhia de mulheres da casa. Ao trillar o apito, acudiram os praças do segundo corpo da guarda cívica. [...] foram recebidos a garrafadas [...] o guarda-cívico Luiz Maria [...] fez uso do revolver desfechando um tiro. O projectil atingiu a perna do soldado do exercito Jose Bueno da Silva [...] Uma patrulha da cavalaria, passando no momento, interviu e foi igualmente recebida com invectivas pelos soldados [...] os desordeiro foram presos. O dr Euclides Silva, segundo delegado, fez tomas as declarações [...] abrindo respectivo inquérito.¹⁹⁰

Nesta notícia, a guarda cívica da cidade agia em favor da ordem, atuando contra soldados do exército que frequentavam local moralmente condenado pela polícia e estavam em estado de embriaguez. Nas notas

¹⁸⁹ A Gazeta, 17/fev/1914, p.1

¹⁹⁰ A Gazeta, 01/jan/1914, p.2

que encontramos nos jornais sobre a presença da polícia nos casos de brigas, desordens e crimes, a ronda policial está sempre próxima dos locais, sejam dos cortiços, botequins ou espaços frequentados pelos sujeitos chamados criminosos, o que nos demonstra que a polícia fazia a ronda e a vigilância nesses locais costumeiramente. Na sua ação, os policiais tinham não apenas a coerção, mas toda uma sequência a ser seguida nas rondas diárias, quase como um roteiro que deveria ser posto em prática nas ruas, como identificar nos locais mais populosos sujeitos, muitas vezes, ‘conhecidos’ como vadios, baderneiros e ociosos, desordeiros.

Um irmão desnaturado – Queixa contra o patrão

- Henrique Bonilha, residente á rua da Alfandega, n.36, apresentou hontem á polícia do Braz, queixa contra seu filho Francisco Bonilha, de 26 annos de idade, que injuria publicamente a própria irmã.

- A polícia do Braz, Erasmo Machado, morador a rua Carneiro Leão n.153, queixou-se hontem de que seu patrão, Francisco Maria, residente á rua do Trabalho n.2, se recusa, a pagar-lhe o vencimentos a que tem direito.¹⁹¹

Há notas dos jornais em casos íntimos e da vida privada, como defesa contra um familiar para garantia de receber algum direito ou de mulheres que vão a delegacia prestar queixas de seus maridos abusivos e violentas, como também providências para os raptos de menores, principalmente, meninas.

Pedido de garantias

Tendo-se realizado hontem á noite uma passeata cívica de italianos em signal de regozijo pela entrada da Italia na conflagração europeia, os redactores do “Deutsche Zeitung”, com redação e officina na rua Libero Badaró, pediram garantias ao dr Eloy Chaves, Secretario da Justiça e Segurança Publica, pois temiam um assalto aquelle jornal. O dr. França Carvalho, delegado que se achava a serviço na Repartição Central da Policia, deu immediatamente as necessárias providencias, fazendo aguardar, por forças da policia não só a redacção do “Deutsch Zeitung” como os edificios do Banco Alemão, e do consulado da Allemanha. O policiamento da cidade foi consideravelmente augmentado.¹⁹²

Verificamos que ambos periódicos, ao noticiarem sobre a polícia a seus leitores, mesmo que com pequenas notas, de alguma forma, buscaram construir seu próprio papel junto a opinião pública, não apenas como ‘divulgador de notícias’, mas de ‘defensor’ das causas públicas e sociais, prestando um serviço, alertando sobre ocorrências e informando sobre os perigos a população.

Na edição de 25 de fevereiro de 1916, *A Gazeta* recebia uma carta dos moradores do bairro pedindo a intervenção do jornal para que o policiamento na região fosse melhorado. A carta cita ainda que ‘os amigos do alheio’ estavam atuando de forma constante, assaltando residências. Indicavam o nome das ruas de maior incidência dos assaltos e finalizava dizendo que,

¹⁹¹ Correio Paulistano, 30/jun/1910, p.3

¹⁹² Correio Paulistano, 26/maio/1915, p.2

[...] Rogamos á Gazeta chamar a atenção do dr. Eloy Chaves, illustre secretario da Justiça, para esse facto, certos, como estamos, de que s. exa. Providenciará a respeito.¹⁹³

Perceptível ficou para nós que, a partir da leitura e reflexão dessas notas sobre as rondas policiais, a manutenção da ordem, da moralidade e da disciplina eram a prioridade das rondas policiais, porém, em outras pequenas notas, a polícia é chamada para ‘prestar um serviço à população’ nas questões íntimas e familiares, mostrando que os policiais se envolviam em uma variedade de funções, além de prevenir o crime e manter a ordem. Pelas notícias publicadas, podemos observar que a polícia recebia testemunhos orais por meio de queixas. Os jornais em suas narrativas procuram mostrar seu papel de divulgador das boas condutas, de moralizador dos costumes e de prestador de serviço à sociedade.

¹⁹³ A Gazeta, 26/fev/1916, p.6

Capítulo 4 – NA MIRA DOS JORNAIS: OS SUJEITOS

As várias correntes de pensamento herdadas do século XIX se faziam presentes em discussões políticas, culturais e sociais nesse período em que tratamos da reflexão nos periódicos. Instituições de prestígio intelectual e político, como a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, Faculdade de Direito de Recife, Faculdade de Medicina da Bahia, os Institutos Históricos e Geográficos, debatiam ideais e aspectos da nação. Jornalistas, escritores, literatos, advogados, engenheiros, médicos e criminalistas compunham a intelectualidade que divulgava pensamentos e compreensão de muitos aspectos sociais da vida no país.

A ciência Positivista, os debates e reflexões do chamado Naturalismo, as influências de ideólogos e cientistas europeus, que argumentavam e legitimavam os ideais do Determinismo e Darwinismo Social, eram fortemente discutidas nesses meios intelectuais brasileiros e exerciam influência sobre o pensamento da época, a fim de explicar e argumentar comportamentos relacionados aos crimes. Esses ideais e princípios eram defendidos não apenas buscando justificar a criminalidade, mas também aspectos da vida cotidiana, da moral, dos costumes, dos comportamentos e da psicologia, motivados por tais discussões.

Schwarcz (2016, p.65) aponta que, seguindo esse modelo determinista, ganhava impulso a hipótese de observar a natureza biológica do comportamento criminoso. Era a Antropologia Criminal que, apoiada no pensamento de Cesare Lombroso, argumentava que a criminalidade era um fenômeno físico e hereditário, portanto, um elemento objetivamente detectável. Em relação ao que se acreditava do chamado Darwinismo social, havia também a defesa de que o desenvolvimento cultural de uma nação seria condicionado pelo meio, além da defesa do determinismo de cunho racial. Os periódicos aqui delineados, trataram de publicizar muitos desses valores por meio de seus artigos, relacionando comportamentos à explicação da ciência.

4.1 As Mulheres e o Crime: os filtros dos Jornais

A partir de novos estudos e abordagens sobre a temática da mulher na historiografia e da ampliação do debate e reflexões sobre família, sexualidade, comportamento, foi possível trazer à luz a compreensão do seu papel na sociedade e relacioná-lo com a opressão, a violência e exploração, os abusos, o trabalho e a educação, resgatando vários aspectos da condição feminina. Segundo Bresciani (1989, p.2), o tema da mulher no espaço público é um tema que reflete a história da exclusão e de luta, para ser reconhecida e se reconhecer. Acrescenta que, nos estudos sobre o tema, superou-se o desprezo para com as atividades que envolviam a ‘vida privada’, o lar, a família, a casa, que são acontecimentos históricos, datados em sua modernidade, e que merecem a atenção do historiador.

Michele Perrot (1989, p.10), em seu artigo “Práticas de memória feminina”, diz,

O século XIX claramente distinguiu as esferas pública e privada, cuja disposição condiciona o equilíbrio geral. [...] o mundo público, sobretudo econômico e político, é reservado aos homens, e é este que conta, dos papéis se traduziu na retirada das mulheres de determinados lugares [...] A cidade do XIX, é um espaço sexuado. Nela as mulheres se inserem como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e atitudes, no caso das mulheres burguesas, [...] quanto às mulheres do povo, só se fala delas quando seus murmúrios inquietam no caso do pão caro, quando provocam algazarras contra comerciantes, uando ameaçam subverter com sua violência um cortejo de grevistas[...] a observação das mulheres em outros tempos obedece a critérios de ordem e de papel. Ela diz respeito mais aos discursos que as práticas. (PERROT, 1989, p.10).

E é justamente sobre a imagem da mulher relacionada aos crimes nos periódicos escolhidos que procuramos observar nesse item. Em nossas reflexões, procuramos demonstrar como a narrativa dos jornais se apresentou envolvendo diversos sujeitos. Buscamos com esse item revelar um pouco da perspectiva que esses jornais construíram sobre a mulher e o tema da criminalidade, alicerçado no pensamento de seus contemporâneos.

Dois dramas

Um em agosto e outro hontem, na estação do Braz, ambos com os mesmo personagens ludibriados pela mesma mulher - A tiros de revolver - O agressor foi preso e a victima ficou gravemente ferida

O nacional Pedro Pinto Gouveia, de 23 annos de idade, solteiro, no dia nove de agosto do anno passado, ás oito horas e meia da noite, tentou assassinar seu desaffecto Alberto Urbano de Souza, empregado do Aero Club, desfechando-lhe traiçoeiramente cinco tiros de revolver, na occasião em que lhe tomava o automóvel. Esse facto A Gazeta noticiou com todos os pormenores e si os leitores não estão esquecidos hão de lembrar-se de que a scena de sangue fora motivada por questões de amores faceis, em que figurava como protagonista a meretriz Maria Celeste, portugueza, que ambos requestavam e que a ambos vivia iludindo com seus artifícios de mulher experimentada no vicio. Alberto Urbano ferido gravemente foi para a Santa Casa, de onde, emfim, sahiu curado, passados alguns dias, devido aos cuidados médicos [...] Pinto Gouveia preso em flagrante, foi processado por crime de tentativa de morte e mais tarde posto em liberdade, mediante fiança provisória. Decorreram seis mezes. E eis os mesmos personagens do drama de agosto em scena, com os papeis invertidos. Desta vez foi Alberto Urbano quem tentou matar Pedro Pinto, também a tiros de revólver. Mas narremos o facto.¹⁹⁴

Essa crônica do vespertino *A Gazeta* inicia-se com a memória de um crime que envolve três personagens, uma mulher e seus dois amantes, ocorrido meses atrás, o jornal manifesta-se relembrando o fato. O título remete o leitor à memória recente relembrando sobre as características dos envolvidos, principalmente, sobre a mulher de vícios que ilude com artifícios os dois homens.

Maria Celeste, apesar do desfecho trágico de sua attitude dúbia para com os dois amantes, que teve theatro na rua do Commercio, voltou a fazer favores aos dois rivaes, dando preferencia antes, mostrando preferir Urbano a Gouveia. Isso foi no princípio, mas, afinal, cançou-se do seu preferido e ante-hontem deu-lhe o fora, alegando de partia para o interior. A meretriz foi procurar Pedro Pinto e contou-lhe o succedido, resolvendo os dois partirem hontem para o Rio pelo primeiro nocturno. Desconfiado de uma traição da parte de Celeste, que lhe havia prometido embarcar sozinha para Ribeirão Preto, Alberto Urbano de Souza tomou o nocturno na estação da Luz. E ao chegar o comboio no Braz certificou-se das suas suspeitas.

¹⁹⁴ A Gazeta, 11/fev/1913, p.1

Assim sendo, saltou inesperadamente na *gare* e, enfrentando-se com Pedro Pinto Gouvêa, desfechou-lhe dois certos tiros de revolver. Em seguida, o agressor tentou fugir, mas foi preso em flagrante.

Até aqui, o leitor provavelmente já conseguiria construir por essas linha o perfil de Celeste: mulher que engana e mente, não confiável, meretriz. A prática do meretrício estava associada à vadiagem naquele momento e implicitamente não era considerada uma ‘ocupação’, ofendia a moral e os bons costumes. Além de que, nesse momento, a construção do ideal de trabalho e sua positividade recebiam um esforço das autoridades e dos jornais da imprensa diária ou da grande imprensa, como salientamos, que encampavam essa construção. O ideal de trabalho deveria servir como regenerador e disciplinador. A crônica policial da *Gazeta* continua agora, detalhando o crime recente.

Avisada a policia, compareceram no local o dr. Franklin Piza, quarto delegado auxiliar, e os médicos drs Archer de Castilho e Raul de Sá Pinto. Pedro apresentava um ferimento perfuro contuso produzido por arma de fogo na região costo-iliaca esquerda, indo o projectil fazer saliência sobre a pelle do hypocondrio esquerdo, e outro, de igual natureza, no braço esquerdo produzindo fractura. O offendido depois de receber os primeiros socorros médicos, foi removido para o Hospital da Santa Casa, onde se acha em tratamento.

Sobre o facto foi aberto inquérito. Interrogado pela policia, Alberto Urbano de Souza declarou que há quatro annos conheceu Celeste, vivendo em sua companhia. Pelo carnaval do anno passado, ella desapareceu de sua casa, indo viver com Pedro Pinto Gouveia, na casa n.13 da rua Cavalheiro. Decorrido um mez, ella de novo o procurou e, declarando-se arrependida do acto que praticara, passou a viver de novo em sua companhia.

Em agosto daquele mesmo anno, deu-se scena de agressão por parte de Gouveia. Ferido, esteve na Santa Casa. Nessa occasião passou ainda a viver com Celeste. Chegando agora a época do carnaval, a amante pediu-lhe que a levasse á Pensão Negrinha, na rua de S. João, para dalli assistir á passagem de carros. Celeste foi e entendeu de permanecer na pensão.

Não ficando satisfeito com essa resolução, Urbano fez sentir á amante que ella não poderia permanecer naquela casa e ella, como única resposta, lhe declarou que iria para Ribeirão Preto. Estavam as coisas nesse pé, quando Urbano veio a saber que Celeste tinha ido procurar Pedro Pinto Gouveia e com elle pretendia embarcar para o Rio. O inquérito prosseguirá no posto policial do Braz.¹⁹⁵

Compreendemos que, na crônica, o jornal traz a fala da perícia, do saber médico enquanto elemento que busca criar o efeito de uma narrativa objetiva e neutra. Do ponto de visto técnico, da linguagem e do saber de um especialista, o jornal construía a estratégia de uma relação de confiabilidade junto ao leitor e colaborava para a seriedade e respeitabilidade da notícia. Em termos de elementos de sua narrativa, a julgar pelos subtítulos que seduzem o leitor, a memória do crime anterior é uma forma de reafirmar os valores e de mostrar que os sujeitos não se ‘regeneraram’ ou ‘mudaram de vida’. Aponta, de maneira indireta, que Celeste gostava dos carnavais, que no passado abandonou Alberto e, no atual, quis ficar na pensão, mostrando que era pouco fiel ao amante. O jornal trazia a crônica na sua primeira página e junto a fotografia de Celeste.

¹⁹⁵ Idem.



A Gazeta, detalhe da fotografia de Celeste, 11/02/1913, p.1

A própria fotografia de Celeste destacada no jornal mostra uma mulher desinibida, irreverente, extrovertida e descontraída pela pose que faz para a câmera, postura que as chamadas ‘moças de família’ não exibiriam muito em público. A imagem de mulher recatada, contida e resguardada era tida como referência. Na mesma página, no seu editorial, o jornal traz ao lado direito ocupando duas colunas inteiras, um texto sobre “o Diário Popular e as meretrizes”, em que faz contundente crítica a aquele jornal por se opor ao projeto de Armando Prado para aumentar o policiamento da prostituição. Segundo o vespertino, o projeto que seria apresentado à municipalidade era “brilhante e revelador de acurado estudo”, apoiado por toda a sociedade paulista, mas que,

Acaba de alcançar o maior triumpho a que possa aspirar uma tentativa sensata numa cidade culta: a opposição do Diário Popular. Abrindo uma exceção na imprensa, que outra coisa não tem feito senão verberar a absoluta licenciosidade em que vivem os lupanares, situação horrenda que gera depravações e suicídios, avilta caracteres, dissolve a família apodrece a raça, o emasculado orgam das opiniões promiscuas e epicenas, enfeitou-se todo de escrúpulos constitucionais e saltou a campo para oppor-se á moralizadora providencia, que em substancia a todas as grande cidade do mundo adoptaram e praticaram. E por que assume o velho orgam cullinario essa attitude anarchista? Que poderosas razões invocam por proteger a torpeza dos serralhos públicos esses mazombos La Palisses, que enxovalham a respeitável velhice do sr. José Maria Lisboa [...] A resposta é simples, ou antes é complicada, [...] pensa o “Popular” sempre dando de barato – que o projecto Armando Prado apresenta inconvenientes: legalisa o vicio, quando devia combatel-o; [...] ¹⁹⁶

A *Gazeta* ainda discorre sobre o projeto que não visa tornar o crime legal em punições penais, mas apenas “policiar um abuso tolerado”, enfatizando que não há lei que proíba a prática do meretrício, todavia há passagens do código que sobre ele dispõe “vagamente o regulamentando sob o ponto de vista do pudor social”. E ainda diz que, para combater ou extirpá-lo, somente um órgão que não o municipal poderá fazê-lo. A polícia e este “poderiam coadjuvar a acção daqueles que tomassem a peito a lucta contra a libidinagem pela regeneração das marafonas, pela assistência as operárias pobres e sobretudo pela fundação das escolas profissionais”. Segundo o jornal, o projeto do vereador Armando Prado tomava bases de um projeto argentino examinado por um delegado paulista por determinação do secretário de Justiça e que tinha dado resultados, uma vez que as estatísticas de doenças venéreas tinham caído naquele país. A *Gazeta* ainda ressalta que muitas mulheres migravam, pois aqui não havia proibições. Finaliza o texto dizendo ao leitor que,

A policia? [...] é exatamente a policia que alarmada reclama da Camara posturas contra a monstrosidade dos escândalos com que a prostituição agride, sob todos os aspectos, o pudor da familias e se assenhoreia das ruas centraes e dos bairros “chices” da capital. Mas si a própria policia que pede leis dentro das quaes exerça a sua acção coercitiva, sem vulnerar direito ou ferir a liberdade de quem quer que seja!” ¹⁹⁷

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Idem.

O tema estava bastante presente nas páginas, não apenas nesse embate entre o jornal *A Gazeta* que atacava o *Diário Popular*, mas nas notícias sobre o tema e publicizadas tanto por ela quanto pelo *Correio Paulistano*. A narrativa acima sobre Celeste também foi noticiada pelo *Correio Paulistano*. O assunto da prostituição e cafetinagem quando publicados nos jornais rendiam páginas e mais páginas, seções e edições subsequentes, o que denota que a temática era uma possível demanda social e de venda, dentro da conjuntura que se debatiam os critérios de valor moral e bons costumes.

Com o título da seção “Factos Diversos” em destaque, o *Correio* já no início chama com dramaticidade o leitor: “Tentativa de morte – A porfia de uma mulher – Dois indivíduos com sacrifício da própria vida, disputam a posse de uma mulher de costumes fáceis – Uma scena de sangue que se reproduz seis meses depois, com inversão dos papeis – Dois tiros de revólver – O criminoso, preso em flagrante, presta declarações à polícia – O inquérito sobre o facto”. Com esse extenso subtítulo em destaque e o vocabulário utilizado desde início, “porfia de uma mulher”, “mulher de costumes fáceis”, o jornal encaminha o leitor para sua interpretação dos fatos.

Ainda que essa narrativa não traga a mulher que comete o crime de sangue, é de sua responsabilidade, segundo os jornais, o crime que seu amante incorre. Celeste é colocada como pivô do ciúme do amante, o que leva ao desfecho do crime. Como mulher de vida fácil, é apresentada não como a causa de um, mas de dois crimes, demonstrando ao leitor que, mesmo diante de trágica situação de meses atrás, ela continuava em sua vida de imoralidade.

Os crimes envolvendo mulheres se multiplicavam assim como tantos outros praticados por homens. Nos primeiros anos da década, deparamo-nos com esse crescente. Por vezes, a notícia criminal é construída de forma sensacional com dramaticidade, principalmente, quando o crime é de sangue e envolve aspectos morais, como a honra ou o adultério. Mas isso não quer dizer que as pequenas notas que tratam de delitos menores não sejam uma construção sobre a imagem da mulher, contrariamente a isso, encontramos nessas pequenas narrativas que se fazem presentes cotidianamente nos jornais uma forma para a construção de estereótipos.

Um dia antes, ambos jornais traziam uma notícia envolvendo crime e prostituição. “Violenta scena de sangue – Drama de Alcoice – Numa casa de tolerância da rua dos Gusmões – Violento epilogo de uma paixão – Uma mulher morta com quatro tiros de revolver – Prisão do Criminosos – as providências da Policia”¹⁹⁸. No início da notícia, o leitor encontra uma descrição do local do crime,

Numa casa de tolerância da mais baixa espécie existente á rua dos Gusmões n.15, desenrolou-se pela madrugada de hontem violenta scena de sangue, de que resultou a morte de uma das infelizes habitantes daquele sórdido antro de prostituição. Rosaria da Conceição chamava-se a victima. Atirada muito cedo ao lodaçal do vício, Rosaria tinha ultimamente um preferido na sua vida de dissipações: era elle o pedreiro de nacionalidade italiana Virgilio Turcci, de 26 annos de idade, morador a rua dos Appeninos n.109. Sendo um simples trabalhador, de salario parcimonioso,

¹⁹⁸ Correio Paulistano, 10/fev/1913, p.5

Virgílio não podia, como era natural, prover a subsistência de Rosaria. Ella sabia disso. Aceitou-o nessas condições, e elle, por sua vez, pareceu conformar-se com a situação vexatória e incommoda de amante de uma mulher pública.¹⁹⁹

Com essa introdução, o *Correio* afirma que Rosaria, influenciada pelo meio em que vivia desde muito cedo, tornou-se prostituta, condição, segundo o jornal, humilhante para Virgílio, seu amante. O desenrolar da notícia mostra que o casal vivia com dificuldade e que Rosaria não aceitava mais viver com alguém que não atendia às suas necessidades ‘pecuniárias’.

A vida para os dois era um martyrio [...] desavenças se sucediam, cada vez mais graves e ameaçadoras; e tanto que Virgílio ainda na quinta-feira ultima, ascendeu á sua amante com um revólver. Nessa ocasião, Rosaria, pela segunda vez, foi pedir garantias á policia da Santa Iphigenia. A autoridade deu as providências que lhe competiam [...] Hontem, pela madrugada, Rosaria, achando-se acomodada sentiu bater á porta. [...] protestou consigo mesma não abrir-lhe [...] Mas depois, quando já os batidos não eram tão reiterados, saltou do leito [...] A porta abriu-se. Virgílio irritado com a obsessão do ciúme fitou a amante [...] exclamou: -AH! Mulher, você tantas me fez, que um dia não sei o que será de nós!... A isso seguiu-se uma disputa entre os dois. [...] Rosaria num ímpeto de mal contida cólera – Antes você me pagasse os 100\$000 que lhe emprestei, do que andar constantemente ameaçando-me. Nesse momento um tiro reboou dentro do quarto [...] Rosaria quis sahir [...] Virgílio desfechou-lhe sucessivamente mais três tiros [...] Ensanguentada e cambaleante, a ofendida [...] cahiu de bruços [...] morreu momentos depois. [...] Sobre o facto foi aberto inquérito no posto policial de Santa Iphigenia [...] Rosaria era brasileira e tinha apenas 22 anos de idade.²⁰⁰

Os crimes relacionados ao meretrício tinham destaque nos jornais pelo seu teor sensacionalista, descritos com dramaticidade, envolvendo ciúmes e traição, e também porque expunham a vida desses sujeitos, homens e mulheres envolvidos na trama, aguçando assim a curiosidade do leitor para conhecer os detalhes da vida privada, dos casos amorosos, suas intimidades, pobreza e dramas que eram midiaticizados. Uma fórmula que também rendia aos jornais um possível aumento nas vendas.

As mulheres nas notícias criminais nos levam a percepção de que tanto o *Correio Paulistano* quanto *A Gazeta*, respeitando seus modelos editoriais e projetos políticos, buscavam construir uma imagem sobre as atitudes e comportamentos femininos seguindo esses ideais. Notícias em que as mulheres são agredidas por seus companheiros, amantes, filhos e pais também são comuns de se encontrar em pequenas notas. Casos de mulheres assassinas, percebidos em menor número nas notícias encontradas, buscam do mesmo modo divulgar a ação de mulheres ‘fora das normas aceitas’. Se considerarmos em parte que a polícia informa tais relatos aos jornalistas, podemos aferir que o volume dos crimes seja um pouco diferente, dado que tais informações sejam imprecisas.

¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ Idem.

Em agosto de 1913, *A Gazeta* publicou uma entrevista com uma jovem que dizia ter sido vítima do lenocínio. A narrativa se apresenta de forma bastante inédita, já que o vespertino transformou em narrativa a entrevista. Este recurso foi utilizado para chamar a atenção do público leitor, com um título instigante e linguagem direta. Em forma de perguntas e respostas, essa narrativa esmiuçou o caso. Essa notícia era a terceira de uma série de outras veiculadas pelo jornal dias antes. Isso demonstra o projeto do jornal nos casos de crimes ‘sensacionais’.

Os escândalos do Lenocinio

Um cidadão vendeu a honra da cunhada a um lovelace de fancaria

Victima fez declarações a um reporter da “Gazeta”

Ao ter conhecimento do escândalo em que se viu envolvida sua filha Ignacia, sua mãe expulsou-a de casa e se transferiu para o Rio. A moça recolheu-se então, á residência de uma família de seu conhecimento, á rua Bresser, onde um nosso reporter a ouviu hontem.

Ignacia dos Santos fala a Gazeta

Ignacia dos Santos é uma rapariga esbelta, morena de olhos quentes e rasgados e de cabelos pretos.

- Li a “Gazeta” – disse ao saber do fim da nossa visita.

- Foi um dos jornaes que melhor reproduziram as declarações que fiz na delegacia.

Animamo-nos e ferimos os pontos que desejávamos esclarecer.

- Como consentiu em ser levada por um cunhado á “Rotisserie”? Ignorava o que se ia passar?

- De nada sabia. Antenor enganara-me. Veio buscar-me no dia 12 de maio, para visitar uma sobrinha que se achava no Instituto Paulista.

- Não se enganou em ir acompanhada só por elle?

- Não me enganei em ir só em sua companhia, porque já o havia feito diversas vezes.

- Mas a “Rotisserie” e o Instituto Paulista ficam em pontos diferentes...

- Sim. Ao passar pela “Rotisserie”, o automóvel que nos conduzia parou. Protestei: não era para alli que íamos. Antenor, porém, alegando que começava a chover, fez-me entrar naquele hotel e levou-me para um quarto, onde se achava Godofredo. Só então comecei a comprehender...

- já conhecia Godofredo?

- Conhecia-o há muito tempo, desde quando fui noiva de um rapaz de Pirajú, com quem desfiz o noivado por sua causa.

- Si já o conhecia e sabia as suas intenções, por que não protestou quando foi levada á sua presença?

- Quis fazel-o, mas Godofredo ameaçou-me: ou me sujeitaria, ou desfecharia um tiro de revolver contra mim. “Tive medo e passei toda a noite com elle num commodo do hotel.

- E seu cunhado? É exacto que ganhou na empresa?

- Sim. Um perverso, vendeu-me ignobilmente, é um caften.

- E uma acusação tremenda...

- Mas é verdadeira. Então o que fez comigo não foi o papel de um caften? Depois...devem haver outras victimas.

- Qual a profissão dele?

- Nenhuma. É vagabundo, bancou o “bicho” no chalet n.224 da avenida Rangel Pestana com o Godofredo. O chalet foi vendido e agora vive elle de expedientes...

- Falou em outras victimas. De Godofredo Vianna também?

- Sei de uma moça, que foi deshonrada por elle. A família andou a ameaçal-o por muito tempo. Um homem sem moral: abandonou a esposa, para se amasiar com uma tal de Aurora de Lima, com quem fugiu.

- Fugiu? Então elle não se acha em São Paulo?

- Fugiu. Pois foi por isso que mamãe descobriu tudo.

- Como?

- No dia 4 deste mez depois de uma acalorada discussão com a velha, Godofredo sahiu em busca de uma carroça, para conduzir as minhas malas á estação. Íamos para a Bahia.

- E não voltou...

- Não voltou e seguiu em companhia da tal de Aurora.

- Continuou em casa de sua mãe?

- Não. Mamãe não quis mais saber de mim e expulsou-me, mudando-se para o Rio. Foi quando vim para a casa desta família.

- Sobre a gravidez? É exacta?

- Suppunha que o fosse. Agora, porém, depois de me haver examinado, o medico da policia disse que nada há.

- Como explica, então, as visitas medicas que recebeu e os medicamentos que tomou?

- Penso que era outra doença. Vez que me senti mal, queixei-me a Godofredo. Elle assustou-se e chamou para examinar o dr. Barreto, medico de uma companhia mutua.

- Disse o medico qual a doença?

- Não. Retirou-se com Godofredo que mandou aviar a receita na pharmacia Assis. Como não me disseram a natureza da minha doença, desconfiei.

- Não consultou outro medico?

- Sim, tempos depois [...] dr. Caramuru Paes Leme

- Que receitou elle?

- Um licor sedante, um tonico e outros medicamentos que foram preparados na Pharmacia Guayanases [...]

- Dr Caramuru informou a doença?

- Também não. [...] Como vê, com isso se agravou a minha desconfiança e foi baseada nisso que denunciei Godofredo a policia.

Após essa palestra, despedimo-nos da moça e nos retiramos. Do exame a que se submeteu hontem, Ignacia dos Santos ficou constatada a sua deshonra recente. Quanto ao aborto e os medicamentos que ella ingeria, foi negativo o exame.

O inquérito sobre o caso prossegue na delegacia de policia do Braz, tendo sido ouvidas diversas testemunhas, que nada adeantaram.

Chama-se Antenor Cunha Barbosa e não Antenor da Cunha Bueno, conforme dissemos hontem. Escrevem-nos o director do “Grand Hotel de la Rotisserie Sportman” pedindo-nos que rectifiquemos a nossa noticia, na parte referente aquelle hotel. Assegura-nos s. s. que o facto não se passou alli. Nada temos, entretanto, a rectificar: limitamo-nos as declarações da victima prestadas na policia e confirmadas ainda hontem pela mesma, em entrevista que concedeu a um reportes desta folha.²⁰¹

Nesse caso de crime de desonra, a vítima Ignacia recorreu à policia e narrou todo o fato que, segundo a *Gazeta* de edições anteriores, foi promovido pelo cunhado que aliciava mulheres para encontros que aconteciam em um ‘quarto de hotel luxuoso’. Segundo averigou o jornal, a família da jovem sabia da desonra e das atitudes do cunhado desta, e pela narrativa supõe-se que a quantia recebida pelo cunhado era alta. Godofredo era cavalheiro conhecido das ‘sociedades mutuas’. Em acordo com os médicos, quando da suspeita de uma gravidez ‘intempestiva’, forneceu a Ignacia remédios abortivos.

Na narrativa de *A Gazeta*, a mulher se destaca, pois toma a iniciativa de denunciar o rapaz indo à polícia fornecendo elementos. Há também na notícia a honra da mulher e da família que a abandonou, por ser talvez da classe social burguesa e por não querer o ‘escândalo’ e a humilhação ou por estar indiretamente envolvidos por dinheiro. O jornalista é contundente em cobrar da jovem explicações e argumentos que deduzem que esta poderia saber o que se passava. A construção da narrativa no formato de entrevista nos indica uma estratégia de sedução do leitor, bem como aumento de venda do jornal.

²⁰¹ A Gazeta, 08/ago/1913, p.1-2



Aspecto fotográfico dos protagonistas do caso, A Gazeta, 08/08/1913, p.1

A *Gazeta* não publicou uma notícia de crime, em janeiro de 1914, no entanto, escrevia na primeira página um texto narrando um caso curioso.

A italiana recém chegada a esta capital parece que se chama Anella Bersatti, quer empregar-se como *chauffeuse* e, nesse sentido, anunciou nos jornais. Nada mais natural nestes tempos em que a mulher, deixando de parte velhos preconceitos, procura emancipar-se quando possível, disputando aos homens o exercício de ofícios e profissões que até agora, eram exercidos exclusivamente por aqueles. Por outro lado, é cada vez mais intensa a luta pela vida, de forma que para a conquista do pão, o sexo fraco se torna forte, se não pelo temperamento de alguns representantes seus, ao menos procura todo e qualquer meio honesto de sobrevivência, inclusive esse de guiar automóveis, escolhido pela senhorita em questão. Mas Anella Bersatti não quer propriamente ser *cahuffeuse* e sim, *chauffeur*, faz questão de vestir-se de homem e desejando legalizar a mudança do traje, dirigiu um requerimento ao terceiro delegado de polícia dr Rudge Ramos, pedindo-lhe licença para essa metamorphose. A autoridade vai estudar o caso que não é tão simples como parece. O Código Penal considera contravenção ou disfarce do sexo, e pune todos quanto tomando trajes impróprios do seu, os trouxerem publicamente para enganar. Dir-se-á, porém, que a senhorita Anella não pretende enganar ninguém, tanto que preliminarmente declara sua qualidade de mulher. Essa declaração, porém, não basta. Se o delegado fica inteirado do fato, não o fica o público, salvo si a senhorita, disfarçada em homem, trouxe um terceiro explicativo para sciencia da freguesia. E si assim não fizer, o engano dar-se-a sempre, porque é de suppor que uma vez adotadas as vestes de homem, a senhorita complete o disfarce sobre certos aspectos. Como quer que seja, aguardamos ansiosos o despacho do 3º delegado aos curiosos requerimentos, queremos ver como a sr vai descalçar a bota.²⁰²

Sem mencionar o termo ‘travesti’, que embora já se usasse na época, o jornal em tom irônico coloca o tema do disfarce de trajes para o propósito da italiana Anella. O Código Penal, no Art. 379, alertava que “disfarçar o sexo, tomando trajes impróprios do seu, trazel-os publicamente para enganar, pena de prisão por quinze a sessenta dias”.

Nas notas dos “Factos Diversos”, o *Correio Paulistano*, por meio do relato de pequenos delitos, traça o perfil, os comportamentos, ressaltando características por vezes estereotipadas e que contribuía para formar uma imagem das mulheres.

Mulher destemida

Na rua Bresser – Discussão e bordoadas – Intervenção da Policia

Na casa n.366 da rua Bresser, a portuguesa Maria de Jesus Pinto, tendo hontem, ás 11 horas da manhã, violenta discussão com seu ex-empregado Anselmo Ferreira, agrediu-o brutalmente a cacetadas, produzindo-lhe diversos ferimentos. Foi presa a agressora, tendo sido o offendido medicado na Repartição Central da Policia, á requisição do dr. Alarico Silveira, quinto delegado. Está aberto inquérito sobre o facto.

Discussão e luta

Coleta da Cruz, residente á travessa dos Carmelitas n.1 empenhou-se hontem, ás 11 horas da manhã, pouco mais ou menos, em luta corporal com Idalina de tal, sahindo ferida em varias partes do corpo. Interveio o rondante da ladeira, foi presa a agressora. Coleta recebeu curativos no gabinete medico da Reparticao Central da Policia.²⁰³

²⁰² A *Gazeta*, 07/jan/1914, p.1

²⁰³ *Correio Paulistano*, 07/jan/1910, p.6

Na primeira notícia, o título passa a ideia de que a mulher destemida não aceita desaforos. Como as demais citadas na notícia do mesmo dia, as mulheres são colocadas como impulsivas, briguentas e estão sempre se envolvendo nas confusões do dia a dia. Pela reflexões, conseguimos perceber que muitas dessas mulheres, encaradas como conflituosas e desordeiras pelos jornais, tinham ocupações como vendedoras, cozinheiras, verdureiras, donas de botequins ou pensões. Portanto, mesmo essa fonte fragmentária e sugestionada ao leitor, nos revela uma parte de modos de vida e experiências.

Mulher agredida

Na madrugada de hontem, a preta Joaquina de 30 annos de idade, moradora a rua do Glycerio 147, foi agredida no largo São Paulo, por um desconhecido que lhe deu um socco na pálpebra esquerda ferindo-a. Joaquina, que se achava embriagada, foi soccorrida e recebeu curativos no gabinete da policia, applicados pelo dr. França Filho.²⁰⁴

Mulheres negras normalmente são descritas como turbulentas, embriagadas ou mesmo possuindo algum problema mental. Embora o jornal destaque o grau de violência sofrido pelas mulheres, a forma como a narrativa é construída leva o leitor diretamente para a questão da embriaguez como explicação da agressão sofrida.

Entre marido e mulher

Consequencias do álcool

A preta Maria Joanna da Silva, de 24 annos de idade, casada, cozinheira, moradora á rua Climaco Barbosa n.20, foi hontem medicada e submettida a exame de corpo de delicto na Policia Central, á requisição do dr. Euclides Silva, segundo delegado. Maria Joanna, em sua casa, pouco antes de duas horas da madrugada, por estar bastante alcoolizada, foi espancada pelo marido, recebendo diversas escoriações no corpo e um ferimento contuso no lábio superior.²⁰⁵

As brigas e desentendimentos entre marido e mulher também eram foco das narrativas dos jornais, assim como as brigas entre mulheres, das classes populares, que eram descritas enquanto desequilibradas, furiosas,

Entre mundanas

Numa pensão da Rua Xavier Toledo

Na pensão da rua Xavier de Toledo n.11, a mundana Sarah Lartigani, de 21 annos solteira, syria, e sua patrícia Helena de Godoy, de 23 annos também solteira, tiveram na madrugada de hoje uma violenta alteração por motivos frívolos e aggrederam-se mutuamente, recebido a primeira um ferimento no dedo polegar da mão direita [...] Helena e Sarah foram presas em flagrante e medicadas no gabinete da Assistencia Policial pelo dr. França Filho. Depois de prestarem fiança ao dr. Octavio Ferreira Alves, primeiro delegado de serviço, foram postas em liberdade.²⁰⁶

²⁰⁴ Correio Paulistano, 11/jan/1912, p.3

²⁰⁵ Correio Paulistano, 11/jan/1913, p.5

²⁰⁶ A Gazeta, 09/mar/1913, p.5

Na notícia produzida pela *Gazeta*, identificamos pelo título dado que as imigrantes sírias eram colocadas como conflituosas. Os jornais apresentam por vezes as mulheres discriminadas, destacando variadas profissões, ocupações, posturas, modos de vida e relacionamentos.

Mãe Ignobil

Um caso de lenocínio?

Ao que sabemos, está aberto na policia um inquérito em segredo de justiça, a fim de ser apurada a acusação feita contra uma mulher do Braz, que, segundo consta, usando de um processo ignobil, lançou a filha à deshonra. Por enquanto não damos pormenores sobre o facto, para não perturbarmos a ação da policia.²⁰⁷

Entre o *Correio* e a *Gazeta*, na construção de narrativa sobre os crimes e delitos femininos, notamos a diferença sobre o conteúdo apresentado. O *Correio Paulistano* produz uma quantidade de notas relacionando a mulher à brigas, agressões e maus comportamentos, além de cometer crimes de sangue e adultério. Já no jornal vespertino *A Gazeta*, as notícias envolvem delitos e crimes sensacionalistas, com apelo ao dramático e ao sentimental. A quantidade de crimes de pequenos delitos envolvendo o campo da moral está mais presente no *Coerrio* e os crimes de apelo emocional estão mais descritos na *Gazeta*.

Com a designação de “dramas sensacionais”, “crime misterioso”, *A Gazeta* trazia não apenas notícias dos crimes cometidos na capital, como também os crimes cometidos por mulheres no estrangeiro. O jornal criou uma coluna intitulada “Crimes do Estrangeiro” e narrava casos da Itália, da França, da Espanha. Vários deles eram sobre mulheres, em sua maioria, casadas e maltratadas pelos companheiros, como no caso de Mme. Moreau, uma modista parisiense que “com golpe de machadinha matou o marido”. Segundo a narrativa do jornal, o operário Louis Moreau era um “inveterado frequentador de botequins” e maltratava a mulher violentamente. Após anos de maus tratos, a mulher se defendeu do marido utilizando uma machadinha de cortar lenha. Foi posta em liberdade para cuidar dos cinco filhos até a formação da culpa. Notícias como essa, somadas às narrativas sobre a violência sofrida pelas mulheres na cidade de São Paulo, nos levam a inferir que havia, por parte do jornal, uma sensibilidade sobre as mulheres vítimas de violência sofrida, principalmente, se fossem mulheres ‘honestas e trabalhadoras’. Porém, no caso de mulheres adúlteras, meretrizes ou ébrias, essas não recebiam em suas narrativas a mesma complacência.

Em algumas notícias apresentadas aqui, pudemos perceber pela narrativa, o tratamento que os jornais davam em casos de agressão extrema,

Drama Conjugal

Uma mulher, barbaramente espancada pelo marido, matou-o a tiro de revólver.

Na comarca de Sorocaba, [...] Angelo Henrique exercia a profissão de oleiro. Quase diariamente vivia embriagado e nesse estado espancava a esposa Marietta. Esta procurou por todos os meios a seu alcance, desviar o marido daquele negregado vício, e com uma abnegação rara, sofria os males brutais espancamentos. [...] Ante-hontem, após o almoço, Angelo, segundo os seus hábitos, agarrou um cacete e desancou em Marietta. Esta, allucinada, foi buscar o revólver que há dias adquirira e

²⁰⁷ A *Gazeta*, 08/fev/1914, p.8

descarregou os seus cinco projecteis sobre o homem que devia ser o seu amigo mais sincero e era o seu algoz e o sinistro perseguidor. [...] Angelo atingido, cahiú, a esposa vendo-o morto, tomou nos braços uma menina, única filhinha do casal, e correu, foi entregar-se à prisão local, confessando ahi o seu crime [...] Em poucos momentos, a população em peso sabia do caso e começou a ter uma grande e real piedade por essa mulher, que para fugir do aviltamento da sua dignidade fôra obrigada a eliminar seu impiedoso flagellador.²⁰⁸

Os crimes de paixão eram anunciados nos jornais e, com suas narrativas, criavam uma percepção popular de que a situação estava fora de controle. Susan Besse (1990, p.183) aponta que a imprensa começou a utilizar como matéria prima os relatos e casos de crimes dessa natureza e que os tribunais ficavam lotados de espectadores que testemunhavam o espetáculo público. Advogados, juízes acabavam transferindo sua oratória grandiosa dos tribunais para os jornais e isso repercutia também para que editores de revistas, como por exemplo, a Revista Feminina comessem a fazer alardes sobre os assassinatos. Segundo a autora, havia também uma preocupação com o crescimento do número de mulheres que, por serem abandonadas ou violentamente maltratadas e se sentirem desprotegidas pela polícia, recorriam à violência para colocar fim a sua exploração.

Tentativa de Uxoricidio

Um cabo da Força Publica esfaqueou a mulher que o trahia

A victima foi removida em estado grave para a Santa Casa

Pouco depois do meio dia apresentou-se na Central, á presença do dr. Virgilio do Nascimento, delegado de serviço, um cabo da Força Pública, fardado e desarmado.

- Doutor, matei minha mulher – disse ele – e vim apresentar-me á prisão.

A primeira impressão fôra de que se tratava de um demente. Verificado, porem, que o cabo não era um louco, o dr. Virgilio pediu informações mais precisas [...] Separado da mulher que o trahia, há cerca de um mez, hoje as onze horas, procurou-a em sua residência, á rua Vergueiro, 129 e vibrou-lhe nas costas uma profunda facada. [...] No local o “cadáver” da mulher foi encontrado numa poça de sangue [...] Simplesmente o “cadáver” ainda respirava, ferimento, embora fosse gravíssimo, não produzira a morte [...] a ofendida fora ouvida pelo dr. Virgilio e removida para a Santa Casa [...] As declarações revelam [...] maltratada pelo marido há cerca de um mez, resolveu abandoná-lo, indo residir a rua Vergueiro em companhia de seus seis filhos menores. As 11 horas estava ella a sala de jantar dando de mamar ao ultimo filho, quando sentiu uma dor fortíssima nas costas. Cahiú vendo fugir com uma faca ensanguentada na mão, o seu marido Manuel Muniz. A victima chama-se Carmella Branca, de 29 annos. Esse nome faz recordarmos uma notícia que recentemente publicamos e a que não lidamos grande importância, como talvez poucos também ligaram, por não passar de um facto muitíssimo comum: tentativa de suicídio. Carmella há pouco tempo tentara dar cabo da vida justamente quando o marido della se separou pelo mesmo motivo que hoje o levara a esfaqueal-a: a péssima conducta da mulher que o trahia abertamente. Manuel foi autuado convenientemente e recolhido ao xadrez.²⁰⁹

Como já apontado, algumas narrativas apresentam indícios de que os jornais condenavam as atitudes violentas quando os homens agiam com brutalidade. Podemos justificar tais indícios pela forma descrita nas próprias notícias: “brutalidade”, “vivia embriagado e maltratava a mulher”, “alcoolizado era violento”, mas, apesar dessa condenação, os periódicos julgavam fortemente as atitudes das mulheres. “Vida fácil”,

²⁰⁸ A Gazeta, 15/jan/1914, p.2

²⁰⁹ A Gazeta, 09/fev/1916, p.6

“tinha péssima conduta”, “mulher de péssimos hábitos”, “mundana”, entre outras expressões construíam um padrão básico de tratamento e de comportamento, homogeneizando suas atitudes e modos de vida.

Entendemos que grande parte dessas construções feita pela imprensa tinham como alicerces os ideais construídos sobre a mulher a partir dos valores vigentes. As transformações do período que assinalavam a ordem burguesa em construção e que defendiam as mudanças da sociedade e as perspectivas da modernização e do progresso, em consonância com as correntes intelectuais e científicas, tratavam de construir uma ‘nova sociedade’. Muito mais do que simples ‘modelo intelectual’, tem-se um projeto político de normatização de espaços sociais urbanos e dos corpos de sujeitos que ocupam esses espaços. A intervenção do saber médico, que propunha buscar ‘soluções’ para os problemas tanto da cidade quanto dos sujeitos, era amplamente divulgado nos jornais e as notícias criminais carregam essa preocupação.

A mulher meiga, dócil, contida, amável, mãe, dedicada, submissa, entre tantas outras adjetivações, teve sua imagem definida pelos padrões de comportamento considerados ideais. As obras literárias, desde o XIX, contribuíram para difundir essa imagem da mulher como modelo de comportamento. Assim como as mulheres turbulentas, agressivas, adúlteras, histéricas, ébrias, indicavam o que deveria ser combatido. O papel da Literatura colaborou na disseminação de estereótipos, mas foi com o discurso científico e médico que elas ganharam amplitude na vida real.

4.2 Os Imigrantes, a criminalidade e os periódicos

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo passou por um processo de transformação intenso e os projetos de urbanização patrocinados pela elite paulista tinham como modelo as principais capitais europeias. A cidade foi alterando sua fisionomia, seu espaço geográfico, ao mesmo tempo em que recebia a presença de inúmeros sujeitos, como trabalhadores vindos do interior, migrantes de outros Estados, imigrantes de diversas nacionalidades, que se juntavam aos nacionais pobres, pretos e brancos. Essa população em busca de melhores condições de trabalho, de sobrevivência ou apenas em busca de um novo local para viver ocupava, em grande parte, regiões mais baratas da cidade, localizadas nas várzeas, às margens férreas de bairros como Brás, Santa Efigênia, Bom Retiro, e outras regiões da capital, cujas condições de moradia eram mais acessíveis.

A capital apresentava um crescimento populacional acelerado, estreitamente relacionado a esses fatores. Segundo Maria Inês Borges Pinto (1984, p.75), inúmeros trabalhadores casuais devido aos seus baixos ganhos e sua aparência miserável, por vezes, eram confundidos como vadios e mendigos, e a sua presença, como andarilhos em busca talvez de trabalho, era motivo de inquietação para os moradores das regiões centrais por onde transitavam e costumavam fazer ponto, e de reclamações e intolerância dos barraqueiros e vendeiros dos mercados municipais. É possível que muitos elementos tidos como vadios e

presos por vadiagem fossem trabalhadores itinerantes à cata de serviço. Ainda, segundo a autora, a cidade mais inchava do que crescia.

Dentre tantos sujeitos apresentados nas notícias sobre crime, detectamos uma quantidade maior do número de imigrantes relatados como turbulentos, vadios, ébrios, sendo associados à criminalidade e aos pequenos delitos. Embora não tenhamos precisão na quantidade numérica, uma vez que os dados apresentados nos próprios periódicos sugerem instabilidade, tomamos por base, por exemplo, o *Correio Paulistano* que, em sua coluna, “Gabinete de Identificação”, do mês de fevereiro de 1911, publicava que dos 110 indivíduos identificados em delitos, 52 eram brasileiros e 58 estrangeiros. O próprio título da coluna nos dá indício de seu propósito. “Identificar” sujeitos considerados infratores, ao mesmo tempo em que veicular esses dados, mostrava-se tanto uma preocupação social quanto uma forma de informar a sociedade sobre quem cometia infração.

Desordeiro armado

A's 8 e meia horas da noite de hontem foi preso na Avenida Rangel Pestana o hespanhol José Antonio Sanchez, residente a rua Carneiro Leão n.11, quando perseguia, armado de garrucha e de faca, seu vizinho o patricio Antonio Torrea. O rondante da avenida, Agarrando-o, conduziu-o á presença do dr. Alarico Silveira, quinto delegado. Foram apprehendidos as armas e o hespanhol recolhido ao xadrez.²¹⁰

A incidência dos delitos envolvendo imigrantes está relacionada a construção de um perfil de sujeito, cujas características demonstram agressividade e desobediência. O *Correio Paulistano* é o que, dentre os jornais aqui analisados, traz com maior frequência essas notas, como no caso acima. O espanhol José é apresentado como um indivíduo perigoso, por estar armado. Insultos, difamações, atentados à moral, rixas são as maiores causas, segundo o jornal, dos delitos envolvendo os imigrantes, em sua maioria, italianos e espanhóis. As discussões ocorrem no espaço público e os sujeitos carregam algum tipo de arma com eles.

Outra informação que essa breve nota transmite é o local onde esses sujeitos vivem. A rua Carneiro Leão, apresentada pelo jornal, é espaço em que se desenrolam muitos crimes de contravenção ou de sangue. Situada na região do Brás, era área de concentração de muitos cortiços, fábricas e comércio, região em que a presença da ronda policial era intensa, incluindo muitos guardas que eram moradores dessa localidade e tinham um ‘conhecimento’ acerca de alguns sujeitos que ali viviam.

Boris Fausto, em seu estudo sobre criminalidade em São Paulo, relaciona a questão do imigrante aos delitos e prisões, apontado que os dados são imprecisos, pois há muitas lacunas na documentação de processos criminais, mas que os imigrantes, em destaque italianos e espanhóis, lideram as prisões na cidade no período de 1894-1916.

²¹⁰ *Correio Paulistano*, 10/fev/1910, p.3

Identificamos algumas manifestações que se relacionam ao preconceito social e cultural dos imigrantes em grande parte das notícias nos jornais aqui tratados. Não apenas os sujeitos nacionais, tratados nas notícias criminais, recebiam estereótipos e eram alvo das investidas de disciplinarização de condutas, como também muitos imigrantes.

Amante brutal

Num cortiço da rua da Gloria – Ferimento grave

Prisão em flagrante

O italiano Luiz Capezzi, de 50 annos de idade, recolhendo-se hontem, ás 7 e meia da noite no cortiço em que reside á rua da Gloria, encontrou sua amasia Maria Benedicta de Jesus, cahindo de ébria. Irritado com o procedimento ignóbil da amante, deu-lhe formidável pancada na cabeça, com o cabo de metal do seu guarda chuva. O sangue esguichou da testa de Maria, que se poz a gritar desesperadamente. Nesse momento appareceu o rondante da rua e effectuou a prisão do aggressor que foi autuado no posto policial do Sul da Sé. A offendida foi medicada na Central, sendo considerado grave o ferimento.²¹¹

A narrativa dos pequenos delitos cometidos por imigrantes apresenta certas semelhanças em relação a outros sujeitos. No caso do *Correio Paulistano*, os imigrantes aparecem nas notícias envolvidos nos delitos de condutas como agressões, provocações, desacatos, embriaguez, no caso da contravenção. E nas narrativas de sangue relacionados ao ciúme e à honra.

Que “aguia”!

Da Italia ao Brasil – Em demanda de uma collocação – Um que se diz da “buona società” – Prisão em Santos

Procedente da sua pátria chegou a poucos mezes a S. Paulo o jovem de nacionalidade italiana Leonardo Stopani, que vinha em demanda de uma collocação. Pertencente a “buona società”, Leonardo veio munido de cartas para vários estabelecimentos desta capital, mas dellas não fez uso nos primeiros tempos, entregando-se a uma vida aventureira.

Ultimamente, porem, assediado pelos proprietários do Hotel da Bella Vista, aos quaes já devia 709\$000, Leonardo não teve outro remédio sinão tomar uma occupação honesta.

Dirigindo-se ao Banco Italiano entregou ahi algumas cartas e foi recebido de braços abertos. Para que o leitor julgue da boa vontade da gente do banco, basta dizer que o acceitaram immediatamente como empregado, abonando-lhe ainda a quantia de 959\$000 para o pagamento do hotel e de outras pequenas despesas. O empréstimo seria pago em prestações mensais, retiradas do respectivo ordenado. Munido da quantia, Leonardo diluiu-se em agradecimentos aos homens do banco; e vergando a espinha num respeito salamelek, sahiu para pagar a sua pensão no hotel, dizendo-lhe vou alli e já venho”, expressão muito usada na “buina società”.

Decorridas mais de quarenta e oito horas e não tendo Leonardo apparecido, o banco apresentou queixa a policia. Estas fez as dilligencias que lhe cumprira, effectuando hontem a prisão de Leonardo em Santos, onde aguardava o paquete para Bueno Aires.²¹²

O título da notícia já demonstra de maneira irônica a forma como o noticiarista irá narrar o fato. O uso da exclamação sugerindo ‘surpresa’ e, na sequência, o termo da “boa sociedade”. Em várias notícias envolvendo imigrantes e a contravenção, é possível encontrarmos a nacionalidade italiana em evidência e de forma mais contundente no *Correio Paulistano*. Esses crimes narrados indicam que esses sujeitos tinham

²¹¹ Correio Paulistano, 14/jan/1910, p.3

²¹² Correio Paulistano, 05/jan/1911, p.4

características de aproveitadores e que ludibriavam as pessoas, inclusive, a polícia. Aqui, Leonardo chegou ao país para trabalho tendo recomendações. Ao invés disso, segundo o jornal, preferiu a vida de aventuras, termo usual para a vida desregrada, mundana, sem responsabilidades, além de enganar o banco, mentir e dever dinheiro. Reunindo esses elementos, Leonardo refletia a imagem de um trapaceiro.

A *Gazeta*, em suas narrativas sensacionais, explora os delitos e crimes, construindo uma imagem relacionada aos crimes violentos.

Tiros de revólver

Na Rua 25 de Março - as consequências do furto de um cavallo - Gravemente ferido

Prisão do agressor

Ha tempos a policia teve conhecimento de que o italiano de nome Donato Bosco fôra o auctor do furto de um cavallo de propriedade de Felipe Bucceni, carroceiro, residente a rua Ana Nery 158.

Aberto inquérito sobre o facto foi esse devidamente processado tendo ficado apurada a culpabilidade de Bosco pelos depoimentos com muitas testemunhas. Entre estas, foi arrolado o bombeiro Domingos de tal, parente da vítima do furto e as suas declarações foram tão precisas em accusar o italiano, que estes se viu forçado a confessar o crime projetando porém, vingar-se.

De facto, passados alguns mezes, Bosco encontrou-se com o bombeiro e o aggreuiu a cacetadas produzindo-lhe ferimentos leves. Preso, foi novamente processado e desta vez o ódio de Bosco se voltou contra Felipe Bucceni, do qual também imaginou vingar-se como fizeram com o bombeiro. Hoje ás 10 horas da manhã, os dois tiveram um encontro na Rua 25 de Março. Bosco que estava decidido a tomar uma desforra da sua prisão por gatuno, provocou Bucceni, travando com este acalorada discussão. E, em ocasião que lhe pareceu oportuna, sacou de uma navalha pretendendo feril-o. Não o conseguiu, porém, pois Bucceni o alvejou por tres vezes a tiros de revólver atingindo-o na fossa illiaca direita.

Communicado o facto à policia compareceu no local o dr. Franklin Piza, que effectuou a prisão em flagrante do aggressor, removendo-o para a Central. Bosco, cujas condições foram consideradas melindrosas, recebeu na assistência aos primeiros curativos, sendo depois internado no hospital da Santa Casa onde, se encontra em tratamento. O inquérito ato ocorrerá no posto policial do Brás.²¹³

Nessa notícia, a *Gazeta* informa o leitor de que um italiano procurado pela polícia e acusado de roubo foi preso. Colaboraram para isso várias testemunhas que, segundo a narrativa, não houve como o ladrão negar. O jornal divulga ao leitor que o criminoso prometeu vingar-se e que, mesmo tendo sido preso uma vez, envolveu-se novamente na agressão. A ideia de que o sujeito é reincidente demonstra o que se determina como “criminoso incorrigível”.

Um italiano feriu a navalha um casal de vizinho

O pedreiro José Gisone, 54 annos, ouvindo musica na casa de seu vizinho Rafael Manfei, fabricante de ladrilho, á avenida Celso Garcia, 199, para alli se dirigiu [...] foi recebido com agrado pela família e permaneceu por muito tempo, palestrando e bebendo. A noite achando-se alcoolizado tornou-se malcriado e começou a dirigir insolências. [...] Manfel intimou-o a retirar-se [...] Gisone se ofendeu e correndo á casa empunhou a sua navalha de barba. Sem proferir sequer uma palavra, o perverso Gisone desferiu-lhe extensa e profunda navalhada no pescoço. Magdalena única testemunha presencial da estúpida aggressão, correu em socorro do marido, sendo igualmente ferida na mão. Em seguida o criminoso fechou-se na própria casa onde lavou as mãos e occultou a arma criminosa. Raphael Mafei foi encontrado no pateo da ‘villa’ onde reside, sob uma poça de sangue. [...] preso o criminoso, negou cynicamente a autoria do crime. Como apresentasse vestígio de sangue nas unhas, no dorso das mãos e roupas e nos sapatos a autoridade fel-o submeter a exame. A infeliz victima

²¹³ A *Gazeta*, 06/jan/1914, p.8

depois de reanimada com injeções, recebeu os primeiros socorros [...] em seguida transportada ao hospital da Misericórdia. O ferimento era gravíssimo. Sobre o facto será aberto inquérito.²¹⁴

Na narrativa, o jornal faz associação do crime ao álcool e no próprio título indica um crime cometido por um italiano. Não há por parte do jornal, como ele pretendia, neutralidade na narrativa e sim um indicativo que associa o italiano, a bebida e ao crime.

O álcool estava associado aos estigmas da vadiagem, prostituição, turbulência e crime. Tanto os positivistas quanto os clássicos relacionavam alcoolismo e criminalidade. O jornal *A Gazeta*, por exemplo, em seu editorial, de março de 1914, apresentava a sua preocupação com o vício.

Não temos leis para reprimir o alcoolismo, que por isso continua a sua marcha lúgubre, a intoxicar o próximo a colaborar na chrônica dos crimes, a povoar os manicômios e aumentar as necrópoles. Parece mesmo que a medida que, á medida que a civilização avança, mais avassaladora se torna ação do vício como se este fosse complemento daquela.²¹⁵

Nessa introdução, o vespertino faz uma associação entre a loucura e a criminalidade com o alcoolismo e os relacionam aos vícios da modernidade. Diferentes nomes de autoridades e legisladores desde a Antiguidade combateram com severidade o vício do álcool, como Dracon, que aplicava a pena de morte; Pitaco, que impunha dupla pena a quem cometia crime de embriaguês açoites e desterro, na França, de Francisco I, assim como fazia referências a Santo Agostinho que apontava a embriaguez como fonte de todos os crimes. Citando ainda outras figuras históricas, *A Gazeta* argumenta a necessidade de se combater tal vício e acentua uma crítica a legislação vigente que, segundo ela, “ao passo que se punia em outros tempos, a embriaguez com a morte, na edificação moderna ella continua uma atenuante dos crimes”.

Enquanto os jornais narravam delitos e crimes envolvendo a temática do álcool, paralelamente, se discutia algumas reformas para o Código Penal. Segundo os artigos 396, 397 e 398 do Código de 1890, o combate não se fazia diretamente ao alcoolismo, mas ao ato da embriaguez. No capítulo XII, “mendigos e ébrios”, o Art. 396 “embriagar-se por hábito ou apresentar-se em publico em estado de embriaguez manifesta” gerava a prisão de 15 a 30 dias; no Art. 397, a condenação de 15 a 30 dias se dava para quem incitasse a embriaguez de outro e o Art. 398 condenava de um quatro meses de prisão e multa de 50\$ a 100\$000 se o infrator fosse dono de estabelecimento. Dessa maneira, observamos que o jornal buscava apontar a culpabilidade no indivíduo e não no ato em si. Esse debate que, na época se fazia na França, teve repercussões no Brasil. A questão que envolve o alcoolismo não está restrita aos imigrantes e era apontada pelos jornais como um problema envolvendo também os nacionais.

No que diz respeito à criminalidade, seja a contravenção ou os crimes de sangue que envolvem imigrantes, os jornais procuram construir uma visão que associa as transgressões às questões com

²¹⁴ A Gazeta, 18/jan/1915, p.2

²¹⁵ A Gazeta, 04/mar/1914, p.2

alcoolismo e vadiagem. Porém, nossa reflexão se pauta sobre as notícias veiculadas nos periódicos e, em muitas delas, há também a imagem do imigrante trabalhador, honesto, pai amoroso, marido exemplar e, em se tratando das mulheres imigrantes, a mulher trabalhadora, mãe preocupada, filha honesta. O que nos sugere que a visão construída tem como base a ideologia do trabalho e das condutas morais amplamente difundidas.

Bárbaro assassinato

Na rua Quinze de Novembro, um sírio mata um seu patrício por uma dívida de 20\$000 e fere gravemente - outro prisão do criminoso quando tentava evadir-se - as providências da polícia

A simples questão de uma dívida de 20\$000 deu causa uma violenta scena de sangue ontem às 21 horas na rua Quinze de Novembro, entre o Café Guarani e a Galeria Cristal. O facto em linhas gerais pode ser assim resumido:

Na fábrica de calçados de Salim Maluf estiveram empregados durante algum tempo como operários, os irmãos sírios Miguel e Mário Abujamra [...] fazendo ambos camaradagem com um patrício, que ali encontraram, de nome Augusto Miguel. Em certa ocasião, Miguel obteve um empréstimo, a quantia de 20\$, depois os irmãos Abujamra deixaram de trabalhar na fábrica, sem que tivessem saudado seus compromissos com Augusto.

Na iminência de ser caloteado, este passou a mover uma verdadeira perseguição ao devedor, exigindo o pagamento da dívida [...] o que se passou entre eles hontem à noite, à porta do café Guarani, não foi sinão a reprodução de uma dessas scenas, a que parece, de credor e devedor [...] Eram 21 horas, os irmãos Abujamra tinham saído de casa [...] depararam com Augusto que em atitude aggressiva se dirigiu a Miguel, chamando ao cumprimento do dever. O devedor irritado tratou o com pouco caso[...] O credor impertinente, que lhe deitou as mãos a gola do casaco... Mário, que se havia distanciado, percebendo que o irmão tinha sido agredido, correu em defesa deste, mas Augusto armado de faca, desferiu-lhe profundo golpe[...] Mário a esvahir-se em sangue, cambaleou e foi cair a porta da Camisaria Confiança, enquanto o criminoso fugia pela Galeria Cristal, onde arremessou a faca ensanguentada [...] conseguindo prendê-lo sem resistência, o soldado João Antônio Fernandes. [...] Nas imediações do local em que se deu o facto, uma multidão de curiosos se aglomerou, chegando a impedir o trânsito dos veículos.

Os dois feridos, sendo Mario em estado gravíssimo, foram removidos ao posto da assistência, Mário veio a falecer[...] sobre o facto foi aberto inquérito. O criminoso disse que matou para não morrer [...] Augusto procurou autenticar sua afirmativa [...] a alegação do criminoso não procede, entretanto, visto como a polícia foi encontrar a bainha da faca abandonada na Galeria, por onde Augusto tentou fugir, a arma que serviu para a execução do crime, é uma faca pequenina e ordinária com bainha de couro preto.²¹⁶

Para além da temática sobre rixas e álcool, observamos também a questão das dívidas entre imigrantes conforme o jornal aponta indiretamente. Assim como existia a ajuda mútua entre muitos imigrantes, encontramos as desavenças ocasionadas pelos abusos de confiança e a contração de dívidas por isso.

Crime e emboscada

Em Villa Mariana, dois tripeiros são agredidos a tiro de espingarda – A autopsia – Fallecimento de uma das victimas

O médico legista procedendo a autópsia do cadáver de Luís senhor ele uma das vítimas de covarde agressão de anteontem na rua Rio Grande esquina rua França Pinto verificou que a vítima apresentava um ferimento perfuro de forma ovalar produzido por carga de chumbo... aberta cavidade

²¹⁶ Correio Paulistano 22/jan/1915, p.6

torácica verificou o médico legista à fratura da clavícula... por a outra vítima da covarde agressão rico falecera hoje há 1 hora e meia da madrugada no hospital Santa Catarina.²¹⁷

A história envolvendo os tripeiros italianos ocorreu no dia 18 de fevereiro no bairro da Vila Mariana, onde Angelo Grecco e Luiz Signorelli moravam. Estavam no botequim de Vicente Avellar bebendo e, segundo o *Correio*, alcoolizados, resolveram retornar para casa junto com Antonio Signorelli, irmão de Luiz. Foi quando se dirigiram a rua França Pinto, deserta e mal iluminada, e receberam descargas de espingarda. Manuel Botelho, amigo das vítimas e único que não foi atingido, nada sabia explicar à polícia e acabou sendo levado preso para averiguações. Luiz faleceu e Angelo Grecco foi levado ao Sanatório Santa Catarina, de onde veio a falecer dois dias depois. O jornal tratou dessa notícia de crime por três dias consecutivos. Ao que se apurou, o mandante do crime era outro italiano de nome Basile Messano, inimigo dos irmãos e concorrente no comércio de tripas. Os italianos forneciam e retiravam o produto no matadouro da própria Vila Mariana, muito famoso na época. A notícia então aponta para a inimizade e as rixas entre os próprios conterrâneos e a violência que praticavam.

Em suas memórias, Jacob Penteado (2003, p.92) escreve que a cidade nos primeiros anos do XX recebeu uma grande quantidade de imigrantes, sobretudo, italianos, e que estes se concentravam no bairro do Brás. Rememorando sobre as variadas profissões e ocupações que tinham, revela, por exemplo, que

Os tripeiros apareciam de carrocinha soprando numa buzina feita de chifre de boi. Quase todos de Bári usavam fartos bigodes e chapéus de abas largas. Falava-se que eram membros de uma espécie de 'camorra'. Se alguém atacasse um deles tinha que acertar contas com o resto da irmandade. Em Vila Mariana e Vila Clementino, sua zona, onde havia um matadouro, ocorreram vários crimes misteriosos, entre patricios, mas de nenhum destes se abriu. Mais tarde, em 1930, Eurico Ribeiro realizou uma reportagem muito interessante sobre os bareses; quando soube da sua sociedade secreta, até mudou de itinerário. Os atacadistas residiam naqueles bairros, mas os vendedores ambulantes os varejistas moravam no Brás, onde se entregavam também ao comércio do peixe. (PENTEADO, 2003, p.90).

Entre as notícias de crimes envolvendo os imigrantes atentamos para o fato de que são explorados hábitos, modos de vida muitas vezes condenados pelos jornais, pois indicam condutas e práticas inadequadas. Rivalidades e inimizades que nascem do convívio da profissão, na vizinhança, ciúmes ou dívidas e sobretudo o alcoolismo bastante explorado pelos jornais são as maiores causas que os periódicos apontam.

Quando ampliamos a reflexão da temática dos imigrantes na cidade, colocamos em foco a participação que tiveram nos movimentos operário, anarquista e de carestia no início do século, além de suas contribuições e atuações políticas na cidade, o que nos leva a inferir que os jornais, sobretudo o *Correio Paulistano*, com sua ideologia dominante e conservadora, tenha construído sua narrativa criminal que envolvia o imigrante de forma a ressaltar as condutas e práticas que defendia como impróprias. O jornal A

²¹⁷ *Correio Paulistano*, 20/fev/1918, p.4

Gazeta, embora trouxesse aspectos conservadores, narrava suas crônicas cujos imigrantes eram protagonistas, de modo a evidenciar os dramas da vida privada e aspectos das questões morais.

Em suas memórias, Jacob Penteadó (2003, p.127), ao narrar a respeito da questão social na cidade nos primeiros anos do XX, escreveu que muitos imigrantes, sobretudo italianos, os quais caracterizou como “livres pensadores, anticlericais, socialistas e anarquistas”, passaram a exercer certa influência na classe de trabalhadores e, por isso, eram vistos como “agitadores”, mas muito contribuíram para a luta contra a opressão.

Durante esse período na cidade, o imigrante que está presente de forma frequente nos relatórios de polícia vai assumindo o espaço da rebeldia e, na visão conservadora, o da desobediência, turbulência e, dessa forma, nas crônicas policiais, serão estigmatizados. Desde fins do XIX, com a política imigratória para combater a chamada “falta de mão de obra” e o “ócio da escravidão”, a propaganda e os esforços das autoridades buscavam construir um projeto civilizatório dentro ordem e do tão esperado progresso, para tanto, se fazia necessário combater todo e qualquer elemento que fosse motivador da criminalidade.

Esses sujeitos muitas vezes se deparavam com várias dificuldades de inserção social, com trabalhos mal remunerados e em situações de precariedade de vida, eram vistos por muitos como “os de fora”, os outros, os diferentes, o que gerava desconfiança, por isso, possuíam uma reduzida rede de solidariedade familiar ou de vizinhos.

Com os avanços técnicos, de comunicação e de transportes, a mobilidade das populações se tornou inevitável, por isso, inúmeros grupos de imigrantes chegaram a cidade de São Paulo e ocuparam diferentes profissões como sapateiros, carroceiros, padeiros, alfaiates, verdureiros, vidraceiros, além de muitos serem explorados nas fábricas. Alguns carregaram consigo suas experiências em movimentos operários e na luta por condições melhores de trabalho e de vida, o que implicou a vários deles aparecerem nas narrativas sobre crimes nos jornais. Em algumas notícias em que imigrantes estavam envolvidos em delitos e crimes, observamos a oposição feita com “os trabalhadores e os vadios”, com uma imagem de turbulentos e ociosos, e os indivíduos trabalhadores, honestos.

4.3 As autoridades e seu discurso da ordem: polícia, ciência e controle

Os jornais da época passaram a veicular informações sobre as teorias criminológicas, a partir dos estudos da Escola Positiva, da Antropologia Criminal, por exemplo, e que repercutiam para a formação de estereótipos em torno da figura dos criminosos. Nessa sociedade de ordem burguesa, associada à ética do trabalho e ao controle social, juntamente com a dinâmica do espaço urbano que se tornou intenso, o crime passou a ser interesse da sociedade. Essas técnicas científicas se propagaram em diversas áreas e não apenas no uso da polícia para a ‘catalogação’ dos criminosos. Em uma pequena notícia, o *Correio Paulistano* divulgou o uso da “antropometria escolar”,

Informações de nossos correspondentes e agentes em todo o Estado
ATIBAIA

O sr. Dr. Nunes Guerrer, solicito inspector medico escolar do município, que desde o começo do anno, vem exercendo essa função, inaugurou hontem, no grupo escolar “José Alvim”, o serviço de antropometria escolar para a obtenção da ficha sanitária antropométrica individual dos alumnos do referido estabelecimento. Publicamos uma photographia do acto inaugural. Veêm-se os sr. Capitão Benedicto de Almeida Bueno, prefeito do município, no centro, o alferes Bento Teixeira, o porteiro, fazendo a pesagem da alumna Maria de Lourdes, e á sua direita a professora do 4º anno d. Maria Jose Maia, tomando o diâmetro thoraxico da alumna Carreri [...] tudo para a ficha sanitária antropometica individual.²¹⁸

Os periódicos *A Gazeta* e o *Correio Paulistano* veiculavam em suas páginas esse saber higienista-sanitário e científico por meio de reportagens, pequenas notas científicas, relacionando-os às explicações do comportamento dos sujeitos, justificativas de delitos, exemplos de atitudes, mas também a eficiência que esses métodos tinham para uma vida regrada dentro da ordem e desenvolvimento.

Em 1910, o *Correio Paulistano* trazia um editorial sob o título “Uma reorganização modelar” e os benefícios dos serviços de identificação para os estudos criminais, que foram inaugurados e seguiam os métodos do famoso Alphonse Bertillon. Discorre ainda sobre os aperfeiçoamentos do método de identificação dactiloscópica, que aperfeiçoou os estudos da Antropologia Criminal, desde o final do século XIX.

O texto informa ao leitor as facilidades que podem ser obtidas pelos métodos científicos, como a impressão digital na polícia científica, para a polícia judiciária, prática datiloscópica, para observação das reincidências, dos convênios policiais, na identificação dos passaportes. Fazem demonstrações da datiloscopia nos congressos científicos, na identificação do morto e, apresenta, para o leitor uma forma que possa ‘comprovar’ o ocorrido e, para elucidar, usam gravuras explicativas.

Fornece instruções sobre o exame descritivo do registro civil criminal e judiciário, da filiação morfológica, estudo completo sobre cabeça, face, boca, pavilhões auriculares, lábios, olhos, mapas, fotografias, impressões digitais com exame completo; argumentos que ainda vão na linha da caracterização física como aspectos da cutis, da íris, estudo completo das sobrancelhas, dos cabelos, das mãos, marcas, cicatrizes e sinais característicos, tatuagem. O jornal finaliza que, para não cansar os leitores, deixará para o próximo artigo o final das apreciações sobre o serviço de identificação que considera de extrema utilidade.

Desde o final do XIX, as discussões envolvendo métodos científicos para combate a criminalidade eram divulgados em academias com palestras, demonstrações de professores e médicos. Não apenas o campo da Antropologia Criminal, mas da Medicina enquanto um saber técnico, eram debatidos e os jornais acompanhavam tais discussões. Os métodos do conhecido pelo professor Bertillon se tornaram ‘moda’ entre policiais e médicos. Em uma edição de janeiro de 1903, o *Correio Paulistano*, em seu editorial, na

²¹⁸ Correio Paulistano, 23/out/1917, p.6

primeira capa, destinou três longas colunas inteiras sobre o tema da identificação antropométrica. Diz o jornal que o presidente da República assinou um decreto sancionando a lei que autoriza o poder executivo a reformar o serviço policial do Rio de Janeiro, regulamentando o serviço da identificação antropométrica. O *Correio* ainda apresenta que Bertillon melhorou o sistema um da Antropometria e que foi aceito por várias associações científicas por ser rigorosamente exato, constituindo assim uma garantia para o indivíduo e para a sociedade.

O discurso das autoridades sejam elas secretários de Justiça, delegados e subdelegados, médicos e higienistas, cientistas, bem como os periódicos em questão, se relacionavam com esses ideais e buscavam sustentar as ações policiais nessas argumentações. Quando lemos uma crônica policial nos jornais que seguem descrição como um processo crime ou que carregam um modelo de fala policial, que é o agente da ordem, percebemos a identificação dos sujeitos, as características antropométricas, difundidas pela escola da Antropologia Criminal. “Mau encarado”, “fisionomia agressiva”, “com signaes na face”, entre outros, são expressões que demonstram que seria possível a identificação do crime pelas fisionomias e traços, bem como o caráter. Com o propósito de controlar a criminalidade, defendia-se a crença da incontestável utilidade e precisão da antropometria, maneira científica de controle. Observar, sistematizar, catalogar tanto as moléstias, doenças quanto o crime.

Nos jornais aqui trabalhados, encontramos estatísticas sobre as ocorrências policiais. Longe de tratar de aferir números, nosso propósito é refletir acerca do que possam representar. Uma vez publicizadas, essas estatísticas servem para um controle: controle de entrada e saída de pessoas da cidade, sejam imigrantes ou migrantes e, para tal, os jornais publicavam a quantidade de sujeitos em trânsito e os boletins da Hospedaria dos imigrantes; controle sanitário desde a quantidade de indivíduos vacinados diante das epidemias ou doenças naquele início de século, até o controle da higienização de cortiços e de quem chegava de trens à cidade. Na mesma esteira, encontramos a publicação de presos e seus delitos, solturas e transferências. Portanto, relacionamos as estatísticas ao controle.

O *Correio Paulistano* apresenta maior quantidade de boletins e estatísticas, que apontam como e quantos crimes estão se combatendo na cidade, quantos sujeitos foram presos, o que nos indica um pressuposto ideológico com o qual se relaciona aos valores que propagavam os ideais civilizatórios e de ordem na cidade. A *Gazeta*, em sua organização, não apresenta tantos dados dessa natureza, salvo a estatística de imigrantes e de delitos e crimes. O Estado, portanto, buscava manter a ordem e o controle e, para isso, tinha nas figuras do delegado e do médico as autoridades cujos discursos eram construídos nesse sentido. A cidade sofria a intervenção direta do Estado para essa manutenção da ordem, buscando controlar a violência e a criminalidade, os desajustados e turbulentos, as meretrizes e os vadios. Na figura de delegados e médicos, se construía uma narrativa que era propagada pelos jornais.

É possível encontrar pelas páginas dos periódicos *Correio* e *Gazeta* o discurso médico que buscava a normatização dos corpos e no discurso policial o controle das condutas morais. Os discursos higienistas

permeavam o dia a dia, a partir dos hábitos e práticas sanitárias e, com argumentos da ciência, buscavam orientar para a vida saudável e longe dos vícios. Os bairros da cidade, sobretudo os mais populosos, devido às péssimas condições de infraestrutura e falta de atuação do poder público, tinham focos de doenças e epidemias e passaram a ser alvo do combate do Estado. As práticas de repressão e as políticas higienistas atuavam não apenas em relação ao indivíduo, mas também ao coletivo, pois fazia parte de uma política pública.

A medicina com seus métodos modernos buscava tratar e controlar as enfermidades como a histeria, a loucura, o vício. O jornal *Correio Paulistano* publicou em janeiro de 1911 um texto em que divulgava novos métodos científicos feitos nos Estados Unidos e que prometia a cura do alcoolismo.

O saber científico relacionava-se ao ideal de gestão da cidade, como ordenar, sistematizar, padronizar. Não apenas para ordenar a cidade em nome desse ideal do progresso e da ordem, mas organizar as ruas, padronizar comportamentos, ordenar as vidas. Em nossas análises, encontramos no *Correio*, inúmeras reportagens a respeito da polícia científica, bem como informações relacionadas à medicina.

Identificamos com essas práticas uma busca em estabelecer a relação entre urbanização, crescimento populacional na cidade, aumento dos delitos e crimes. Os jornais veiculavam as notas criminais e, ao mesmo tempo, o discurso da modernidade. Nas narrativas, os sujeitos criminosos são construídos de acordo com o projeto ideológico do jornal e, apesar de possuir pensamentos e posicionamentos particulares, o jornalista segue este projeto. As notícias sistematicamente padronizadas e cotidianamente divulgadas demonstram a preocupação e o medo com o crime na cidade moderna.

O jornal *A Gazeta* inserida no pensamento científico e nos propósitos das normas sanitárias, inaugura uma coluna intitulada “Medicina e Higiene”, a qual tratará de temas do cotidiano como uma boa alimentação, crianças saudáveis, a medicina e a tuberculose, em que o conhecimento da medicina penetra na prática da vida cotidiana. Percebemos com essas notícias não apenas uma valorização do campo médico-sanitário, mas uma tentativa do jornal em ‘educar’ a população para o combate às enfermidades e práticas viciosas, modificando assim comportamentos. Em um artigo sobre “Medicina e Higiene”, de março de 1912, o vespertino constrói as reportagens em quase uma única temática. Com a coluna Medicina e Higiene, a febre amarela em artigo logo a esquerda, uma fotografia da inauguração do posto zootécnico. Na coluna medicina e higiene, o jornal alerta para a prática ‘racional’ dos esportes e traz os meios de se evitar a ‘sarna entre os operários de cimento’.

Essa dermatose que os acomete na proporção nada desprezível de um terço ou metade, torna-lhes grandemente penosa ou insuportável a permanência ao trabalho, muitas vezes incompatibilizando-os com eles [...] a sarna do cimento provocada pelo contacto irritante de seus ingredientes é sobretudo favorecida pela humidade, que macera a superfície cutânea [...] não é raro que apareçam no rosto, mãos, dos operários [...] Essa dermatose se acompanha de insomnia, dermatoses, leva-os a muitos e interromper o trabalho, podendo então sarar ou complicar-se de eczemas que podem durar até cinco mezes. [...] Para evitar essa enfermidade devem os operários, antes de iniciar o trabalho, trazer as mãos e braços untados de lanolina ou cera, enxugando-se com panos [...] ²¹⁹

²¹⁹ A Gazeta, 20/mar/1912, p.1

ON... ALHO... ANNO VI... dia... S. PAULO, QUARTA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 1912... N.º 8071

Posto zootechnico

... O posto zootechnico Botinas, inaugurado domingo ultimo...

Medicina e Hygiene

O abuso dos sports... Medicina e Hygiene...

Desastre ferroviario

N. Compagnia Paulista... Desastre ferroviario...

Um fiscal de consumo

"dernier bateau" Extorsões no Belzinho... Um fiscal de consumo...

Entrelinhas

Entrelinhas... Entrelinhas...

Propaganda sul-americana

Propaganda sul-americana... Propaganda sul-americana...

FEIÇÕES

FEIÇÕES... FEIÇÕES...

A GAZETA

S. PAULO - Terça-feira, 11 de março de 1913 - BRASIL

N. 2.108

Medicina e Higiene

A recrudescência da tuberculose pela carestia da vida

Isolamento dos tuberculosos não suprime os contágios

Os bacilos "típicos" dos pastos - A luta de viver e o alcoolismo - Leito da tuberculose

...a tuberculose é uma doença que se espalha com facilidade...

A CARESTIA DA VIDA

Os generos de primeira necessidade estão pela hora da morte

PARA FOME, BALA!

Val ser dirigida uma mensagem ao sr. presidente da Republica

A proposito dos conflitos no Rio, provocados pela policia nos comícios contra a carestia:

...o Rio de Janeiro vive uma situação de extrema tensão...

A proposito dos conflitos no Rio, provocados pela policia nos comícios contra a carestia:

...a situação no Rio de Janeiro é cada vez mais crítica...

...a tuberculose é uma doença que se espalha com facilidade...

...a tuberculose é uma doença que se espalha com facilidade...

...a tuberculose é uma doença que se espalha com facilidade...

...a tuberculose é uma doença que se espalha com facilidade...

...a tuberculose é uma doença que se espalha com facilidade...

...a tuberculose é uma doença que se espalha com facilidade...

Tanto as autoridades médicas quanto a área científica se apoiavam no aparato judicial e policial para identificar imigrantes. Essa prática demonstrava a suspeita de que os estrangeiros pudessem apresentar características que levassem à prática do crime. Segundo Cancelli (2001, p.78),

O objetivo era o cerco sobre os estrangeiros imigrantes. É certo, entretanto, que os resultados de extradição que vinham sendo assinados pelo Brasil, desde o século XIX, já conferiam, de uma forma bastante clara, uma interligação, no sentido da ação policial, judiciária e diplomática entre as nações. Nessa troca de informações, eram enquadrados também os militantes políticos, objetivo de vigilância muito acurada pelos agentes diplomáticos. Foi na esteira desse entendimento que o Brasil assinaria, em fevereiro de 1920, um novo convênio internacional para a troca de informações policiais. (CANCELLI, 2001, p.78)

Ao identificarmos nos jornais, seções e colunas com o discurso de autoridades médicas, científicas e policiais, podemos relacioná-las ao projeto em construção que tinha como objetivo a modernização da cidade e o controle dos hábitos da população. Identificamos que o crime e os delitos funcionavam como um laboratório experimental, a partir dessas intervenções dos serviços médicos, da Antropologia Criminal, das estatísticas, das práticas higienistas. De posse de informações catalogadas e sistematizadas, a própria polícia teria como ‘prever’ e ‘combater’ os delitos e o crime.

Exemplo de que nesses jornais se constituíam parte de alguns dos princípios ideológicos, por meio de suas notas e reportagens, é o que percebemos quando da morte de Viveiro de Castro. Esse jurista maranhense, que viveu em fins do XIX e início do XX, foi um especialista nos crimes sexuais e divulgador do pensamento da chamada Nova Escola Penal, com grande influência do médico Cesare Lombroso. Desde fins do XIX, as influências das teorias científicas se faziam sentir, como já observamos. A formulação do Código Penal de 1890 trazia contornos fortes da Escola Positiva, que mudou o olhar da criminalização.

A Escola Positiva e a Escola Clássica pontuavam diferenças em relação ao crime. A Clássica se voltava para a relação da sociedade com o indivíduos por meio da ação, não se refletia sobre o autor, mas sobre o ato em si, o crime. Já na Escola Positiva, de grande influência a partir do início do XX no Brasil, havia a explicação de um determinismo biológico. Criminosos e não criminosos se diferenciavam por uma tendência inata, total, parcial ou mínima. O exame criminal seria não pelo ato, mas pelo indivíduo e seu comportamento. Viveiro de Castro elogiava Cesare Lombroso por ter sistematizado o esboço da Antropologia Criminal e de ter descoberto o criminoso nato. O *Correio Paulistano* deu a seguinte nota quando o jurista faleceu, no dia 07 de agosto de 1906,

VIVEIRO DE CASTRO

Mais uma dolorosa surpresa nos revela o telegrapho, enviando-nos, quasi ao findar o trabalho na redação, pelas duas horas da madrugada de hoje, a noticia de ter fallecido, repentinamente, na capital da República, o dr. Francisco José Viveiro de Castro. (...) Não deixaremos de render o valor do esclarecido jurista, (...) deixa seu nome ligado a uma nobre campanha, em matéria de penalidade, batendo-se com denodo pela Escola Positiva do Direito Criminal, e influindo como juiz para que

triumphassem os princípios adeantados, da nova corrente de ideias inauguradas com tanto êxito pelos eminentes criminalistas Ferri, Garofalo, e Lombroso.²²⁰

O discurso médico-científico, nesse período, atuava em várias esferas da vida cotidiana, não apenas nas questões de ordem da saúde, mas na concepção urbana, do ponto de vista do trabalho, das relações pessoais e sobre a criminologia. A questão dos crimes relacionados à paixão, por exemplo, eram discussões entre essas escolas de Direito.

A Escola Positiva classificava as paixões e as emoções de forma ‘científica’, a fim de que pudesse analisar as motivações do crime como revelador do caráter criminoso. Nas discussões que se travavam nesse período acerca dessas temáticas, o que mais nos interessa é o caráter moralista e criminoso que se davam às questões de crime sobre adultério, ciúmes, honra, vingança, entre outros, e que eram exploradas nos jornais. Eram exploradas ainda sob a perspectiva de alguns estigmas.

Na segunda página, na segunda coluna, onde se encontra os “Factos Diversos”, do *Correio Paulistano* do dia 11 de setembro de 1905, encontramos alguns elementos de caracterização sobre um crime.

Amor barato – Ferimento grave num samba

Numa casa de pretos, na rua Santo Amaro, dançava animadamente o ‘samba’ desde ante-hontem á noitinha, até quase o alvorecer de hontem. Bebeu-se desregradamente, como é fácil de prever-se, e, por isso, pela madrugada, os espíritos vascilaram já na atmosphaera carregada de vapores do álcool. Joanna Maria Ramos, uma dengosa mulata, abundante de formas e de seduções, desde que surgiu na salinha esburacada, metida vaidosamente no seu vestido vermelho de bolinhas brancas, e com um farto ramallete de cravos-chita, no bandó engruvinhado, trouxe a rapaziada num vai e vem dos diabos. Com o seu revirar malicioso de olhares, revirou cabeças, feriu corações.

Era definitivamente ‘la reine du bal’, como num mísero francês, a apelidou um cafuza pernóstico, entre um martelo de cachaça e uma fumaçada de quebra-queixo.

Pois não fosse todo aquele seu requebrado coquetismo, aquela denguece toda, a par de uma franca espontaneidade, que a tornou num momento querida de todos, requisitada, e, certamente, o ‘samba’ teria terminado sem incidentes desagradáveis.

Tal não se deu, porém, Joanna, declarando-se desde logo, apaixonada pelo cafuza que lhe lisonjeou a vaidade num reles francês, retirou-a, á ultima hora, a sua palavra, para dál-a, expontaneamente, a um rapagão esbelto que durante toda a noite, abraçado ao seu pinho, não lhe despregava os olhos.

Vai dahi, o cafuza a espera na porta, e, á saída, crava-lhe na clavícula esquerda a lâmina de uma faca.

Foi um tremendo reboliço, que deu em muito apito de socorro e muito chiliqe. Quando a policia chegou, entretanto, não encontrou, senão a offendida, e meia dúzia de pretas velhas de cabeças enrodilhadas, comentando furiosamente o fato que já previam, desde que a Joanna entrou na salinha com seu vestido de bolinhas brancas e os cravos-chita no cabelo. Medicou-a o sr. Dr. Marcondes que considerou grave o ferimento. Foi aberto inquérito na 2ª delegacia.²²¹

Amor barato – Ferimento grave num ‘samba’

Está preso, finalmente, o auctor do ferimento grave que Joanna Maria Ramos recebeu há quatro dias, num ‘samba’ que se dançava a rua Santo Amaro.

É elle o cafuzo José Matias Ramos, que se evadiu após a pratica do crime.

Sua prisão está legalizada pelo mandato expedido pelo juiz de direito da 2ª vara criminal.

²²⁰ Correio Paulistano, 07/ago/1906, p.5

²²¹ Correio Paulistano, 11/set/1905, p.2

Embora essas notícias não façam parte do período por nós delimitado e não tratem especificamente de assassinato ou crime que levou à morte, consideramos que suas narrativas carregam alguns estigmas, que se mostram como elementos constitutivos de certa ‘visão de mundo’ baseada nos valores vigentes da classe dominante, no seu modo de entender e ver a cidade e seus sujeitos. Um dos elementos significativos que elencamos é o título da notícia “amor barato”, sugestionando o relacionamento entre pessoas do povo, comuns, e sua relação com as confusões, o crime, a ‘balbúrdia’ o ‘reboleiro’. Na narrativa desse fato diverso, a caracterização dos sujeitos chama a atenção, uma vez que o jornal ressalta a questão racial – cafuzo, pretos, pretas velhas, mulata, o que nos permite uma asserção, muito em voga na época sobre a ideologia da superioridade racial.

Calcada na ideia de que as sociedades ‘evoluíam’ e se modificariam, superando seu estágio de atraso e caminhando rumo ao desenvolvimento e progresso, tanto material quanto socialmente, essa ideologia justificava, por meio de aspectos biológicos, físicos, morais e intelectuais, uma classificação racial dos seres.

Os estudos que buscavam na biologia conceitos que colaborassem para entender a relação entre história da sociedade e evolução da espécie humana estavam em alta desde o XIX. Cesare Lombroso apresentava solução para os problemas sociais e acreditava que os aspectos da criminalidade eram inatos aos indivíduos. É por meio da caracterização física, de fisionomia e aspectos raciais, que se buscava identificar criminosos ou explicar o crime. Nessa narrativa que acabamos de ler, o periódico ressalta as questões físicas dos sujeitos atrelando a eles caracterizações como ‘pretas velhas’, ‘dengosa mulata’, ‘cafuzo pernóstico’ e suas atitudes.

Tais caracterizações negativas implicavam em um juízo de valor vigente acerca da população negra e mestiça, sobre a qual se atribuía certas indolências, estabelecendo-se uma relação entre aparência física e atitudes, ressaltando também que a mestiçagem nada era favorável. Em uma época de crenças fortemente reforçadas pelo racismo científico que acreditava na inferioridade dos não brancos e miscigenados, a ideia sobre o fim da escravidão trazia para a elite brasileira a imagem de desperdício, ócio, falta de disciplina. A figura do ex-escravo era associada ao malandro, vadio, ocioso.²²³ Era preciso que tais comportamentos considerados ameaçadores da ordem social, do trabalho e da disciplina estivessem controlados. Não apenas libertos encontravam-se sob forte repressão policial, mas grande parte da camada livre pobre, sem trabalho, também chegava a ser vista como ociosa e vadia.²²⁴

²²² Correio Paulistano, 13/set/1905, p.2

²²³ Para uma discussão acerca de como o pensamento científico da época explicou essas características, ver SCHWARCZ, Lília M. *Retrato em preto e negro*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

²²⁴ DINIZ, Mônica. *Op.cit.* p.34.

Um segundo aspecto que observamos na notícia diz respeito à figura da causadora do reboleio, segundo o jornal. A ‘dengosa mulata’ Joanna, como afirma o *Correio*, foi a causadora da confusão. Representada na notícia como possuidora de ‘abundante de formas e seduções’, o periódico coloca de maneira representativa e emblemática a mulher negra, pobre, com uma identidade própria, jeitos e atitudes nada aceitáveis para o padrão de mulher da época, isto é, a mulher ingênua, tímida, recatada, preservada, submissa. Joanna, no salão de dança na ‘casa de pretos, esburacada’, ‘seu revirar malicioso de olhares’, abusa da sedução, usa da vaidade, nas entrelinhas da notícia, é sedutora com seu ‘vestido vermelho de bolinhas’, o que provocou a ‘rapaziada’. Com essa narrativa, o jornal coloca Joanna como uma mulher livre de preconceitos e indecorosa.

Aluísio Azevedo reproduziu em sua obra *O Cortiço* o mundo de mulheres pobres das quais se enfatizava atributos desclassificatórios. A partir de seus princípios naturalistas, o escritor buscava não somente mostrar a realidade de uma sociedade que se queria redefinir, mas explicar essa realidade por meio de princípios deterministas que elegiam o meio e a raça enquanto definidoras de um caráter.²²⁵ Além dessa caracterização física dos sujeitos, o jornal enfatiza o uso do álcool como um grande causador de discussões, desavenças e crimes.

A Antropologia Criminal desde o final do XIX atribuía estigmas degenerativos e negativos a certos grupos sociais em decorrência da popularização das teorias científicas. Por meio dessas teorias, buscavam influenciar aspectos do Direito para o tratamento do crime. Em muitos jornais da época, encontramos referência sobre vícios, práticas ilícitas, posturas individuais e coletivas que se buscavam controlar e também eram preocupação médico-higienista.

O *Correio Paulistano* acompanhava as discussões referentes à ciência e higiene. Trazia em suas páginas boletins informativos de controle epidemiológicos, boletins científicos, notas e balanços sanitários, informações à respeito de epidemias, como varíola, sífilis, sarampo.

O Novo Congresso de Anthropologia Criminal

(...) Ocorre em Turim o sexto Congresso de Anthropologia Criminal (...) as leis penais correspondem tanto quanto as leis naturaes, à natureza real dos phenômenos criminosos. Os congressistas, que pelo seu espírito scientifico acreditam que as reuniões são uteis, debatem incansavelmente (...)

Essa reunião é um indicio da seriedade do caráter práctico de seus intentos, para realizar uma produção scientifica.

A Anthropologia criminal tem necessidade, mais que outras sciencias, desses congressos, porque ela é aplicada ao Direito, é campo de lucta, e a influencia das novas doutrinas e estudos, que convergem para campos da sciencia como sociologia, pedagogia, ethnologia. Daí, serem os congressos laboriosos.²²⁶

²²⁵ CARVALHO, Susete S. **Um perfil feminino na obra de Aluísio de Azevedo; Rita Baiana.** Estudos de História, Franca, v.3 n.2 1996, p.131.

²²⁶ *Correio Paulistano*, 15/nov/1905, p.3

Com esses dizeres em sua primeira página, o *Correio* justificava a importância das discussões feitas pela Antropologia Criminal. Mais do que divulgar informações, o jornal compartilhava desse ideal com o qual acreditava ser esclarecedor para explicar muitas questões sociais. Amparado no discurso da ciência, acreditamos que o leitor pudesse ser convencido de que esses aspectos eram relevantes. Com uma linguagem coloquial e direta sobre os fatos diversos, o jornal contrapunha as notícias austeras de cunho econômico e político que veiculava, o que nos leva a acreditar que atraía não apenas um leitor ligado a aristocracia rural.

No ano de 1908, Enrico Ferri fez uma conferência no Polytheama, espaço para diversas apresentações culturais e espetáculos na cidade. Ferri era um famoso criminologista e jurista do final do XIX e início do XX, que compartilhava das ideias de Cesare Lombroso. Ajudou a fundar a chamada Escola Italiana da Criminologia Positivista. A íntegra de sua apresentação foi narrada pelo jornal *Correio Paulistano* na primeira página do dia 06 de novembro de 1908. Abrangendo três colunas inteiras iniciais e mais duas colunas na página subsequente, o periódico destacava a importância do pensamento desse criminologista.

ENRICO FERRI – DELICTOS E DELINQUENTES

Perante uma numerosa assistência, realizou hontem, no Polytheama, o eminente professor Enrico Ferri, a sua segunda conferência.

(...) Em todos os tempos, o delicto attrahiu para si a attenção publica, e na nossa época, o grande desenvolvimento que a imprensa cotidiana teve, accentuou ainda mais a attenção publica, levando-a até á exaggeração e ao excesso injusto, porque, desgraçadamente, os delinquentes despertam mais interesse do que os homens honestos. (...) Se nós formos passeando com um amigo e este indicar uma pessoa do outro lado da rua, e nosso amigo disser que é um homem honesto e pae de família, o nosso olhar não se sente atrahido, mas se nosso amigo disser que este cumpre pena de 10 ou 12 annos de prisão por assassinato, então, olhamos com maior attenção. É a intuição da linguagem popular crystalizou este modo de sentir e pensar; assim a attenção pública, sente-se mais attrahida pelo delicto do que pela virtude.

Se amanhã um cocheiro de praça, encontrar esquecida dentro de seu carro por um freguês uma mala com muito dinheiro dentro, e, resistindo á horrível sugestão da miséria, restitue ao proprietário da mala, os jornaes, no dia seguinte, não terão ainda três linhas de chronica ligeira. (...) Si, ao contrario, um homem assassinar outro, os jornaes apparecerão cheios e darão, não três linhas, mas três colunas historiando minuciosamente o facto e com os antecedentes do homem que assassinou.

A curiosidade publica anda sempre em torno do delinquente esquecendo o homem pobre, honesto e heroico. Há um phenômeno extranho: enquanto o delinquente, attrahiram para si a curiosidade pública, na sciencia elles estiveram até há poucos annos em esquecimento. Não porque a sciencia não se tenha occupado dos delictos, mas apenas analisavam do ponto de vista legal; (...) Por que motivo elle matou? Esta é a grande questão.

Cesare Lombroso, medico militar teve occasião em 1870, de observar o crâneo de um famoso bandido calabrez, e achou uma anomalia rara que não se acha em quase nenhum crâneo humano e sim nos crâneos de animais. Lombroso teve a intuição de que o homem, para tornar-se delinquente, deve ter anomalias, condições biológicas excepcionaes.

E inicia uma corrente nova, não a define juridicamente o que seja facto criminoso, mas exige a pergunta, por que é que cada nação bárbara ou civilizada há sempre uma maioria de homens que cometem delictos?

Na América do Sul, a criminalidade de sangue é maior do que na Itália. Na Inglaterra, menor. Por que? Esse por que a sciencia inicia.

Por que na Itália é maior que na Inglaterra? Lombroso é o remédio efficaz contra a terrível doença da criminalidade.²²⁷

²²⁷ *Correio Paulistano*, 06/nov/1908, p.

De toda a apresentação de Enrico Ferri, o que mais nos chamou a atenção foi o fato do criminologista responsabilizar, em parte, a imprensa pela exagerada atenção dada às notícias criminais e aos criminosos. Segundo ele, é da natureza humana, da intuição da linguagem popular preferir o trágico, se sentir atraída, ter gosto pelo que envolve o crime, porém é a imprensa que credita maior visibilidade e espaço para as notícias criminais e os criminosos do que para a honestidade.

Em segundo plano, Ferri apontou que, para entender o crime, é preciso agir com o método baseado na observação e experiência dos fatos, ou seja, método científico muito em destaque no período, seguindo as etapas de uma análise metodologicamente analítica, calcada na observação, experimentação e conclusão. Ele também enfatizou que não é delinquente quem quer, mas devido às condições anormais de seu corpo. Ferri continua com extensa explicação detalhada e o *Correio Paulistano* acompanhou. Ferri termina citando três tipos do criminoso, apontando para a Literatura Clássica: Macbeth, Hamlet e Otelo, o criminoso nato, o criminoso epilético e o criminoso passional. Finaliza com a frase que a ciência adverte: “para os males sociais, remédios sociais”. O jornal ainda traz que o criminologista exibiu para maior compreensão os tipos criminais em pesquisa, antigos e modernos, trazendo para o público, esqueletos, crânios e imagens de ‘figuras selvagens’.

Enrico Ferri também destacou que, na América do Sul, os italianos se adaptaram bem ao trabalho, evidenciando que a criminalidade pode diminuir por meio deste fator. Segundo Ferri, o nível de criminalidade depende muito da combinação de condições do meio físico e social, combinando as tendências hereditárias e os impulsos de cada indivíduo.

O pensamento criminológico na passagem do XIX para o XX tinha influência muito grande dos métodos científicos. Segundo Rebeca Dias(2019, p.363),

Quando o pensamento criminológico é absorvido no Brasil, o país se aproximava do fim da escravidão e transitava do Império para a República. Nesse processo de consolidação do Estado Republicano, o liberalismo foi o ideário utilizado como instrumento legitimador, muito embora na prática, o Estado Republicano tenha assumido um perfil bastante autoritário, pois tendeu à intervenção, a qual se deu pela via da consolidação dos direitos sociais e políticos, mas como Estado interventor no que se refere ao controle da população – polícia – higiene pública. Os juristas da Primeira República tendiam a vincular-se ao discurso liberal. Liberalismo e Positivismo Penal não se excluía, este é o caso de Viveiro de Castro, da Nova Escola Penal. Nesse período da Primeira República o pensamento criminológico penetra na cultura jurídica brasileira e se consolida. (DIAS, 2019, p.363)

A *Gazeta*, em sua intitulada “Medicina e Hygiene”, explanava sobre assuntos relacionados às descobertas de doenças e seus tratamentos, às epidemias, à relação entre higiene e infância, em que dissertava modos e jeitos da criação infantil, relacionando desde o ambiente em que a criança vivia, sua alimentação e a conduta dos pais, e colocava o leitor a par de novos estudos dos cientistas estrangeiros e sua repercussão no Brasil. Mesmo que o leitor do periódico não fosse entendedor dessa discussão e conhecedor das teorias – e, provavelmente, em sua grande maioria não o era – o jornal cumpria um papel de ‘esclarecedor’ e divulgador desse pensamento.

O CRIME DA ALAMEDA NOTHMAN – Julgamento de Francisco Cautizani – Auctor do assassinato de sua noiva – THEREZA ROCCO

Sobre a presidência do dr. Gastão de Mesquita, ocupando a cadeira da promotoria o dr. Arcibiades Delamare e servindo de escrivão o sr. Mario Alves Cabral, installou-se a sessão de hoje no Trybunal do Juri.

Entrou em julgamento pela segunda vez, o réu prezo Francisco Cautizani incurso nas penas do art. 294 paragrapho 2º doCodigo Penal.

Cautizani, como noticiamos é acusado e haver assassinado, a tiros de revolver, sem motivos justificados, a sua noiva Thereza Rocco.

O facto criminoso deu-se na residência da victima, á Alameda Nothmann, 17, ás 7 e meia horas, da noite do dia 24 de setembro, no anno próximo findo.

Farão a defesa do reu os drs. Fernando Coelho e Cyrillo Junior, funcionando como parte auxiliar na accusação o dr. Marry Junior.

Feita a leitura do processo foi dada a palavra ao sr. Promotor publico. Iniciou a accusação fazendo um relatório sobre o facto criminoso.

Passando á analyse da pessoa da victima, tornou patente os bellos costumes, os bellos sentimentos de que era dotada essa desditosa moça.

Quanto ao reu Francisco Cartizani, num confronto, com a pessoa de Thereza de Rocco, evidenciou o absoluto antagonismo, entre ella e a pessoa do criminoso; aquella a alma pura, angélica da moça recatada; este o typo de alma conspurcada pelo vicio e talhada para o crime como se deduz do seus péssimos precedentes.

Passando a analyse do crime mostrou que a premeditação dele por parte do accusado, era um facto indiscutível, assim como claras e evidentes se mostravam os aggravantes de surpresa, superioridade em arma e sexo e a frivolidade do motivo, assim sendo, esperava que um conselho de sentença formado de individualidades capazes de comprehender a data missão de que naquelle momento estavam encarregados, condemnasse, ao grão máximo do artigo 294 o deshumano e despiadado assassino.

O dr. Alcibiades provou que Cautizani era um criminoso malvado e nunca um criminoso passional, que o amor não derime o crime, nem o escusa, que a estupidez, o ódio, a raiva não são derimentes

que a paixão não se equipara á loucura nem leva á morte do objecto amado, como bem mostrou Gastão Dauville. Para tornar indiscutível que Cautizani não pode ser considerado criminoso passional, passou então em revista as theorias de Ferri e Lombroso, que bem demonstraram que o criminoso passional é altruísta e carinhoso, não premedita o crime, não fere com o que lhe vem ás mãos, que o passional se arrepende (Tolstoi), os passionais não mentem e sua vida anterior é honesta. Entra depois a tratar longamente do ímpeto da justa ira apoiando as suas opiniões nas doutrinas de Carrara, Alimena (...)

Quando saímos do recinto, o promotor começava a falar sobre a questão da privação dos sentidos e da inteligência em face da sciencia moderna.

Parece que o promotor se demorara muito na tribuna.²²⁸

Nossa intenção não é esmiuçar os crimes nem seus julgamentos, mas oferecer aqui uma reflexão que aponte para o propósito narrado por eles, o espaço que o pensamento científico da época ocupava nos jornais e na sua relação com os crimes. Neste texto de *A Gazeta*, o repórter que cobria o caso preparou a notícia enfatizando os aspectos das discussões sobre as motivações de crimes, baseadas na ciência. Observando a fala dos advogados de acusação, o texto apresenta o antagonismo entre a vítima e o criminoso, sendo a jovem, recatada, desditosa moça de belos costumes e o tipo de alma calcada pelo vício. É provável que, para escrever a notícia, o repórter buscou mais detalhes acerca dos nomes de cientistas e suas análises a fim de transmitir ao público leitor uma seriedade e objetividade sobre o fato.

Quando o jornal transforma o fato em notícia, o leitor não só toma conhecimento do acontecido, mas também pensa sobre o assunto, conversa e emite opinião para formar um posicionamento ou, então, tomar como verídica a notícia lida. Dessa forma, a imprensa, enquanto formadora de opinião, explora temáticas da vida cotidiana e, por meio de sua linguagem própria, evidencia projetos sociais e conjunturas que chegavam ao público. Dessa maneira, promove-se a ideia de que o jornal cumpre a função de ‘informar o público’ dos acontecimentos, com a ‘voz da sabedoria e do conhecimento’. Ao mesmo tempo em que busca no cotidiano suas temáticas, cria um gosto pelas mesmas. Ao considerarmos a imprensa enquanto um ator histórico, entendemos que ela está em constante constituição de si e da sociedade, portanto, de pressões e tensões internas e externas.

²²⁸ A Gazeta, 27/jul/1912, p.6.

Considerações finais

Na primeira década do século XX, os jornais *Correio Paulistano* e *A Gazeta*, inseridos nas transformações políticas, econômicas e culturais da cidade, tiveram um papel significativo na conjuntura do que chamamos de imprensa diária. Jornais de grande circulação, com projetos editoriais distintos, transformaram-se em uma imprensa capitalista, empregando as novas técnicas e aperfeiçoamentos e explorando algumas temáticas, dentre elas a criminalidade.

Foram as crônicas policiais construídas por estes periódicos, que buscamos aqui refletir. Sendo dois veículos de comunicação importantes no período na cidade de São Paulo, *Correio Paulistano* e *A Gazeta* fizeram diferentes representações do criminoso e do crime, por meio do diálogo com as temáticas do higienismo cientificista e com as questões relacionadas ao progresso, ao trabalho e sua positividade e aos aspectos da modernidade que se apresentaram na cidade no início do XX.

Assim como a narrativa das notícias passava por mudanças, a própria imprensa se modificava, deixando de ser, em grande parte, uma imprensa de caráter artesanal para se transformar em empresa capitalista. As características e lógicas da organização da imprensa, com seu amplo conjunto de representações, valores e regras que constituem a chamada cultura editorial, é que determinam e fundamentam a relevância do seu processo produtivo.

Percebemos, em grande parte das notícias que analisamos, uma ação disciplinadora mais ampla, pautada pela influência das teorias de cunho científico que se justificavam pela intervenção urbana, assim, as crônicas se relacionam ao contexto histórico ao tratarem dos dramas da cidade e das faces desse cotidiano. Trazendo os sujeitos anônimos e suas situações de vida, acreditamos que o produtor dessas notícias não estivesse totalmente preocupado com a veracidade do fato em si, mas em mostrar sobre seu tempo, indícios culturais e morais. Em suas narrativas, que podemos chamar de híbrida, um tanto histórica, um tanto ficcional, exagerada, impregnada de elementos descritivos, de circunstâncias, é possível apreendermos estigmas, considerações, valores.

Constatamos que a atualidade tornou-se um dos critérios de noticiabilidade no período analisado, não apenas nos ritmos sociais como na própria lógica produtiva dos jornais, pois o jornalista deixou naquele momento de ser o redator que permanece na redação dos periódicos aguardando a chegada de algum fato ou acontecimento, e passou a buscar uma ocorrência, um fato inusitado, um delito ou um crime que possa render uma boa narrativa. A rotina do dia a dia, os acontecimentos triviais, passaram a ter visibilidade, a tornar-se manchete em ambos jornais, seguindo em partes, um modelo sensacionalista.

No decorrer desta pesquisa, enfrentamos o desafio de relacionar as crônicas policiais a sua conjuntura, resgatar sua historicidade e perceber não apenas a construção narrativa que os periódicos criaram, mas os sujeitos e suas vidas, seus trabalhos e vivências, mesmo que de forma fragmentadas e imprecisas. Cientes de que essas narrativas carregam um olhar determinado e filtros sobre a realidade, ainda

assim, conseguimos perceber suas experiências e formas de resistências. Sejam em pequenos atos da reincidência, sejam nas discordantes formas de vida em relação aos ideais presentes.

Observamos certa classificação dos comportamentos e práticas sociais, consideradas criminosas, expressas pelas identificações desses sujeitos ditos criminosos e suas vítimas. Assim como a importância da ação policial, enquanto representante da ordem e da segurança pública que, por meio de relatos diários do policiamento e rondas, era valorizada por capturar criminosos e agir diante das queixas que recebia de vítimas, por exemplo, e que eram incentivadas a solicitar à polícia a proteção, impressionadas e influenciadas pela ameaça social que o crime representava.

Atentamos que diversas narrativas de crimes nos jornais, breves e diretas também poderiam exercer sobre o leitor um juízo de valor, tanto quanto as narrativas detalhadas e transformadas em enredos dramáticos, os folhetins. Estes, que apresentavam temáticas sensíveis à moral e à vida privada, se destacavam e, com maior interesse, recurso e grau de violência ou reincidência, traziam a proximidade entre criminoso e vítima, personalidades da alta sociedade ou importantes na vida pública, revelando-nos o caráter moral do crime que acabaram sendo objeto de maior tratamento pelos jornais.

Em diversas narrativas, percebemos o detalhamento dos sujeitos envolvidos e do crime, a fala da autoridade médica, o legista, que sempre acompanha a polícia, enquanto aquele que atribui ‘objetivamente’ e concede os detalhes minuciosos do crime; o tratamento noticioso das diligências policiais; o caráter moral dos criminosos; as qualidades das vítimas; a proximidade social entre os sujeitos; a insegurança nos espaços públicos, ruas e praças; a rixa no trabalho e na família, os empregados infiéis, entre tantas outras qualificações. Esses elementos nos levam a identificar a construção da violência e da indisciplina como um problema social apontado pelos jornais.

As camadas populares, indivíduos empobrecidos, moradores das áreas consideradas inseguras, dos cortiços e frequentadores de locais públicos, são vistos como necessitados da intervenção moralizadora e educativa, que pudesse transformar seus comportamentos. Das notícias de crime que analisamos nesta pesquisa, encontramos as diferenças entre as narrativas de sangue e de contravenção bem delineadas. Um relacionado às questões morais e outro refletindo o aspecto social.

A primeira nos levou ao universo da vida privada, com os crimes que atravessam a fronteira do social, como a honra e o ciúme. Estes não têm classe, pois, relacionados ao comportamento do campo da moral, envolviam pobres e ricos, anônimos ou não. Na sua grande maioria destas narrativas, fomos levados para o universo feminino, das questões envolvendo moral, costumes, o papel da mulher e da filha, o casamento e a família. Temáticas que normatizam a mulher, a dona de casa, a esposa infiel. Poucas foram as narrativas em que o homem apresentava-se enquanto infiel. Para essas narrativas, observamos que estava em jogo, relacionado à moral, o “nome da família” e dos “negócios”. Estes ocorrem no espaço privado.

As narrativas de crimes de contravenção, como o roubo, furto, vadiagem, alcoolismo, capoeira, se apresentam enquanto aquelas que precisam da intervenção e do poder do Estado, seja pela atuação da polícia ou pelas normas de comportamento. As crônicas relacionadas a disciplina dos espaços não atravessam fronteira de classe e são tratadas como questões pertinentes as chamadas “classes perigosas” e estão inseridas muito mais em um universo social. Incorporadas na discussão do trabalho e do progresso, são empecilhos ao desenvolvimento da civilidade. Essas narrativas do crime, segundo os jornais analisados, nos encaminha para a normatização da vida pública e disciplinarização dos costumes. Em contrapartida, podemos aferir nas próprias narrativas que os sujeitos criminalizados, independente de suas motivações, situações e contextos, deixam fragmentos de suas resistências que, de alguma maneira, são evidenciados. Constância, recusa, rejeição às normas ou ao trabalho, à autoridade, à condição de vida, chegam a nós por meio do não-dito nas narrativas. Assim como delegados, chefes de polícia, médicos e autoridades têm suas falas narradas, por serem falas autorizadas, já os sujeitos infratores, homens e mulheres a sua maneira, se expressam pela contravenção.

Percebemos nas notícias sobre os crimes que aquelas relacionadas a questão social eram narradas de modo que os sujeitos eram denominados pelos jornais enquanto ‘populares’, ‘vadios’, influenciados pelo meio em que viviam, ‘num cortiço’, nos locais que frequentavam ‘o botequim’, pelas adjetivações dadas aos locais, a forma como viviam, ‘alcoolizados’, claramente, destacando os elementos ideológicos e científicos da época.

Atentamos uma clara distinção entre as mulheres populares trabalhadoras e as mulheres ‘de vida fácil’, bem como as adúlteras, que são apresentadas pelos jornais como possuidoras de um caráter imoral, desvirtuado. Há uma clara oposição entre a mulher casada e a solteira, a mãe e esposa exemplar com a mulher da vida fácil, da lascívia, a adúltera e a de família, a trabalhadora e a ociosa. O tratamento para aquelas que cometem o crime se pela violência sofrida explica-se e justifica-se, pela vingança se condena. Os jornais apresentam o crime feminino relacionado a histeria, aos problemas nervosos e à má índole feminina, enquanto que, nos casos de crimes cometidos pelos homens, a honra é justificada, embora a violência seja condenada pelos jornais.

Por meio das notícias, aferimos os valores da positividade do trabalho, uma vez que as vítimas trabalhadoras, têm ressaltada sua conduta. Várias notícias criminais relacionavam a criminalidade a questões de pobreza, da influência do meio, da imigração, não havendo uma única explicação para a criminalidade na cidade.

Dos jornais analisados, o *Correio Paulistano* nos demonstrou uma concepção do crime muito mais relacionado ao campo moral, de práticas e condutas condenáveis, em defesa dos ideais do progresso e da civilidade, portanto, defensor do combate às más posturas, explorando o campo moralizante, como repressão ao vadio e ao ébrio, as turbulentas, os menores, ‘criminosos precoces’, os trabalhadores e

‘empregados infiéis’. Nem por isso deixava de usar do recurso dramático e sensacionalista em algumas notícias, destacando páginas inteiras em verdadeiros Folhetins para o público leitor.

Já *A Gazeta*, como vespertino, trazia as notícias criminais, em sua maioria, relacionadas aos dramas de sangue, explorando a temática da honra, da cafetinagem. Assuntos para um chamariz do público leitor, histórias rocambolescas e misteriosas, com títulos carregados de apelo emocional, da mesma forma que o combate a vadiagem e ao alcoolismo. Explorando o recurso não apenas da linguagem, mas das fotografias.

Em ambos periódicos, encontramos a ênfase enquanto defensores e ‘guia’ do povo, intercedendo e defendendo as causas morais, sociais, os problemas da cidade, sendo tais posturas perceptíveis em determinadas colunas. O *Correio Paulistano* trazia “Melhoramentos da cidade”, “Nossos Bairros”, “Factos Diversos”, “Queixas e Reclamações”, em que prestava serviços ao leitor, enquanto que *A Gazeta* trazia “A carestia da vida”, “Os Chauffeurs”, “O perigo das ruas”. De alguma forma, buscavam e até disputavam o leitor, com a temática de ‘defensor das causas populares’. Ambos periódicos em seus ‘espaços’ destinados ao público leitor, buscavam uma forma não apenas dessa interlocução, mas de expandir suas vendas e circulação.

Considerando essa documentação, observamos que as narrativas buscaram delinear um espaço ou uma ‘geografia’ do crime, sobretudo, da contravenção. Apontam o crime no cortiço, local da população empobrecida, espaço sem infraestrutura e gerência do poder público, onde viviam muitos sujeitos com trabalho irregular, ocupações temporárias. Mas ao mesmo tempo, espaço de solidariedade, de cumplicidade entre os que viviam no local, que se uniam e se defendiam contra as ações da polícia, caso fosse necessário.

Dos botequins, espaço das chamadas ‘más condutas’, do álcool e da vida desregrada, suscetível aos delitos, propagados pelos jornais, mas que compoem um modo de sobreviver na cidade, era o espaço de pequenos comerciantes, local da reunião após o trabalho, do encontro para as discussões sobre o que se passava na cidade, sobre política, onde muitos se reuniam para debater e se organizar. Por vezes os botequins eram chefiados por mulheres, donas das ‘tascas’ ou ‘da taverna’, que organizavam o pequeno comércio e lidavam com ‘os devedores e perturbadores da ordem’. Espaços de sociabilidades e trocas, esses locais, narrados nos jornais, demonstram a vigilância sobre o lazer e o trabalho de populações pobres.

O crime também ocorria nos espaços de trabalho e nas ruas da cidade, daí a defesa das rondas e do policiamento constante. Envolvendo pequenos trabalhadores como carroceiros, empregados da Light, chauffeurs, cocheiros, ajudantes em geral, botequineiros, os jornais exploram as classes populares a partir dos crimes que os envolviam.

Sobre os sujeitos, evidenciamos que, em certas situações, policiais e infratores da contravenção são conhecidos, por frequentarem as mesmas regiões ou terem moradias próximas. Entendemos que, em certos períodos, até meados de 1916, a dinâmica da criminalidade relacionada aos crimes de contravenção se apresentaram em maior número, declinando a partir de então.

Imprensa e polícia são considerados como portadores de ideais na construção do social, do crime, da moral. A imagem que apreendemos dos periódicos nesse momento é a de um cotidiano que se mostra ao mesmo tempo perigoso, devido às manifestações da ‘pequena violência diária’, repetitivas nos jornais, causadoras de tensões, produzindo insegurança, ao mesmo tempo em que se procura afirmar valores do trabalho para o combate às desordens e delitos de contravenção. Aos crimes de sangue envolvendo aspectos da moralidade, os argumentos do discurso da ciência serviam para combatê-los. Em ambos os casos, observamos a construção de um discurso por parte das narrativas que dialogava com campos diversos, a Ciência, a Medicina, a Criminologia e os ideais de Modernidade e Civilização, os quais saíam em defesa de um Estado que controlasse e combatesse a criminalidade.

Os jornais *Correio e Gazeta*, resguardadas as diferenças, dedicaram-se a narrar os fatos transformando-os em notícias de crime, explorando os variados sujeitos da cidade, apontando o seu lugar social, muitas vezes manifestado enquanto impróprio, degradado e propenso à criminalidade. Em seus discursos encontramos outros discursos. As falas de autoridades de diversos campos específicos. Falas autorizadas, lugares oficiais, que inseridos no cotidiano cumpriam um papel de difundir valores e normas específicos e que justificavam o controle. A criminalidade, o crime, na conjuntura específica da urbanização e da ‘missão civilizadora’, não tinha espaço. As crônicas, narrativas do cotidiano, espaço reservado ao ‘povo’, ‘popular’, trazia de forma indireta, a discriminação a certos tipos sociais. De outra parte, percebemos que, os sujeitos aqui tratados, criminalizados ou não, quase silenciados, deixaram pequenas experiências por meio de suas atitudes e do não-dito.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Thiago Romão de. Raymond Williams e o Materialismo Cultural. Revista *Anima*, Ano 4, nº5, 2014, p.104-119.
http://anima.his.puc-rio.br/media/Artigo%208_Thiago%20Romao.pdf (acesso 03/07/2019).
- AMERICANO, Jorge. **São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)**. São Paulo, Carrenho Editoria, 2004.
_____. **São Paulo Nesse Tempo (1915-1935)**. São Paulo, Edições Melhoramento, 1962.
- AMMIRATO, Giacomo. **Homens e Jornais**. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Aurora, s/d.
- AUBENAS, Florence. & BENASAYAG, Miguel. **A Fabricação da Informação. Os jornalistas e a ideologia da comunicação**. São Paulo, Loyola, 2003.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo, IBRASA, 1972.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa (1900-2000)**. Ri de Janeiro, Mauad X, 2007.
_____. *Como escrever uma história da Imprensa? II Encontro Nacional da Rede*
Alfredo de Carvalho. Disponível: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1> (acesso 21/10/2016).
- BARROS, Ana Paula F. Lemos. **A importância do conceito de esfera pública de Habermas para a análise da imprensa – uma revisão do tema**. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br> . Acesso 20/dez/2020.
- BARROS, Edgar Luiz de. **Os crimes que abalaram São Paulo no século XX**. In Revista do Arquivo Histórico Municipal/Depto Patrimônio Histórico. São Paulo, 2004, vol.203, p.91
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p.8.
- BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.
- BRETAS, Marcos Luiz. **A Ordem na cidade: o exercício do cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907-1930**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
_____. **A Guerra nas Ruas: o povo e a polícia no Rio de Janeiro**. IUPERJ, 1988.
_____. **Revista Policial: formas de divulgação das policias no Rio de Janeiro de 1903**. In Revista Social, Poder e Repressão, n.16, 2009. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/issue/view/19> (acesso 05/06/2019).
- BRUNO, Ernani Silva. **Histórias e Tradições da cidade de São Paulo**. Vol. III “Metrópole do Café”. São Paulo, HUCITEC, 1991.
- BUENO, Francisco de Assis. **A cidade de São Paulo**. São Paulo, Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1976.
- BURK, Peter. (Org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.
- CANCELLI, Elizabeth. **A cultura do crime e da lei (1889-1930)**. Brasília, UNB, 2001.

_____. **Na virada do século a cultura do crime e da lei.** Seminário: Crime, criminalidade e repressão no Brasil República. Disponível em: http://www.usp.br/proin/download/revista/revista_seminarios1_virada_seculo.pdf (acesso em 26/04/2010).

CANTON, André Luiz. **Preservação contraditória no centro de São Paulo: degradação das vila preservadas na baixada do Glicério.** Dissertação de mestrado FFLCG/USP, 2007.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto-Edusp, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados. Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo, Cia das Letras, 1999.

Certeau, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petropolis, Vozes, 2017.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro.** Campinas, SP: Editora da Unicamp: 2001.

_____, **Trabalhadores na Cidade: Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX.** Campinas SP: Editora da Unicamp, 2001.

CORRÊA, Maria Letícia. **História econômica e Imprensa.** Rio de Janeiro, Contra Capa, 2018.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa.** Projeto História, São Paulo, PUC, nº 35, dez/2007.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta – periodismo e vida urbana 1890-1915.** São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.

DARMON, Pierre. **Médicos e Assassinos na Belle Époque.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamurete. Mídia, cultura e revolução.** São Paulo, Cia das Letras, 2010.

_____. **Revolução Impressa: a imprensa na França (1775-1800).** São Pau, EDUSP, 1996.

DIAS, Maria Odila L. S. **Quotidiano e Poder.** São Paulo, Brasiliense 1995

DIAS, Rebeca Fwrnandes. **Rio de Janeiro e o pensamento criminológico.** Revista Direito e Práxis. Vol.10, n.1, 2019, p.363-388.

DINIZ, Mônica. **Olhares sobre a Cidade: Termos do Bem Viver, Vadiagem e Polícia nas ruas de São Paulo (1870-1890).** Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2012.

DOMENICIS, Bianca Melzi De. **Os cortiços e o urbanismo sanitário da cidade de São Paulo no final do século XIX.** Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2014, p. 66.

ECO, Humberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção.** São Paulo, Cia das Letras, 2020

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do progresso.* In LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil.** 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2011.

FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo.** São Paulo, EDUSP, 2009.

FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano – a criminalidade em São Paulo 91880-1924).** São Paulo, Edusp, 2001.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

FILHO, Ciro Marcondes. **Jornalismo *Fin-de-siècle***. São Paulo, SCRITA Editorial, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GOMES, Ana Porto. **Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano**. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 2003.

GUIMARÃES, Valéria. **A Revista Floreal e a recepção aos *faits divers* na virada do dezenovevinte**. Revista Galáxia, São Paulo, n.19, p.274-290, jul/2010.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo, UNESP Editora, 2014.

HOLLOWAY, Thomas. **Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX**. Rio de Janeiro,, FGV, 1997.

KARNAL, Leandro e TATSCH, Flavia G. A memória evanescente. In. LUCA, Tania R. de e PINSKY, Carla B. **O historiador e suas fontes**. São Paulo, Contexto, 2009.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos, e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla B.. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARSON, Adalberto. **Reflexões sobre o procedimento histórico**. In SILVA, Marcos A. (org.) **Repensando a História**. Rio de Janeiro, Marco Zero Editora, 1984.

MAUAD, Ana Maria. **História Pública no Brasil**. São Paulo, Letra e Voz, 2016.

MATOS, Maria Izilda de S. **Corpos numa Pauliceia desvairada: mulheres, homens e médicos , São Paulo 1890-1930**. EDUC, Revista Projeto História, São Paulo, n.25, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

MELO, José Marques de. **Imprensa Brasileira**. Personagens que fizeram história. São Paulo, Imprensa Oficial, 2005.

MOREL, Marcos. **Palavra, imagem e poder. O surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2003.

MOURA, Paulo Cursino. **São Paulo de outrora. Evocações da metrópole**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1980, p.232.

MOURA, Ranielle Leal. **Marialva Barbosa, entre a história e o jornalismo**. www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/2510/2472 (acesso 18/09/2016).

NEVES, Margarida de Souza. Uma esxcrta do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas, In. CANDIDO, Antônio. **A Crônica**. São Paulo, UNICAMP, 1992.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de fazer um jornal diário**. São Paulo, Contexto, 2008.

NOBRE, Freitas. **A História da Imprensa de São Paulo**. São Paulo, LEIA, 1950.

PADILHA, Marcia. **A cidade do Reclame. Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20**. São Paulo, AnnaBlume, 2001.

PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas – o detetive e o urbanista**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2002.

PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da História**. Bauru, EDUSC, 2005.

_____. **Os excluídos da História. Operários, Mulheres e Prisioneiros**. São Paulo, Paz e Terra, 2010

PENTEADO, Jacob. **Belenzinho, 1910. Retrato de uma época**. São Paulo, Carrenho Editorial, 2003.

PILAGALLO, Oscar. **História da Imprensa Paulista**. São Paulo, Três Estrelas, 2012.

PORTO, Ana Gomes. **Crime em letra de forma. Sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano**. Dissertação de Mestrado, Campinas: Unicamp, 2003

PRIORI, Mary Del. (org) **História dos crimes e da violência no Brasil**. São Paulo, UNESP, 2017.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a Lei. Legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo**. São Paulo, Studio Nobel/FAPESP, 1997.

ROMERO, Marisa. **Inúteis e perigosos no Diário da Noite – São Paulo 1950-1960**. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2011.

ROSEMBERG, André. **De chumbo e festim. Uma história da Polícia paulista no final do Império**. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em preto e branco. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do XIX**. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

_____. **O espetáculo das raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo, Cia das Letras, 2016.

SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da Metrópole – arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX para o XX**. Atelie Editorial, São Paulo, 2000, p. 55.

SILVA, Marcos A. da . **Repensando a História**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1981.

SODRE, Nelson Werneck. **A História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

THOMPSON. E.P. **Costumes em Comum. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo, Cia das Letras, 2008.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da vertigem – uma história de São Paulo de 1900-1954**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2015.

TRINDADE, Jaelson Bitran. **Piedade Lusitana – Sobre a Imprensa e o poder**. Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH, Contexto, 1996, v. 16 n°31-32.

VELLOSO, Mônica. **A Cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaço**. Rio de Janeiro, Edições Casa Rui Barbosa, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **A Imprensa e a cultura popular, uma perspectiva histórica**. Trad. CRUZ, Heloisa de Faria e IANNUZZI, Ricardo B. – Revista Projeto História, São Paulo, n.35, dez 2007. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2202/1308> (acesso em 22/10/2017).

_____. **Palavra chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo, Boitempo, 2007.

_____. **Cultura e Materialismo**. São Paulo, Editora UNESP, 2011

_____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979